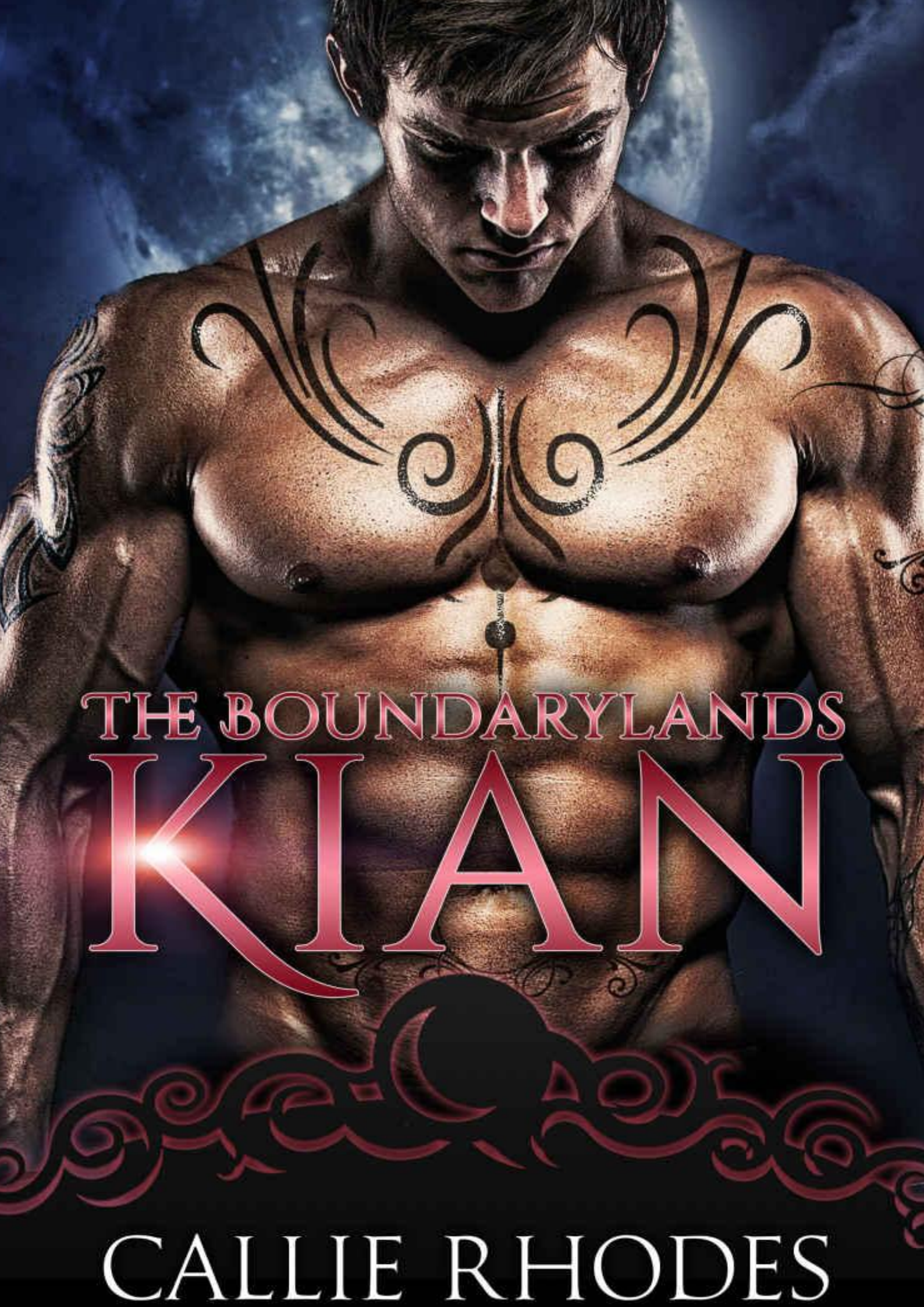




THE BOUNDARYLANDS
KIAN

CALLIE RHODES





AVISO

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.

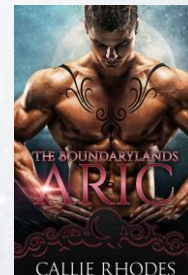
A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa dos mesmos.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

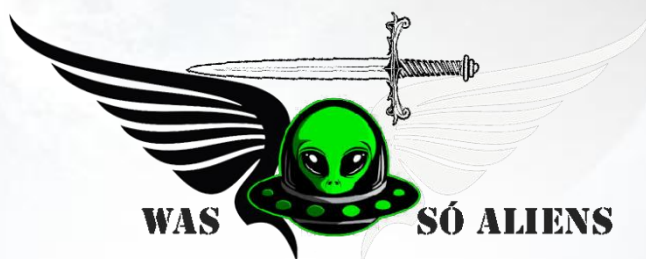
THE BOUNDARYLANDS OMEGAVERSE

Callie Rhodes



THE BOUNDARYLANDS
Callie Rhodes

STAFF



Disponibilização e TM – *Só Aliens*

Revisão – *Só Aliens*

Leitura Final – *WAS*

Formatação – *WAS*



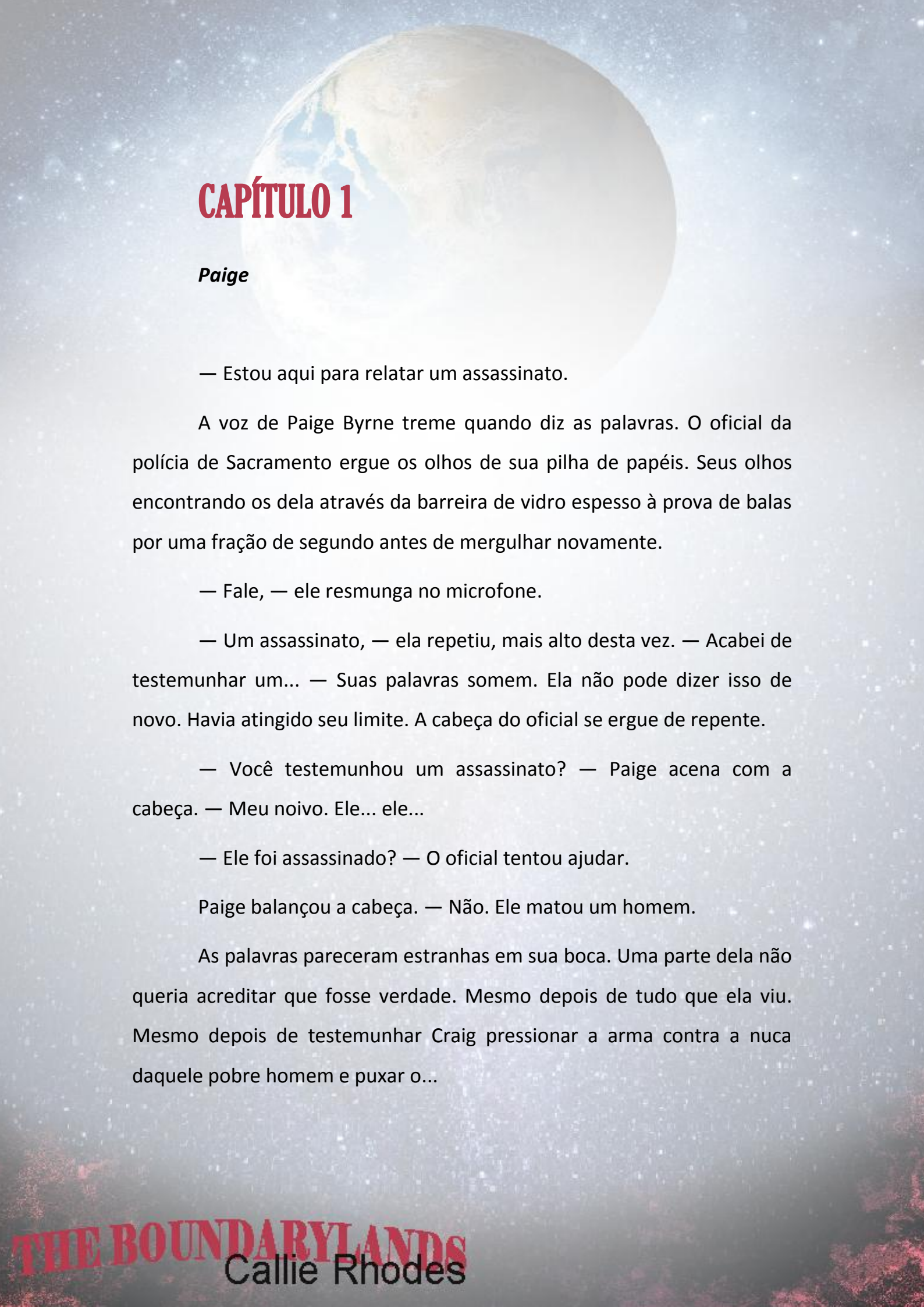
Outubro 2021



SINOPSE

Nenhuma mulher viaja de bom grado para Boundarylands. É onde eles estão - os Alfas. Eles se isolaram no deserto, e a civilização Beta sabe como manter distância. Especialmente mulheres Beta... por medo de que possam não ser Beta, afinal a única maneira de conhecer sua verdadeira natureza é sentir o toque de um Alfa. Ômeegas podem ser raras, mas todas as mulheres sabem que seus destinos serão infernais - mantidas em cativeiro, quebradas, acasaladas, atadas e reproduzidas.

*Mas **Paige** não tem escolha. Caçada por um noivo vingativo, sua única esperança de sobrevivência está nas mãos de um Alfa primitivo a quilômetros além da fronteira. A realidade que ela encontra em Boundarylands é diferente das histórias de terror que ela ouviu durante toda a sua vida. A vida é selvagem, mas a chama de uma forma que não pode recusar. Quando Paige toca o corpo de **Kian**, tudo muda, e em um instante ela sabe que o Alfa ao seu lado será sua salvação ou sua condenação.*



CAPÍTULO 1

Paige

— Estou aqui para relatar um assassinato.

A voz de Paige Byrne treme quando diz as palavras. O oficial da polícia de Sacramento ergue os olhos de sua pilha de papéis. Seus olhos encontrando os dela através da barreira de vidro espesso à prova de balas por uma fração de segundo antes de mergulhar novamente.

— Fale, — ele resmunga no microfone.

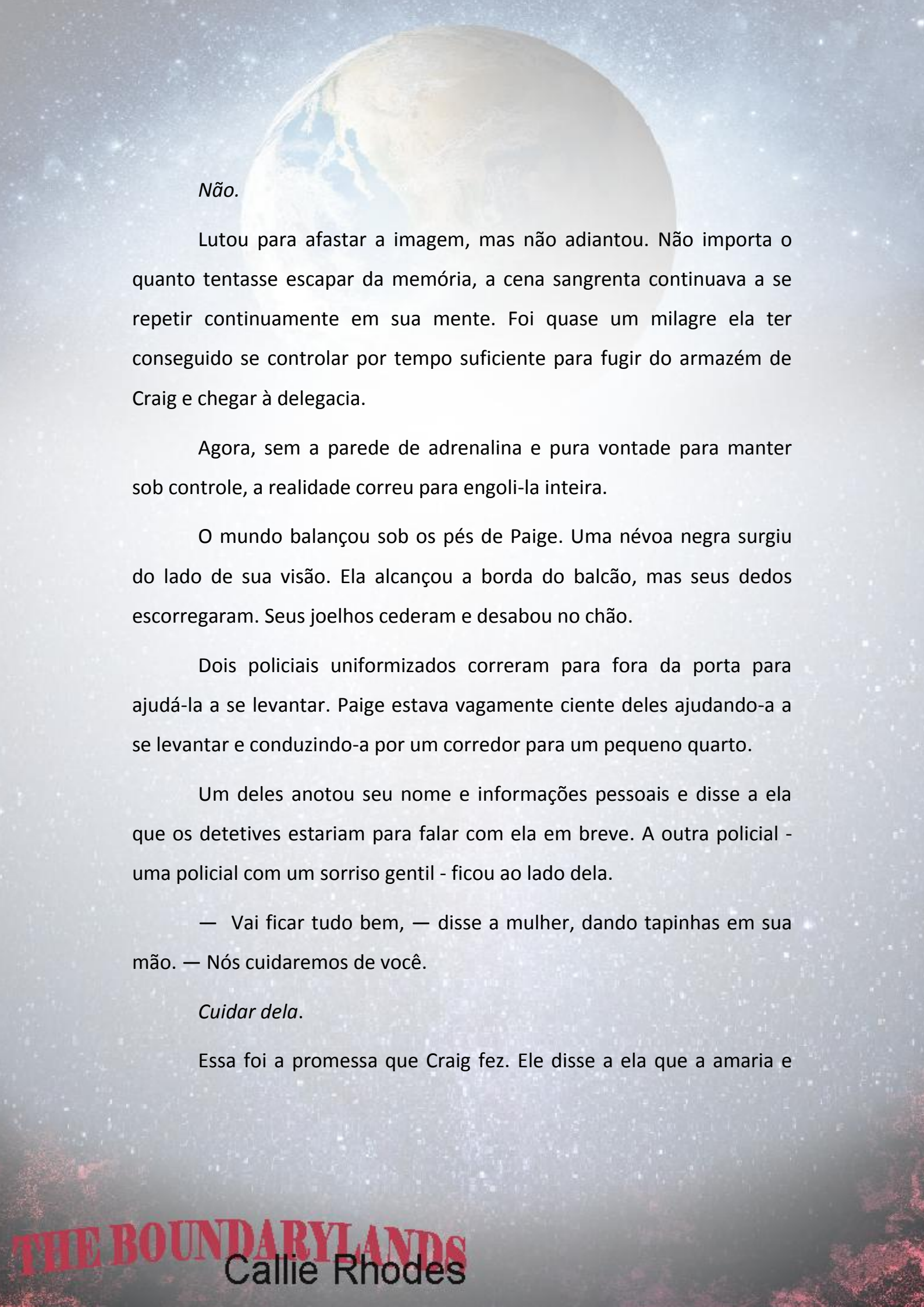
— Um assassinato, — ela repetiu, mais alto desta vez. — Acabei de testemunhar um... — Suas palavras somem. Ela não pode dizer isso de novo. Havia atingido seu limite. A cabeça do oficial se ergue de repente.

— Você testemunhou um assassinato? — Paige acena com a cabeça. — Meu noivo. Ele... ele...

— Ele foi assassinado? — O oficial tentou ajudar.

Paige balançou a cabeça. — Não. Ele matou um homem.

As palavras pareceram estranhas em sua boca. Uma parte dela não queria acreditar que fosse verdade. Mesmo depois de tudo que ela viu. Mesmo depois de testemunhar Craig pressionar a arma contra a nuca daquele pobre homem e puxar o...



Não.

Lutou para afastar a imagem, mas não adiantou. Não importa o quanto tentasse escapar da memória, a cena sangrenta continuava a se repetir continuamente em sua mente. Foi quase um milagre ela ter conseguido se controlar por tempo suficiente para fugir do armazém de Craig e chegar à delegacia.

Agora, sem a parede de adrenalina e pura vontade para manter sob controle, a realidade correu para engoli-la inteira.

O mundo balançou sob os pés de Paige. Uma névoa negra surgiu do lado de sua visão. Ela alcançou a borda do balcão, mas seus dedos escorregaram. Seus joelhos cederam e desabou no chão.

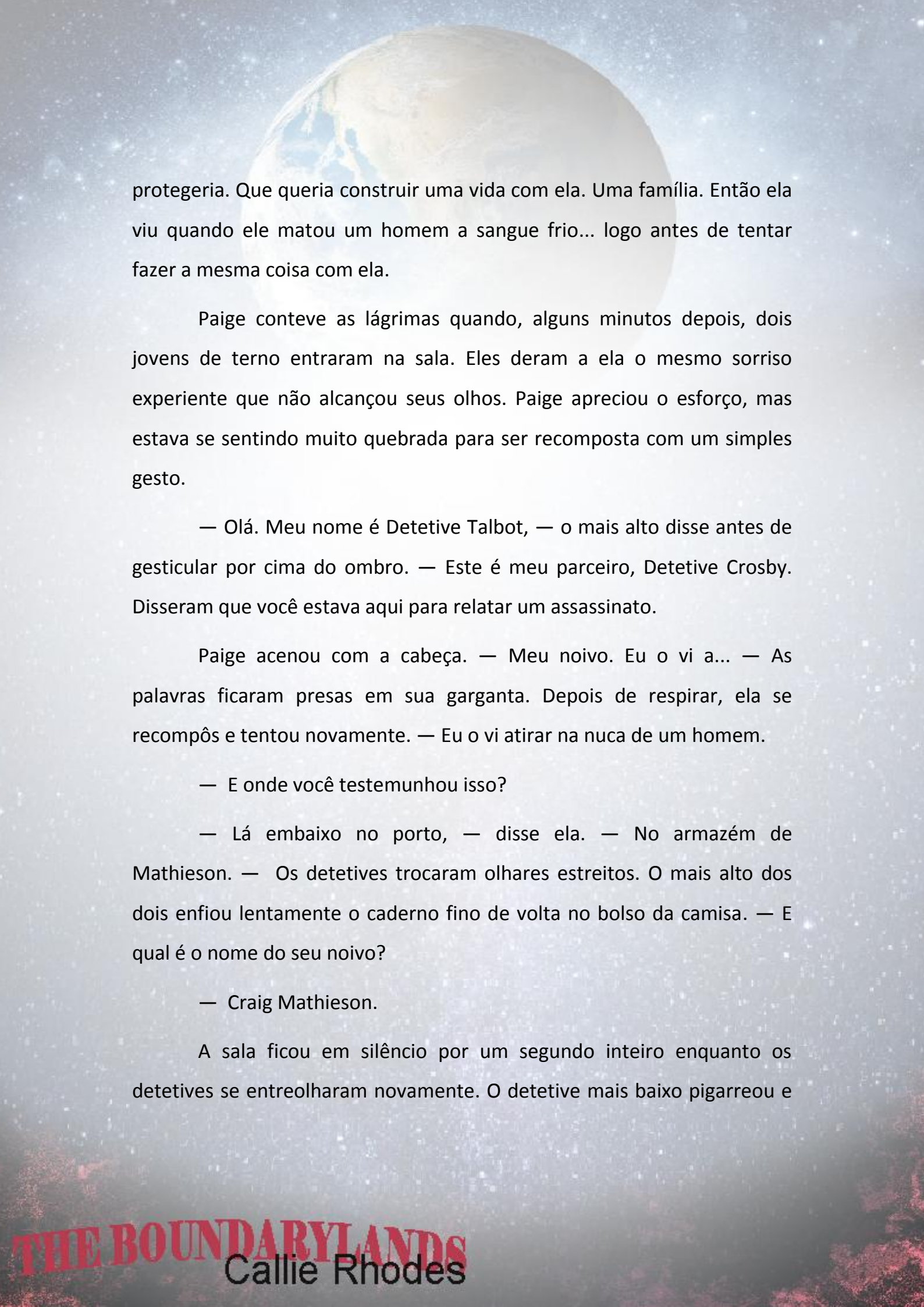
Dois policiais uniformizados correram para fora da porta para ajudá-la a se levantar. Paige estava vagamente ciente deles ajudando-a a se levantar e conduzindo-a por um corredor para um pequeno quarto.

Um deles anotou seu nome e informações pessoais e disse a ela que os detetives estariam para falar com ela em breve. A outra policial - uma policial com um sorriso gentil - ficou ao lado dela.

— Vai ficar tudo bem, — disse a mulher, dando tapinhas em sua mão. — Nós cuidaremos de você.

Cuidar dela.

Essa foi a promessa que Craig fez. Ele disse a ela que a amaria e



protegeria. Que queria construir uma vida com ela. Uma família. Então ela viu quando ele matou um homem a sangue frio... logo antes de tentar fazer a mesma coisa com ela.

Paige conteve as lágrimas quando, alguns minutos depois, dois jovens de terno entraram na sala. Eles deram a ela o mesmo sorriso experiente que não alcançou seus olhos. Paige apreciou o esforço, mas estava se sentindo muito quebrada para ser recomposta com um simples gesto.

— Olá. Meu nome é Detetive Talbot, — o mais alto disse antes de gesticular por cima do ombro. — Este é meu parceiro, Detetive Crosby. Disseram que você estava aqui para relatar um assassinato.

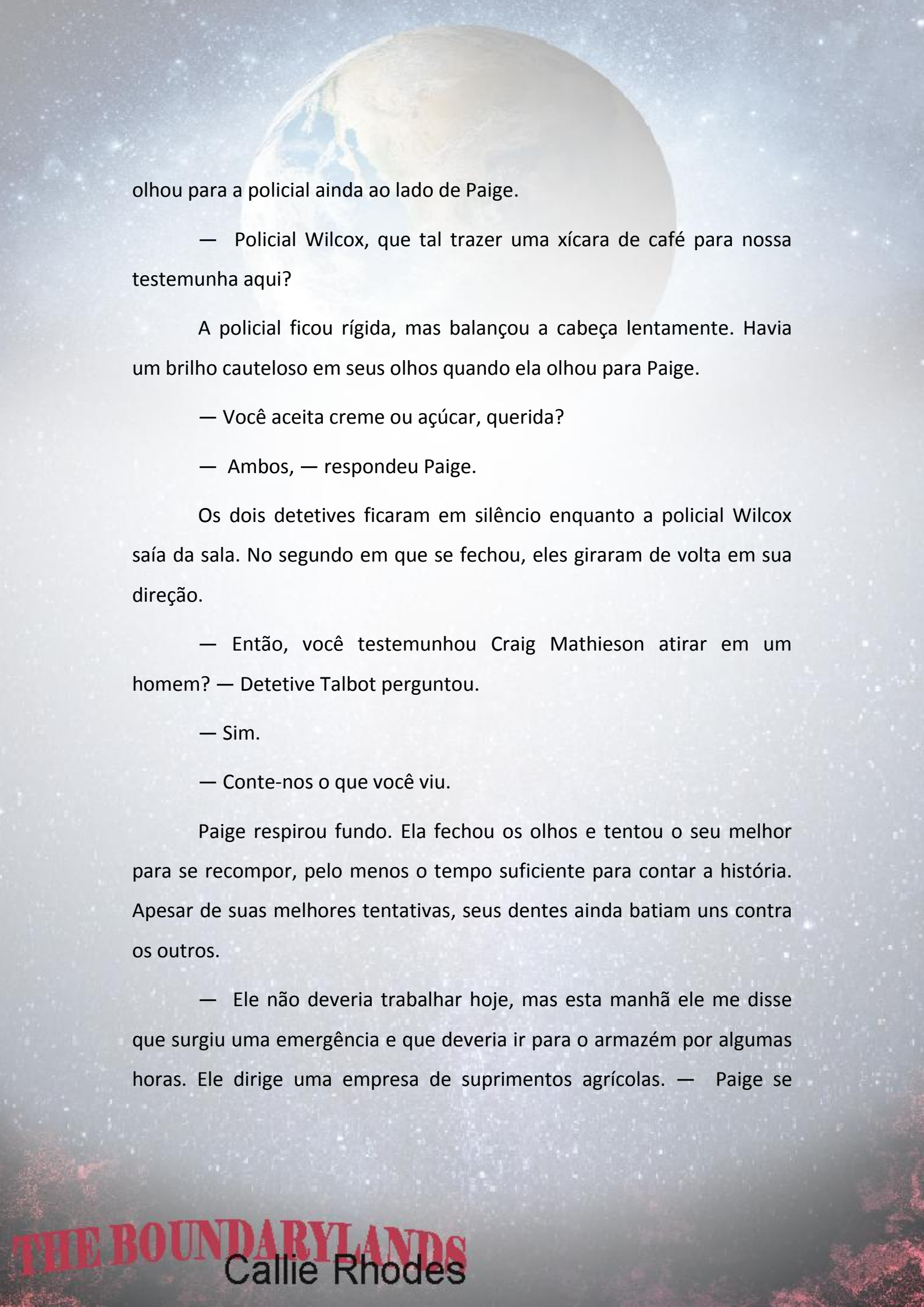
Paige acenou com a cabeça. — Meu noivo. Eu o vi a... — As palavras ficaram presas em sua garganta. Depois de respirar, ela se recompôs e tentou novamente. — Eu o vi atirar na nuca de um homem.

— E onde você testemunhou isso?

— Lá embaixo no porto, — disse ela. — No armazém de Mathieson. — Os detetives trocaram olhares estreitos. O mais alto dos dois enfiou lentamente o caderno fino de volta no bolso da camisa. — E qual é o nome do seu noivo?

— Craig Mathieson.

A sala ficou em silêncio por um segundo inteiro enquanto os detetives se entreolharam novamente. O detetive mais baixo pigarreou e



olhou para a policial ainda ao lado de Paige.

— Policial Wilcox, que tal trazer uma xícara de café para nossa testemunha aqui?

A policial ficou rígida, mas balançou a cabeça lentamente. Havia um brilho cauteloso em seus olhos quando ela olhou para Paige.

— Você aceita creme ou açúcar, querida?

— Ambos, — respondeu Paige.

Os dois detetives ficaram em silêncio enquanto a policial Wilcox saía da sala. No segundo em que se fechou, eles giraram de volta em sua direção.

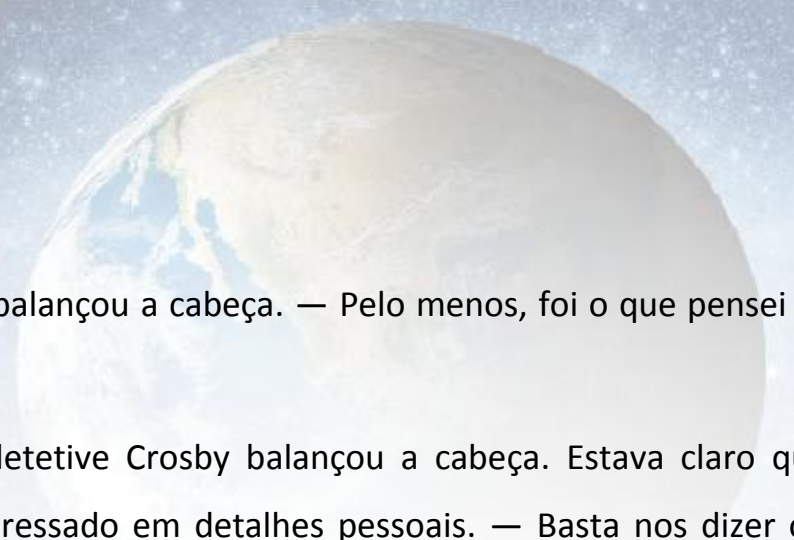
— Então, você testemunhou Craig Mathieson atirar em um homem? — Detetive Talbot perguntou.

— Sim.

— Conte-nos o que você viu.

Paige respirou fundo. Ela fechou os olhos e tentou o seu melhor para se recompor, pelo menos o tempo suficiente para contar a história. Apesar de suas melhores tentativas, seus dentes ainda batiam uns contra os outros.

— Ele não deveria trabalhar hoje, mas esta manhã ele me disse que surgiu uma emergência e que deveria ir para o armazém por algumas horas. Ele dirige uma empresa de suprimentos agrícolas. — Paige se



conteve e balançou a cabeça. — Pelo menos, foi o que pensei que fazia... até hoje.

O detetive Crosby balançou a cabeça. Estava claro que ele não estava interessado em detalhes pessoais. — Basta nos dizer o que você viu.

— *Exatamente* o que você viu, — Talbot entrou na conversa.

— Ok. — Paige respirou fundo. Ela poderia fazer isso. Ela poderia.

— Decidi parar e fazer uma surpresa para o almoço, mas quando cheguei ele não estava no escritório. Eu o encontrei no piso do armazém. Mas não estava sozinho. Um homem estava ajoelhado à sua frente com as mãos amarradas nas costas. Seu rosto inteiro estava uma bagunça sangrenta, como se tivesse sido espancado por horas. E ao lado dele estava uma pilha de tijolos brancos. Eu acho que era cocaína ou metanfetamina ou...

— Heroína, — Talbot respondeu.

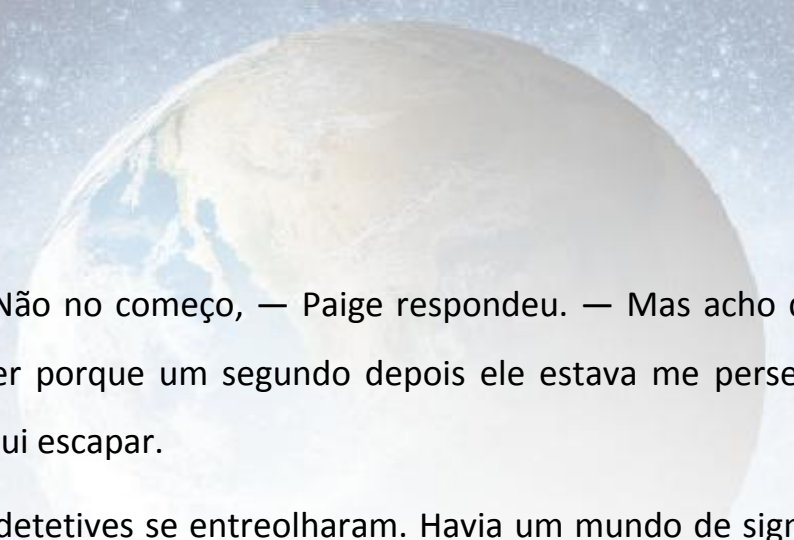
Heroína. Então era isso que Craig tratava. E parecia que a polícia já sabia sobre isso.

— Então, um segundo depois vi Craig levantar a arma e...

— Atirar no homem, — o detetive Crosby terminou por ela.

Paige acenou com a cabeça.

— E o Sr. Mathieson viu você? Ele sabia que você estava lá?



— Não no começo, — Paige respondeu. — Mas acho que ele me ouviu correr porque um segundo depois ele estava me perseguindo. Eu mal consegui escapar.

Os detetives se entreolharam. Havia um mundo de significado em suas expressões severas, mas Paige estava traumatizada demais para decifrá-lo.

Talbot cruzou os braços, olhando para ela. — E você não ligou para o 911?

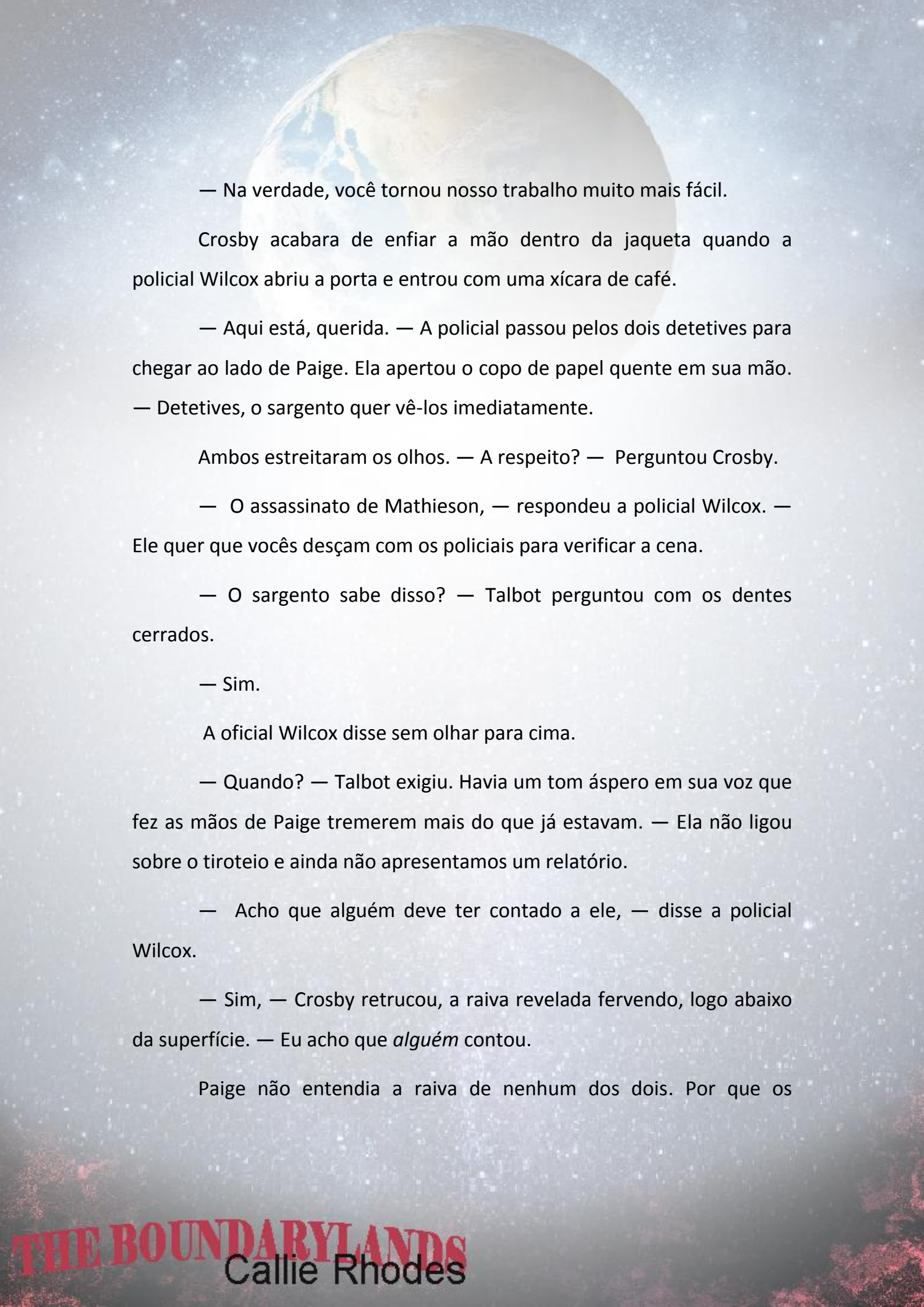
— Não, — ela disse. — Eu estava correndo pela minha vida. Craig não atirou apenas naquele homem. Ele atirou em mim também. Ele esvaziou toda a arma na parte de trás do meu carro enquanto eu dirigia.

— Entendo, — disse Crosby lentamente.

— Sinto muito, — Paige continuou, balançando a cabeça. — Eu sei que deveria ter ligado para o 911, mas estava com tanto medo que não estava pensando direito. Tudo que eu queria fazer era chegar a um lugar seguro.

Outro longo silêncio pairou no ar. Paige tentou entender por que parecia tão estranho. Algo estava errado, mas ela não conseguia definir o que era.

— Não, você fez a coisa certa, — Crosby finalmente disse, sua voz baixando para um sussurro. Ele deu um passo mais perto e Paige sentiu um arrepio percorrer sua espinha.



— Na verdade, você tornou nosso trabalho muito mais fácil.

Crosby acabara de enfiar a mão dentro da jaqueta quando a policial Wilcox abriu a porta e entrou com uma xícara de café.

— Aqui está, querida. — A policial passou pelos dois detetives para chegar ao lado de Paige. Ela apertou o copo de papel quente em sua mão.
— Detetives, o sargento quer vê-los imediatamente.

Ambos estreitaram os olhos. — A respeito? — Perguntou Crosby.

— O assassinato de Mathieson, — respondeu a policial Wilcox. — Ele quer que vocês desçam com os policiais para verificar a cena.

— O sargento sabe disso? — Talbot perguntou com os dentes cerrados.

— Sim.

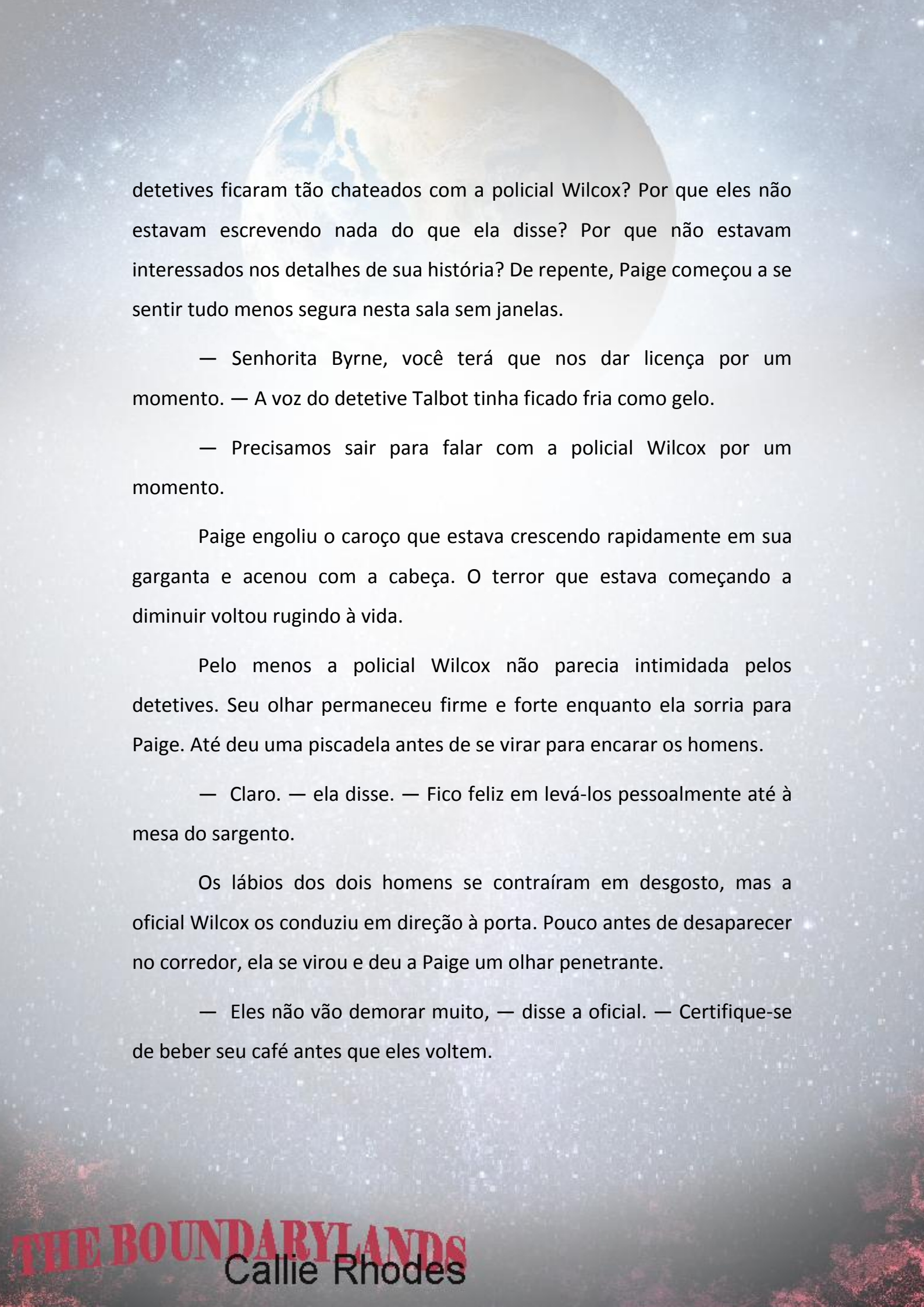
A oficial Wilcox disse sem olhar para cima.

— Quando? — Talbot exigiu. Havia um tom áspero em sua voz que fez as mãos de Paige tremerem mais do que já estavam. — Ela não ligou sobre o tiroteio e ainda não apresentamos um relatório.

— Acho que alguém deve ter contado a ele, — disse a policial Wilcox.

— Sim, — Crosby retrucou, a raiva revelada fervendo, logo abaixo da superfície. — Eu acho que *alguém* contou.

Paige não entendia a raiva de nenhum dos dois. Por que os



detetives ficaram tão chateados com a policial Wilcox? Por que eles não estavam escrevendo nada do que ela disse? Por que não estavam interessados nos detalhes de sua história? De repente, Paige começou a se sentir tudo menos segura nesta sala sem janelas.

— Senhorita Byrne, você terá que nos dar licença por um momento. — A voz do detetive Talbot tinha ficado fria como gelo.

— Precisamos sair para falar com a policial Wilcox por um momento.

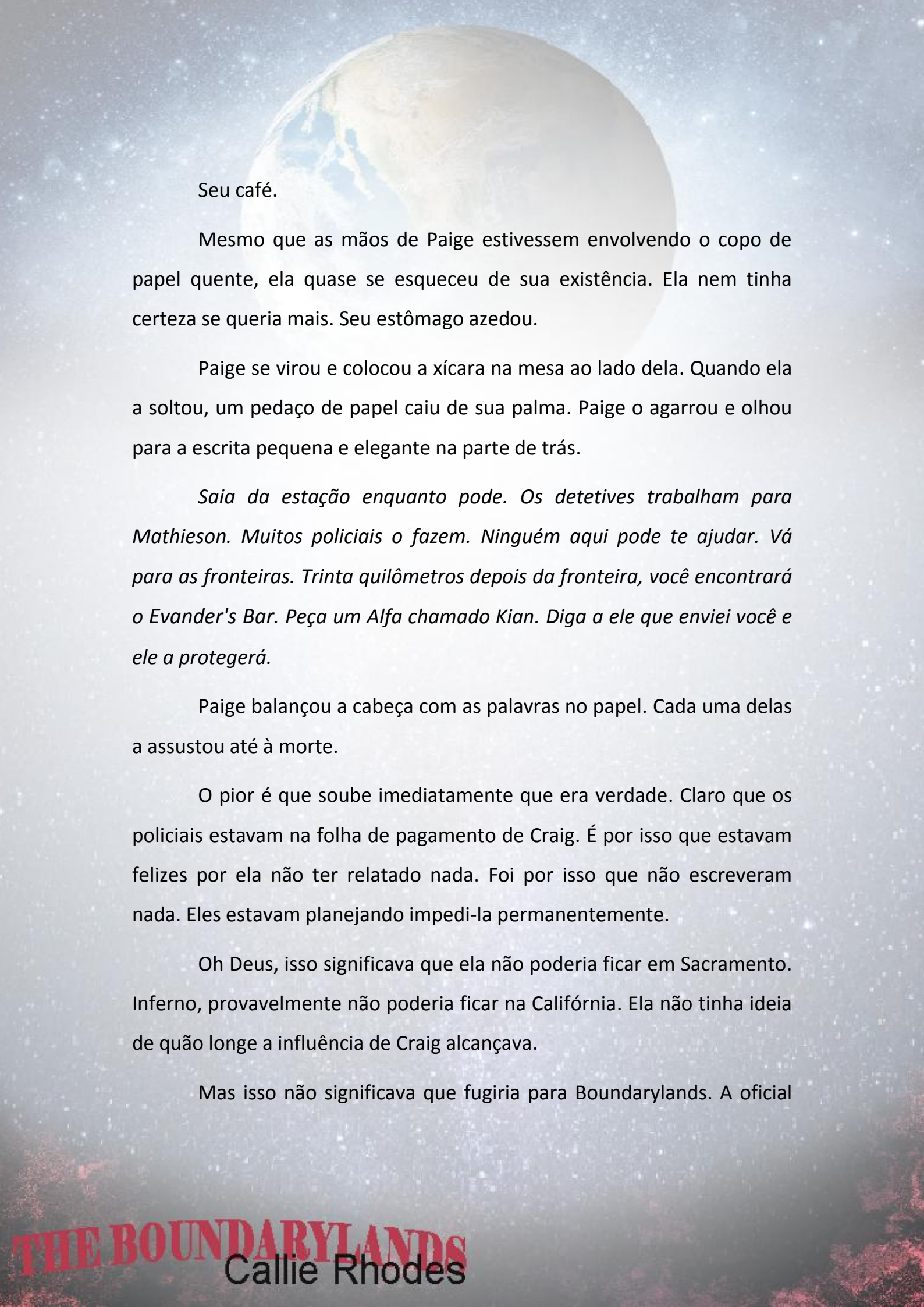
Paige engoliu o caroço que estava crescendo rapidamente em sua garganta e acenou com a cabeça. O terror que estava começando a diminuir voltou rugindo à vida.

Pelo menos a policial Wilcox não parecia intimidada pelos detetives. Seu olhar permaneceu firme e forte enquanto ela sorria para Paige. Até deu uma piscadela antes de se virar para encarar os homens.

— Claro. — ela disse. — Fico feliz em levá-los pessoalmente até à mesa do sargento.

Os lábios dos dois homens se contraíram em desgosto, mas a oficial Wilcox os conduziu em direção à porta. Pouco antes de desaparecer no corredor, ela se virou e deu a Paige um olhar penetrante.

— Eles não vão demorar muito, — disse a oficial. — Certifique-se de beber seu café antes que eles voltem.



Seu café.

Mesmo que as mãos de Paige estivessem envolvendo o copo de papel quente, ela quase se esqueceu de sua existência. Ela nem tinha certeza se queria mais. Seu estômago azedou.

Paige se virou e colocou a xícara na mesa ao lado dela. Quando ela a soltou, um pedaço de papel caiu de sua palma. Paige o agarrou e olhou para a escrita pequena e elegante na parte de trás.

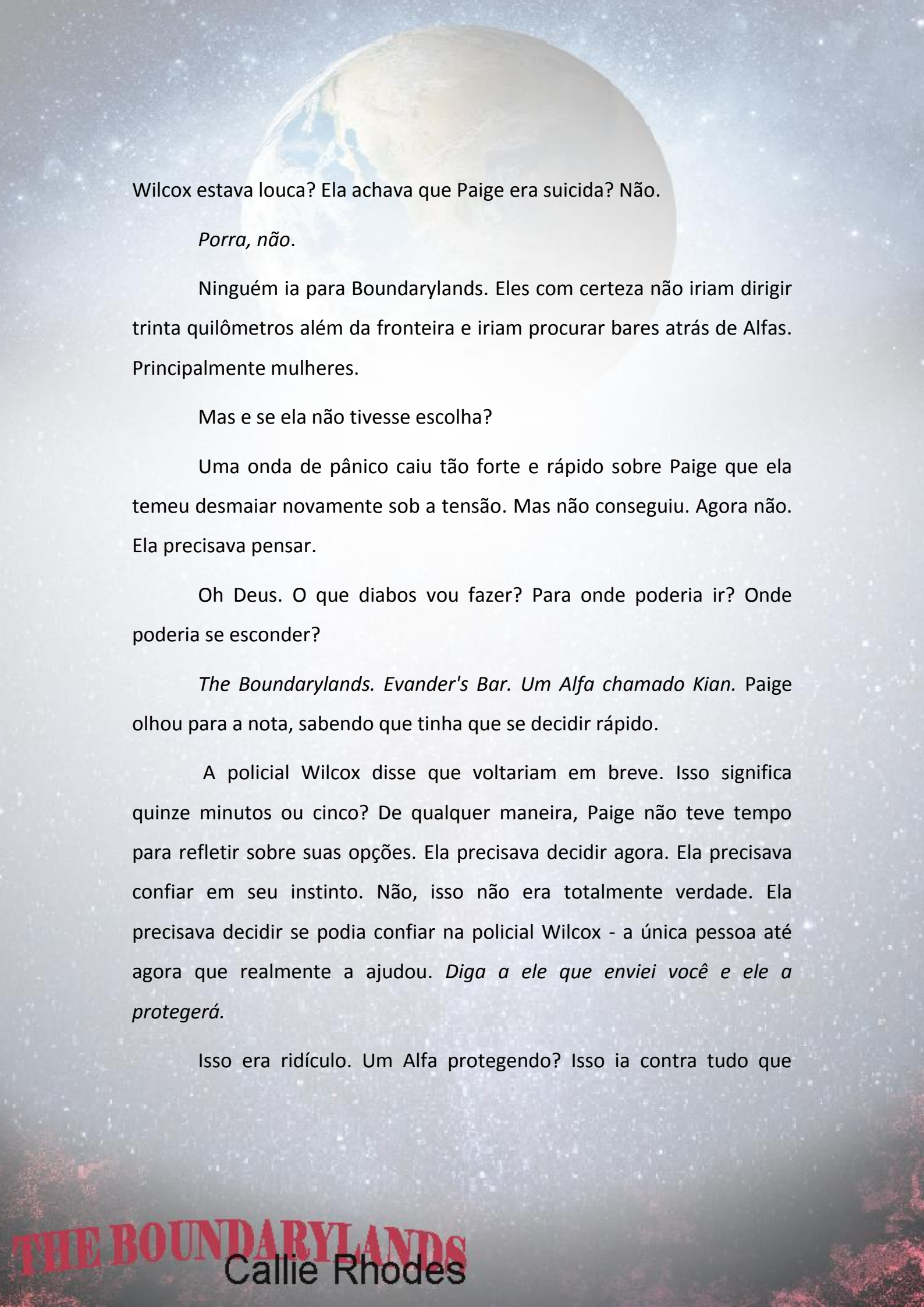
Saia da estação enquanto pode. Os detetives trabalham para Mathieson. Muitos policiais o fazem. Ninguém aqui pode te ajudar. Vá para as fronteiras. Trinta quilômetros depois da fronteira, você encontrará o Evander's Bar. Peça um Alfa chamado Kian. Diga a ele que enviei você e ele a protegerá.

Paige balançou a cabeça com as palavras no papel. Cada uma delas a assustou até à morte.

O pior é que soube imediatamente que era verdade. Claro que os policiais estavam na folha de pagamento de Craig. É por isso que estavam felizes por ela não ter relatado nada. Foi por isso que não escreveram nada. Eles estavam planejando impedi-la permanentemente.

Oh Deus, isso significava que ela não poderia ficar em Sacramento. Inferno, provavelmente não poderia ficar na Califórnia. Ela não tinha ideia de quão longe a influência de Craig alcançava.

Mas isso não significava que fugiria para Boundarylands. A oficial



Wilcox estava louca? Ela achava que Paige era suicida? Não.

Porra, não.

Ninguém ia para Boundarylands. Eles com certeza não iriam dirigir trinta quilômetros além da fronteira e iriam procurar bares atrás de Alfas. Principalmente mulheres.

Mas e se ela não tivesse escolha?

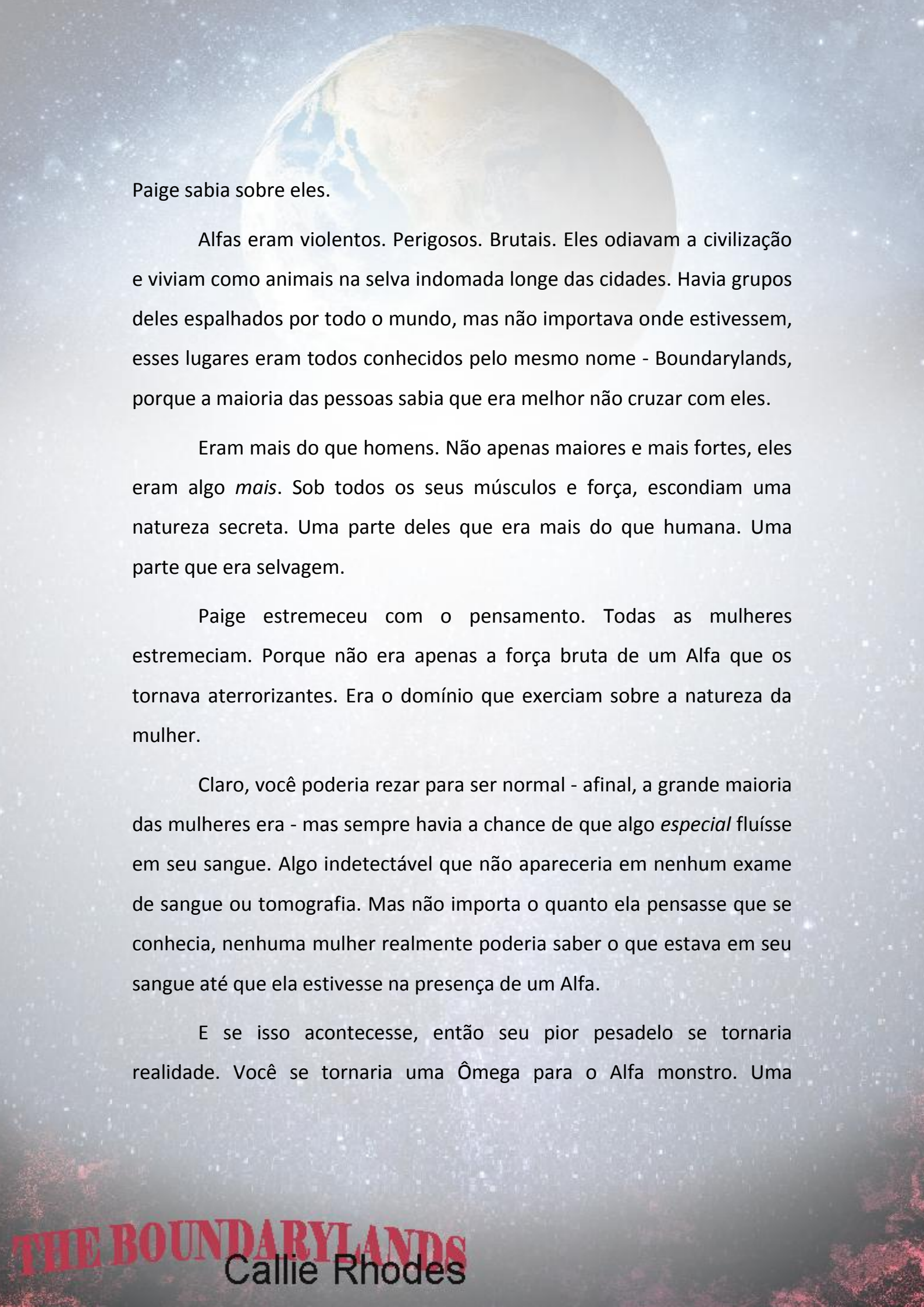
Uma onda de pânico caiu tão forte e rápido sobre Paige que ela temeu desmaiar novamente sob a tensão. Mas não conseguiu. Agora não. Ela precisava pensar.

Oh Deus. O que diabos vou fazer? Para onde poderia ir? Onde poderia se esconder?

The Boundarylands. Evander's Bar. Um Alfa chamado Kian. Paige olhou para a nota, sabendo que tinha que se decidir rápido.

A policial Wilcox disse que voltariam em breve. Isso significa quinze minutos ou cinco? De qualquer maneira, Paige não teve tempo para refletir sobre suas opções. Ela precisava decidir agora. Ela precisava confiar em seu instinto. Não, isso não era totalmente verdade. Ela precisava decidir se podia confiar na policial Wilcox - a única pessoa até agora que realmente a ajudou. *Diga a ele que enviei você e ele a protegerá.*

Isso era ridículo. Um Alfa protegendo? Isso ia contra tudo que



Paige sabia sobre eles.

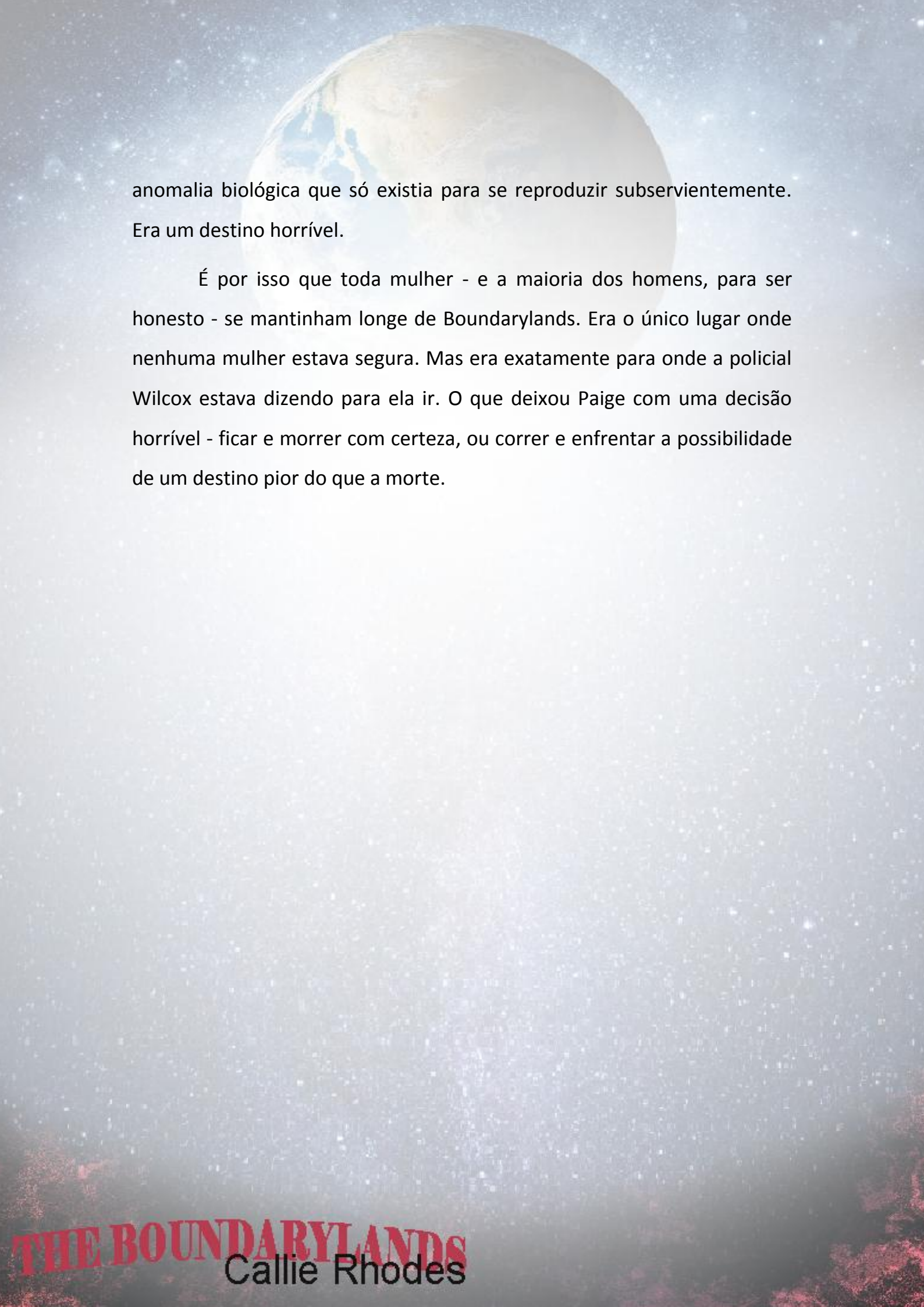
Alfas eram violentos. Perigosos. Brutais. Eles odiavam a civilização e viviam como animais na selva indomada longe das cidades. Havia grupos deles espalhados por todo o mundo, mas não importava onde estivessem, esses lugares eram todos conhecidos pelo mesmo nome - Boundarylands, porque a maioria das pessoas sabia que era melhor não cruzar com eles.

Eram mais do que homens. Não apenas maiores e mais fortes, eles eram algo *mais*. Sob todos os seus músculos e força, escondiam uma natureza secreta. Uma parte deles que era mais do que humana. Uma parte que era selvagem.

Paige estremeceu com o pensamento. Todas as mulheres estremeciam. Porque não era apenas a força bruta de um Alfa que os tornava aterrorizantes. Era o domínio que exerciam sobre a natureza da mulher.

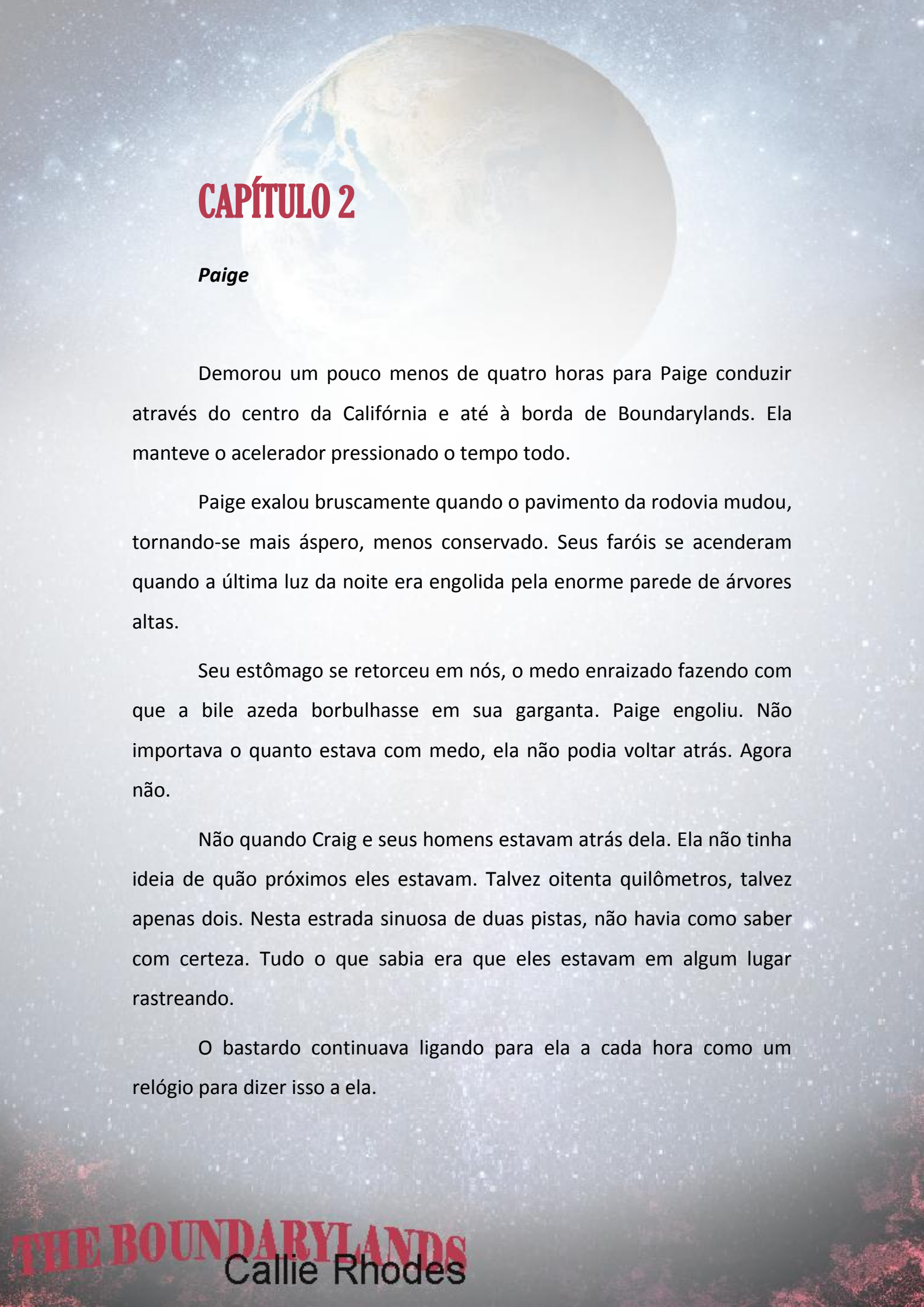
Claro, você poderia rezar para ser normal - afinal, a grande maioria das mulheres era - mas sempre havia a chance de que algo *especial* fluísse em seu sangue. Algo indetectável que não apareceria em nenhum exame de sangue ou tomografia. Mas não importa o quanto ela pensasse que se conhecia, nenhuma mulher realmente poderia saber o que estava em seu sangue até que ela estivesse na presença de um Alfa.

E se isso acontecesse, então seu pior pesadelo se tornaria realidade. Você se tornaria uma Ômega para o Alfa monstro. Uma



anomalia biológica que só existia para se reproduzir subservientemente. Era um destino horrível.

É por isso que toda mulher - e a maioria dos homens, para ser honesto - se mantinham longe de Boundarylands. Era o único lugar onde nenhuma mulher estava segura. Mas era exatamente para onde a policial Wilcox estava dizendo para ela ir. O que deixou Paige com uma decisão horrível - ficar e morrer com certeza, ou correr e enfrentar a possibilidade de um destino pior do que a morte.



CAPÍTULO 2

Paige

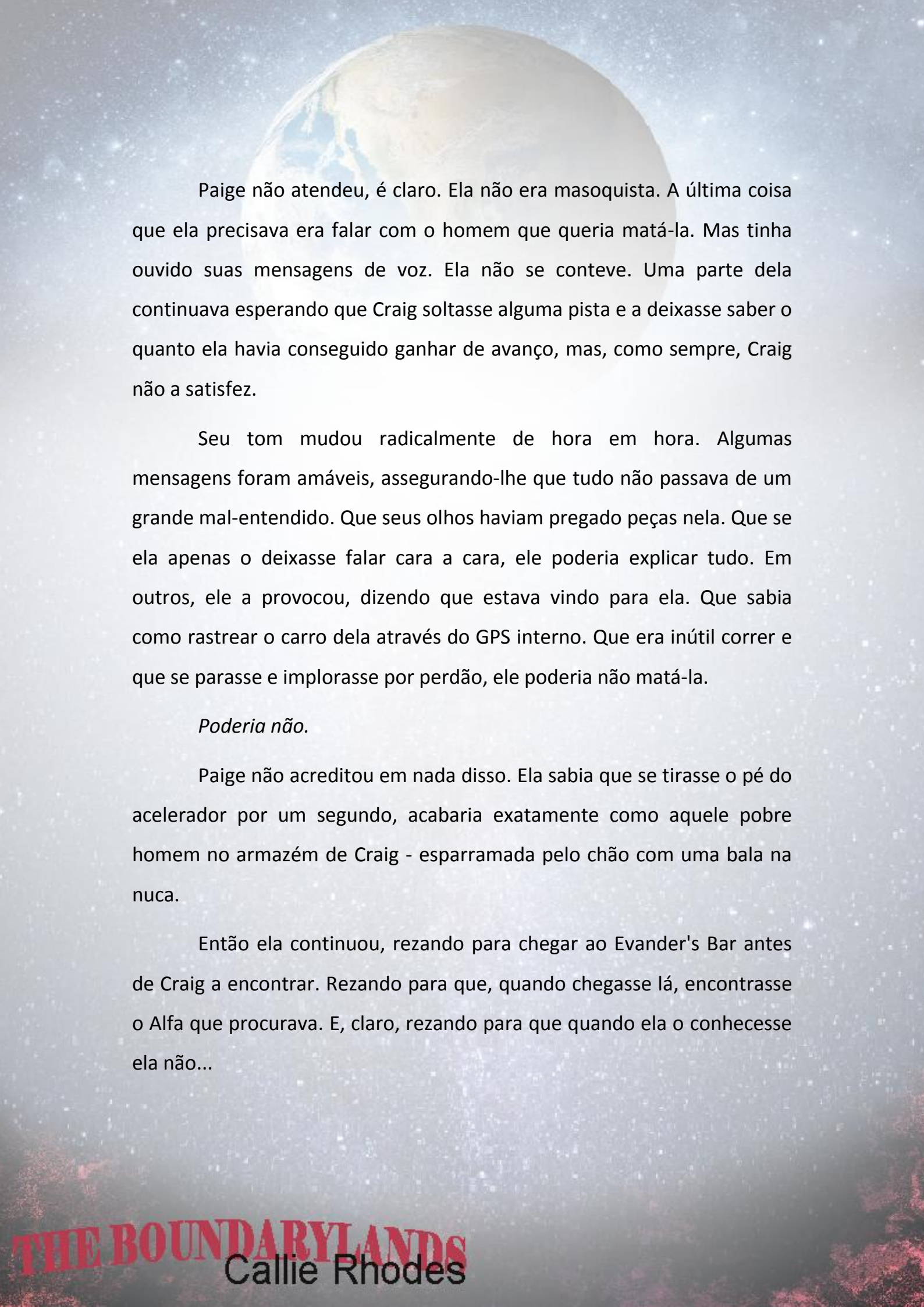
Demorou um pouco menos de quatro horas para Paige conduzir através do centro da Califórnia e até à borda de Boundarylands. Ela manteve o acelerador pressionado o tempo todo.

Paige exalou bruscamente quando o pavimento da rodovia mudou, tornando-se mais áspero, menos conservado. Seus faróis se acenderam quando a última luz da noite era engolida pela enorme parede de árvores altas.

Seu estômago se retorceu em nós, o medo enraizado fazendo com que a bile azeda borbulhasse em sua garganta. Paige engoliu. Não importava o quanto estava com medo, ela não podia voltar atrás. Agora não.

Não quando Craig e seus homens estavam atrás dela. Ela não tinha ideia de quão próximos eles estavam. Talvez oitenta quilômetros, talvez apenas dois. Nesta estrada sinuosa de duas pistas, não havia como saber com certeza. Tudo o que sabia era que eles estavam em algum lugar rastreando.

O bastardo continuava ligando para ela a cada hora como um relógio para dizer isso a ela.



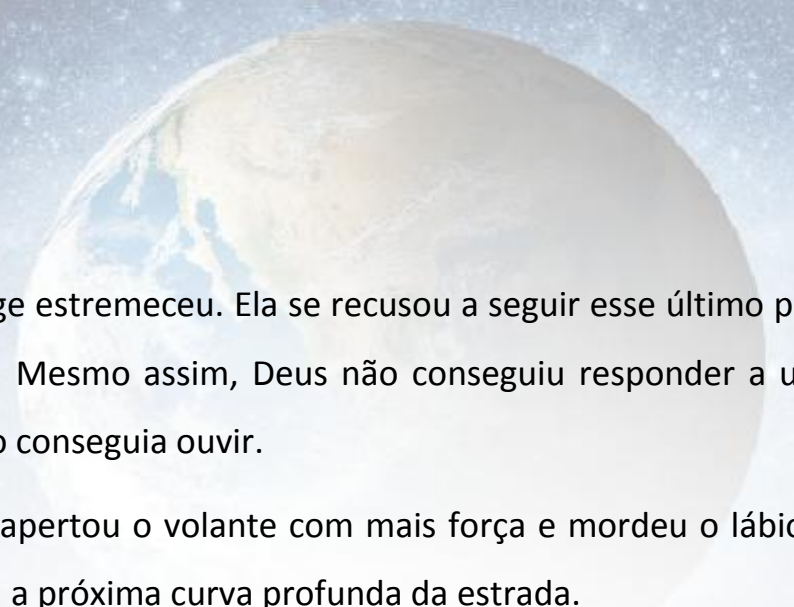
Paige não atendeu, é claro. Ela não era masoquista. A última coisa que ela precisava era falar com o homem que queria matá-la. Mas tinha ouvido suas mensagens de voz. Ela não se conteve. Uma parte dela continuava esperando que Craig soltasse alguma pista e a deixasse saber o quanto ela havia conseguido ganhar de avanço, mas, como sempre, Craig não a satisfazia.

Seu tom mudou radicalmente de hora em hora. Algumas mensagens foram amáveis, assegurando-lhe que tudo não passava de um grande mal-entendido. Que seus olhos haviam pregado peças nela. Que se ela apenas o deixasse falar cara a cara, ele poderia explicar tudo. Em outros, ele a provocou, dizendo que estava vindo para ela. Que sabia como rastrear o carro dela através do GPS interno. Que era inútil correr e que se parasse e implorasse por perdão, ele poderia não matá-la.

Poderia não.

Paige não acreditou em nada disso. Ela sabia que se tirasse o pé do acelerador por um segundo, acabaria exatamente como aquele pobre homem no armazém de Craig - esparramada pelo chão com uma bala na nuca.

Então ela continuou, rezando para chegar ao Evander's Bar antes de Craig a encontrar. Rezando para que, quando chegasse lá, encontrasse o Alfa que procurava. E, claro, rezando para que quando ela o conhecesse ela não...



Paige estremeceu. Ela se recusou a seguir esse último pensamento até ao fim. Mesmo assim, Deus não conseguiu responder a uma oração que ele não conseguia ouvir.

Ela apertou o volante com mais força e mordeu o lábio enquanto contornava a próxima curva profunda da estrada.

— Por favor, Deus, não me deixe ser uma Ômega, — ela sussurrou.

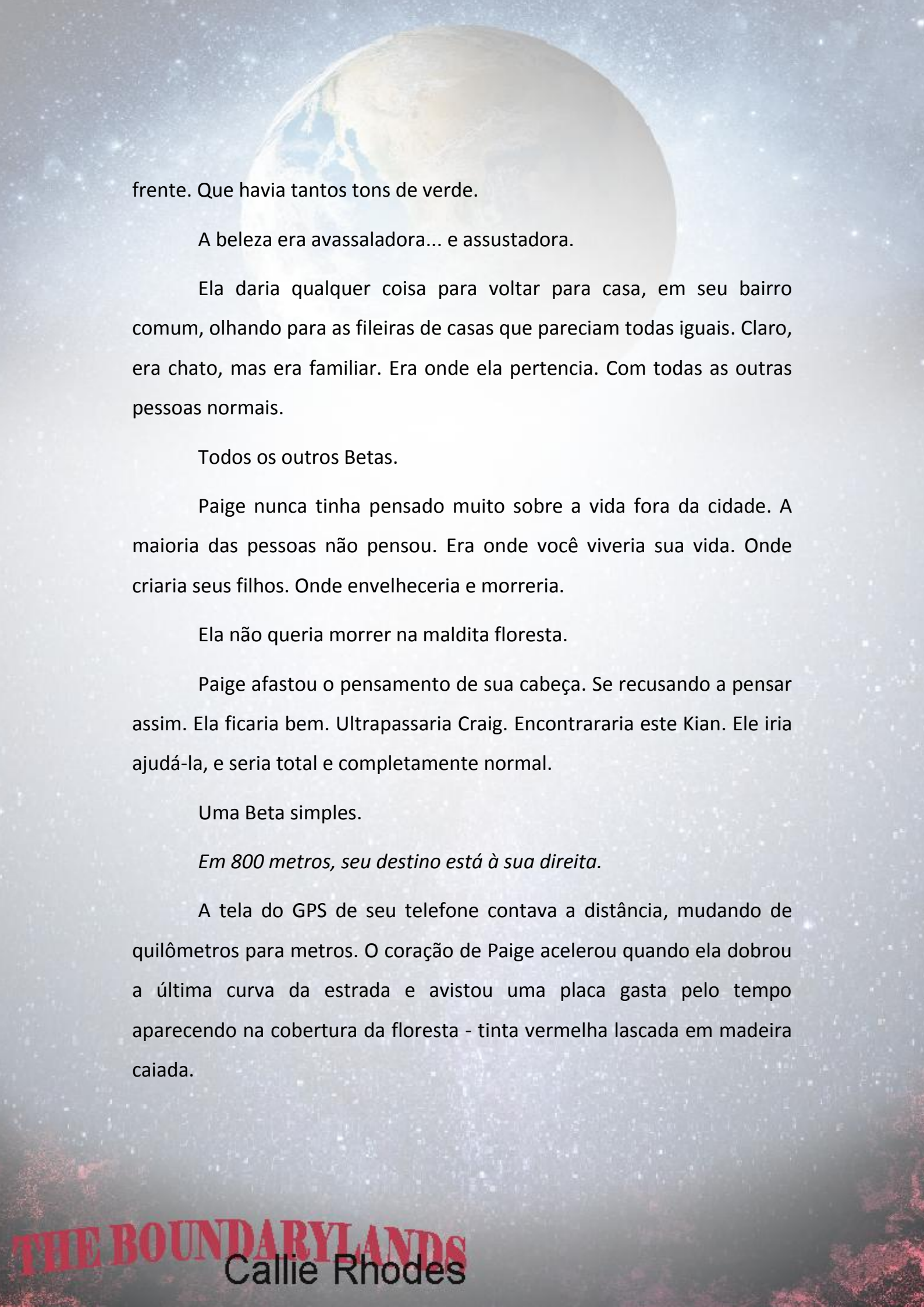
Não foi a oração mais eloquente, mas tinha que ser a mais sincera. Não que isso importasse, pensou com tristeza. Se Deus fosse real, ele tinha que ouvir essa oração diariamente de mulheres em todo o mundo.

E pelo menos algumas vezes, ele não atendia.

Paige nunca pensou que teria que testar sua verdadeira natureza. Como a grande maioria da população, ela nunca sonhou em deixar a segurança de aço e concreto das áreas urbanas.

Ela nunca tinha visto a floresta. Não pessoalmente, pelo menos. Assim como todo mundo, ela só tinha visto fotos de árvores e montanhas. Ela as conhecia como imagens em revistas ou imagens na tela da televisão. Não eram reais.

Mas a paisagem pela qual estava passando agora era muito real. Ela não tinha ideia de que as árvores podiam crescer tão altas e densas que bloqueariam o céu. Que havia lugares em que a imagem era tão espessa que você não conseguia ver mais do que alguns metros à sua



frente. Que havia tantos tons de verde.

A beleza era avassaladora... e assustadora.

Ela daria qualquer coisa para voltar para casa, em seu bairro comum, olhando para as fileiras de casas que pareciam todas iguais. Claro, era chato, mas era familiar. Era onde ela pertencia. Com todas as outras pessoas normais.

Todos os outros Betas.

Paige nunca tinha pensado muito sobre a vida fora da cidade. A maioria das pessoas não pensou. Era onde você viveria sua vida. Onde criaria seus filhos. Onde envelheceria e morreria.

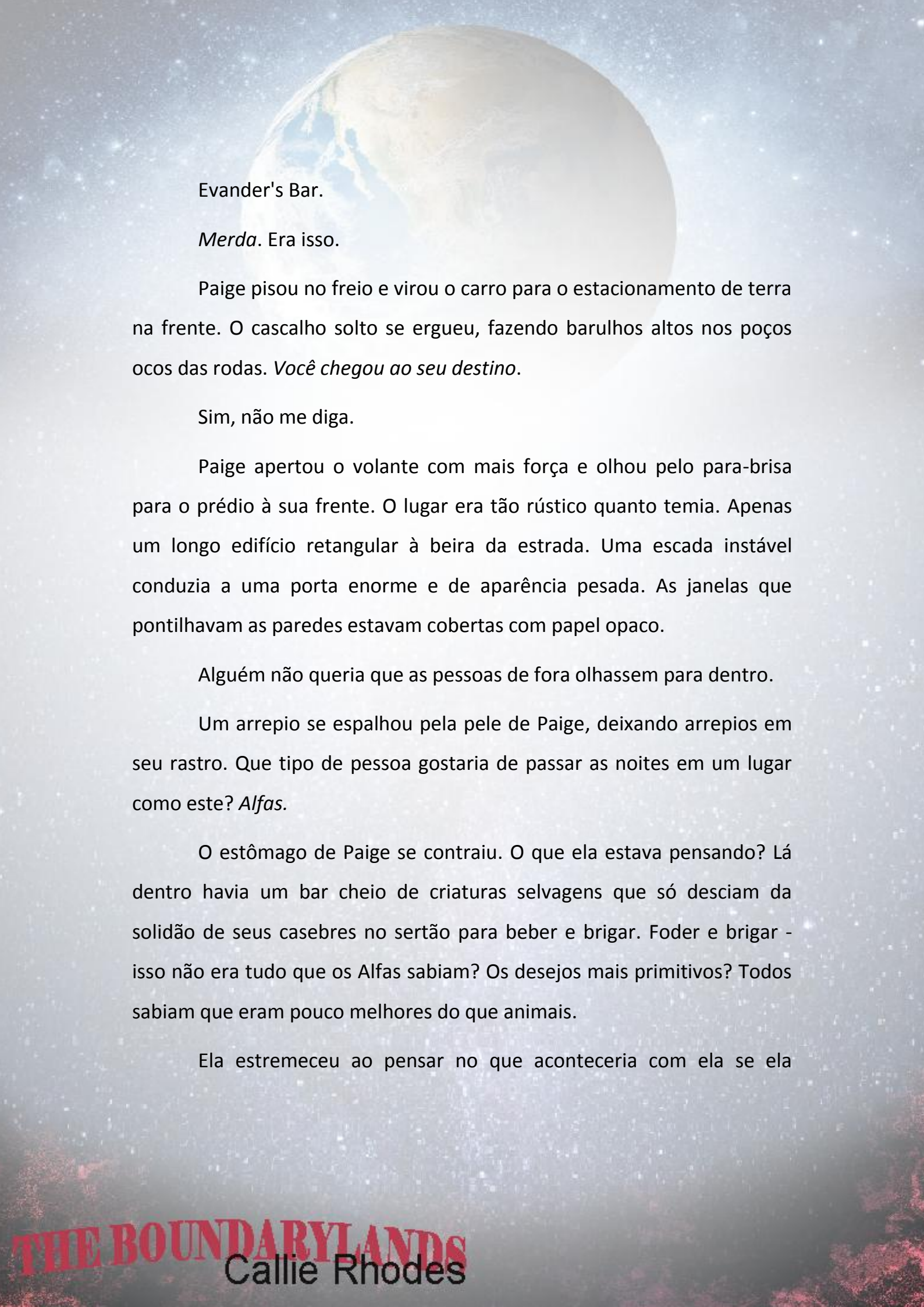
Ela não queria morrer na maldita floresta.

Paige afastou o pensamento de sua cabeça. Se recusando a pensar assim. Ela ficaria bem. Ultrapassaria Craig. Encontraria este Kian. Ele iria ajudá-la, e seria total e completamente normal.

Uma Beta simples.

Em 800 metros, seu destino está à sua direita.

A tela do GPS de seu telefone contava a distância, mudando de quilômetros para metros. O coração de Paige acelerou quando ela dobrou a última curva da estrada e avistou uma placa gasta pelo tempo aparecendo na cobertura da floresta - tinta vermelha lascada em madeira caiada.



Evander's Bar.

Merda. Era isso.

Paige pisou no freio e virou o carro para o estacionamento de terra na frente. O cascalho solto se ergueu, fazendo barulhos altos nos poços ocos das rodas. *Você chegou ao seu destino.*

Sim, não me diga.

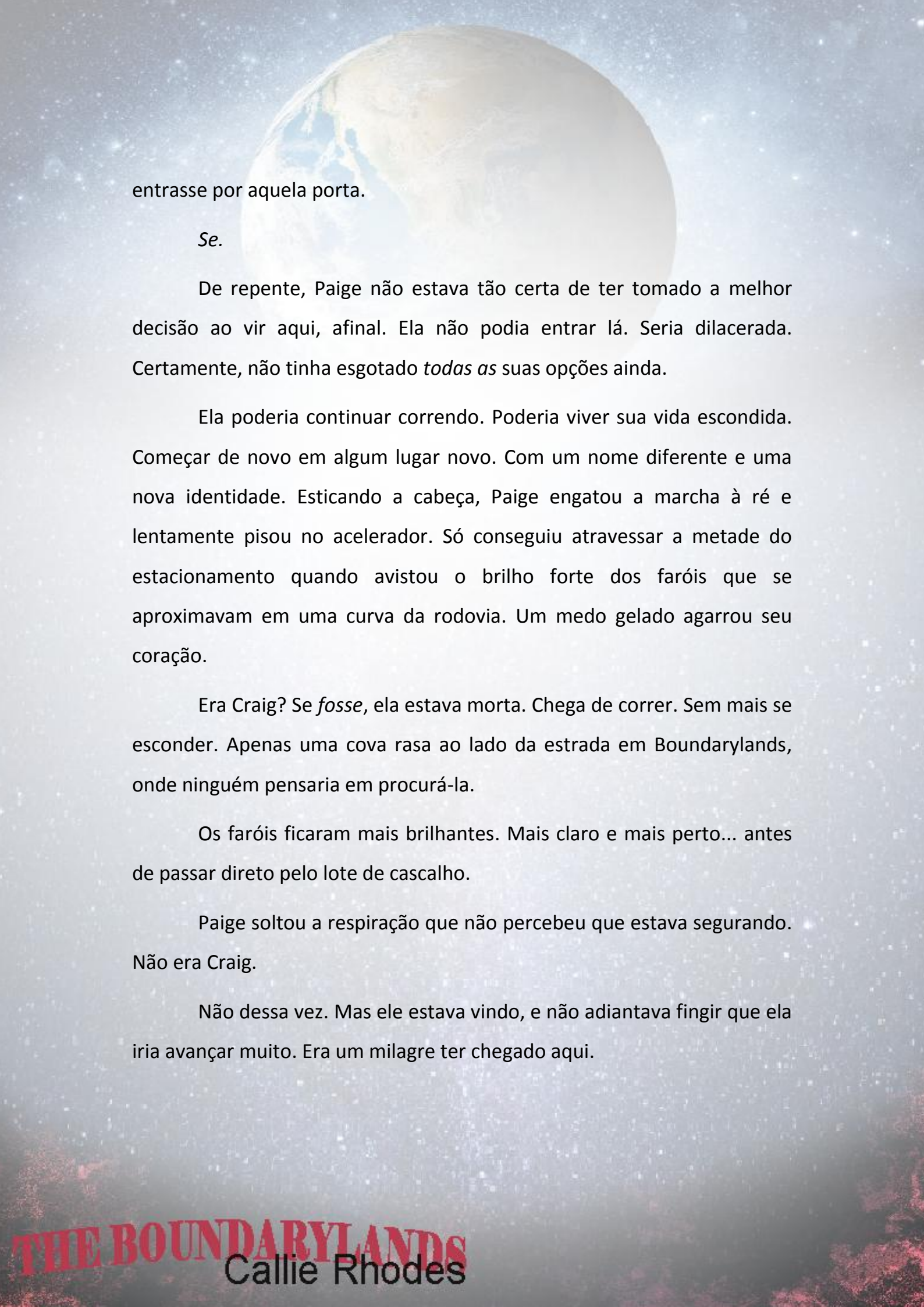
Paige apertou o volante com mais força e olhou pelo para-brisa para o prédio à sua frente. O lugar era tão rústico quanto temia. Apenas um longo edifício retangular à beira da estrada. Uma escada instável conduzia a uma porta enorme e de aparência pesada. As janelas que pontilhavam as paredes estavam cobertas com papel opaco.

Alguém não queria que as pessoas de fora olhassem para dentro.

Um arrepio se espalhou pela pele de Paige, deixando arrepios em seu rastro. Que tipo de pessoa gostaria de passar as noites em um lugar como este? *Alfas.*

O estômago de Paige se contraiu. O que ela estava pensando? Lá dentro havia um bar cheio de criaturas selvagens que só desciam da solidão de seus casebres no sertão para beber e brigar. Foder e brigar - isso não era tudo que os Alfas sabiam? Os desejos mais primitivos? Todos sabiam que eram pouco melhores do que animais.

Ela estremeceu ao pensar no que aconteceria com ela se ela



entrasse por aquela porta.

Se.

De repente, Paige não estava tão certa de ter tomado a melhor decisão ao vir aqui, afinal. Ela não podia entrar lá. Seria dilacerada. Certamente, não tinha esgotado *todas as* suas opções ainda.

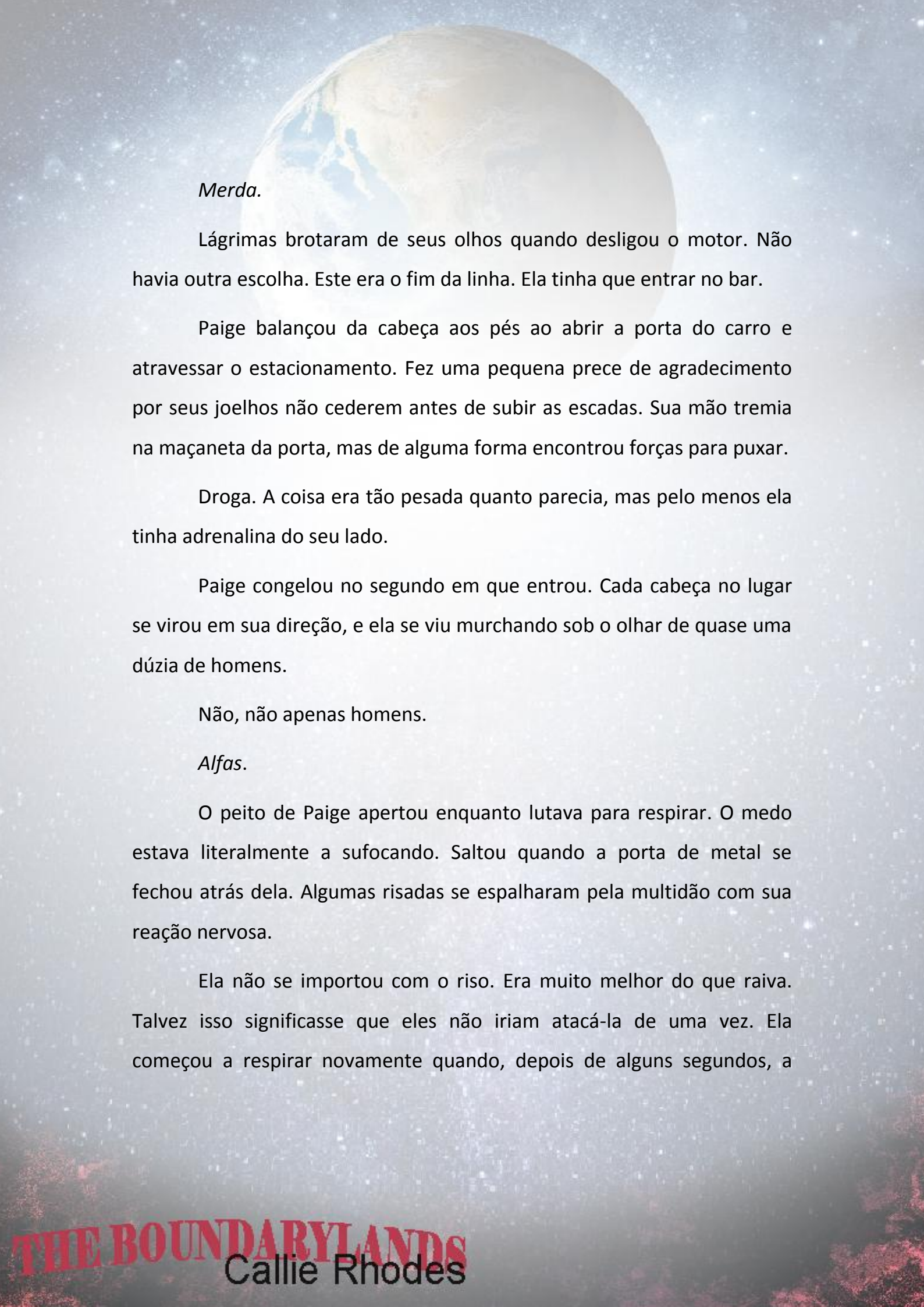
Ela poderia continuar correndo. Poderia viver sua vida escondida. Começar de novo em algum lugar novo. Com um nome diferente e uma nova identidade. Esticando a cabeça, Paige engatou a marcha à ré e lentamente pisou no acelerador. Só conseguiu atravessar a metade do estacionamento quando avistou o brilho forte dos faróis que se aproximavam em uma curva da rodovia. Um medo gelado agarrou seu coração.

Era Craig? Se *fosse*, ela estava morta. Chega de correr. Sem mais se esconder. Apenas uma cova rasa ao lado da estrada em Boundarylands, onde ninguém pensaria em procurá-la.

Os faróis ficaram mais brilhantes. Mais claro e mais perto... antes de passar direto pelo lote de cascalho.

Paige soltou a respiração que não percebeu que estava segurando. Não era Craig.

Não dessa vez. Mas ele estava vindo, e não adiantava fingir que ela iria avançar muito. Era um milagre ter chegado aqui.



Merda.

Lágrimas brotaram de seus olhos quando desligou o motor. Não havia outra escolha. Este era o fim da linha. Ela tinha que entrar no bar.

Paige balançou da cabeça aos pés ao abrir a porta do carro e atravessar o estacionamento. Fez uma pequena prece de agradecimento por seus joelhos não cederem antes de subir as escadas. Sua mão tremia na maçaneta da porta, mas de alguma forma encontrou forças para puxar.

Droga. A coisa era tão pesada quanto parecia, mas pelo menos ela tinha adrenalina do seu lado.

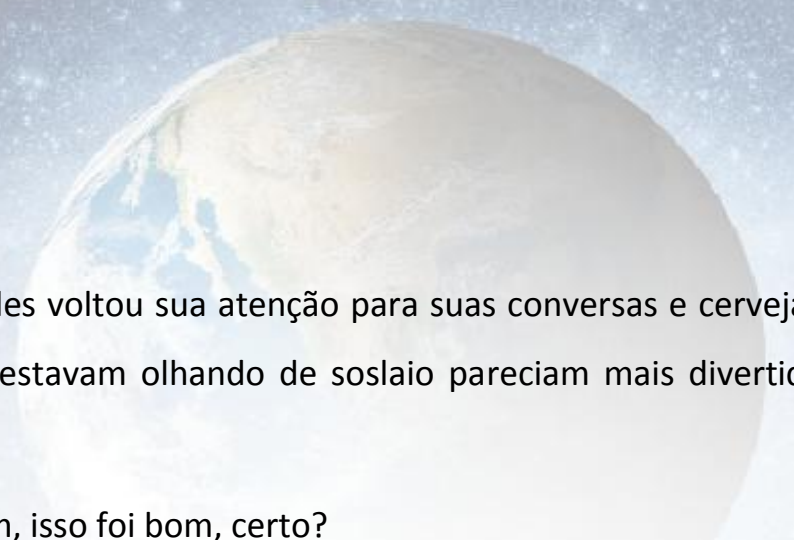
Paige congelou no segundo em que entrou. Cada cabeça no lugar se virou em sua direção, e ela se viu murchando sob o olhar de quase uma dúzia de homens.

Não, não apenas homens.

Alfas.

O peito de Paige apertou enquanto lutava para respirar. O medo estava literalmente a sufocando. Saltou quando a porta de metal se fechou atrás dela. Algumas risadas se espalharam pela multidão com sua reação nervosa.

Ela não se importou com o riso. Era muito melhor do que raiva. Talvez isso significasse que eles não iriam atacá-la de uma vez. Ela começou a respirar novamente quando, depois de alguns segundos, a



maioria deles voltou sua atenção para suas conversas e cervejas. Aqueles que ainda estavam olhando de soslaio pareciam mais divertidos do que famintos.

Bem, isso foi bom, certo?

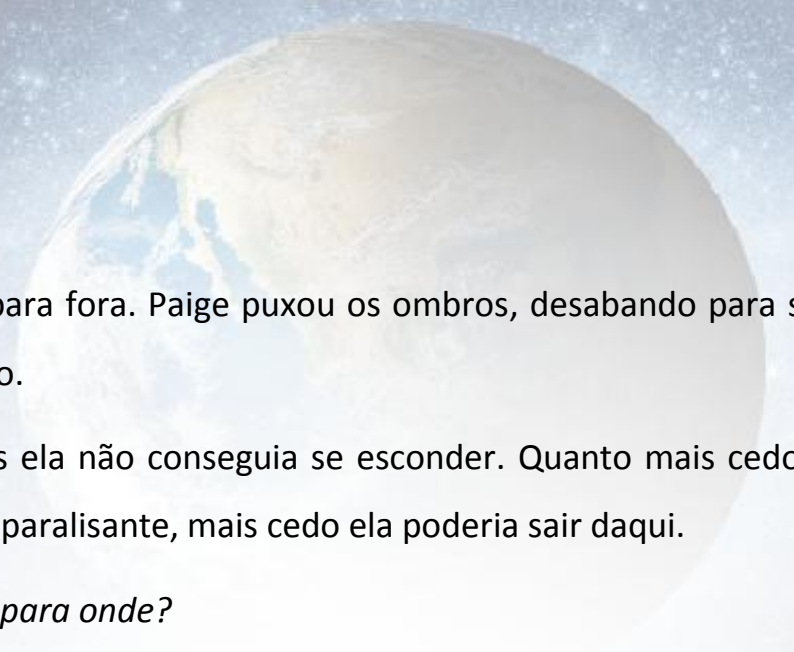
Talvez isso significasse que ela havia explodido tudo fora de proporção. Talvez isso significasse que ela ficaria bem, afinal.

Talvez.

Afinal, ainda eram Alfas - as criaturas mais perigosas do mundo inteiro. Bem, isso não era totalmente verdade. *A maioria* dos homens aqui eram Alfas, mas havia um punhado de Betas regulares espalhados entre eles jogando sinuca e dardos como se este fosse qualquer outro bar do mundo. Claro, eles pareciam duros. Robustos e fortes, como você esperaria de qualquer homem que fosse corajoso o suficiente para viver fora da segurança da civilização, mas não havia como serem confundidos com Alfas.

Os Alfas eram diferentes. Quase trinta centímetros mais alto que os Betas, e tão largos no peito e nos ombros que de repente a porta maciça fazia sentido. Se não fosse tão comicamente grande, eles teriam que virar de lado para passar.

Paige engoliu em seco. Não foi apenas o tamanho imenso dos Alfas que a fez parar. Foi também a presença deles. Mesmo que ela contasse apenas oito deles no prédio, eles enchiam a sala a ponto de empurrar



todo o ar para fora. Paige puxou os ombros, desabando para se proteger da sensação.

Mas ela não conseguia se esconder. Quanto mais cedo superasse esse medo paralisante, mais cedo ela poderia sair daqui.

E ir para onde?

Ela empurrou a questão para o fundo de sua mente. Ela só conseguia resolver um problema de cada vez.

Obrigou-se a seguir em frente. Suas pernas tremeram e seus joelhos vacilaram, mas de alguma forma ela conseguiu chegar ao bar. Agarrou a borda para se apoiar com uma das mãos e puxou o bilhete amassado da policial Wilcox do bolso com a outra.

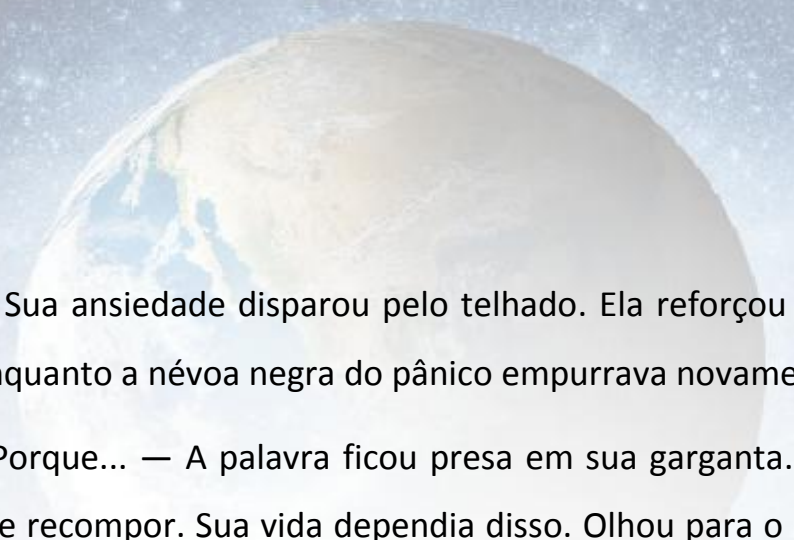
Caiu de sua mão no segundo em que o gigantesco barman Alfa parou na frente dela.

— O que você quer? — Ele demandou. Sua voz era profunda e forte o suficiente para sacudir os copos pendurados nas prateleiras.

Paige sabia que era melhor não arriscar olhando para ele. Ela perderia os últimos resquícios de coragem que tinha. Então, olhou para a grade de latão em vez disso.

— Estou procurando por Kian. — O medo fechou sua garganta e sua voz saiu um gemido.

— Porquê? — o Alfa exigiu. Paige não estava preparada para



perguntas. Sua ansiedade disparou pelo telhado. Ela reforçou seu aperto na barra enquanto a névoa negra do pânico empurrava novamente.

— Porque... — A palavra ficou presa em sua garganta. *Droga*. Ela precisava se recompor. Sua vida dependia disso. Olhou para o barman. — Porque me disseram que ele poderia ser capaz de me ajudar.

As sobrancelhas do barman se juntaram. Foi o olhar furioso mais ameaçador que Paige já viu.

— Que tipo de idiota vem aqui em busca de *ajuda*? — os lábios de Paige tremeram. Lágrimas quentes picaram os cantos de seus olhos. Ela abriu a boca, mas não saiu nada.

Não que isso importasse. Mesmo que pudesse falar, estava muito sobrecarregada para pensar em algo para dizer.

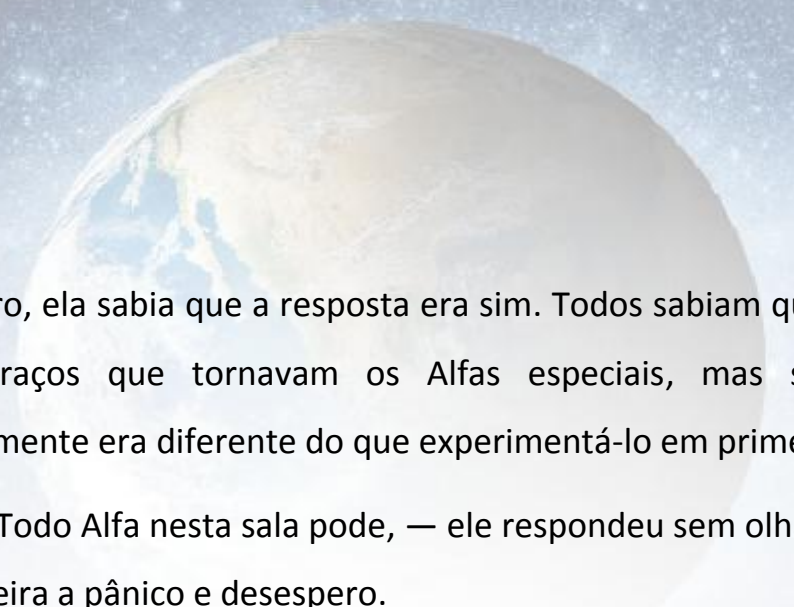
Muita coisa aconteceu. Assassinato, desgosto, a destruição em massa de sua vida e agora a perspectiva de ser despedaçada por um maldito monstro. Era incrível que ela estivesse de pé.

— Deixe-a em paz, Ty.

A voz - pouco mais que um sussurro rouco - veio do outro lado do bar. Nas sombras do canto, uma silhueta enorme se mexeu em seu banquinho. De alguma forma, Paige tinha perdido aquele.

— A mulher não é uma ameaça. O fedor de seu medo é forte.

Paige engoliu em seco. — V-você pode *sentir o meu cheiro*?



Claro, ela sabia que a resposta era sim. Todos sabiam que esse era um dos traços que tornavam os Alfas especiais, mas saber algo intelectualmente era diferente do que experimentá-lo em primeira mão.

— Todo Alfa nesta sala pode, — ele respondeu sem olhar para ela.
— Você cheira a pânico e desespero.

Paige tinha certeza de que não precisava de um bom nariz para descobrir isso. Suas mãos trêmulas e sua voz mostravam.

O barman soltou um pigarro alto. Instintivamente, Paige recuou com o som.

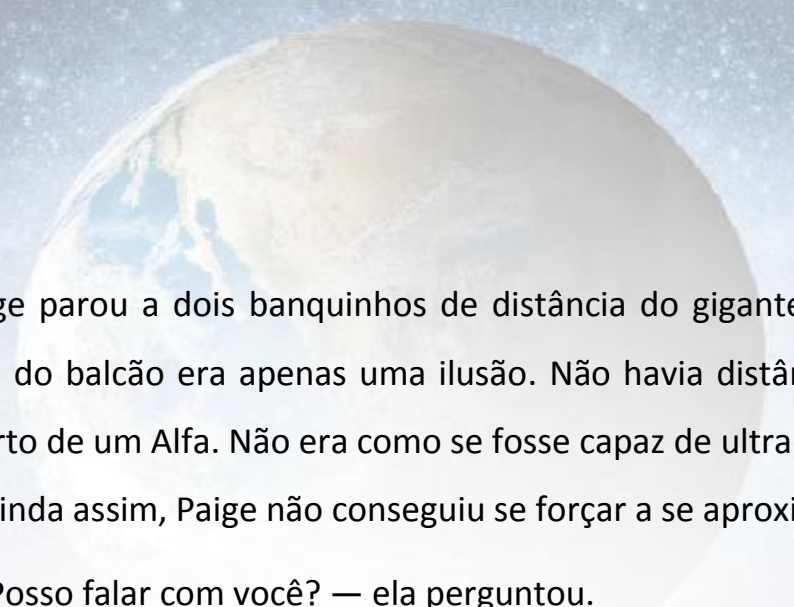
— Você queria Kian? Você o encontrou. — O barman balançou a cabeça lentamente antes de se afastar.

Espere. Aquela sombra enorme no final do bar era Kian? Que disse que ela *fedia a* desespero?

Paige deu a respiração mais profunda que conseguiu e lentamente se arrastou em direção a ele. Quanto mais perto ela chegava, mais sinos de alerta soavam em sua cabeça. Ela não deveria estar fazendo isso. Este homem - *esta besta* - era muito grande. Muito primitivo e imprevisível. Se ela tivesse algum senso sobrando, ela daria meia-volta e fugiria.

Para onde? Direto para o cano da Glock de Craig?

Era isso. Sua única esperança. Não havia outro lugar para onde correr. Tudo o que podia fazer agora era orar.



Paige parou a dois banquinhos de distância do gigante. Ela sabia que a zona do balcão era apenas uma ilusão. Não havia distância segura quando perto de um Alfa. Não era como se fosse capaz de ultrapassá-lo ou vencê-lo. Ainda assim, Paige não conseguiu se forçar a se aproximar.

— Posso falar com você? — ela perguntou.

Ele não tirou os olhos da cerveja. A caneca de vidro parecia comicamente pequena em sua mão enorme. Ela sabia que ele poderia esmagá-la em cacos com uma contração. — O que você faria se eu dissesse não?

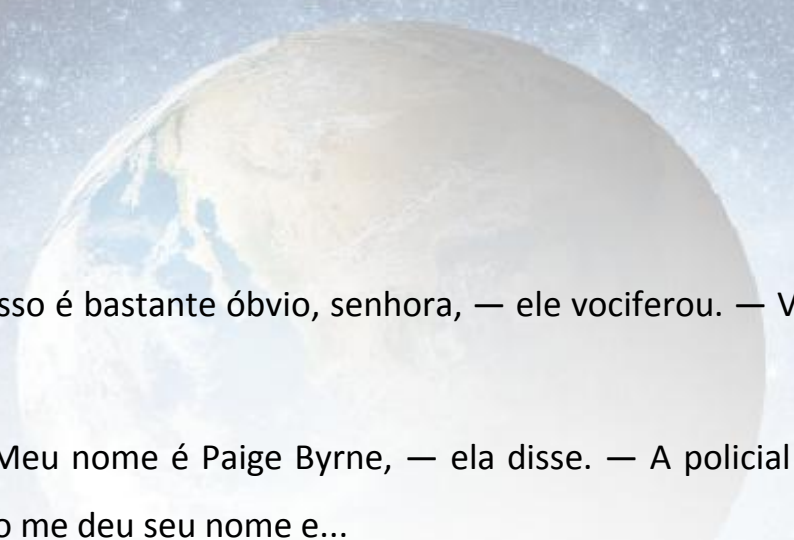
A verdade escapou antes que ela pudesse impedir. — Não faço ideia.

— Não, você não tem a menor ideia, não é? — Ele deu uma risada curta e zombeteira antes de levantar sua bebida e engolir tudo de um só gole.

— Eu sei que posso comprar outra cerveja para você. — Ela puxou uma nota de sua bolsa e colocou-a no balcão.

Ele parou por um segundo antes de pousar o copo vazio. — É um bom começo. — Ele ergueu a mão, gesticulando para que o barman voltasse. — Você pode continuar falando até que seu dinheiro acabe.

— Eu não quero incomodar você, — disse Paige. — Eu realmente não queria estar aqui.



— Isso é bastante óbvio, senhora, — ele vociferou. — Vá direto ao ponto.

— Meu nome é Paige Byrne, — ela disse. — A policial Wilcox em Sacramento me deu seu nome e...

— Denise mandou você? — Ele deu outra risada, esta ainda mais sombria do que antes. — Você *deve* estar com problemas.

— Estou. — Paige piscou em seu tom casual. Ela baixou a voz para um sussurro. — Alguém está tentando me matar.

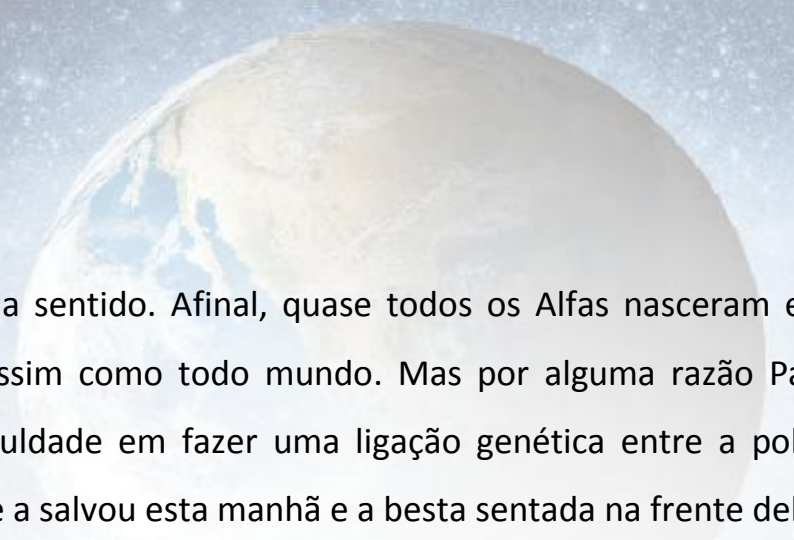
— O habitual, — disse Kian. Ele lançou ao barman um olhar penetrante enquanto pegava sua próxima cerveja. — Denise sempre teve uma queda por casos de caridade.

— Não estou procurando caridade. — disse Paige, sentindo-se estranhamente na defensiva. — Posso pagar se você quiser.

— Então, agora minha irmãzinha está me cafeteando. — ele murmurou.

Irmãzinha? Paige estreitou os olhos e se inclinou mais perto tentando localizar uma semelhança de família, mas não adiantou muito. Ela mal conseguia ver na luz fraca. — Você é irmão da policial Wilcox?

— É claro. De que outra forma eu poderia conhecê-la? — ele disse. — Quem mais em Sacramento, de todos os lugares, saberia onde me encontrar em uma noite de domingo?



Fazia sentido. Afinal, quase todos os Alfas nasceram em famílias normais, assim como todo mundo. Mas por alguma razão Paige estava tendo dificuldade em fazer uma ligação genética entre a policial muito normal que a salvou esta manhã e a besta sentada na frente dela agora.

Kian, entretanto, não pareceu apreciar a atenção extra. Ele deu um grunhido baixo de advertência, e Paige imediatamente se endireitou.

— Desculpe, — ela se apressou em dizer.

O Alfa ergueu sua cerveja e bebeu tão rápido quanto a última. — Quem quer você morta?

— Meu noivo, — ela disse, então se conteve. — Quero dizer, meu ex-noivo.

— Porquê?

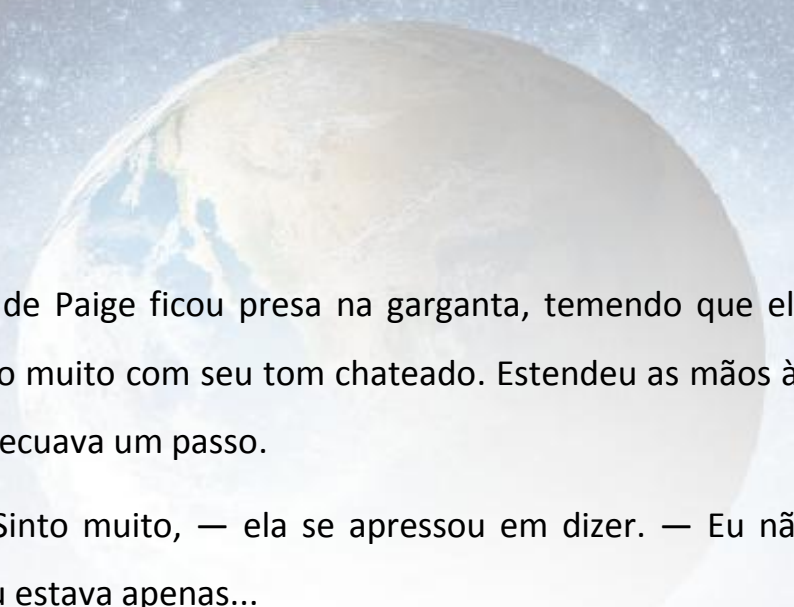
— Porque eu o testemunhei assassinando um homem.

— E você realmente acha que ele vai te seguir até aqui?

— Você não conhece Craig. — Por outro lado, descobriu que ela também não. Na verdade. Tudo o que sabia era que o estresse dessas idas e vindas a estava matando.

— Ele se orgulha de sempre conseguir o que quer. Se estiver decidido a me matar e você não me ajudar, então estou praticamente morta.

A coluna de Kian se endireitou. Seus ombros puxaram para trás. A



respiração de Paige ficou presa na garganta, temendo que ela o tivesse pressionado muito com seu tom chateado. Estendeu as mãos à sua frente enquanto recuava um passo.

— Sinto muito, — ela se apressou em dizer. — Eu não quero te ofender. Eu estava apenas...

Suas palavras morreram quando Kian se levantou de seu banquinho e se virou para a porta. Pela primeira vez, Paige deu uma boa olhada nele quando ele entrou na luz.

Ele tinha bem mais de 2 metros de altura. A largura de seus ombros era duas vezes maior que a dela.

E então havia seu rosto.

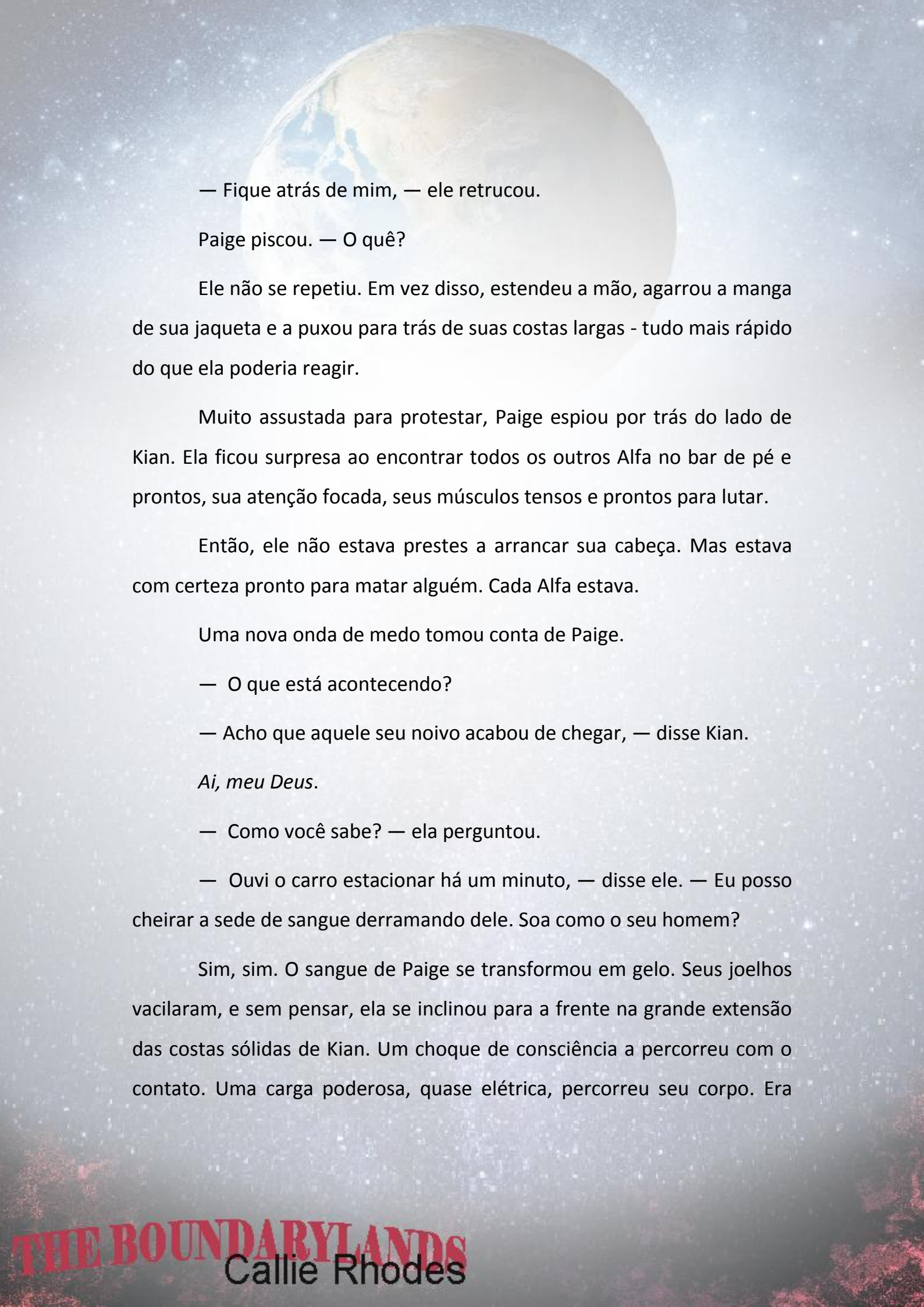
Ela não podia dizer que ele era lindo. Nem mesmo bonito. Pelo menos, não tradicionalmente. Suas feições eram ásperas e duras demais para serem descritas dessa forma, mas havia algo tão vital e animalesco no corte de sua testa, na barba castanha escura espalhando-se por sua mandíbula e nas profundezas de seus olhos fundos. Um desejo profundo se agitou no peito de Paige.

Kian Wilcox pode não ser bonito, mas era muito sexy.

Pena que estava prestes a matá-la.

— Por favor, não me machuque, — ela implorou.

As sobrancelhas de Kian se juntaram com força.



— Fique atrás de mim, — ele retrucou.

Paige piscou. — O quê?

Ele não se repetiu. Em vez disso, estendeu a mão, agarrou a manga de sua jaqueta e a puxou para trás de suas costas largas - tudo mais rápido do que ela poderia reagir.

Muito assustada para protestar, Paige espiou por trás do lado de Kian. Ela ficou surpresa ao encontrar todos os outros Alfa no bar de pé e prontos, sua atenção focada, seus músculos tensos e prontos para lutar.

Então, ele não estava prestes a arrancar sua cabeça. Mas estava com certeza pronto para matar alguém. Cada Alfa estava.

Uma nova onda de medo tomou conta de Paige.

— O que está acontecendo?

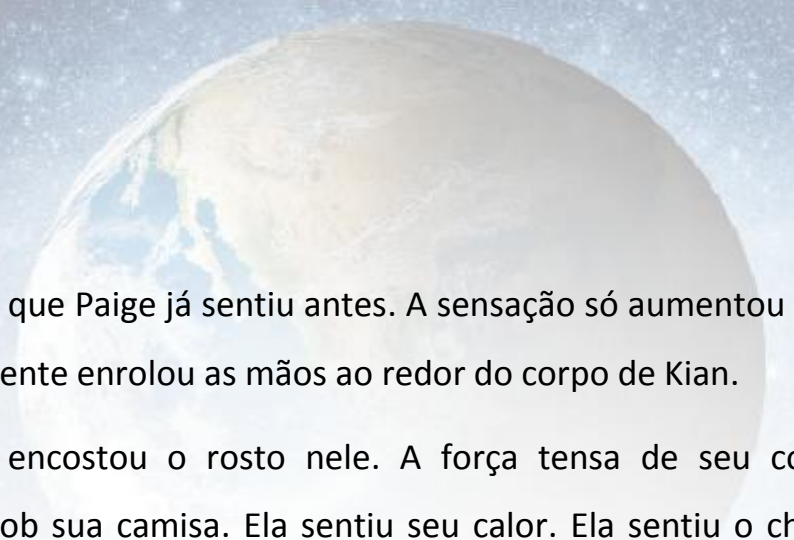
— Acho que aquele seu noivo acabou de chegar, — disse Kian.

Ai, meu Deus.

— Como você sabe? — ela perguntou.

— Ouvi o carro estacionar há um minuto, — disse ele. — Eu posso cheirar a sede de sangue derramando dele. Soa como o seu homem?

Sim, sim. O sangue de Paige se transformou em gelo. Seus joelhos vacilaram, e sem pensar, ela se inclinou para a frente na grande extensão das costas sólidas de Kian. Um choque de consciência a percorreu com o contato. Uma carga poderosa, quase elétrica, percorreu seu corpo. Era



como nada que Paige já sentiu antes. A sensação só aumentou quando ela instintivamente enrolou as mãos ao redor do corpo de Kian.

Ela encostou o rosto nele. A força tensa de seu corpo rígido flexionou sob sua camisa. Ela sentiu seu calor. Ela sentiu o cheiro dele - profundo, quente e picante. Tudo sobre Kian a envolveu, confortando-a e afastando o pior de seu medo paralisante. Até mesmo seu batimento cardíaco acelerado diminuiu.

Tudo ia ficar bem. Ela *sabia* disso. Tinha que ficar, porque Kian estava lá. Ele a protegeria. Iria mantê-la segura. A certeza absoluta fluiu por ela.

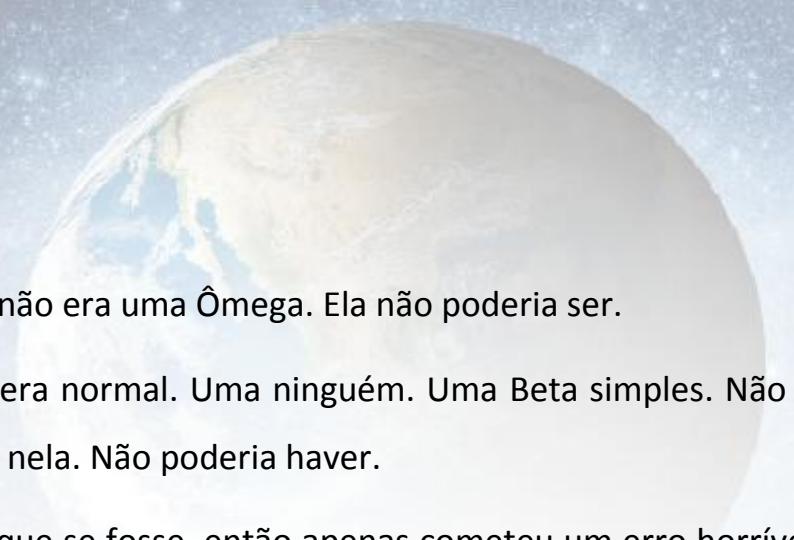
Paige o apertou com mais força em torno de sua cintura, desejando que pudesse se fundir nele. Ela sentiu a mudança de energia dentro dele. Fora o desprezo e a zombaria. O puro poder de seu corpo ganhou vida sob a ponta dos dedos, crescendo e inchando.

Ficando firmemente na frente dela, Kian torceu a cabeça longe o suficiente para chamar sua atenção. Ela viu o espanto brilhando em suas profundezas. Espanto... e desejo.

— Ômega. — Ele disse a palavra suavemente. Devagar.

O horror de seu significado percorreu Paige como uma onda de gelo, crescendo à medida que se espalhava.

Oh Deus, não.

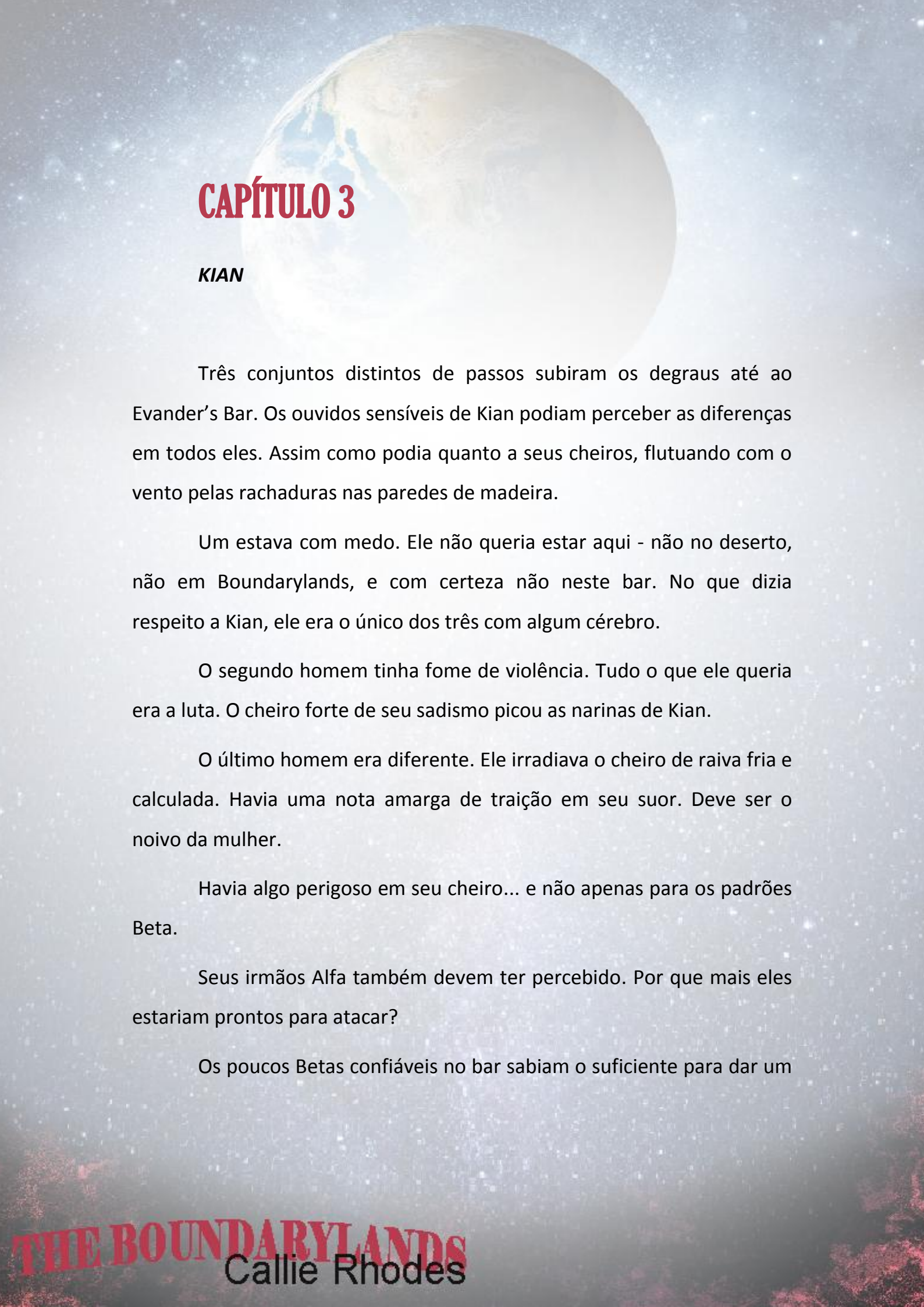


Ela não era uma Ômega. Ela não poderia ser.

Ela era normal. Uma ninguém. Uma Beta simples. Não havia nada de especial nela. Não poderia haver.

Porque se fosse, então apenas cometeu um erro horrível entrando neste bar. Seria melhor correr para o estacionamento e implorar a Craig para acabar com sua miséria agora.

Então, por que ela não podia deixar o corpo de Kian?



CAPÍTULO 3

KIAN

Três conjuntos distintos de passos subiram os degraus até ao Evander's Bar. Os ouvidos sensíveis de Kian podiam perceber as diferenças em todos eles. Assim como podia quanto a seus cheiros, flutuando com o vento pelas rachaduras nas paredes de madeira.

Um estava com medo. Ele não queria estar aqui - não no deserto, não em Boundarylands, e com certeza não neste bar. No que dizia respeito a Kian, ele era o único dos três com algum cérebro.

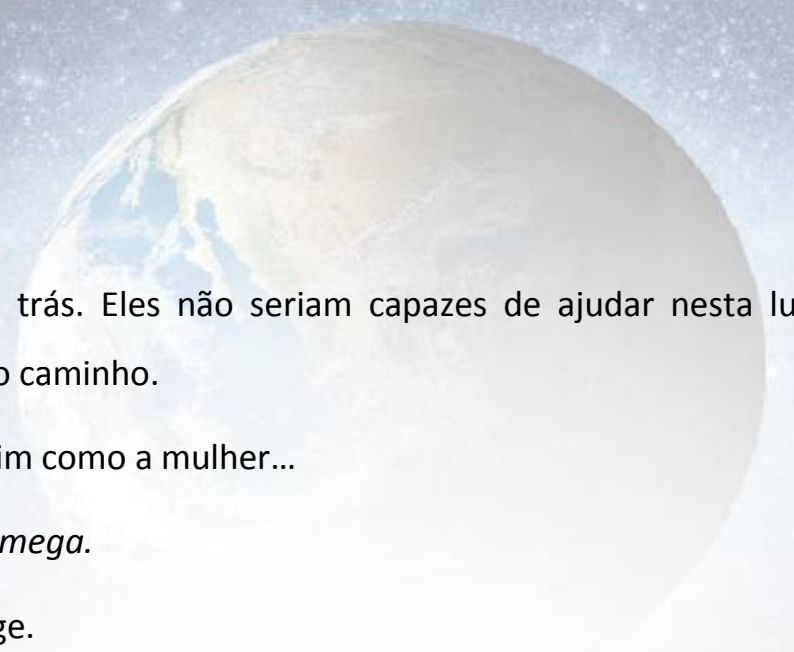
O segundo homem tinha fome de violência. Tudo o que ele queria era a luta. O cheiro forte de seu sadismo picou as narinas de Kian.

O último homem era diferente. Ele irradiava o cheiro de raiva fria e calculada. Havia uma nota amarga de traição em seu suor. Deve ser o noivo da mulher.

Havia algo perigoso em seu cheiro... e não apenas para os padrões Beta.

Seus irmãos Alfa também devem ter percebido. Por que mais eles estariam prontos para atacar?

Os poucos Betas confiáveis no bar sabiam o suficiente para dar um



passo para trás. Eles não seriam capazes de ajudar nesta luta. Eles só estariam no caminho.

Assim como a mulher...

A Ômega.

Paige.

Seus braços ainda estavam em volta dele, seu rosto pressionado contra suas costas. Kian tirou os dedos da Ômega de sua cintura e a empurrou de volta para seu assento no canto. Estaria mais segura lá. Ela soltou um grito que apunhalou seu coração.

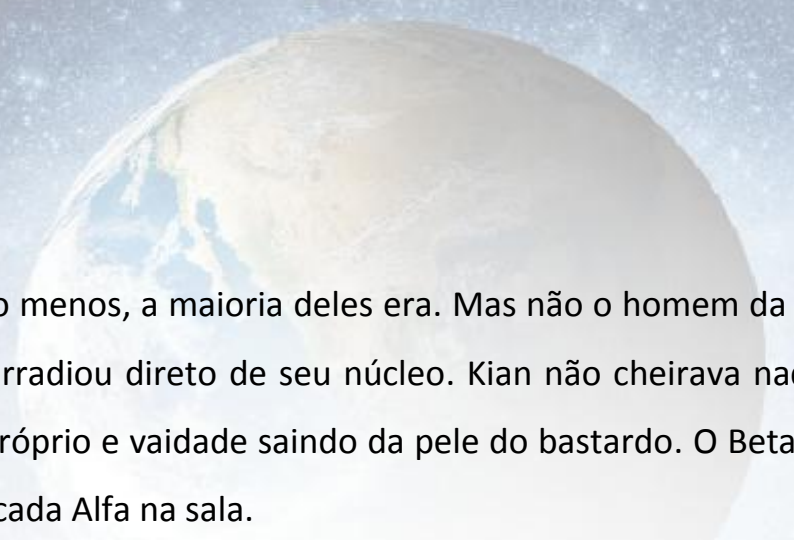
A mente de Kian vacilou na conexão instantânea entre... mas apenas por um momento.

Meio segundo depois, a porta do Evander's Bar se abriu e os três intrusos entraram.

Cada Alfa rosnou em uníssono. O som ecoou pelas paredes e sacudiu as janelas.

O homem cauteloso entrou em pânico com a exibição estrondosa. O fedor acre de sua urina vazando encheu a sala quando ele deu meia-volta e saiu correndo. Seu amigo violento não se saiu muito melhor. Arrastando-se para trás até que seus calcanhares atingissem a borda dos degraus, ele caiu de bunda.

Betas, Kian pensou. Previsíveis pra caralho.



Pelo menos, a maioria deles era. Mas não o homem da frente. Sua ira gelada irradiou direto de seu núcleo. Kian não cheirava nada além de interesse próprio e vaidade saindo da pele do bastardo. O Beta encontrou o olhar de cada Alfa na sala.

Kian reconheceu o Beta pelo que ele era em um instante. Um homem que ansiava por poder, mas não tinha nenhum naturalmente. Então, ele fez a segunda melhor coisa e roubou o poder dos outros. Sem controle sobre os menores do que ele, ele não era nada. Ninguém.

É por isso que ele veio até aqui pela mulher. Não apenas porque ela era uma testemunha de seus crimes, mas porque seu ego não conseguia suportar a ideia de que seu brinquedo se voltasse contra ele. Seu orgulho exigia que ela pagasse.

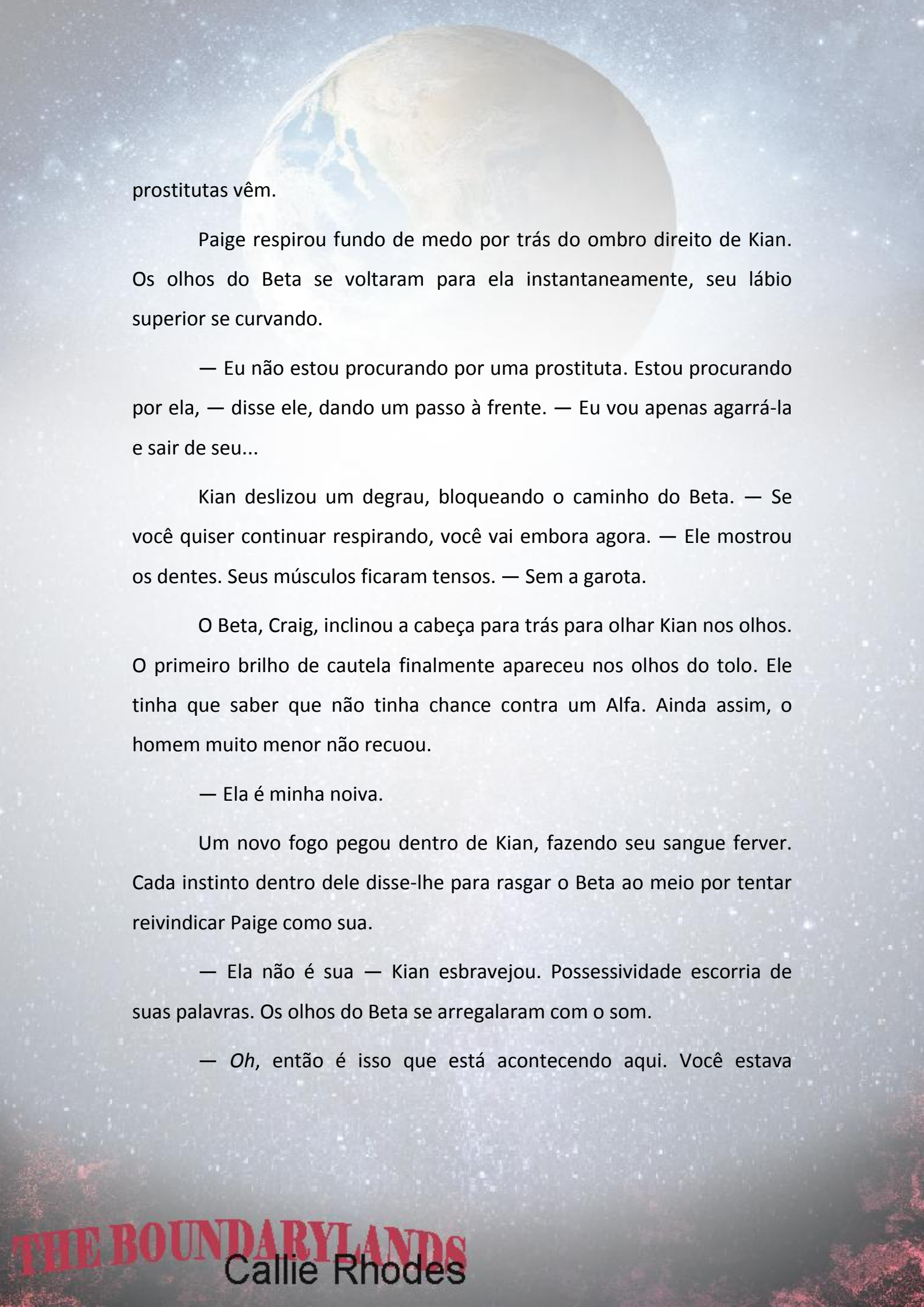
O Beta não estava procurando amarrar pontas soltas; ele veio por vingança. Normalmente, Kian riria desse tipo de agressão - especialmente de um Beta - mas algo sobre esse bastardo era diferente. Ele era inteligente. Determinado. Cruel. Kian podia ver nos olhos do homem.

— Eu não estou procurando encrenca, — o Beta disse, sua voz anormalmente calma.

O clamor baixo de Ty ergueu-se de trás do bar. — Que pena. É tudo o que servimos aqui.

— Estou apenas procurando uma mulher, — disse o Beta.

— Tente novamente na sexta à noite, — disse Ty. — É quando as



prostitutas vêm.

Paige respirou fundo de medo por trás do ombro direito de Kian. Os olhos do Beta se voltaram para ela instantaneamente, seu lábio superior se curvando.

— Eu não estou procurando por uma prostituta. Estou procurando por ela, — disse ele, dando um passo à frente. — Eu vou apenas agarrá-la e sair de seu...

Kian deslizou um degrau, bloqueando o caminho do Beta. — Se você quiser continuar respirando, você vai embora agora. — Ele mostrou os dentes. Seus músculos ficaram tensos. — Sem a garota.

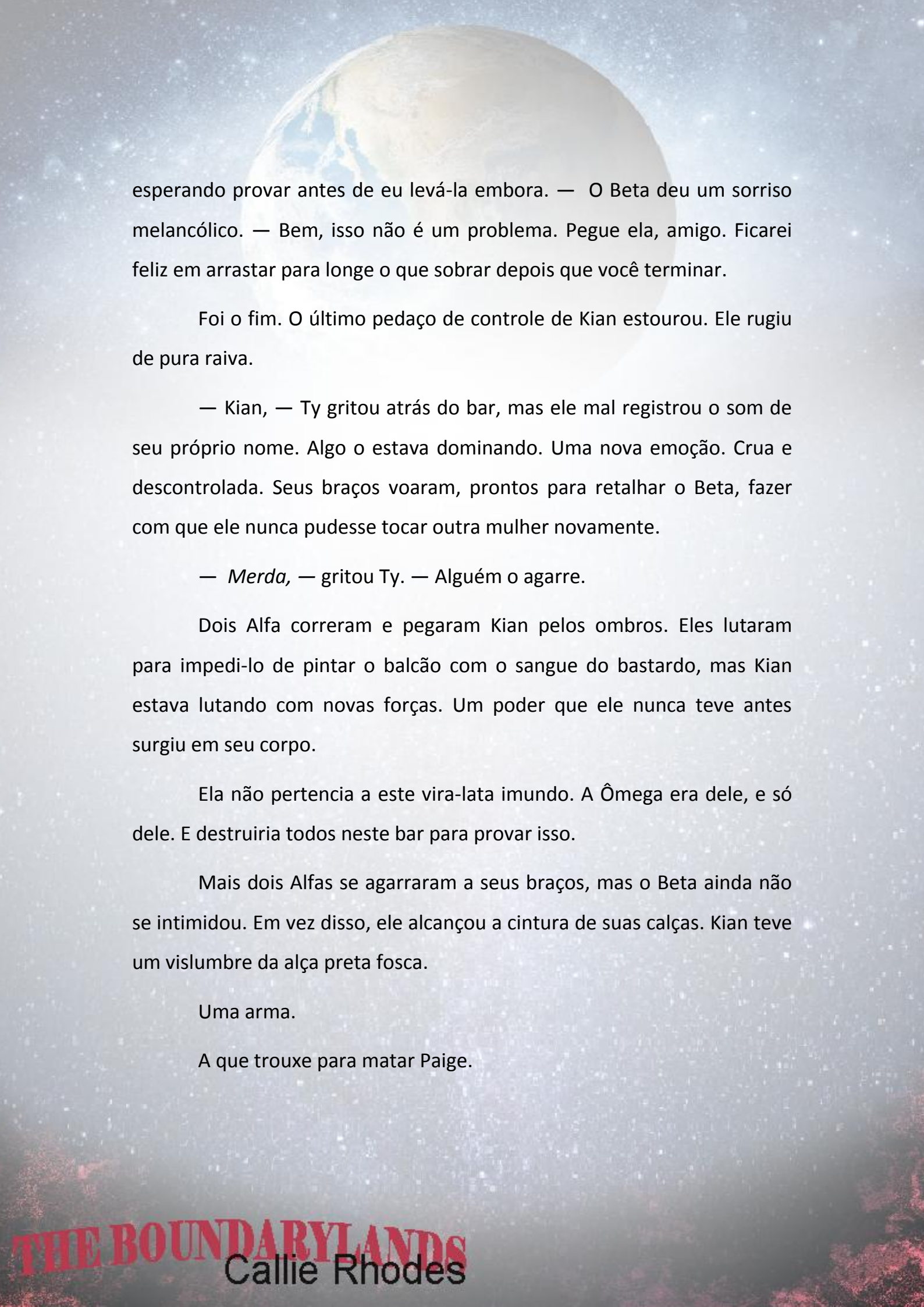
O Beta, Craig, inclinou a cabeça para trás para olhar Kian nos olhos. O primeiro brilho de cautela finalmente apareceu nos olhos do tolo. Ele tinha que saber que não tinha chance contra um Alfa. Ainda assim, o homem muito menor não recuou.

— Ela é minha noiva.

Um novo fogo pegou dentro de Kian, fazendo seu sangue ferver. Cada instinto dentro dele disse-lhe para rasgar o Beta ao meio por tentar reivindicar Paige como sua.

— Ela não é sua — Kian esbravejou. Possessividade escorria de suas palavras. Os olhos do Beta se arregalaram com o som.

— *Oh*, então é isso que está acontecendo aqui. Você estava



esperando provar antes de eu levá-la embora. — O Beta deu um sorriso melancólico. — Bem, isso não é um problema. Pegue ela, amigo. Ficarei feliz em arrastar para longe o que sobrar depois que você terminar.

Foi o fim. O último pedaço de controle de Kian estourou. Ele rugiu de pura raiva.

— Kian, — Ty gritou atrás do bar, mas ele mal registrou o som de seu próprio nome. Algo o estava dominando. Uma nova emoção. Crua e descontrolada. Seus braços voaram, prontos para retalhar o Beta, fazer com que ele nunca pudesse tocar outra mulher novamente.

— *Merda*, — gritou Ty. — Alguém o agarre.

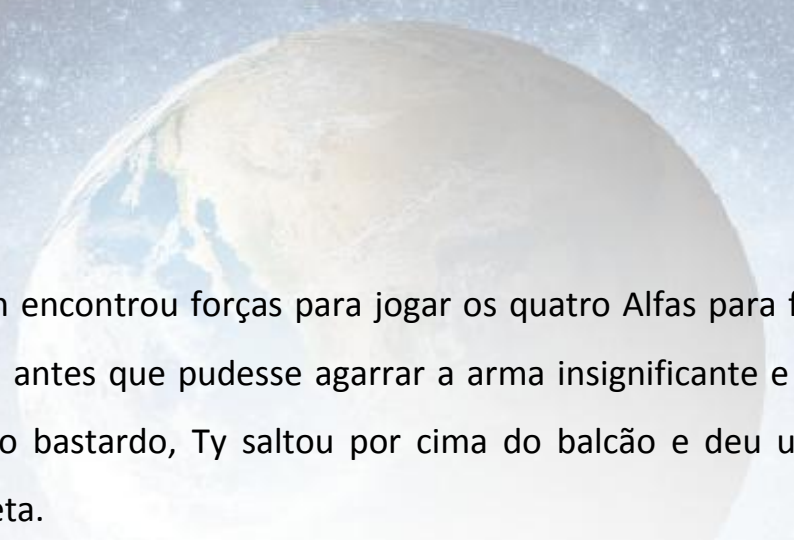
Dois Alfa correram e pegaram Kian pelos ombros. Eles lutaram para impedi-lo de pintar o balcão com o sangue do bastardo, mas Kian estava lutando com novas forças. Um poder que ele nunca teve antes surgiu em seu corpo.

Ela não pertencia a este vira-lata imundo. A Ômega era dele, e só dele. E destruiria todos neste bar para provar isso.

Mais dois Alfas se agarraram a seus braços, mas o Beta ainda não se intimidou. Em vez disso, ele alcançou a cintura de suas calças. Kian teve um vislumbre da alça preta fosca.

Uma arma.

A que trouxe para matar Paige.



Kian encontrou forças para jogar os quatro Alfas para fora de seu corpo, mas antes que pudesse agarrar a arma insignificante e enfiá-la na garganta do bastardo, Ty saltou por cima do balcão e deu um soco no rosto do Beta.

Um estalo alto soou quando o osso quebrou e os tendões se retorceram. Um jato brilhante de sangue jorrou do nariz do homem enquanto ele desabava no chão.

A raiva de Kian diminuiu um pouco ao ver o corpo inconsciente do homem.

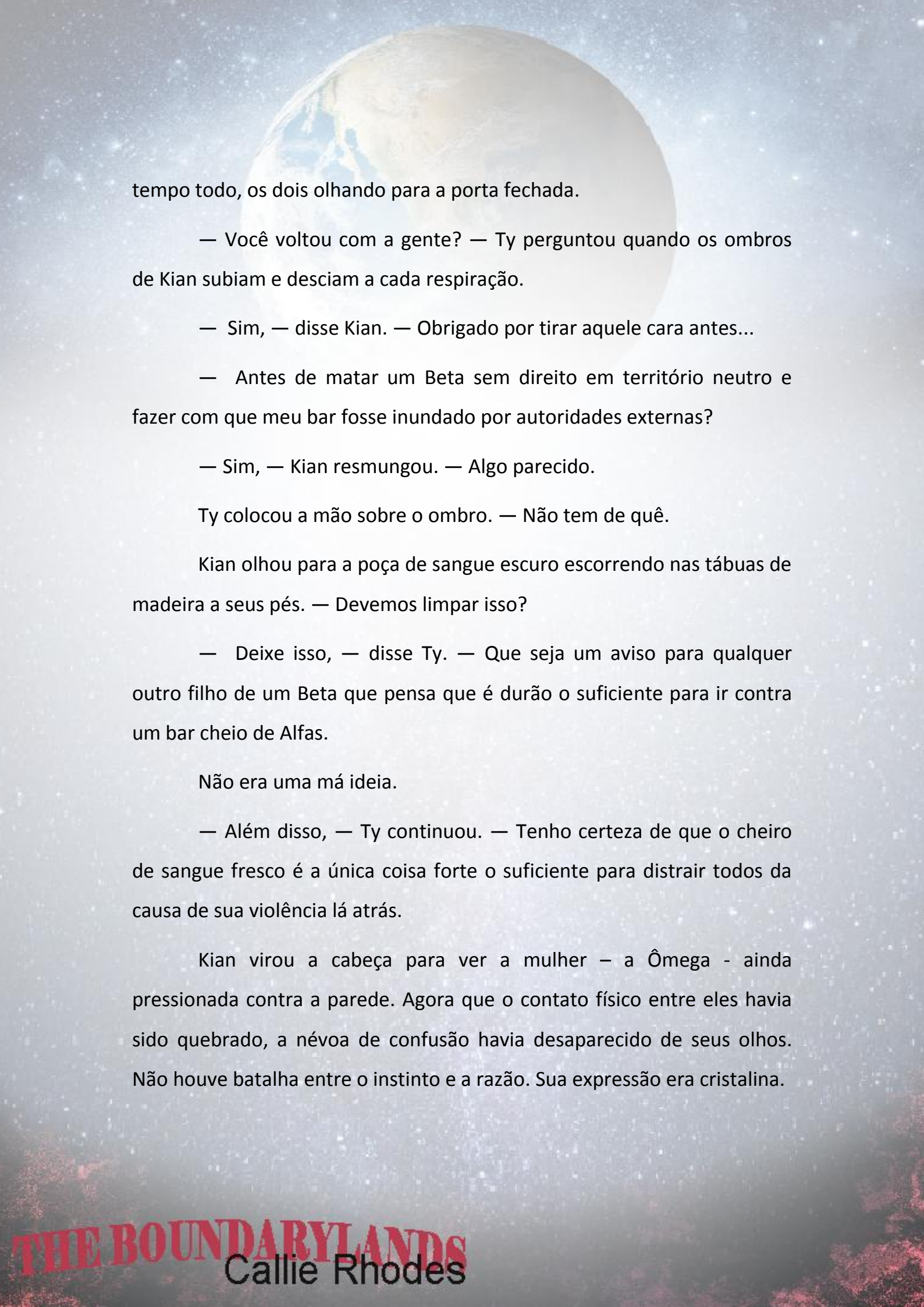
Ty se abaixou e agarrou o pulso do Beta. Arrastou o corpo inerte em direção à porta, chutou para abri-la e jogou o filho da puta nos degraus.

— Venham tirar seu chefe do meu bar, — ele rugiu. — E nunca mais voltem.

Os lacaios não esperaram ser chamados duas vezes. De dentro do bar, Kian podia ouvi-los correndo para arrastar o bastardo para longe. Alguns segundos depois, o motor de um carro rugiu antes de decolar pela rodovia.

Depois disso, a tensão no bar diminuiu. Um por um, os homens no bar - Alfa e Beta - se viraram e voltaram ao trabalho. Eventualmente, até Kian sentiu sua fúria se transformar em simples raiva.

Ty, seu amigo mais próximo e mais antigo, ficou ao seu lado o



tempo todo, os dois olhando para a porta fechada.

— Você voltou com a gente? — Ty perguntou quando os ombros de Kian subiam e desciam a cada respiração.

— Sim, — disse Kian. — Obrigado por tirar aquele cara antes...

— Antes de matar um Beta sem direito em território neutro e fazer com que meu bar fosse inundado por autoridades externas?

— Sim, — Kian resmungou. — Algo parecido.

Ty colocou a mão sobre o ombro. — Não tem de quê.

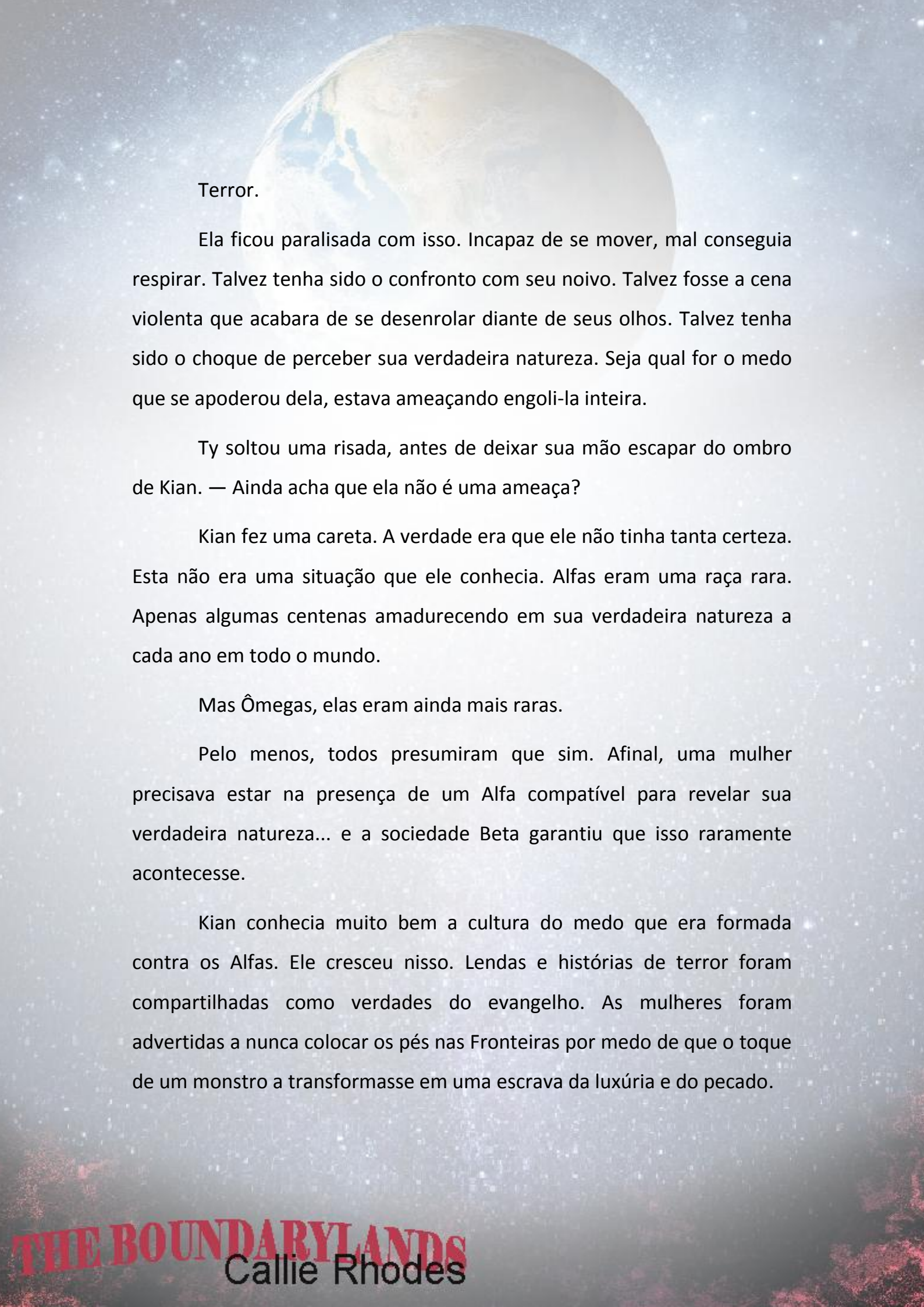
Kian olhou para a poça de sangue escuro escorrendo nas tábuas de madeira a seus pés. — Devemos limpar isso?

— Deixe isso, — disse Ty. — Que seja um aviso para qualquer outro filho de um Beta que pensa que é durão o suficiente para ir contra um bar cheio de Alfas.

Não era uma má ideia.

— Além disso, — Ty continuou. — Tenho certeza de que o cheiro de sangue fresco é a única coisa forte o suficiente para distrair todos da causa de sua violência lá atrás.

Kian virou a cabeça para ver a mulher — a Ômega — ainda pressionada contra a parede. Agora que o contato físico entre eles havia sido quebrado, a névoa de confusão havia desaparecido de seus olhos. Não houve batalha entre o instinto e a razão. Sua expressão era cristalina.



Terror.

Ela ficou paralisada com isso. Incapaz de se mover, mal conseguia respirar. Talvez tenha sido o confronto com seu noivo. Talvez fosse a cena violenta que acabara de se desenrolar diante de seus olhos. Talvez tenha sido o choque de perceber sua verdadeira natureza. Seja qual for o medo que se apoderou dela, estava ameaçando engoli-la inteira.

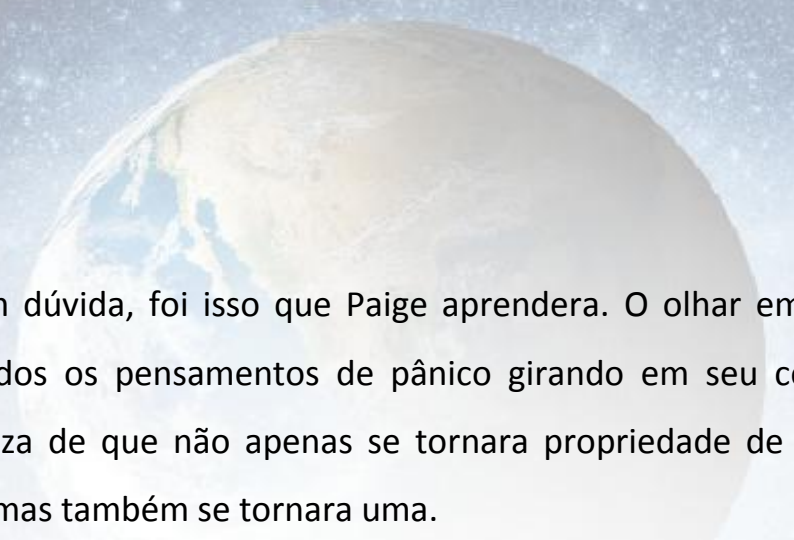
Ty soltou uma risada, antes de deixar sua mão escapar do ombro de Kian. — Ainda acha que ela não é uma ameaça?

Kian fez uma careta. A verdade era que ele não tinha tanta certeza. Esta não era uma situação que ele conhecia. Alfas eram uma raça rara. Apenas algumas centenas amadurecendo em sua verdadeira natureza a cada ano em todo o mundo.

Mas Ômegas, elas eram ainda mais raras.

Pelo menos, todos presumiram que sim. Afinal, uma mulher precisava estar na presença de um Alfa compatível para revelar sua verdadeira natureza... e a sociedade Beta garantiu que isso raramente acontecesse.

Kian conhecia muito bem a cultura do medo que era formada contra os Alfas. Ele cresceu nisso. Lendas e histórias de terror foram compartilhadas como verdades do evangelho. As mulheres foram advertidas a nunca colocar os pés nas Fronteiras por medo de que o toque de um monstro a transformasse em uma escrava da luxúria e do pecado.



Sem dúvida, foi isso que Paige aprendera. O olhar em seu rosto revelou todos os pensamentos de pânico girando em seu cérebro. Ela tinha certeza de que não apenas se tornara propriedade de uma besta selvagem, mas também se tornara uma.

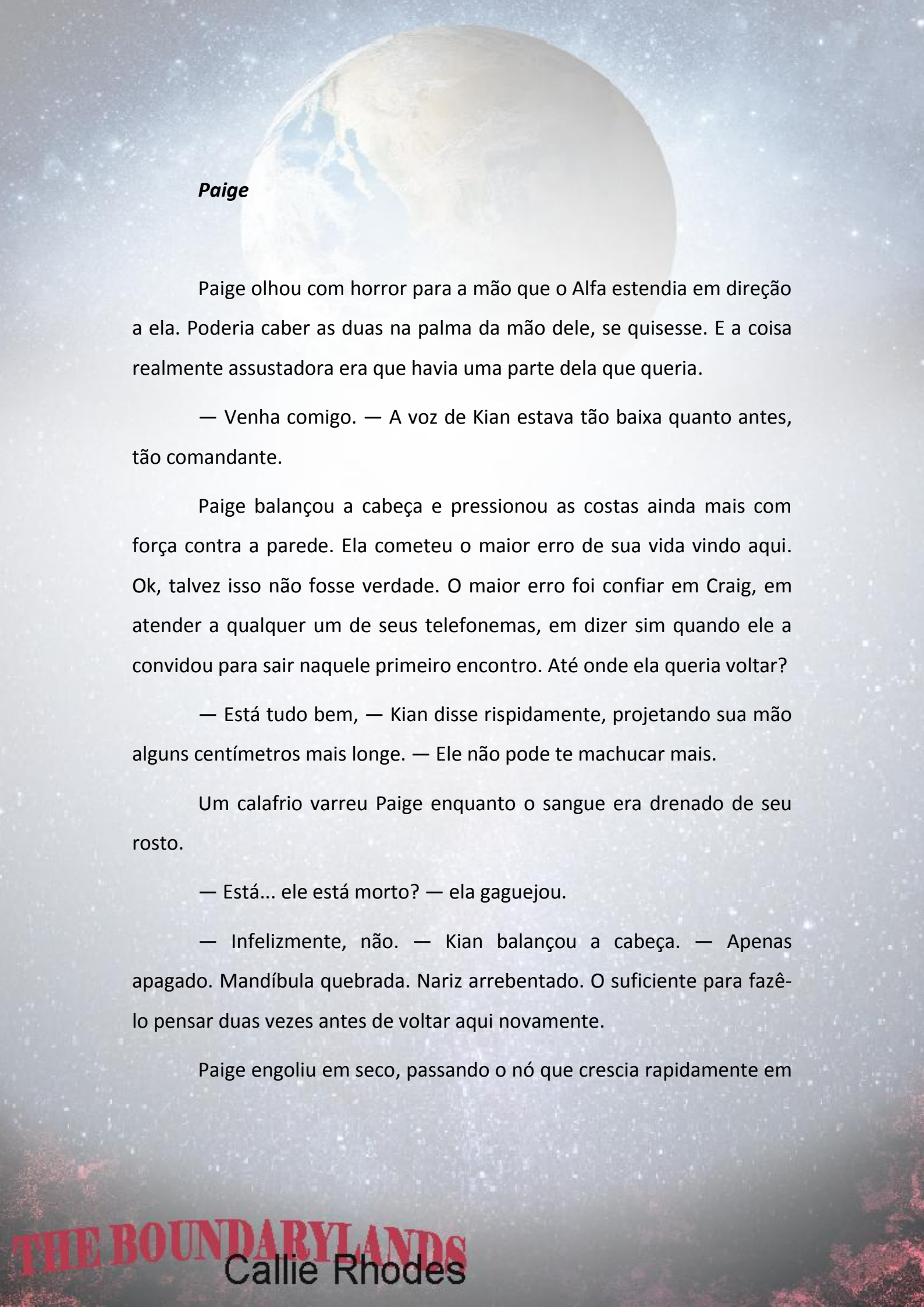
Kian, por outro lado, não sabia o que pensar. Ele não conhecia esta mulher há cinco minutos e já estava disposto a matar por ela. Morrer por ela. Kian se afastou da poça de sangue de seu ex-noivo, e toda a força de seu cheiro caiu sobre ele - doce e delicado e absolutamente irresistível. Isso o enrolou como o canto de uma sereia.

Merda.

Ele veio no Evander's Bar hoje à noite para alguns drinques, não para uma maldita companheira. Ele não tinha pedido nada disso.

Mas Ty estava certo. Seu delicioso aroma não reclamado estava ficando mais forte a cada segundo que passava, crescendo à medida que ela entrava mais plenamente em seu próprio. Era apenas uma questão de tempo antes que se tornasse forte o suficiente para interessar a todos os outros Alfa em um raio de oito quilômetros.

E se ela ainda estivesse no prédio quando isso acontecesse, Ty estaria lidando com muito mais manchas de sangue em seu andar.



Paige

Paige olhou com horror para a mão que o Alfa estendia em direção a ela. Poderia caber as duas na palma da mão dele, se quisesse. E a coisa realmente assustadora era que havia uma parte dela que queria.

— Venha comigo. — A voz de Kian estava tão baixa quanto antes, tão comandante.

Paige balançou a cabeça e pressionou as costas ainda mais com força contra a parede. Ela cometeu o maior erro de sua vida vindo aqui. Ok, talvez isso não fosse verdade. O maior erro foi confiar em Craig, em atender a qualquer um de seus telefonemas, em dizer sim quando ele a convidou para sair naquele primeiro encontro. Até onde ela queria voltar?

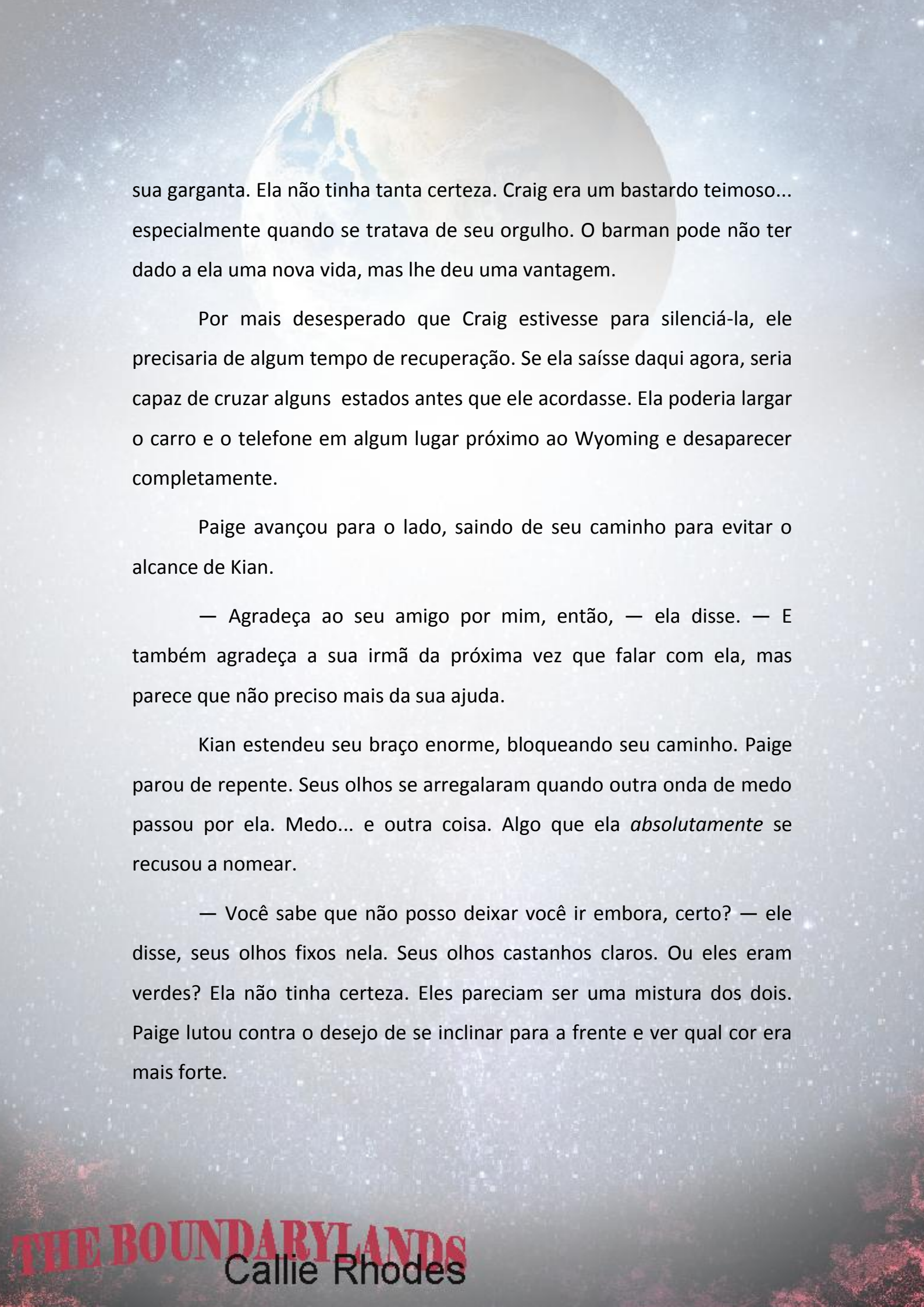
— Está tudo bem, — Kian disse ríspidamente, projetando sua mão alguns centímetros mais longe. — Ele não pode te machucar mais.

Um calafrio varreu Paige enquanto o sangue era drenado de seu rosto.

— Está... ele está morto? — ela gaguejou.

— Infelizmente, não. — Kian balançou a cabeça. — Apenas apagado. Mandíbula quebrada. Nariz arrebatado. O suficiente para fazê-lo pensar duas vezes antes de voltar aqui novamente.

Paige engoliu em seco, passando o nó que crescia rapidamente em



sua garganta. Ela não tinha tanta certeza. Craig era um bastardo teimoso... especialmente quando se tratava de seu orgulho. O barman pode não ter dado a ela uma nova vida, mas lhe deu uma vantagem.

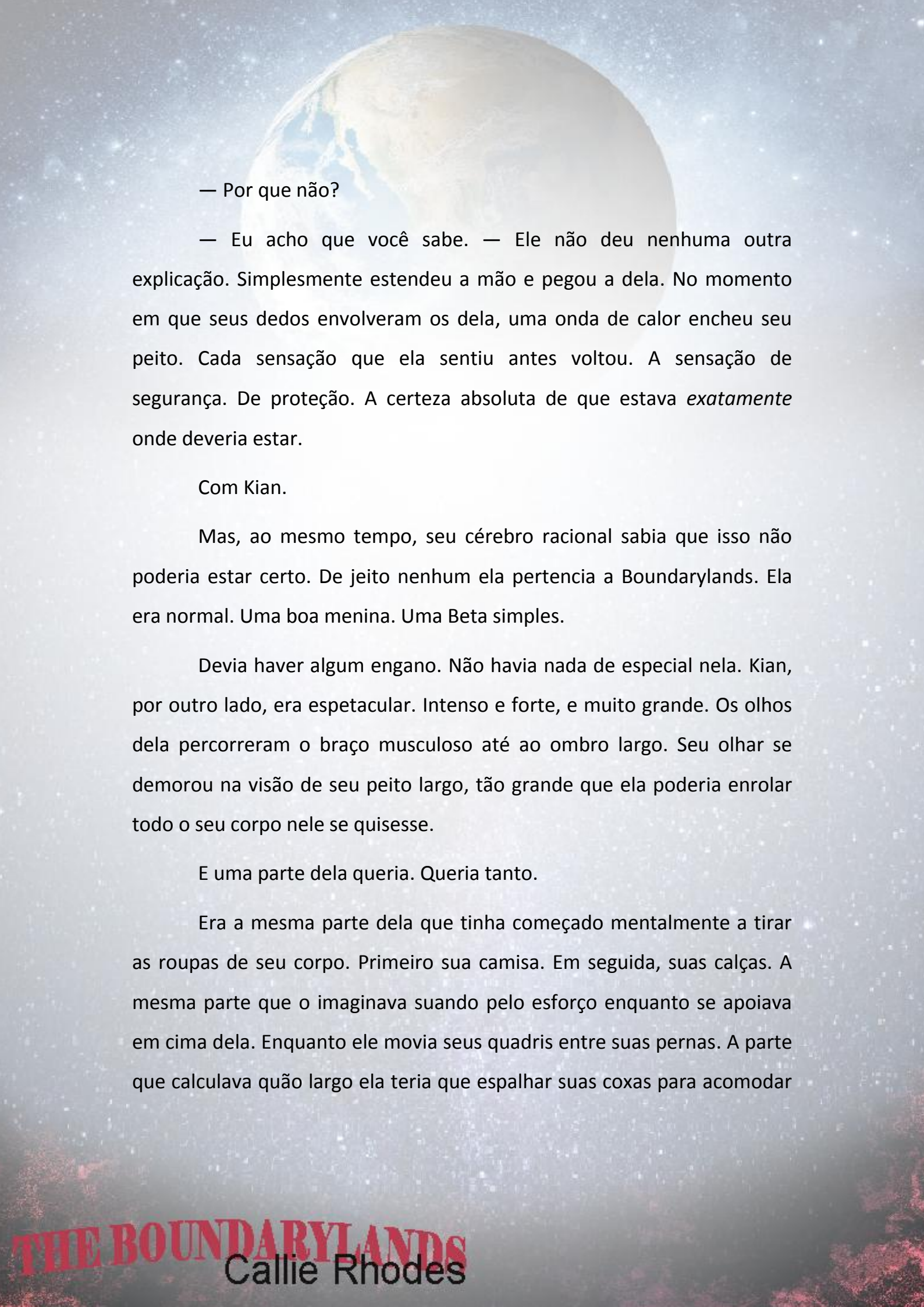
Por mais desesperado que Craig estivesse para silenciá-la, ele precisaria de algum tempo de recuperação. Se ela saísse daqui agora, seria capaz de cruzar alguns estados antes que ele acordasse. Ela poderia largar o carro e o telefone em algum lugar próximo ao Wyoming e desaparecer completamente.

Paige avançou para o lado, saindo de seu caminho para evitar o alcance de Kian.

— Agradeça ao seu amigo por mim, então, — ela disse. — E também agradeça a sua irmã da próxima vez que falar com ela, mas parece que não preciso mais da sua ajuda.

Kian estendeu seu braço enorme, bloqueando seu caminho. Paige parou de repente. Seus olhos se arregalaram quando outra onda de medo passou por ela. Medo... e outra coisa. Algo que ela *absolutamente* se recusou a nomear.

— Você sabe que não posso deixar você ir embora, certo? — ele disse, seus olhos fixos nela. Seus olhos castanhos claros. Ou eles eram verdes? Ela não tinha certeza. Eles pareciam ser uma mistura dos dois. Paige lutou contra o desejo de se inclinar para a frente e ver qual cor era mais forte.



— Por que não?

— Eu acho que você sabe. — Ele não deu nenhuma outra explicação. Simplesmente estendeu a mão e pegou a dela. No momento em que seus dedos envolveram os dela, uma onda de calor encheu seu peito. Cada sensação que ela sentiu antes voltou. A sensação de segurança. De proteção. A certeza absoluta de que estava *exatamente* onde deveria estar.

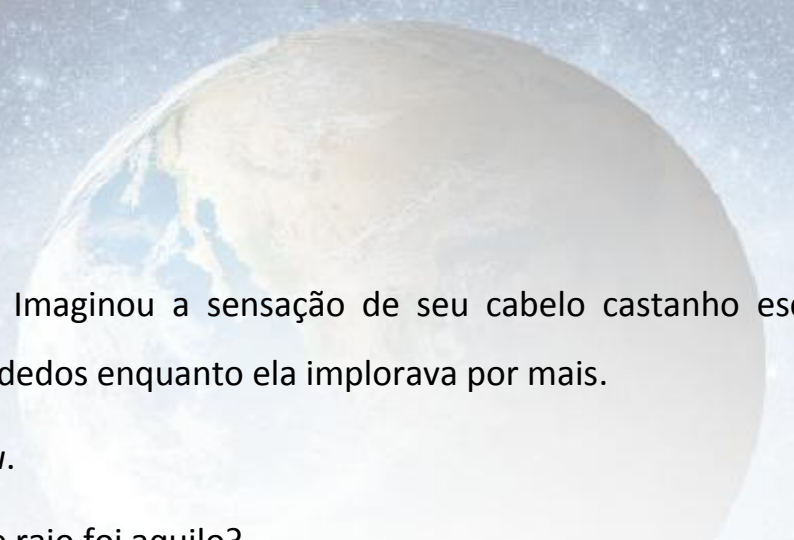
Com Kian.

Mas, ao mesmo tempo, seu cérebro racional sabia que isso não poderia estar certo. De jeito nenhum ela pertencia a Boundarylands. Ela era normal. Uma boa menina. Uma Beta simples.

Devia haver algum engano. Não havia nada de especial nela. Kian, por outro lado, era espetacular. Intenso e forte, e muito grande. Os olhos dela percorreram o braço musculoso até ao ombro largo. Seu olhar se demorou na visão de seu peito largo, tão grande que ela poderia enrolar todo o seu corpo nele se quisesse.

E uma parte dela queria. Queria tanto.

Era a mesma parte dela que tinha começado mentalmente a tirar as roupas de seu corpo. Primeiro sua camisa. Em seguida, suas calças. A mesma parte que o imaginava suando pelo esforço enquanto se apoiava em cima dela. Enquanto ele movia seus quadris entre suas pernas. A parte que calculava quão largo ela teria que espalhar suas coxas para acomodar



seu corpo. Imaginou a sensação de seu cabelo castanho escorregando entre seus dedos enquanto ela implorava por mais.

Uau.

Que raio foi aquilo?

Paige nunca teve uma fantasia tão vívida antes. Nunca. Não sobre Craig. Nem sobre ninguém.

E não estava afetando apenas sua cabeça. O ponto quente que floresceu em seu peito ao sentir a pele dele ficou completamente quente... e mudou para baixo.

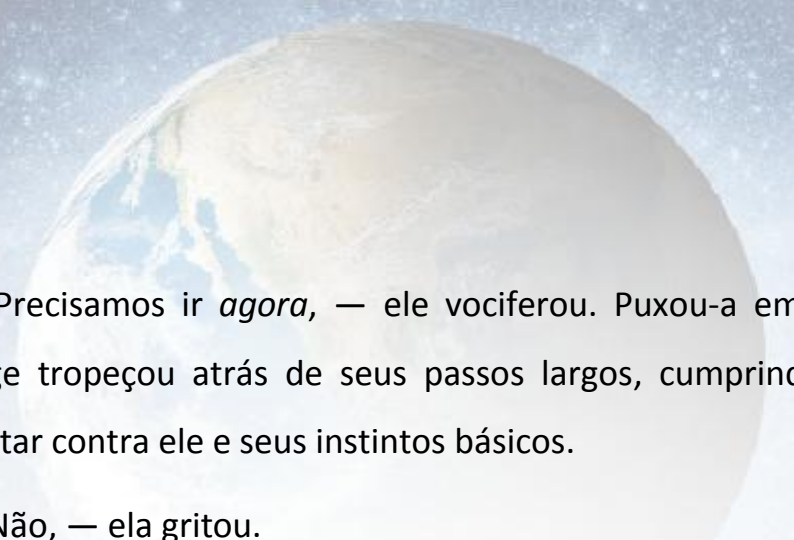
Mortificada, Paige apertou as coxas enquanto um ponto úmido crescia entre suas pernas. E cresceu. E continuou crescendo.

Ela tentou afastar a visão do corpo duro e nu de Kian de sua mente, mas se recusou a ceder. Ela se afastou, mas ele segurou firme em sua mão.

— Me solta, — ela implorou, com medo de se humilhar bem aqui no meio do bar. Olhou para ele, esperando que tivesse misericórdia dela quando visse o desespero em seus olhos.

Ela deveria saber. Sua expressão de pedra endureceu. Suas narinas dilataram-se. Um novo fogo brilhou naqueles olhos castanhos. *Ah não.*

Puxou com todas as suas forças, mas não havia nenhuma maneira no inferno que ela pudesse se livrar de suas garras.



— Precisamos ir *agora*, — ele vociferou. Puxou-a em direção à porta. Paige tropeçou atrás de seus passos largos, cumprindo o duplo dever de lutar contra ele e seus instintos básicos.

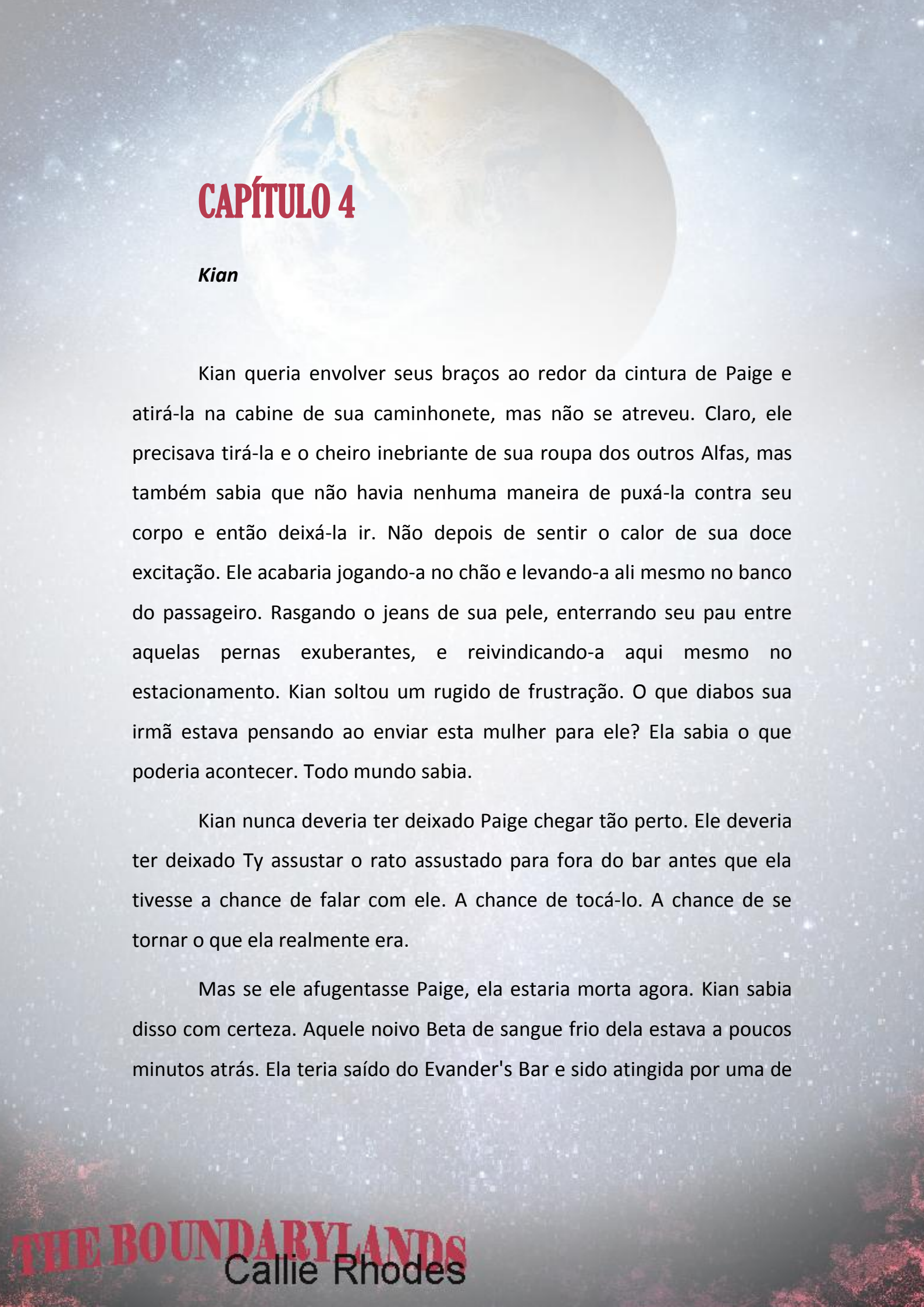
— Não, — ela gritou.

Ou pelo menos, ela queria gritar. Ela pretendia chutar, lutar e brigar, mas por algum motivo, seu corpo não estava obedecendo.

Kian não disse uma palavra. Não ofereceu nenhuma explicação de para onde a estava levando, ou garantias de que ela ficaria bem. Ele apenas a puxou. O olhar de Paige disparou ao redor do bar, procurando por alguém que pudesse ajudá-la, mas tudo o que ela viu foram Alfas olhando para ela. Alguns não estavam apenas olhando. Eles esfregavam a frente de suas calças enquanto Kian a arrastava. *Oh. Meu. Deus.*

Eles estavam... ? Não. Eles não podiam estar. Paige se recusou a pensar sobre isso. — O que diabos está acontecendo? — ela disse em voz alta.

— Você está acontecendo, — Kian resmungou. — Uma maldita Ômega não reclamada em um bar de Alfas. É isso que está acontecendo.



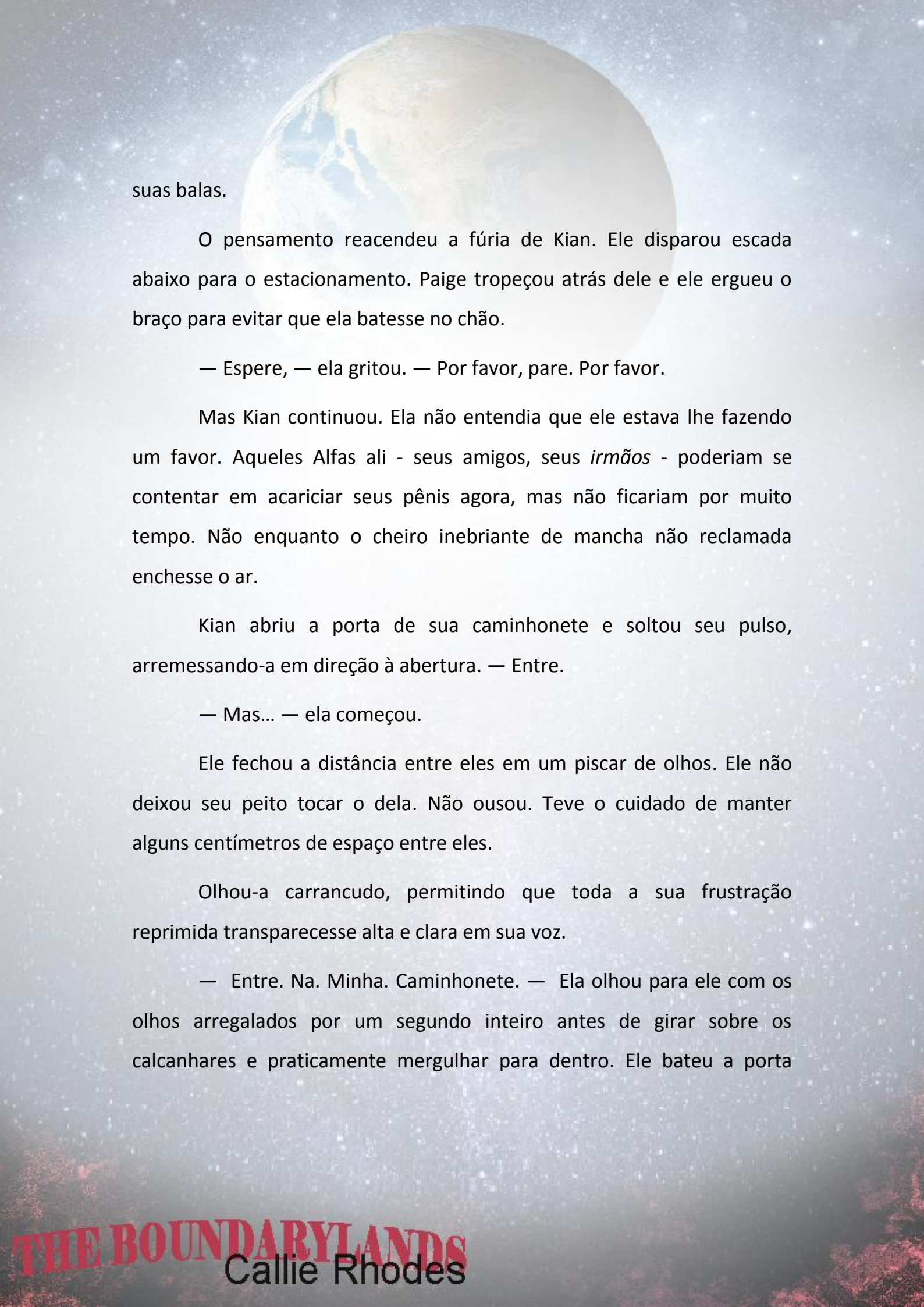
CAPÍTULO 4

Kian

Kian queria envolver seus braços ao redor da cintura de Paige e atirá-la na cabine de sua caminhonete, mas não se atreveu. Claro, ele precisava tirá-la e o cheiro inebriante de sua roupa dos outros Alfas, mas também sabia que não havia nenhuma maneira de puxá-la contra seu corpo e então deixá-la ir. Não depois de sentir o calor de sua doce excitação. Ele acabaria jogando-a no chão e levando-a ali mesmo no banco do passageiro. Rasgando o jeans de sua pele, enterrando seu pau entre aquelas pernas exuberantes, e reivindicando-a aqui mesmo no estacionamento. Kian soltou um rugido de frustração. O que diabos sua irmã estava pensando ao enviar esta mulher para ele? Ela sabia o que poderia acontecer. Todo mundo sabia.

Kian nunca deveria ter deixado Paige chegar tão perto. Ele deveria ter deixado Ty assustar o rato assustado para fora do bar antes que ela tivesse a chance de falar com ele. A chance de tocá-lo. A chance de se tornar o que ela realmente era.

Mas se ele afugentasse Paige, ela estaria morta agora. Kian sabia disso com certeza. Aquele noivo Beta de sangue frio dela estava a poucos minutos atrás. Ela teria saído do Evander's Bar e sido atingida por uma de



suas balas.

O pensamento reacendeu a fúria de Kian. Ele disparou escada abaixo para o estacionamento. Paige tropeçou atrás dele e ele ergueu o braço para evitar que ela batesse no chão.

— Espere, — ela gritou. — Por favor, pare. Por favor.

Mas Kian continuou. Ela não entendia que ele estava lhe fazendo um favor. Aqueles Alfas ali - seus amigos, seus *irmãos* - poderiam se contentar em acariciar seus pênis agora, mas não ficariam por muito tempo. Não enquanto o cheiro inebriante de mancha não reclamada enchesse o ar.

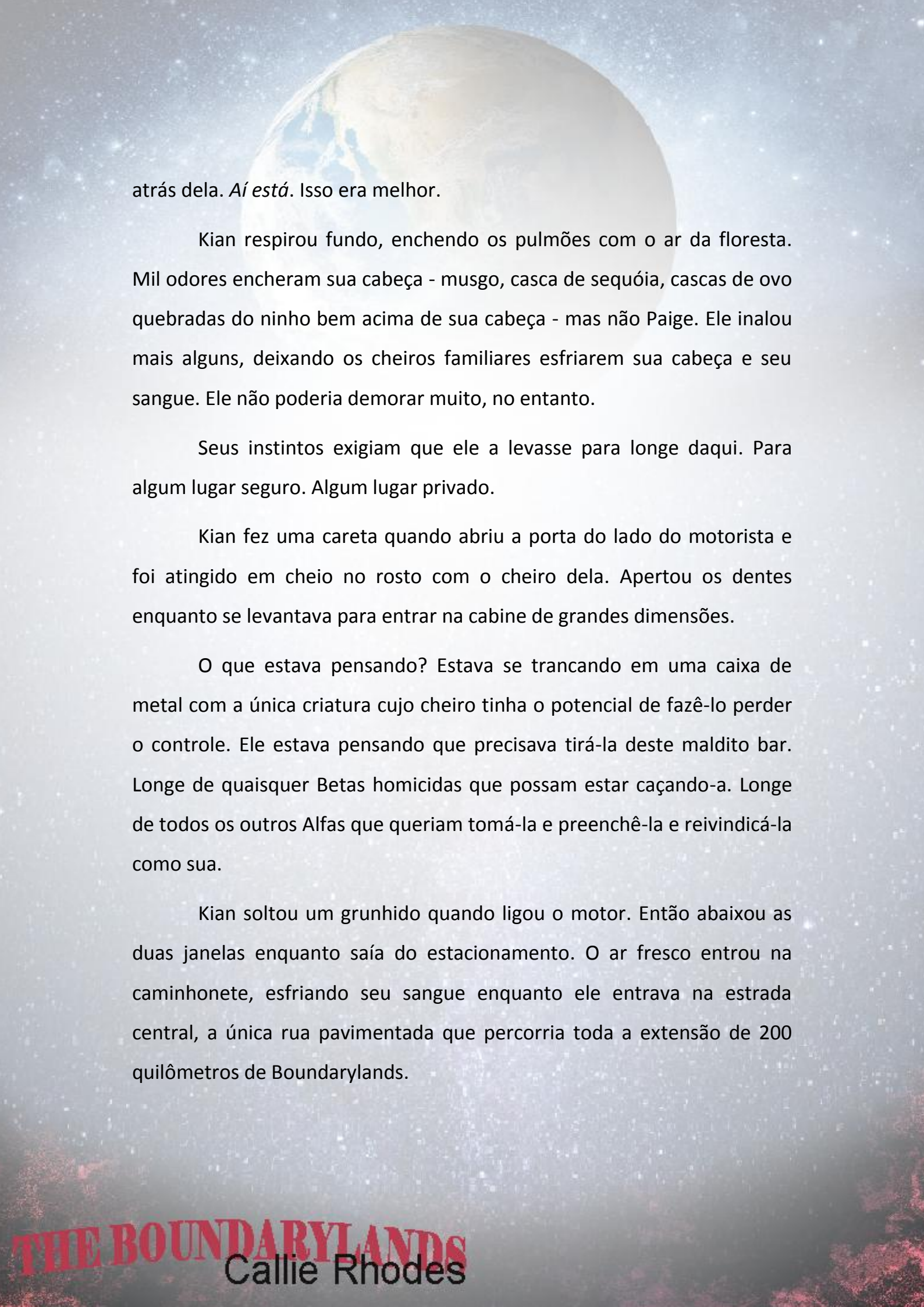
Kian abriu a porta de sua caminhonete e soltou seu pulso, arremessando-a em direção à abertura. — Entre.

— Mas... — ela começou.

Ele fechou a distância entre eles em um piscar de olhos. Ele não deixou seu peito tocar o dela. Não ousou. Teve o cuidado de manter alguns centímetros de espaço entre eles.

Olhou-a carrancudo, permitindo que toda a sua frustração reprimida transparecesse alta e clara em sua voz.

— Entre. Na. Minha. Caminhonete. — Ela olhou para ele com os olhos arregalados por um segundo inteiro antes de girar sobre os calcanhares e praticamente mergulhar para dentro. Ele bateu a porta



atrás dela. *Aí está.* Isso era melhor.

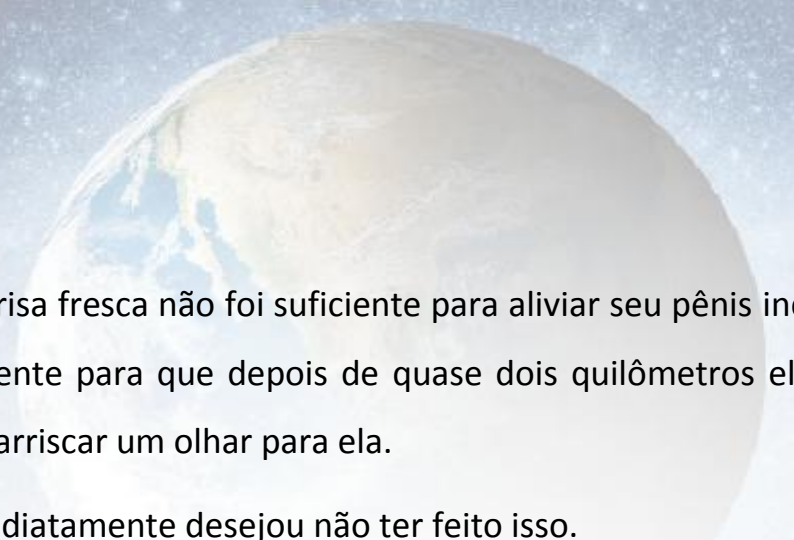
Kian respirou fundo, enchendo os pulmões com o ar da floresta. Mil odores encheram sua cabeça - musgo, casca de sequóia, cascas de ovo quebradas do ninho bem acima de sua cabeça - mas não Paige. Ele inalou mais alguns, deixando os cheiros familiares esfriarem sua cabeça e seu sangue. Ele não poderia demorar muito, no entanto.

Seus instintos exigiam que ele a levasse para longe daqui. Para algum lugar seguro. Algum lugar privado.

Kian fez uma careta quando abriu a porta do lado do motorista e foi atingido em cheio no rosto com o cheiro dela. Apertou os dentes enquanto se levantava para entrar na cabine de grandes dimensões.

O que estava pensando? Estava se trancando em uma caixa de metal com a única criatura cujo cheiro tinha o potencial de fazê-lo perder o controle. Ele estava pensando que precisava tirá-la deste maldito bar. Longe de quaisquer Betas homicidas que possam estar caçando-a. Longe de todos os outros Alfas que queriam tomá-la e preenché-la e reivindicá-la como sua.

Kian soltou um grunhido quando ligou o motor. Então abaixou as duas janelas enquanto saía do estacionamento. O ar fresco entrou na caminhonete, esfriando seu sangue enquanto ele entrava na estrada central, a única rua pavimentada que percorria toda a extensão de 200 quilômetros de Boundarylands.



A brisa fresca não foi suficiente para aliviar seu pênis inchado, mas foi o suficiente para que depois de quase dois quilômetros ele estivesse disposto a arriscar um olhar para ela.

Imediatamente desejou não ter feito isso.

Ela se afastou o mais longe possível dele, com as costas coladas na porta. Inferno, pela expressão de puro terror em seu rosto, ele pensou que ela poderia decidir que era melhor deslizar para fora da janela aberta e bater no pavimento a oitenta quilômetros por hora do que passar outro segundo ao lado dele.

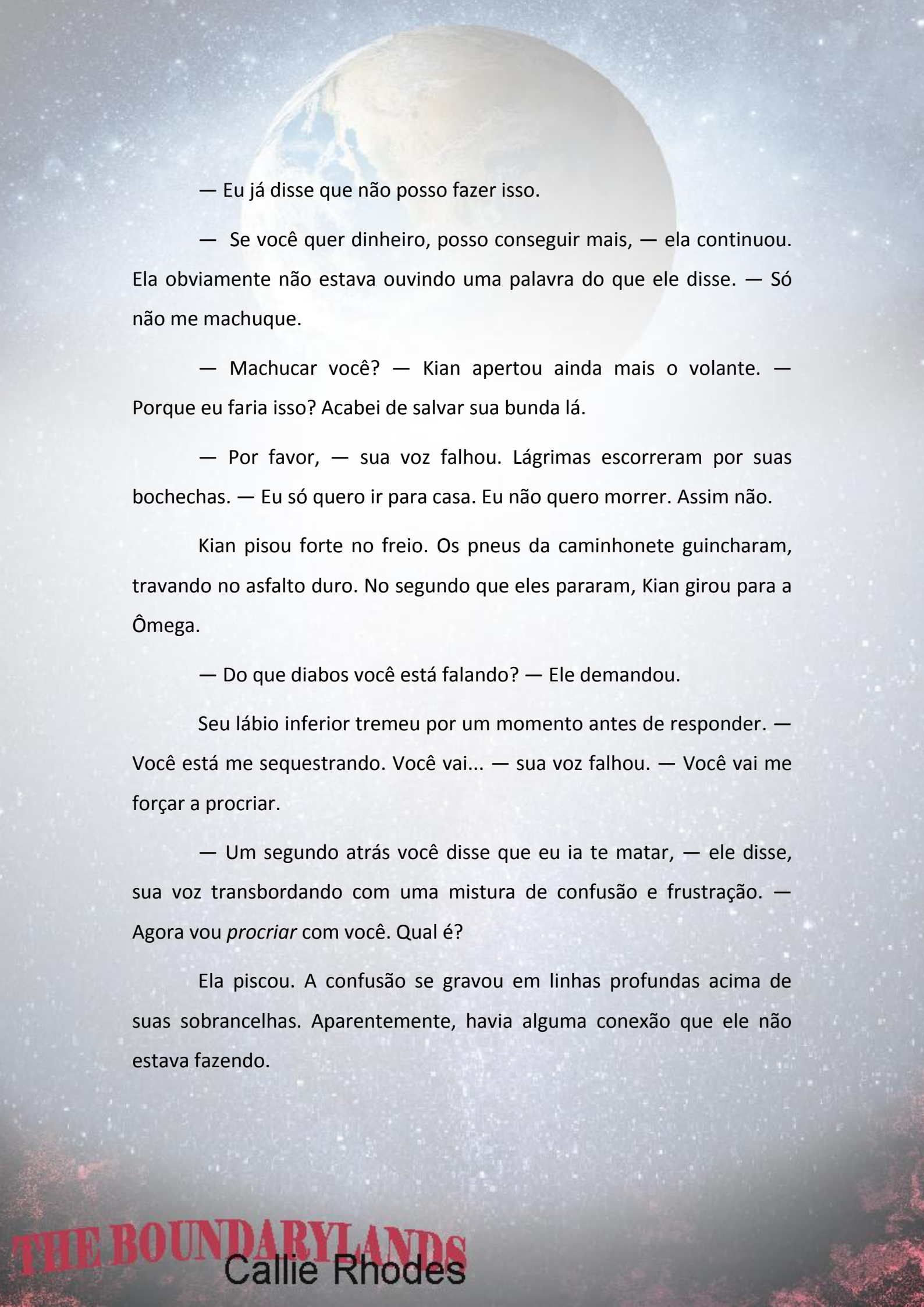
Merda. Se ela se movesse dessa forma, ele teria que estender a mão e agarrá-la novamente. Agarrar... e segurar... e empurrar para baixo... e...

Um resmungo baixo soou no fundo do peito de Kian enquanto seu pênis aumentava de necessidade.

Concentre-se no medo dela, disse a si mesmo. *Concentre-se na parte em que você não quer se enfiar.*

— Acalme-se, — disse ele, soando áspero até mesmo para seus próprios ouvidos. Inclinou a cabeça em direção à janela aberta, respirou fundo o ar fresco da noite ainda misturado com cheiro de sal do oceano a alguns quilômetros de distância. — Eu não te machucarei.

Ela balançou a cabeça, rejeitando suas palavras. — Por favor. Você tem que me deixar ir.



— Eu já disse que não posso fazer isso.

— Se você quer dinheiro, posso conseguir mais, — ela continuou. Ela obviamente não estava ouvindo uma palavra do que ele disse. — Só não me machuque.

— Machucar você? — Kian apertou ainda mais o volante. — Porque eu faria isso? Acabei de salvar sua bunda lá.

— Por favor, — sua voz falhou. Lágrimas escorreram por suas bochechas. — Eu só quero ir para casa. Eu não quero morrer. Assim não.

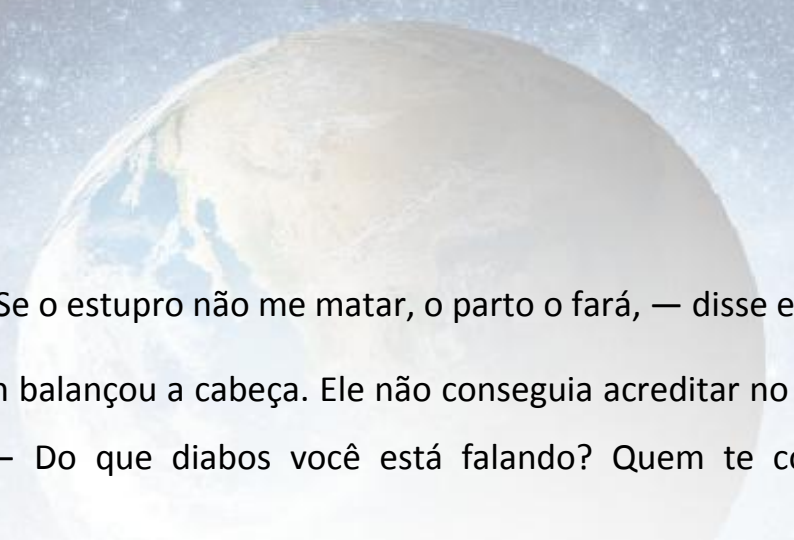
Kian pisou forte no freio. Os pneus da caminhonete guincharam, travando no asfalto duro. No segundo que eles pararam, Kian girou para a Ômega.

— Do que diabos você está falando? — Ele demandou.

Seu lábio inferior tremeu por um momento antes de responder. — Você está me sequestrando. Você vai... — sua voz falhou. — Você vai me forçar a procriar.

— Um segundo atrás você disse que eu ia te matar, — ele disse, sua voz transbordando com uma mistura de confusão e frustração. — Agora vou *procriar* com você. Qual é?

Ela piscou. A confusão se gravou em linhas profundas acima de suas sobrancelhas. Aparentemente, havia alguma conexão que ele não estava fazendo.



— Se o estupro não me matar, o parto o fará, — disse ela.

Kian balançou a cabeça. Ele não conseguia acreditar no que estava ouvindo. — Do que diabos você está falando? Quem te contou essa merda?

— Todo mundo sabe que os Alfas são bestas selvagens que vivem para a violência e a autossatisfação. Eu sei o que sua espécie faz com Ômegas. O que você as força a fazer. Aprendemos tudo sobre isso na escola.

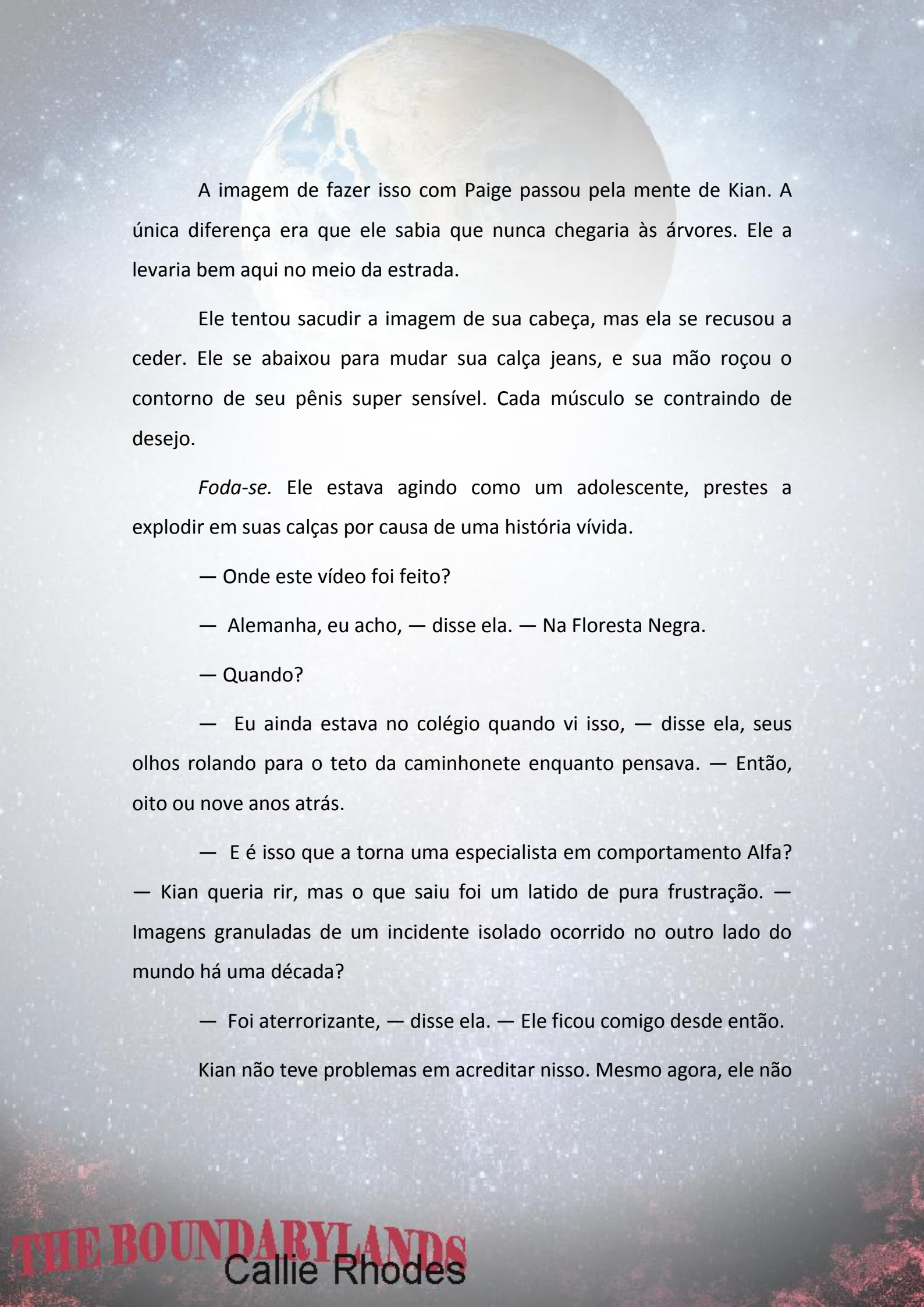
Betas do caralho. Ele deveria saber.

— É besteira, — ele murmurou em desgosto. — Mentiras para mantê-las sob controle.

— Não é uma mentira, — ela disse defensivamente. — Eu vi a prova com meus próprios olhos.

— Oh sério? — Kian inclinou a cabeça para o lado. Era dolorosamente óbvio que esta mulher nunca tinha visto um Alfa em carne e osso até esta noite. — Um Alfa desonesto desceu até Sacramento e começou a trepar com mulheres nas calçadas?

— Não. Eu vi um vídeo no noticiário, — ela cuspiu de volta. — Houve uma filmagem de uma câmera de segurança de uma mulher entrando em contato com um Alfa em uma reserva. Ele arrancou todas as roupas dela, jogou-a por cima do ombro e desapareceu na floresta.



A imagem de fazer isso com Paige passou pela mente de Kian. A única diferença era que ele sabia que nunca chegaria às árvores. Ele a levaria bem aqui no meio da estrada.

Ele tentou sacudir a imagem de sua cabeça, mas ela se recusou a ceder. Ele se abaixou para mudar sua calça jeans, e sua mão roçou o contorno de seu pênis super sensível. Cada músculo se contraindo de desejo.

Foda-se. Ele estava agindo como um adolescente, prestes a explodir em suas calças por causa de uma história vívida.

— Onde este vídeo foi feito?

— Alemanha, eu acho, — disse ela. — Na Floresta Negra.

— Quando?

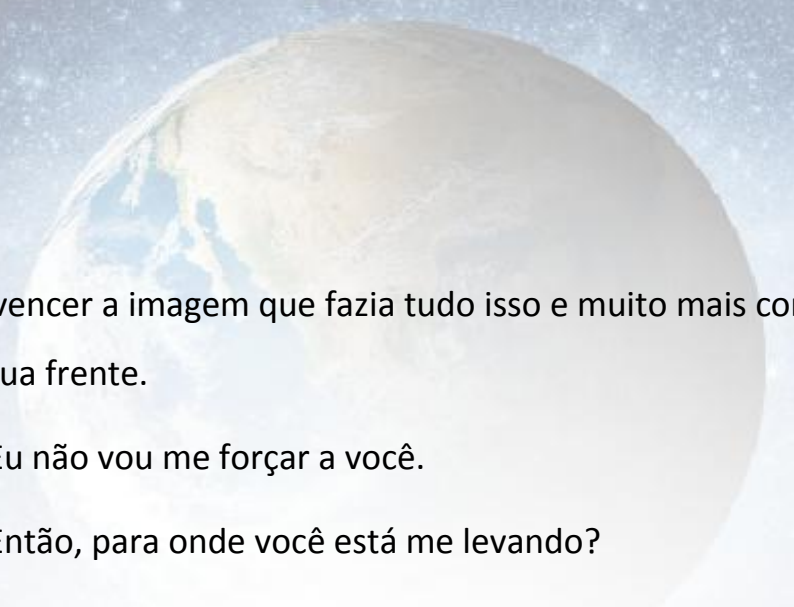
— Eu ainda estava no colégio quando vi isso, — disse ela, seus olhos rolando para o teto da caminhonete enquanto pensava. — Então, oito ou nove anos atrás.

— E é isso que a torna uma especialista em comportamento Alfa?

— Kian queria rir, mas o que saiu foi um latido de pura frustração. — Imagens granuladas de um incidente isolado ocorrido no outro lado do mundo há uma década?

— Foi aterrorizante, — disse ela. — Ele ficou comigo desde então.

Kian não teve problemas em acreditar nisso. Mesmo agora, ele não



conseguia vencer a imagem que fazia tudo isso e muito mais com a Ômega trêmula à sua frente.

— Eu não vou me forçar a você.

— Então, para onde você está me levando?

— Para longe da dúzia de Alfas que você estava enlouquecendo com o cheiro de sua luxúria.

Todo o rosto de Paige se iluminou de vergonha. — Isso não é luxúria.

Ela se inclinou ainda mais para trás até que quase bloqueou a janela aberta. O vento soprando forte passou por ela, pegando sua essência e trazendo-a direto para ele.

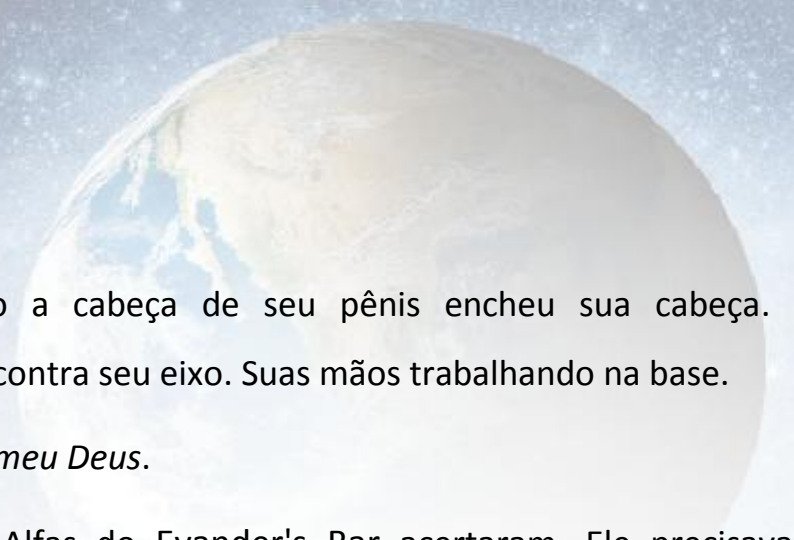
— O inferno que não é. — Ela não percebeu que o cheiro de sua mancha era tão forte que praticamente cobria sua língua toda vez que ele abria a boca para falar?

— Então você não vai me forçar, mas seus amigos vão? — Kian soltou um grunhido.

— Pare de falar sobre foder, — ele exigiu. — Você não consegue ver o que está fazendo comigo?

Os olhos de Paige se arregalaram. Sua boca se abriu quando ela olhou para o colo dele.

Era demais para Kian aguentar. A visão daqueles lábios rosados



envolvendo a cabeça de seu pênis encheu sua cabeça. Sua língua lambendo contra seu eixo. Suas mãos trabalhando na base.

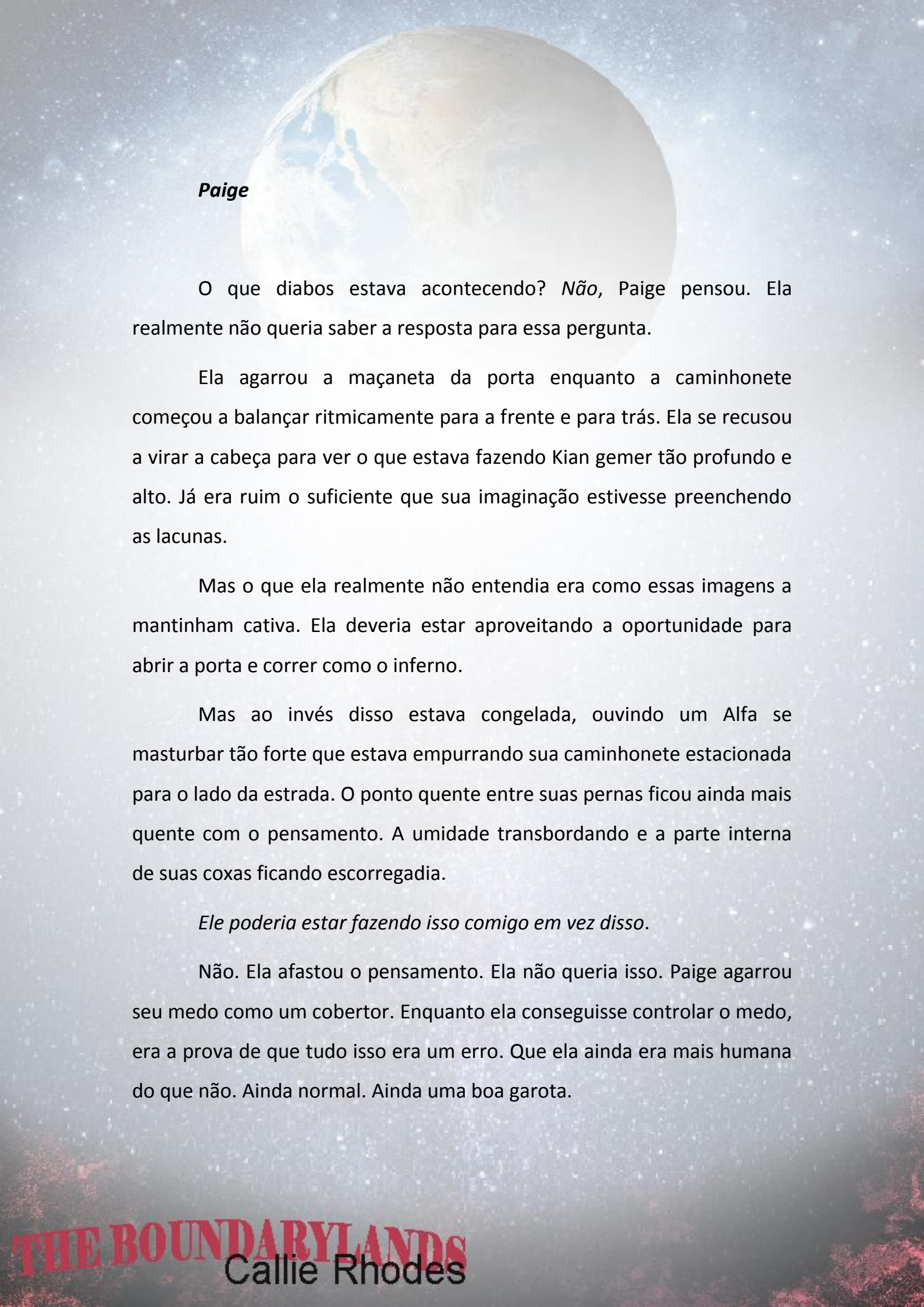
Ai, meu Deus.

Os Alfas do Evander's Bar acertaram. Ele precisava cuidar da pressão insuportável que crescia dentro dele antes de fazer algo de que se arrependeria.

Kian abriu a porta e saltou para o lado da estrada. Ele deu três passos para trás antes que tivesse que parar, encostar-se na parede da caçamba da caminhonete e libertar seu pênis. Ele deixou sua cabeça cair para trás enquanto espalmava seu eixo. Ele se concentrou nas estrelas brilhando através das fendas no dossel da floresta enquanto ele se acariciava febrilmente.

Mesmo quando as primeiras batidas de prazer começaram a crescer dentro dele, Kian sabia que não seria o suficiente. Não agora que ele sentiu o toque de uma Ômega. Não agora que seus sentidos foram preenchidos com o cheiro.

Ele bombeou seu pênis mais rápido, empurrando suas costas contra a lateral de sua caminhonete com tanta força que os pneus travados derraparam no asfalto. Nunca seria o suficiente. Não até que ele a enchesse. Fazendo se contorcer de prazer. A fazendo implorar por mais. Não até que ele a sentisse convulsionar de pura satisfação em torno de seu pau.



Paige

O que diabos estava acontecendo? *Não*, Paige pensou. Ela realmente não queria saber a resposta para essa pergunta.

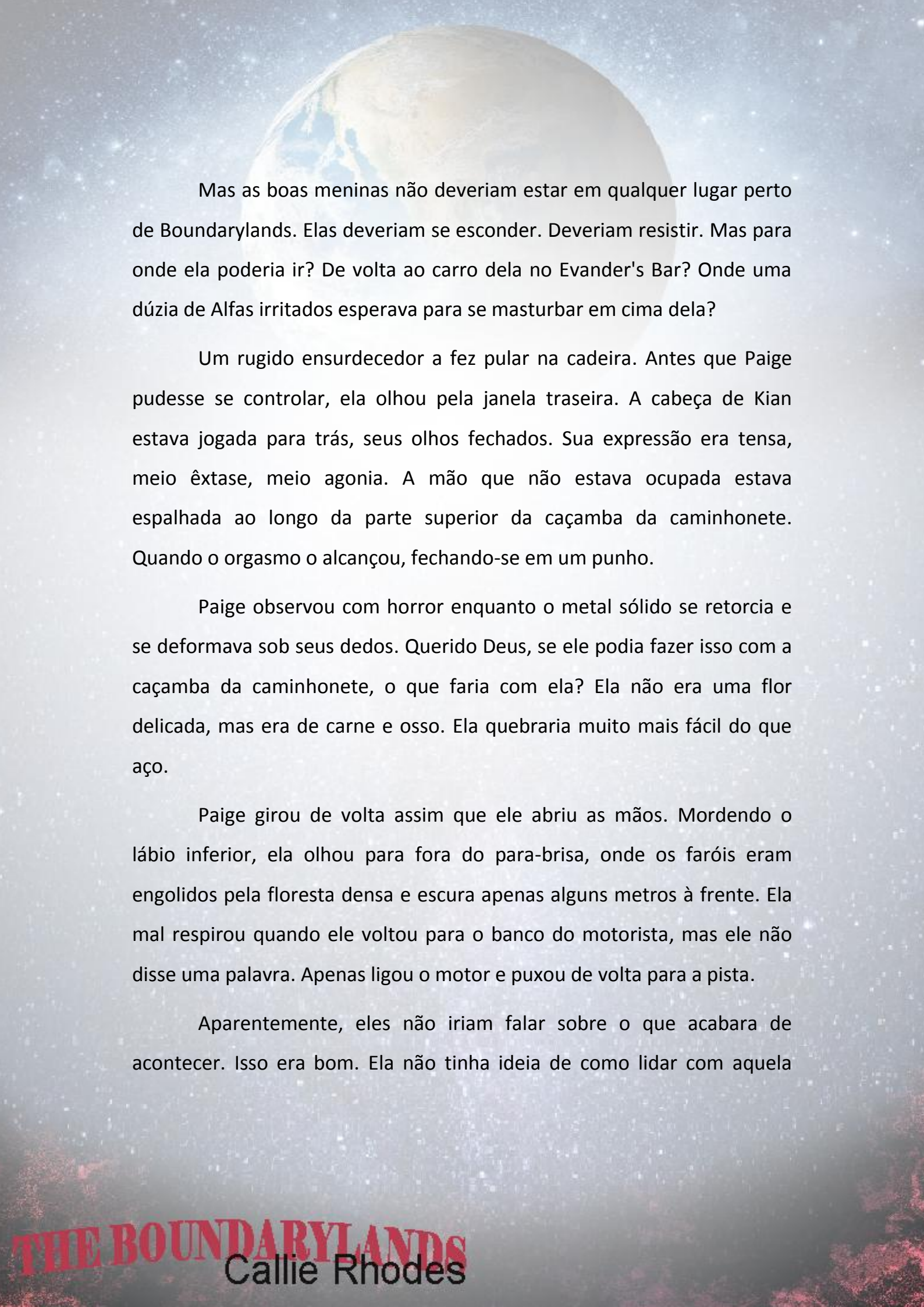
Ela agarrou a maçaneta da porta enquanto a caminhonete começou a balançar ritmicamente para a frente e para trás. Ela se recusou a virar a cabeça para ver o que estava fazendo Kian gemer tão profundo e alto. Já era ruim o suficiente que sua imaginação estivesse preenchendo as lacunas.

Mas o que ela realmente não entendia era como essas imagens a mantinham cativa. Ela deveria estar aproveitando a oportunidade para abrir a porta e correr como o inferno.

Mas ao invés disso estava congelada, ouvindo um Alfa se masturbar tão forte que estava empurrando sua caminhonete estacionada para o lado da estrada. O ponto quente entre suas pernas ficou ainda mais quente com o pensamento. A umidade transbordando e a parte interna de suas coxas ficando escorregadia.

Ele poderia estar fazendo isso comigo em vez disso.

Não. Ela afastou o pensamento. Ela não queria isso. Paige agarrou seu medo como um cobertor. Enquanto ela conseguisse controlar o medo, era a prova de que tudo isso era um erro. Que ela ainda era mais humana do que não. Ainda normal. Ainda uma boa garota.



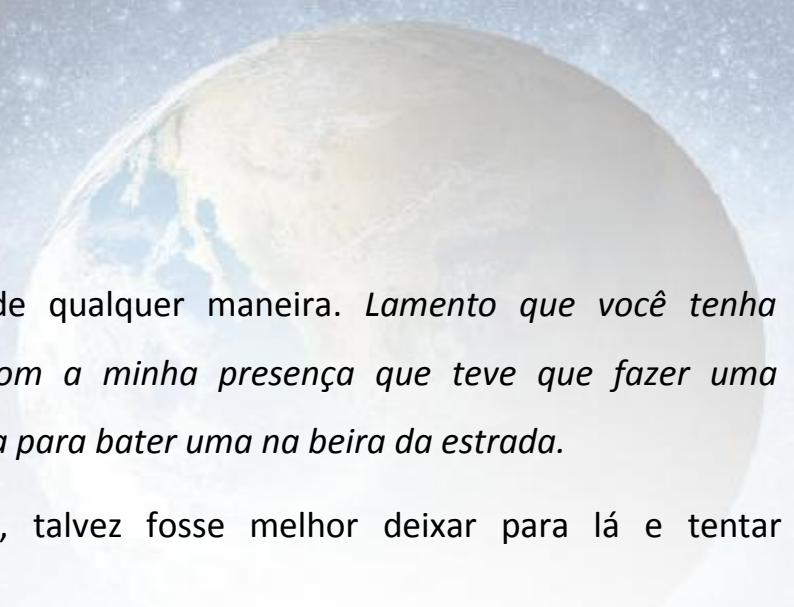
Mas as boas meninas não deveriam estar em qualquer lugar perto de Boundarylands. Elas deveriam se esconder. Deveriam resistir. Mas para onde ela poderia ir? De volta ao carro dela no Evander's Bar? Onde uma dúzia de Alfas irritados esperava para se masturbar em cima dela?

Um rugido ensurdecedor a fez pular na cadeira. Antes que Paige pudesse se controlar, ela olhou pela janela traseira. A cabeça de Kian estava jogada para trás, seus olhos fechados. Sua expressão era tensa, meio êxtase, meio agonia. A mão que não estava ocupada estava espalhada ao longo da parte superior da caçamba da caminhonete. Quando o orgasmo o alcançou, fechando-se em um punho.

Paige observou com horror enquanto o metal sólido se retorcia e se deformava sob seus dedos. Querido Deus, se ele podia fazer isso com a caçamba da caminhonete, o que faria com ela? Ela não era uma flor delicada, mas era de carne e osso. Ela quebraria muito mais fácil do que aço.

Paige girou de volta assim que ele abriu as mãos. Mordendo o lábio inferior, ela olhou para fora do para-brisa, onde os faróis eram engolidos pela floresta densa e escura apenas alguns metros à frente. Ela mal respirou quando ele voltou para o banco do motorista, mas ele não disse uma palavra. Apenas ligou o motor e puxou de volta para a pista.

Aparentemente, eles não iriam falar sobre o que acabara de acontecer. Isso era bom. Ela não tinha ideia de como lidar com aquela



conversa de qualquer maneira. *Lamento que você tenha ficado tão excitado com a minha presença que teve que fazer uma parada de emergência para bater uma na beira da estrada.*

Sim, talvez fosse melhor deixar para lá e tentar algo mais mundano.

— Para onde você está me levando? — ela perguntou.

Um longo momento de silêncio se passou. Tanto tempo que Paige pensou que ele não iria responder.

— Casa, — ele finalmente disse.

Paige agarrou-se com mais força a esse cobertor de medo.

Não é *sua* casa.

Apenas *casa*.



CAPÍTULO 5

Paige

Aqui não ficaria longe dele. A compreensão atingiu Paige cerca de oito quilômetros abaixo na estrada sinuosa da montanha.

Não era apenas porque seu corpo havia se tornado um traidor em algum lugar ao longo do caminho - que suas pernas se recusavam a correr, que seus braços se recusavam a lutar. Também havia apenas seu puro tamanho.

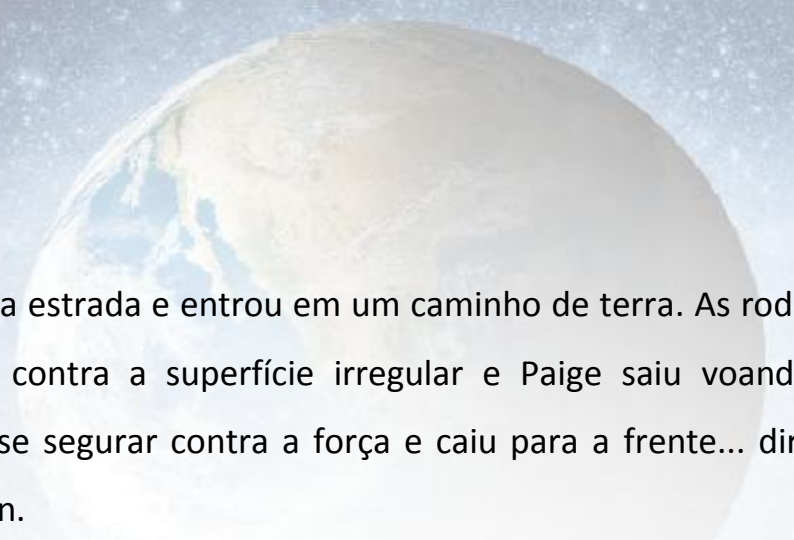
Kian era enorme. A largura de seus ombros ocupava tanto espaço que Paige teve que fazer o menor possível apenas para não roçar nele.

E ela com certeza não queria fazer isso de novo. Não depois do que acabara de acontecer.

Não eram apenas seus ombros. Tudo nele era enorme. Suas mãos enormes praticamente engoliam o volante. A largura de suas coxas empurrando para o lado dela da cabine.

Paige teve que se torcer em um pretzel desconfortável, com um braço apoiado no para-brisa e o outro na parte de trás da cabine apenas para se manter firme. Era estranho como o inferno, mas funcionou.

Pelo menos isso aconteceu... até que Kian fez uma curva repentina



para fora da estrada e entrou em um caminho de terra. As rodas bateram com força contra a superfície irregular e Paige saiu voando. Ela não conseguiu se segurar contra a força e caiu para a frente... direto para o lado de Kian.

Todo o calor voltou em um instante - uma mistura de pertencimento e necessidade. Paige se empurrou para cima e para longe antes que a sensação pudesse engoli-la completamente.

— Sinto muito, — ela murmurou, se acomodando em seu canto.

Ela observou o corpo de Kian ficar tenso, seus dedos cavando mais fundo no volante envolto em couro. Um estrondo baixo soou de sua garganta. Ela não tinha ideia se era um grunhido de aborrecimento ou desejo. Tudo o que ela sabia era que não poderia aguentar a tensão por muito mais tempo.

— Quanto mais longe? — ela perguntou.

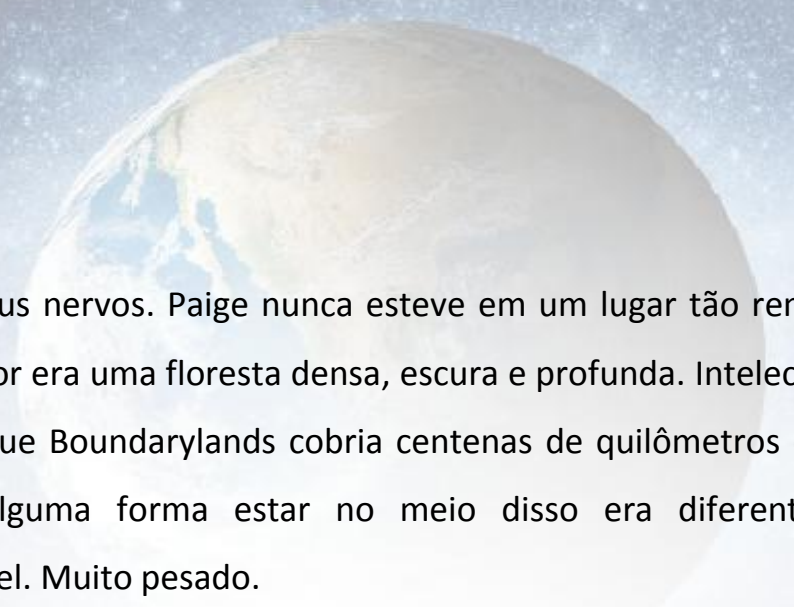
Ele não olhou para ela. Seus olhos permaneceram fixos na estrada fora do para-brisa, seus lábios pressionados juntos.

— Cinco minutos? Uma hora? — ela tentou.

A linha de sua mandíbula se apertou. — Mais alguns quilômetros.

Paige engoliu em seco. Ela não se atreveu a pressioná-lo para obter mais informações.

Virou a cabeça e olhou pelo para-brisa. A vista não fazia nada para



acalmar seus nervos. Paige nunca esteve em um lugar tão remoto. Tudo ao seu redor era uma floresta densa, escura e profunda. Intelectualmente, ela sabia que Boundarylands cobria centenas de quilômetros quadrados, mas de alguma forma estar no meio disso era diferente. Parecia interminável. Muito pesado.

Seus dedos começaram a bater nervosamente na vidraça. — Impaciente? — Kian perguntou, olhando para a mão dela com o canto do olho.

— Aterrorizada, — ela disse honestamente. Afinal, não adiantava mentir. Kian já havia deixado claro que ele poderia farejar suas verdadeiras emoções. Suas sobrancelhas arquearam.

— Você está com medo da floresta?

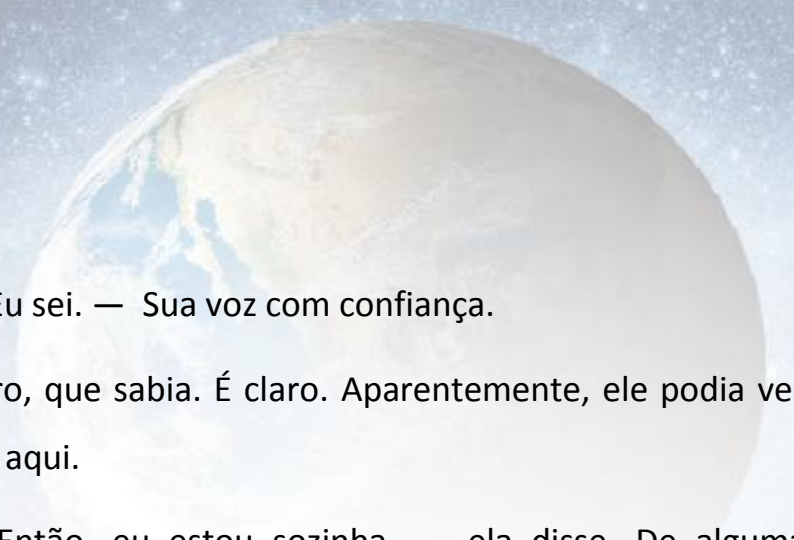
Ela estava com medo de *tudo* agora. Ela tinha estado em um estado constante de medo desde o meio-dia desta tarde, e cada hora que passava trazia novos horrores. Mas agora era mais fácil se concentrar na floresta.

— Claro— ela disse. — É tão escuro. Você não pode ver além das árvores. Qualquer coisa poderia estar lá fora. Apenas esperando.

Um sorriso cintilante no rosto de Kian.

— Não há nada lá fora.

— Mas você não pode saber...



— Eu sei. — Sua voz com confiança.

Claro, que sabia. É claro. Aparentemente, ele podia ver, cheirar e sentir tudo aqui.

— Então, eu estou sozinha, — ela disse. De alguma forma, o pensamento era ainda menos reconfortante.

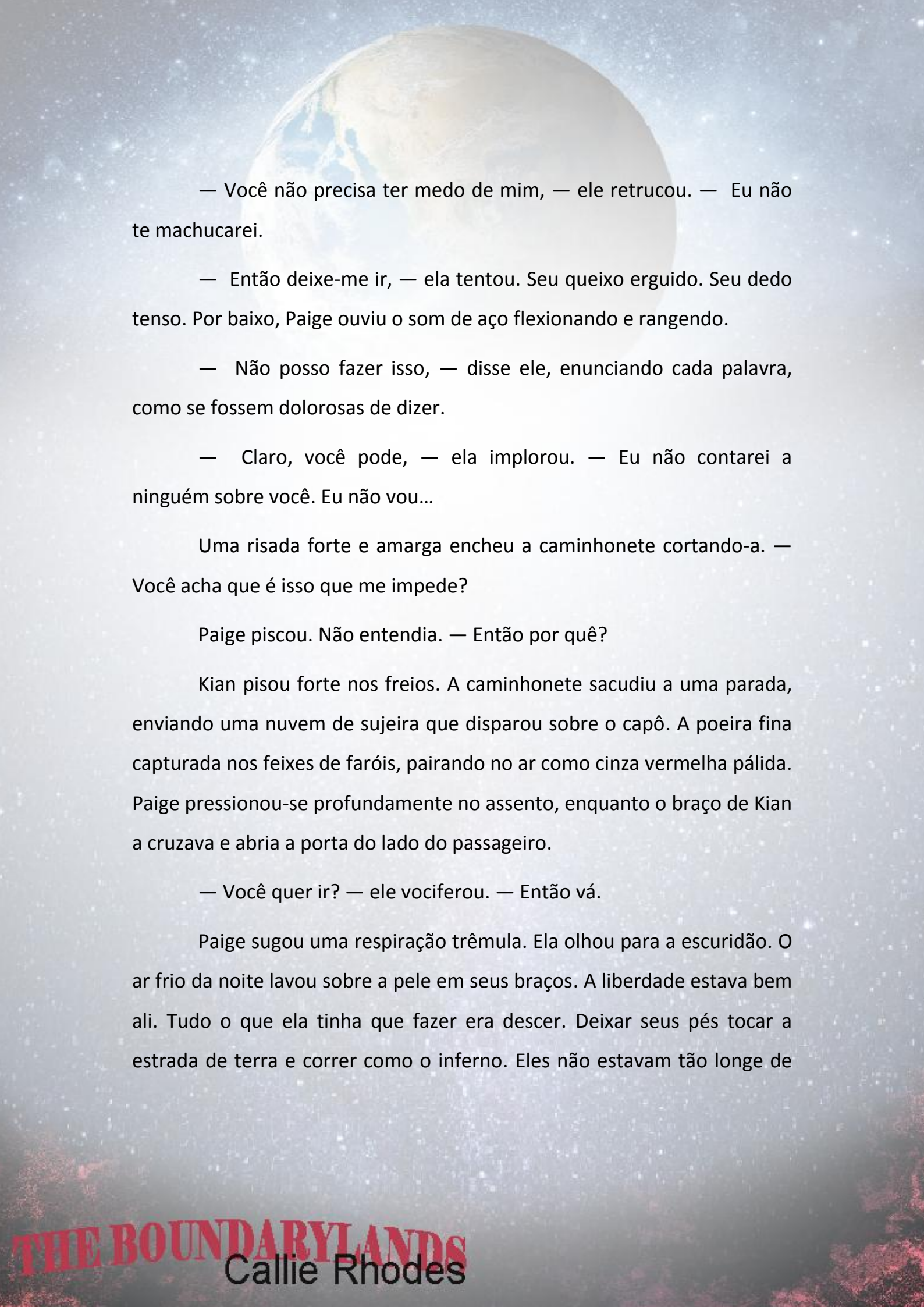
— Você não está sozinha. — Ele deu-lhe um olhar de lado, um que enviou uma onda de formigamentos elétricos para baixo do comprimento de sua espinha — Você está comigo.

Consciência em brasa inundava seu corpo. Ela não sabia como reagir à sensação. Uma parte dela queria se aproximar. Envolver os braços ao redor dele. Mergulhar no calor e no conforto que ele prometeu.

Mas outra parte lutava muito. Exigindo que ela fugisse o mais longe possível, não importava o custo. Abrir a porta, jogar-se para o chão da floresta, e desaparecer dentro da cobertura das árvores.

Mas não fez nenhuma dessas coisas. Apanhada numa luta feroz entre os lados primários e socialmente condicionados da sua mente, ela só podia sentar-se congelada de medo.

Os músculos na mandíbula de Kian flexionaram. Outro estrondo soou em seu peito. Desta vez, ela poderia dizer. Era definitivamente aborrecimento.



— Você não precisa ter medo de mim, — ele retrucou. — Eu não te machucarei.

— Então deixe-me ir, — ela tentou. Seu queixo erguido. Seu dedo tenso. Por baixo, Paige ouviu o som de aço flexionando e rangendo.

— Não posso fazer isso, — disse ele, enunciando cada palavra, como se fossem dolorosas de dizer.

— Claro, você pode, — ela implorou. — Eu não contarei a ninguém sobre você. Eu não vou...

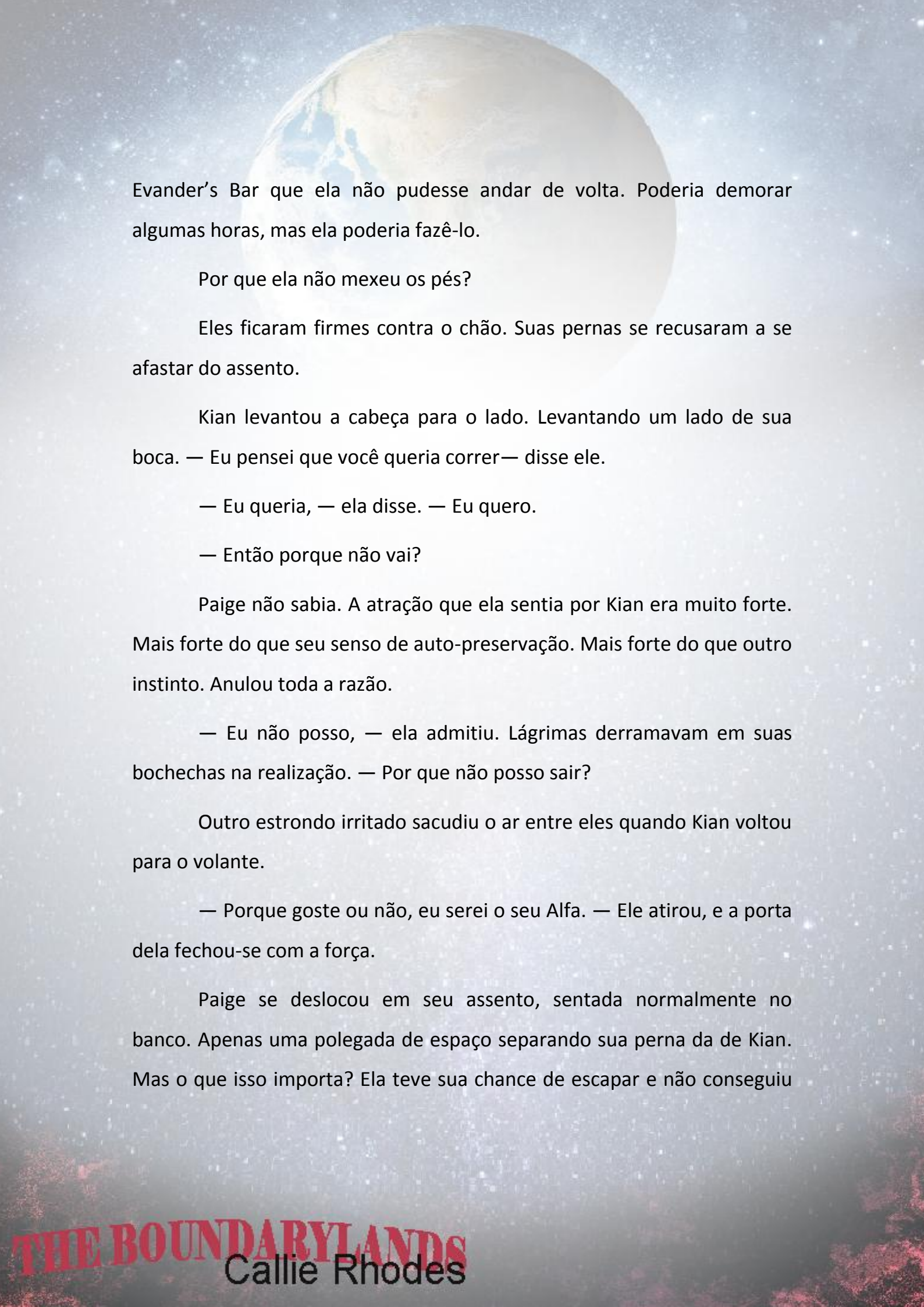
Uma risada forte e amarga encheu a caminhonete cortando-a. — Você acha que é isso que me impede?

Paige piscou. Não entendia. — Então por quê?

Kian pisou forte nos freios. A caminhonete sacudiu a uma parada, enviando uma nuvem de sujeira que disparou sobre o capô. A poeira fina capturada nos feixes de faróis, pairando no ar como cinza vermelha pálida. Paige pressionou-se profundamente no assento, enquanto o braço de Kian a cruzava e abria a porta do lado do passageiro.

— Você quer ir? — ele vociferou. — Então vá.

Paige sugou uma respiração trêmula. Ela olhou para a escuridão. O ar frio da noite lavou sobre a pele em seus braços. A liberdade estava bem ali. Tudo o que ela tinha que fazer era descer. Deixar seus pés tocar a estrada de terra e correr como o inferno. Eles não estavam tão longe de



Evander's Bar que ela não pudesse andar de volta. Poderia demorar algumas horas, mas ela poderia fazê-lo.

Por que ela não mexeu os pés?

Eles ficaram firmes contra o chão. Suas pernas se recusaram a se afastar do assento.

Kian levantou a cabeça para o lado. Levantando um lado de sua boca. — Eu pensei que você queria correr— disse ele.

— Eu queria, — ela disse. — Eu quero.

— Então porque não vai?

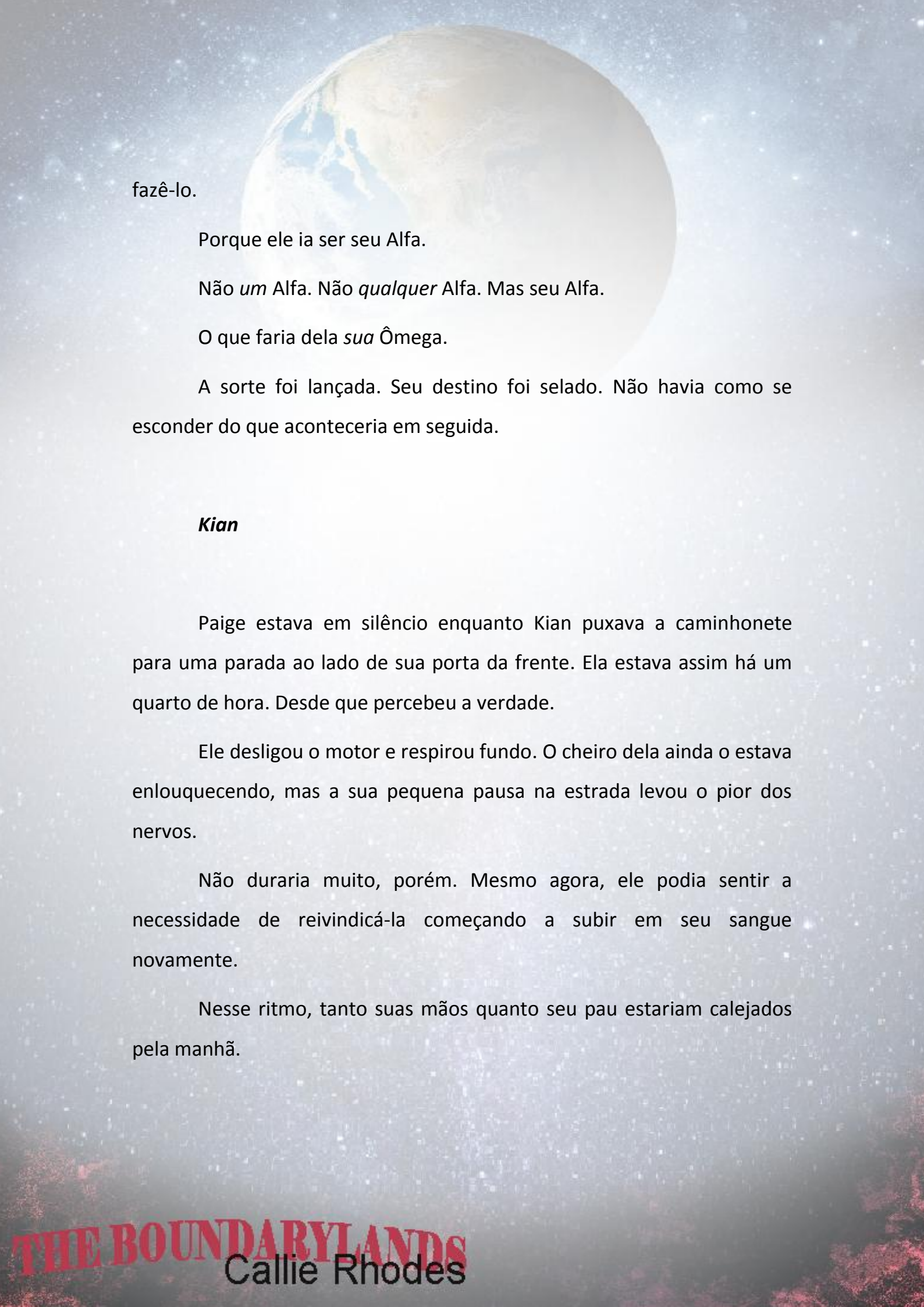
Paige não sabia. A atração que ela sentia por Kian era muito forte. Mais forte do que seu senso de auto-preservação. Mais forte do que outro instinto. Anulou toda a razão.

— Eu não posso, — ela admitiu. Lágrimas derramavam em suas bochechas na realização. — Por que não posso sair?

Outro estrondo irritado sacudiu o ar entre eles quando Kian voltou para o volante.

— Porque goste ou não, eu serei o seu Alfa. — Ele atirou, e a porta dela fechou-se com a força.

Paige se deslocou em seu assento, sentada normalmente no banco. Apenas uma polegada de espaço separando sua perna da de Kian. Mas o que isso importa? Ela teve sua chance de escapar e não conseguiu



fazê-lo.

Porque ele ia ser seu Alfa.

Não *um* Alfa. Não *qualquer* Alfa. Mas seu Alfa.

O que faria dela *sua* Ômega.

A sorte foi lançada. Seu destino foi selado. Não havia como se esconder do que aconteceria em seguida.

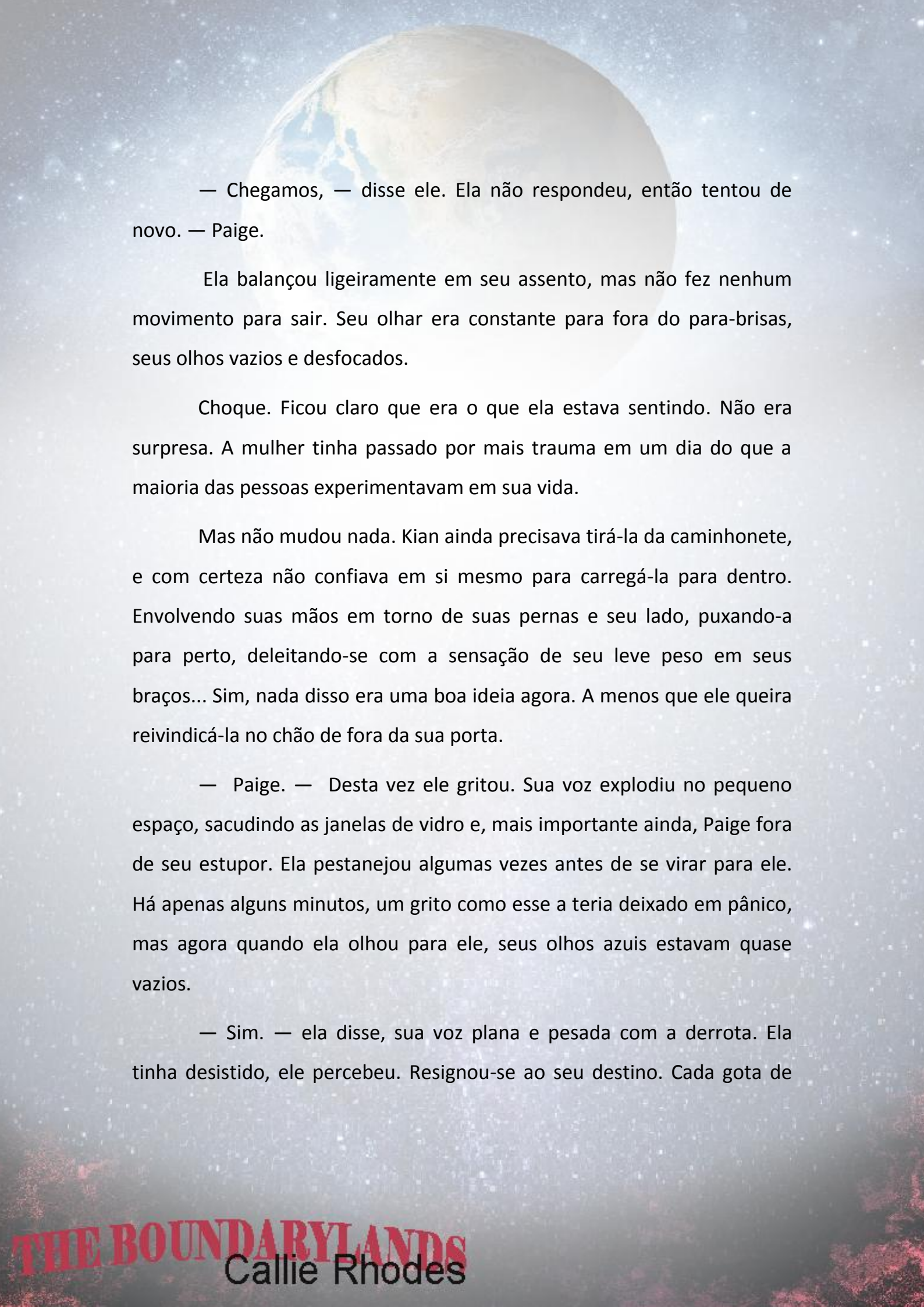
Kian

Paige estava em silêncio enquanto Kian puxava a caminhonete para uma parada ao lado de sua porta da frente. Ela estava assim há um quarto de hora. Desde que percebeu a verdade.

Ele desligou o motor e respirou fundo. O cheiro dela ainda o estava enlouquecendo, mas a sua pequena pausa na estrada levou o pior dos nervos.

Não duraria muito, porém. Mesmo agora, ele podia sentir a necessidade de reivindicá-la começando a subir em seu sangue novamente.

Nesse ritmo, tanto suas mãos quanto seu pau estariam calejados pela manhã.



— Chegamos, — disse ele. Ela não respondeu, então tentou de novo. — Paige.

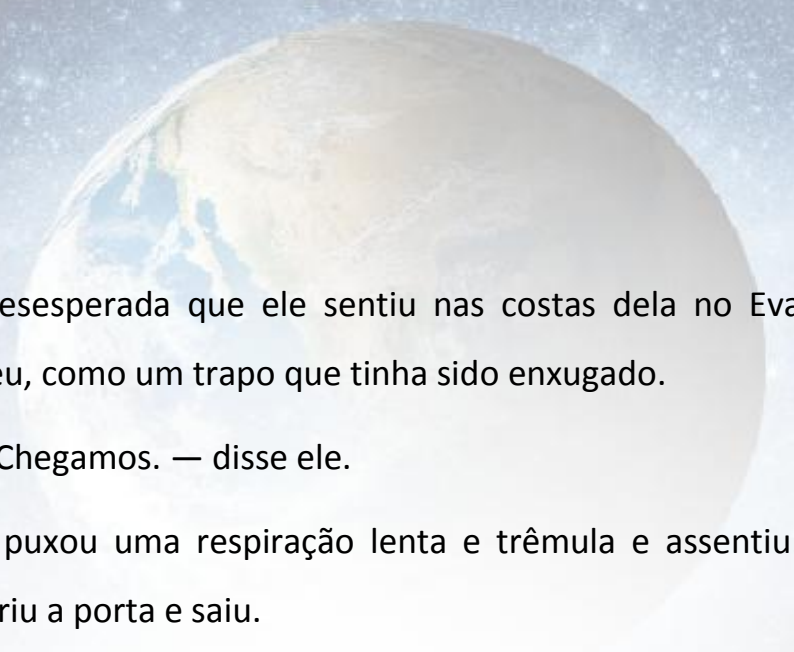
Ela balançou ligeiramente em seu assento, mas não fez nenhum movimento para sair. Seu olhar era constante para fora do para-brisas, seus olhos vazios e desfocados.

Choque. Ficou claro que era o que ela estava sentindo. Não era surpresa. A mulher tinha passado por mais trauma em um dia do que a maioria das pessoas experimentavam em sua vida.

Mas não mudou nada. Kian ainda precisava tirá-la da caminhonete, e com certeza não confiava em si mesmo para carregá-la para dentro. Envolvendo suas mãos em torno de suas pernas e seu lado, puxando-a para perto, deleitando-se com a sensação de seu leve peso em seus braços... Sim, nada disso era uma boa ideia agora. A menos que ele queira reivindicá-la no chão de fora da sua porta.

— Paige. — Desta vez ele gritou. Sua voz explodiu no pequeno espaço, sacudindo as janelas de vidro e, mais importante ainda, Paige fora de seu estupor. Ela pestanejou algumas vezes antes de se virar para ele. Há apenas alguns minutos, um grito como esse a teria deixado em pânico, mas agora quando ela olhou para ele, seus olhos azuis estavam quase vazios.

— Sim. — ela disse, sua voz plana e pesada com a derrota. Ela tinha desistido, ele percebeu. Resignou-se ao seu destino. Cada gota de



coragem desesperada que ele sentiu nas costas dela no Evander's Bar desapareceu, como um trapo que tinha sido enxugado.

— Chegamos. — disse ele.

Ela puxou uma respiração lenta e trêmula e assentiu. Sem uma luta, ela abriu a porta e saiu.

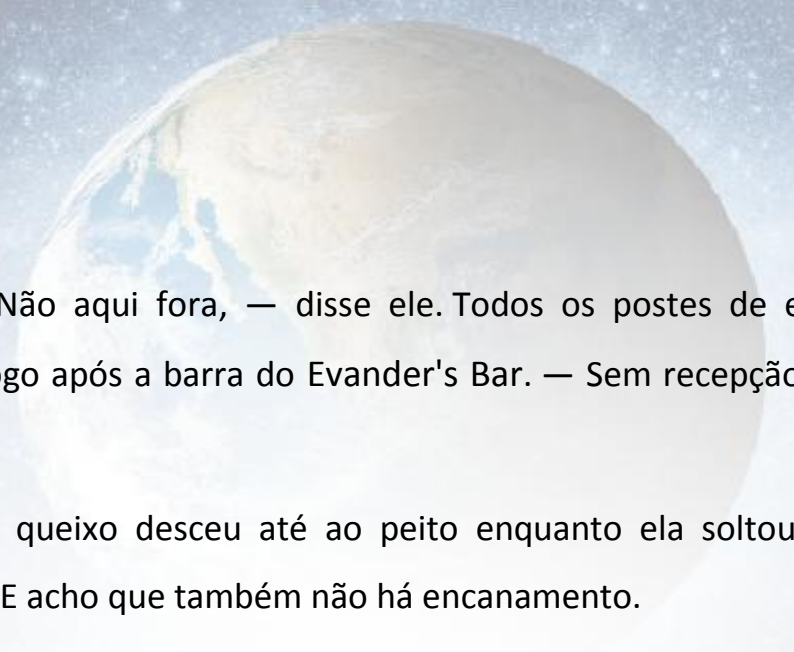
Kian não olhou para trás quando caminhou até aos degraus de madeira que levou à sua porta da frente. Ele sabia que ela estava atrás dele. Podia sentir cada parte dela, o som de suas pegadas, o cheiro de sua pele, a carga elétrica que pairava no ar ao seu redor. Não se surpreendeu, quando uma vez lá dentro ela se arrastou para o canto mais distante da sala da frente.

Kian tirou um isqueiro do bolso e acendeu os pavios das lâmpadas de querosene montadas perto da porta. Uma luz quente e amarela espalhou-se pela sala da frente da cabana, afastando as sombras.

Paige estreitou os olhos enquanto olhava para as lâmpadas. Por um momento, a confusão cavou linhas profundas em sua testa. Então sua boca se comprimiu.

— Sem eletricidade?

Tecnicamente, ele percebeu que era uma pergunta, embora a resignação em sua voz deixasse claro que ela já sabia a resposta.



— Não aqui fora, — disse ele. Todos os postes de eletricidade paravam logo após a barra do Evander's Bar. — Sem recepção de celular também.

Seu queixo desceu até ao peito enquanto ela soltou um longo suspiro. — E acho que também não há encanamento.

— Não, isso eu tenho, — disse Kian. — Canalizado de uma fonte termal.

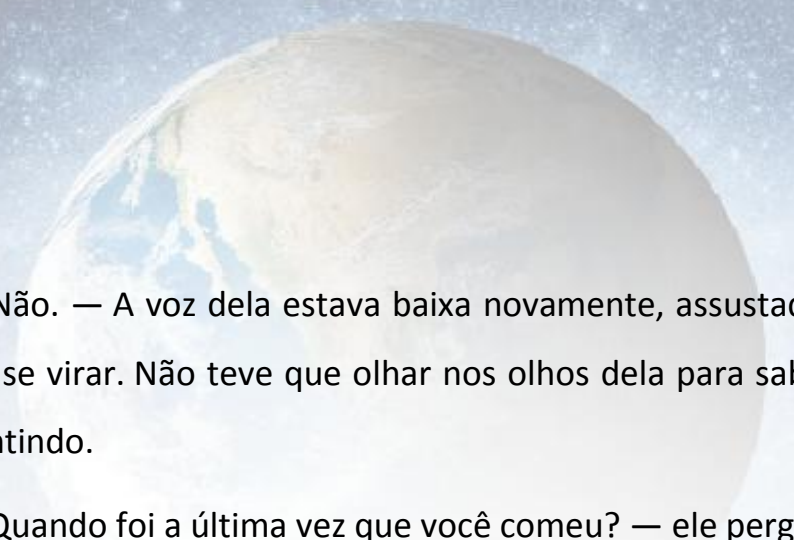
Um pouco da tensão sumiu de seus ombros. Aparentemente, a ideia de ficar presa no deserto com um Alfa era um pouco menos assustador se houvesse esperança de um banho.

A visão da pele nua de Paige imersa em água cristalina passou por sua mente. O vapor subindo acariciando seu corpo. O estresse e o medo derretendo em seus músculos. Seus seios e barriga ficando quentes. Suaves. Seu corpo implorando para ser tocado. Preenchido.

Kian apertou os dentes de trás com força, enquanto tentava afastar a imagem de sua cabeça. Recusou-se a ceder.

Em vez disso, ele deu as costas e olhou pela janela. Seu pênis já estava inchando. O que ele precisava era de uma tarefa. Algo a fazer além de ficar aqui imaginando como seria glorioso mergulhar profundamente na Ômega do outro lado da sala.

— Está com fome? — ele perguntou.



— Não. — A voz dela estava baixa novamente, assustada, mas ele não ousou se virar. Não teve que olhar nos olhos dela para saber que ela estava mentindo.

— Quando foi a última vez que você comeu? — ele perguntou.

— Eu-eu não sei. — Pelo menos essa era a verdade. — Esta manhã, talvez.

— Então você precisa comer. — Isso era algo que ele podia fazer - algo que não envolvia seu pênis. Foi para a cozinha.

— Não.

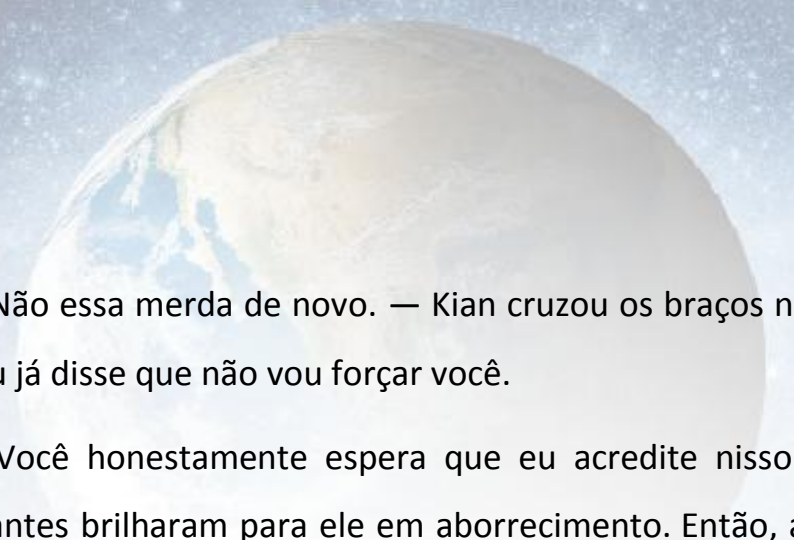
Kian parou de repente. Não havia nada de pequeno nesse comando. Lentamente, ele se virou para encará-la. Seu rosto deve ter mostrado seu desagrado porque Paige se encolheu sob a força de seu olhar.

— Eu não estava perguntando, — disse ele.

Ela respirou fundo antes de morder o lábio e levantar o queixo trêmulo. — É que eu... prefiro acabar com isso.

As sobrancelhas de Kian se juntaram com força. — Acabar com o quê?

O olhar de Paige caiu no chão. Fosse o que fosse, ela não conseguia olhar nos olhos dele e dizer. — Para o que você me trouxe aqui.



— Não essa merda de novo. — Kian cruzou os braços na frente do peito. — Eu já disse que não vou forçar você.

— Você honestamente espera que eu acredite nisso? — Olhos azuis brilhantes brilharam para ele em aborrecimento. Então, ainda havia fogo na mulher Ômega. A noite não a tinha deixado completamente seca. — Que um homem que não tem problema em se masturbar no meio da estrada, onde qualquer um poderia passar e vê-lo, tem controle sobre seus impulsos?

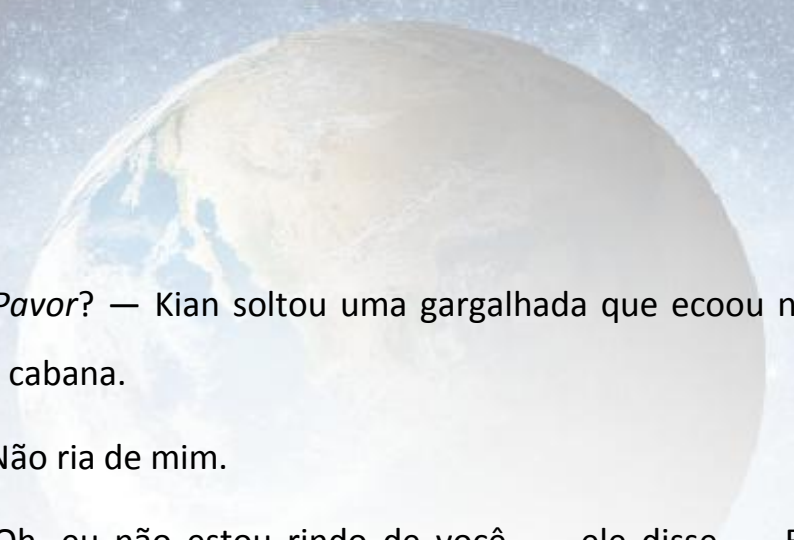
O sangue de Kian aumentou com o desafio em sua voz. A parte primitiva dele não queria nada mais do que levantá-la contra a parede contra a qual ela se encostava, envolver as pernas em volta da cintura dele e mostrar a ela o quão profundo eram seus impulsos.

Em vez disso, ele estreitou os olhos e caminhou pela sala. Para sua satisfação, Paige murchava um pouco a cada passo. Seu pênis se mexeu novamente ao ver como ela se rendia naturalmente à sua presença.

Ele parou a apenas alguns centímetros de distância. Perto o suficiente para que o cheiro de sua submissão o envolvesse.

— Não sou como qualquer outro homem que você já conheceu, — disse ele. — Eu sou um Alfa. Em breve serei *seu* Alfa.

— Então, pare de me torturar e acabe com isso. — Lágrimas brilharam em seus olhos. — O pavor está me matando.



— *Pavor?* — Kian soltou uma gargalhada que ecoou nas paredes de toras da cabana.

— Não ria de mim.

— Oh, eu não estou rindo de você, — ele disse. — Estou rindo daqueles bastardos Beta que realmente mexeram com você.

— Do que você está falando?

Kian respirou fundo. Cruzou os braços novamente e olhou para seu rosto doce e inocente.

— Você quer saber por que não vou me forçar a você? — ele perguntou. — Porque não vou precisar.

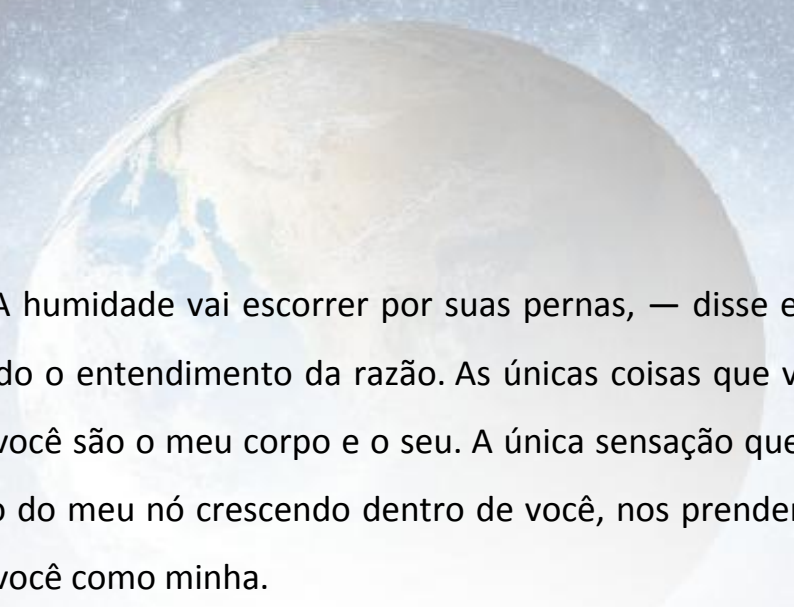
Paige balançou a cabeça. — Você está mentindo.

Se ao menos ele estivesse.

— Agora mesmo, você está acordando para sua verdadeira natureza. Em breve, seu corpo e cérebro estarão sincronizados, — disse ele. — Você entrará em seu primeiro cio. Então você será aquela que não será capaz de controlar seu desejo. Você vai me implorar para tomá-la. Implorar-me para enchê-la com meu pau uma e outra vez.

Paige fechou os olhos e balançou a cabeça para a frente e para trás. — Não.

Ele não parou. Ela precisava saber a verdade.



— A humidade vai escorrer por suas pernas, — disse ele. — Você perderá todo o entendimento da razão. As únicas coisas que vão parecer reais para você são o meu corpo e o seu. A única sensação que importará é a pressão do meu nó crescendo dentro de você, nos prendendo juntos, marcando você como minha.

— Pare, — Paige exigiu. Ela voou para longe da parede. Gritou contra seu peito com os punhos, mas a sensação de seu corpo leve contra o dele só fez seu pênis ficar mais duro. — Pare de mentir.

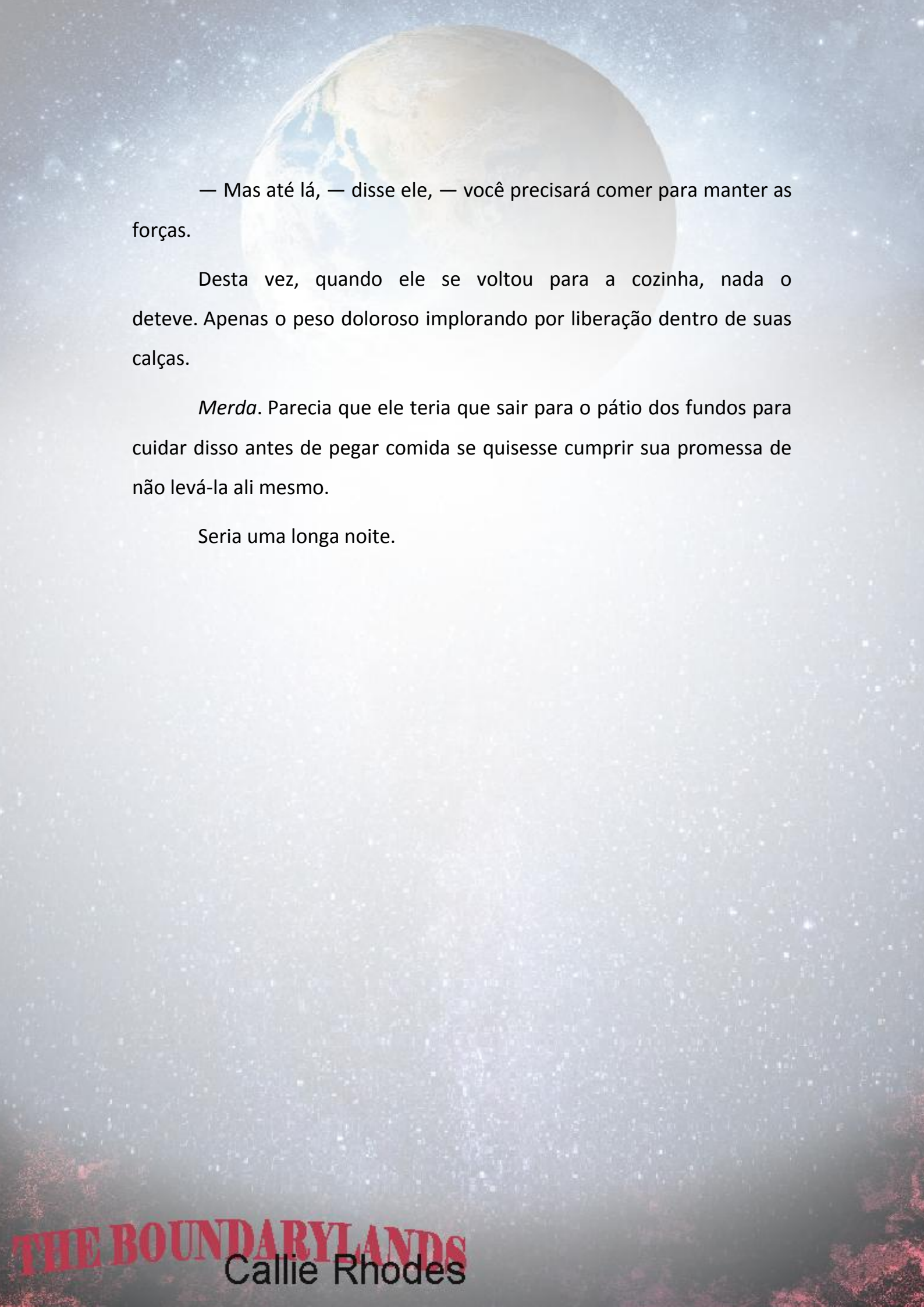
Mesmo agora, o cheiro de sua doce humidade subiu até seu nariz. Não havia muito - não como o dilúvio que estava por vir - mas estava lá. Assim como antes, seu corpo respondeu ao seu toque.

Kian agarrou seus pulsos. Seus olhos se fixaram nos dele. Em suas profundezas azuis, ele viu os primeiros lampejos de necessidade começando a se formar. Não demoraria muito agora.

— No fundo, você sabe que é verdade, — disse ele. — Você sente isso.

Depois de um longo segundo, ela balançou a cabeça novamente, mas desta vez não havia força por trás de sua negação. Seu corpo e sua mente já estavam cedendo à verdade. Logo, sua alma também.

Um momento depois, ela se soltou de seu aperto e voltou para seu canto. Kian a deixou ir.

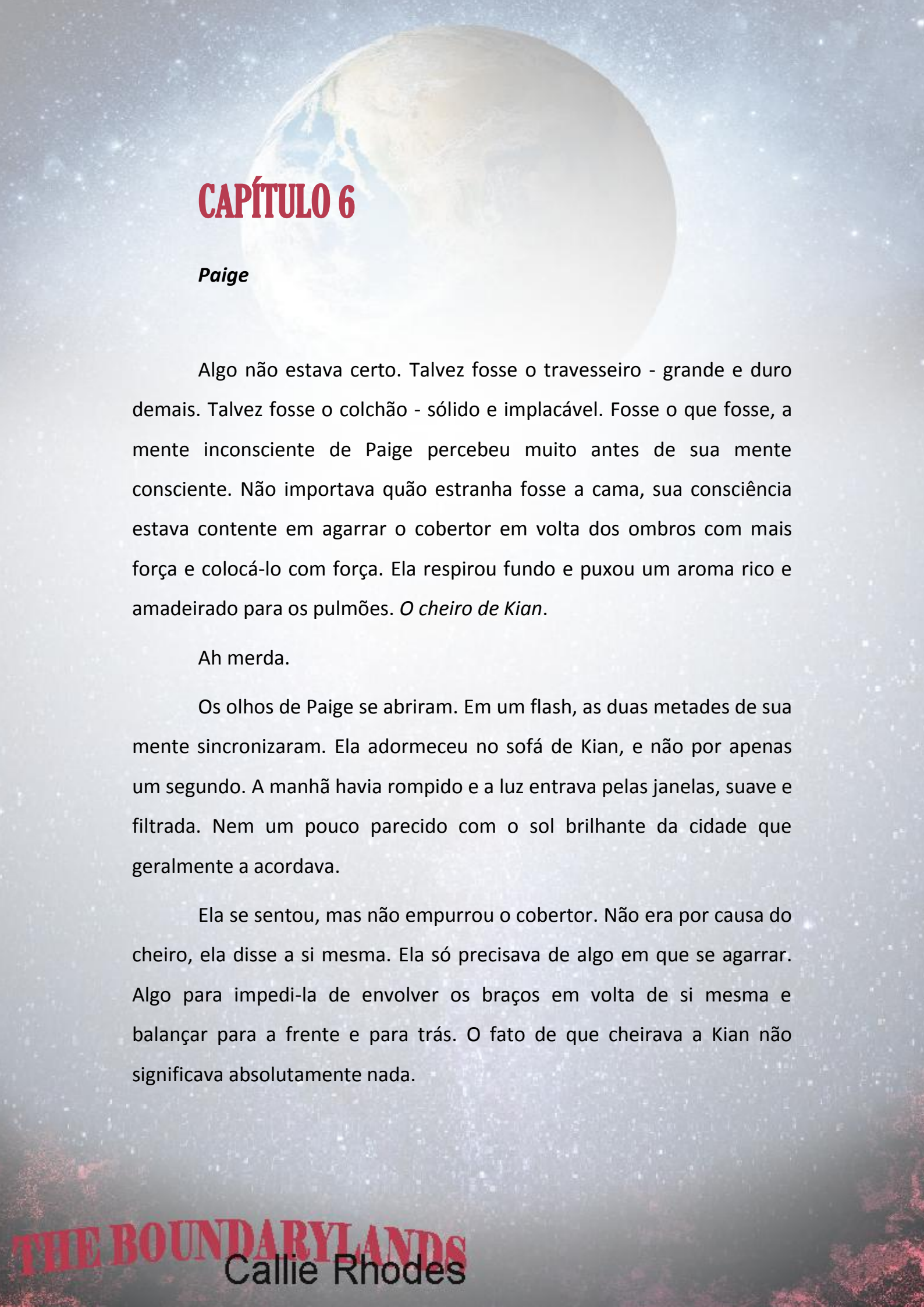


— Mas até lá, — disse ele, — você precisará comer para manter as forças.

Desta vez, quando ele se voltou para a cozinha, nada o deteve. Apenas o peso doloroso implorando por liberação dentro de suas calças.

Merda. Parecia que ele teria que sair para o pátio dos fundos para cuidar disso antes de pegar comida se quisesse cumprir sua promessa de não levá-la ali mesmo.

Seria uma longa noite.



CAPÍTULO 6

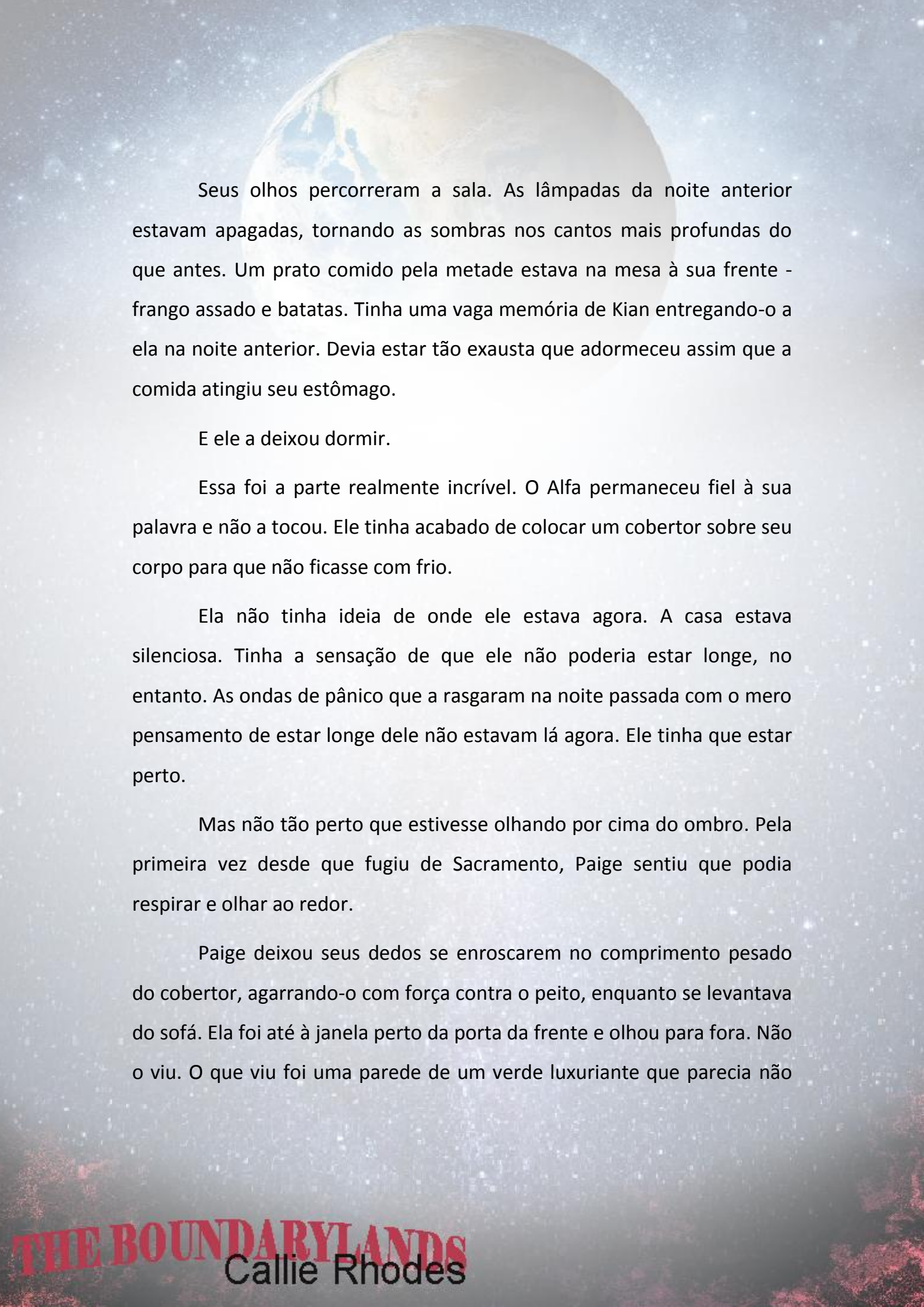
Paige

Algo não estava certo. Talvez fosse o travesseiro - grande e duro demais. Talvez fosse o colchão - sólido e implacável. Fosse o que fosse, a mente inconsciente de Paige percebeu muito antes de sua mente consciente. Não importava quão estranha fosse a cama, sua consciência estava contente em agarrar o cobertor em volta dos ombros com mais força e colocá-lo com força. Ela respirou fundo e puxou um aroma rico e amadeirado para os pulmões. *O cheiro de Kian.*

Ah merda.

Os olhos de Paige se abriram. Em um flash, as duas metades de sua mente sincronizaram. Ela adormeceu no sofá de Kian, e não por apenas um segundo. A manhã havia rompido e a luz entrava pelas janelas, suave e filtrada. Nem um pouco parecido com o sol brilhante da cidade que geralmente a acordava.

Ela se sentou, mas não empurrou o cobertor. Não era por causa do cheiro, ela disse a si mesma. Ela só precisava de algo em que se agarrar. Algo para impedi-la de envolver os braços em volta de si mesma e balançar para a frente e para trás. O fato de que cheirava a Kian não significava absolutamente nada.



Seus olhos percorreram a sala. As lâmpadas da noite anterior estavam apagadas, tornando as sombras nos cantos mais profundas do que antes. Um prato comido pela metade estava na mesa à sua frente - frango assado e batatas. Tinha uma vaga memória de Kian entregando-o a ela na noite anterior. Devia estar tão exausta que adormeceu assim que a comida atingiu seu estômago.

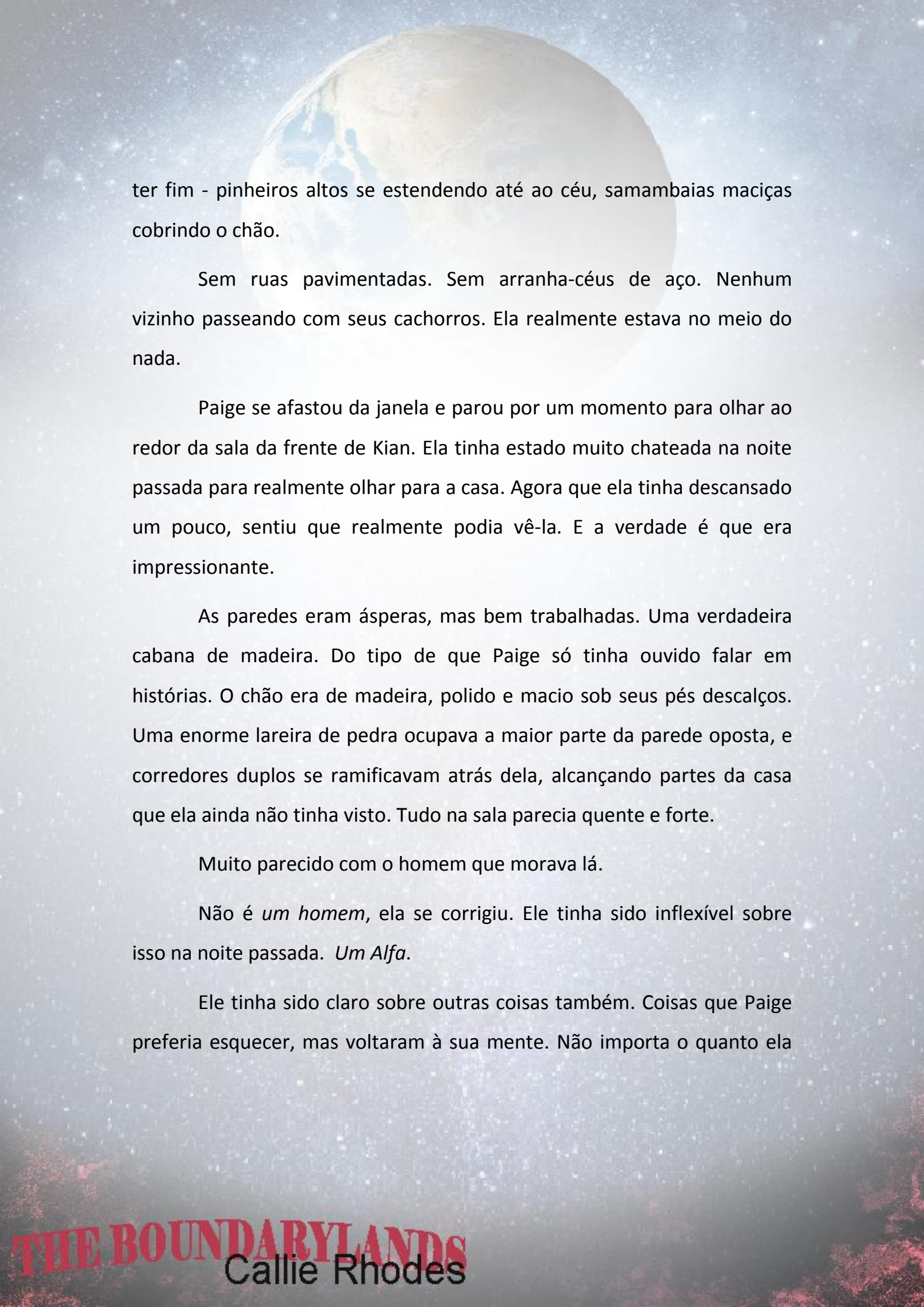
E ele a deixou dormir.

Essa foi a parte realmente incrível. O Alfa permaneceu fiel à sua palavra e não a tocou. Ele tinha acabado de colocar um cobertor sobre seu corpo para que não ficasse com frio.

Ela não tinha ideia de onde ele estava agora. A casa estava silenciosa. Tinha a sensação de que ele não poderia estar longe, no entanto. As ondas de pânico que a rasgaram na noite passada com o mero pensamento de estar longe dele não estavam lá agora. Ele tinha que estar perto.

Mas não tão perto que estivesse olhando por cima do ombro. Pela primeira vez desde que fugiu de Sacramento, Paige sentiu que podia respirar e olhar ao redor.

Paige deixou seus dedos se enroscarem no comprimento pesado do cobertor, agarrando-o com força contra o peito, enquanto se levantava do sofá. Ela foi até à janela perto da porta da frente e olhou para fora. Não o viu. O que viu foi uma parede de um verde luxuriante que parecia não



ter fim - pinheiros altos se estendendo até ao céu, samambaias maciças cobrindo o chão.

Sem ruas pavimentadas. Sem arranha-céus de aço. Nenhum vizinho passeando com seus cachorros. Ela realmente estava no meio do nada.

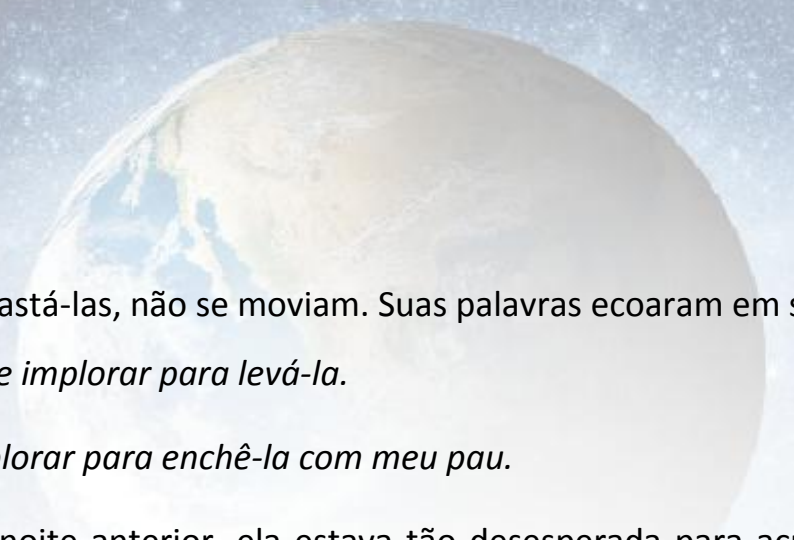
Paige se afastou da janela e parou por um momento para olhar ao redor da sala da frente de Kian. Ela tinha estado muito chateada na noite passada para realmente olhar para a casa. Agora que ela tinha descansado um pouco, sentiu que realmente podia vê-la. E a verdade é que era impressionante.

As paredes eram ásperas, mas bem trabalhadas. Uma verdadeira cabana de madeira. Do tipo de que Paige só tinha ouvido falar em histórias. O chão era de madeira, polido e macio sob seus pés descalços. Uma enorme lareira de pedra ocupava a maior parte da parede oposta, e corredores duplos se ramificavam atrás dela, alcançando partes da casa que ela ainda não tinha visto. Tudo na sala parecia quente e forte.

Muito parecido com o homem que morava lá.

Não é *um homem*, ela se corrigiu. Ele tinha sido inflexível sobre isso na noite passada. *Um Alfa*.

Ele tinha sido claro sobre outras coisas também. Coisas que Paige preferia esquecer, mas voltaram à sua mente. Não importa o quanto ela



tentasse afastá-las, não se moviam. Suas palavras ecoaram em sua cabeça.
Você vai me implorar para levá-la.

Implorar para enchê-la com meu pau.

Na noite anterior, ela estava tão desesperada para acreditar que eram mentiras. Uma flexão de poder e que pretendia assustá-la, mas agora...

Agora, ela não tinha tanta certeza.

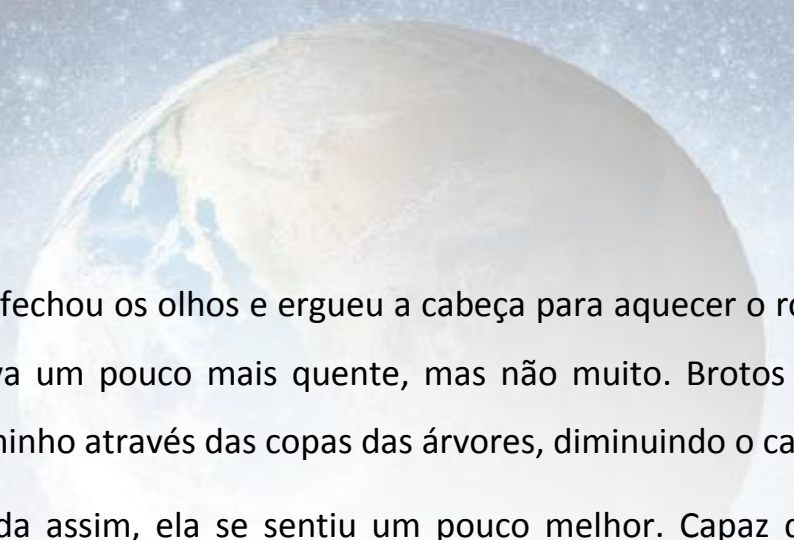
A memória de sua voz não a fez querer resistir mais. Isso inspirou uma emoção totalmente diferente. Uma que queimava quente entre as pernas e no peito. Uma que a fez querer caminhar pelos corredores da cabana, não para explorar, mas para encontrar Kian. Para ter certeza de que ele estava por perto. Que pudesse senti-lo. Tocá-lo.

Não.

Paige fechou os olhos e balançou a cabeça. Não era isso que ela queria. Não poderia ser. Ela ainda estava estressada com tudo o que tinha acontecido ontem. Tinha que ser isso.

O que ela realmente precisava era de um pouco de ar para clarear a cabeça.

Foi até à porta da frente e a abriu antes que pudesse se convencer do contrário. Saindo para a varanda, o ar fresco da manhã banhou seus braços. Arrepios se espalharam instantaneamente de seus ombros para os



pulsos. Ela fechou os olhos e ergueu a cabeça para aquecer o rosto ao sol. A luz estava um pouco mais quente, mas não muito. Brotos de neblina abriam caminho através das copas das árvores, diminuindo o calor.

Ainda assim, ela se sentiu um pouco melhor. Capaz de respirar. Capaz de esfriar. Por um momento, ela até se sentiu relaxar. Podia até imaginar por que Kian gostava tanto daqui.

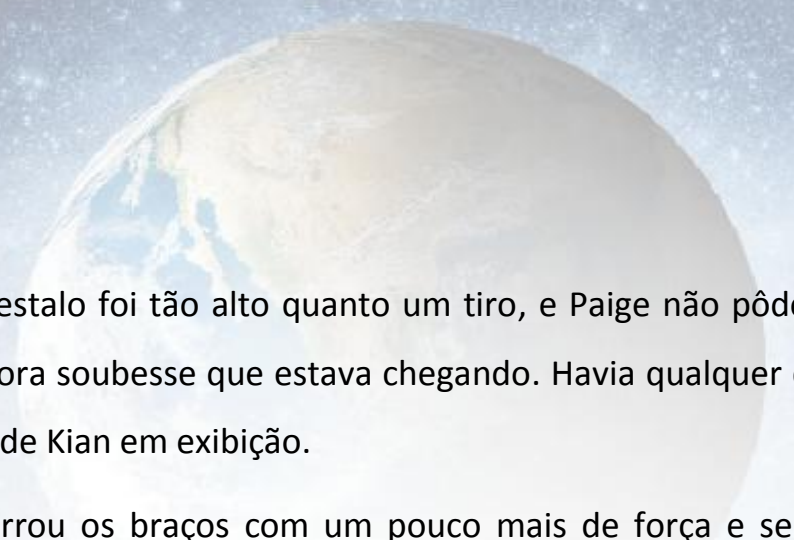
A floresta estava tão quieta. Tão serena. Paige percebeu que esta era a primeira vez em sua vida que não estava cercada por outras pessoas. Havia apenas ela, o vento nas árvores e o som de seus próprios pensamentos em sua cabeça.

Pelo menos foi assim por um segundo. Então um estalo alto soou, forte e agudo. Paige saltou quando o som ecoou nas encostas. Seus olhos se abriram, mas ela não viu nada além do pátio e o verde além. Outro estalo soou. Então outro.

O som vinha de trás da casa. Paige passou os braços em volta da cintura enquanto rastejava ao redor do pátio na ponta dos pés. Respirando fundo, ela espiou ao virar da esquina.

E imediatamente desejou não ter feito isso.

Kian estava lá - sem camisa, de costas para ela. De um lado estava uma pilha de toras, do outro uma pilha organizada de lenha habilmente cortada. Sua boca se abriu quando ele balançou o machado nas mãos bem acima da cabeça. Todos os músculos se contraíram quando a lâmina



desceu. O estalo foi tão alto quanto um tiro, e Paige não pôde deixar de pular, embora soubesse que estava chegando. Havia qualquer coisa sobre ver a força de Kian em exibição.

Agarrou os braços com um pouco mais de força e se apoiou na lateral da cabana. A casca áspera da madeira atingiu sua pele, mas não se importou.

Paige mordeu o lábio enquanto ele pegava outro tronco e o colocava no lugar. Só então, o sol rompeu a névoa e a luz cintilou nas gotas de suor que caíam em seus ombros. O calor entre suas pernas aumentou.

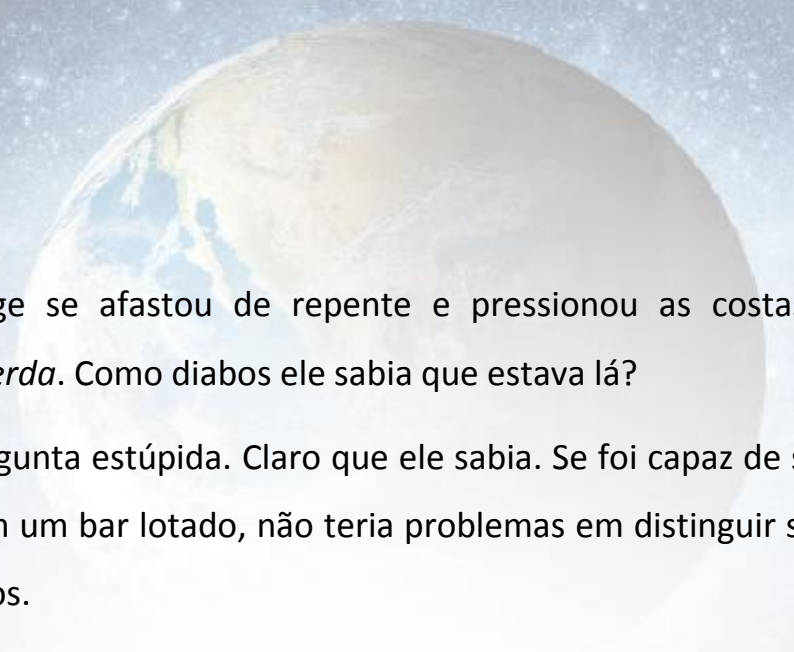
E tudo isso foi apenas por ver suas costas expostas. Graças a Deus ele não estava olhando para o outro lado. Paige honestamente não tinha ideia de qual seria sua reação ao peito nu dele.

E realmente não queria descobrir.

Ela também não queria que ele a pegasse espionando. Isso seria ruim. Muito ruim. Em todos os níveis.

Então, por que não podia se virar? Era quase como se a visão dele a mantivesse congelada no lugar. Ela observou com lábios trêmulos quando ele baixou o machado repetidas vezes.

— Você vai se esconder aí a manhã toda? — A voz estrondosa de Kian preencheu o espaço entre eles.



Paige se afastou de repente e pressionou as costas contra a parede. *Merda*. Como diabos ele sabia que estava lá?

Pergunta estúpida. Claro que ele sabia. Se foi capaz de sentir Craig subindo em um bar lotado, não teria problemas em distinguir seus passos desajeitados.

Mas agora que ela foi chamada, não podia simplesmente fugir. — Eu não estava me escondendo, — ela tentou. — Eu só não queria incomodar você. — Ela espiou pela esquina novamente bem a tempo de vê-lo balançar a cabeça.

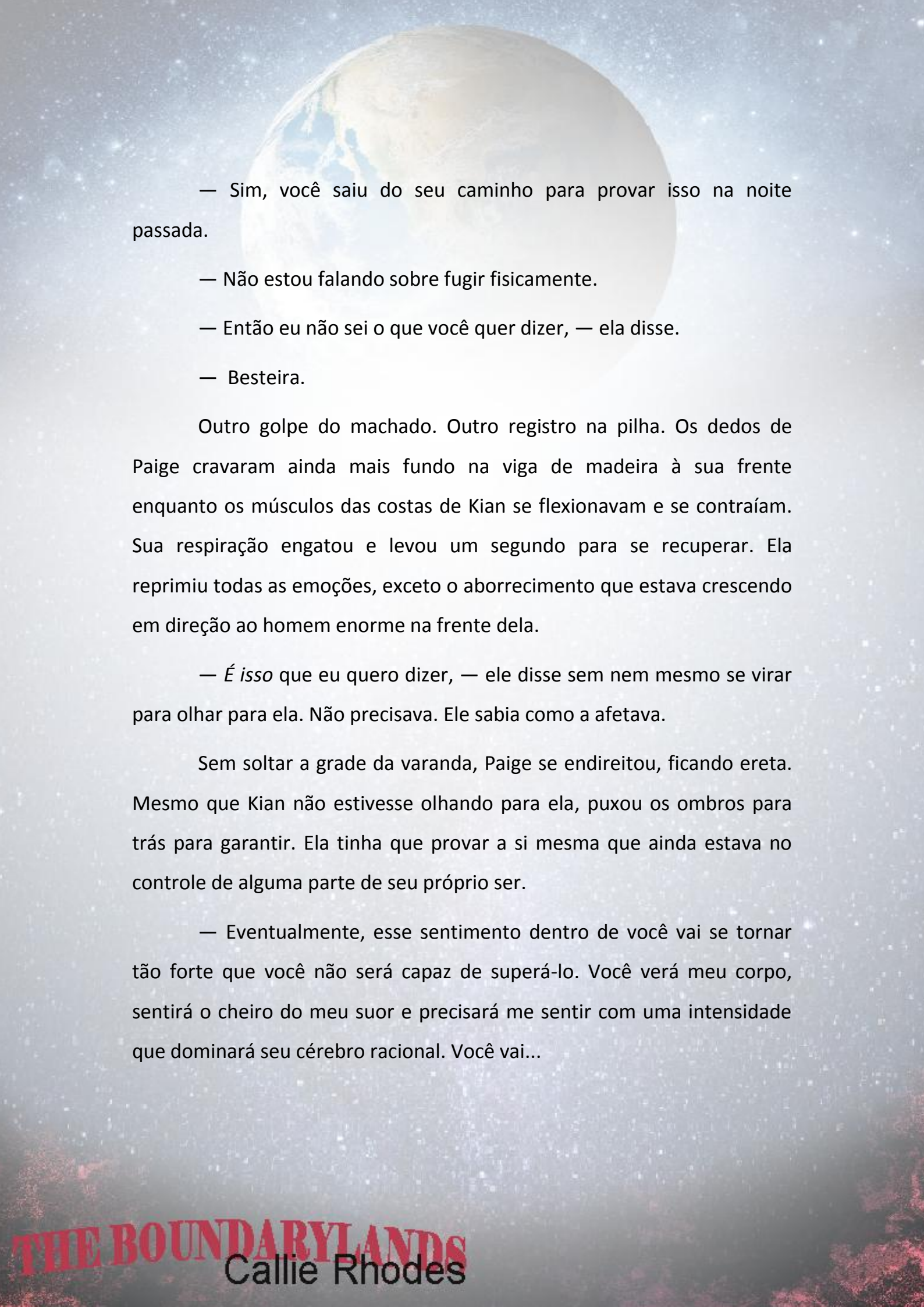
— Não minta para mim, — disse ele, pegando outro tronco e continuando com sua tarefa. As palavras eram ameaçadoras, mas seu tom não. — Nunca.

— Achei que seria melhor se mantivesse distância, — disse ela, flertando com a verdade.

— Ainda está com medo de que eu vá violentar você? — Ele colocou outra tora bem cortada na pilha.

— Não. — Outra meia verdade. Não era com ele que estava preocupada agora. Estava muito mais preocupada em controlar o desejo correndo em suas próprias veias.

— Você não pode fugir disso, sabe, — Seu tom era casual, quieto e calmo, mas suas palavras enviaram um arrepio por sua espinha.



— Sim, você saiu do seu caminho para provar isso na noite passada.

— Não estou falando sobre fugir fisicamente.

— Então eu não sei o que você quer dizer, — ela disse.

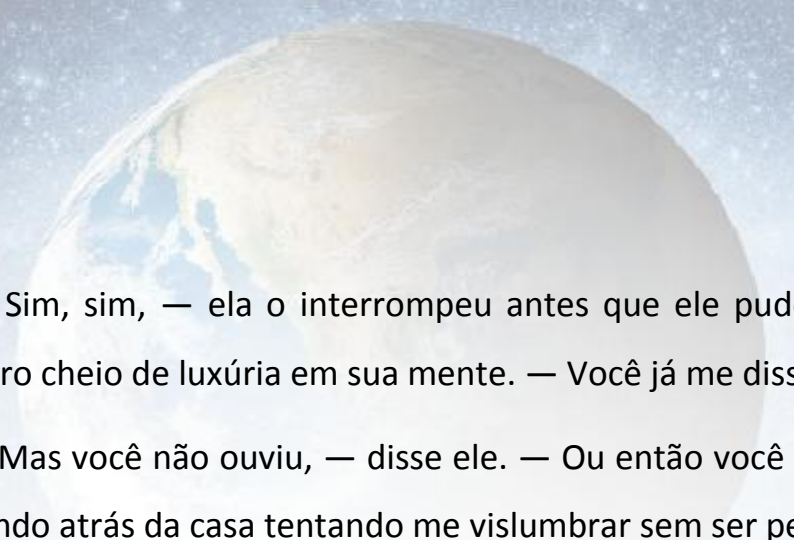
— Besteira.

Outro golpe do machado. Outro registro na pilha. Os dedos de Paige cravaram ainda mais fundo na viga de madeira à sua frente enquanto os músculos das costas de Kian se flexionavam e se contraíam. Sua respiração engatou e levou um segundo para se recuperar. Ela reprimiu todas as emoções, exceto o aborrecimento que estava crescendo em direção ao homem enorme na frente dela.

— *É isso* que eu quero dizer, — ele disse sem nem mesmo se virar para olhar para ela. Não precisava. Ele sabia como a afetava.

Sem soltar a grade da varanda, Paige se endireitou, ficando ereta. Mesmo que Kian não estivesse olhando para ela, puxou os ombros para trás para garantir. Ela tinha que provar a si mesma que ainda estava no controle de alguma parte de seu próprio ser.

— Eventualmente, esse sentimento dentro de você vai se tornar tão forte que você não será capaz de superá-lo. Você verá meu corpo, sentirá o cheiro do meu suor e precisará me sentir com uma intensidade que dominará seu cérebro racional. Você vai...



— Sim, sim, — ela o interrompeu antes que ele pudesse pintar outro quadro cheio de luxúria em sua mente. — Você já me disse.

— Mas você não ouviu, — disse ele. — Ou então você não estaria se encolhendo atrás da casa tentando me vislumbrar sem ser pega.

Paige apertou os lábios com força. Suas palavras pousaram um pouco perto de casa. — Eu não perderei o controle. Eu não sou um animal.

— Você diz 'animal' como se fosse uma coisa ruim.

— O que quero dizer é que não estou pronta para perder minha humanidade ainda.

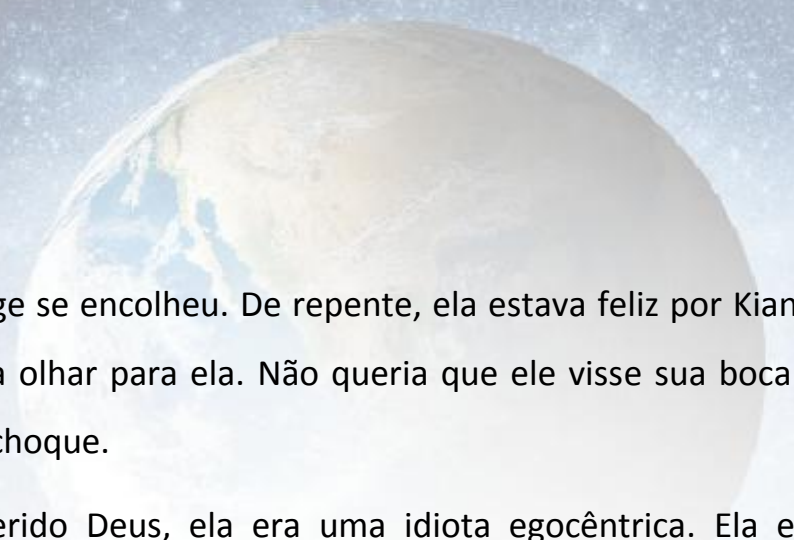
— Humanos são animais.

— Sim, — ela concedeu. — Mas...

— Mas o quê? — O machado desceu. Mais forte do que antes. A rachadura ecoou agudamente na face da rocha à distância. — Você come. Você dorme. Você fode. Você é um animal.

Paige engoliu em seco. — Mas antes, eu estava no controle de com quem e quando fazia essas coisas.

— Bem-vinda ao meu mundo. — Kian fez uma pausa antes de pegar o próximo registro. — A vida não é justa. Achei que já soubesse disso.



Paige se encolheu. De repente, ela estava feliz por Kian não ter se virado para olhar para ela. Não queria que ele visse sua boca aberta em estado de choque.

Querido Deus, ela era uma idiota egocêntrica. Ela estivera tão ocupada pensando em como essas mudanças a impactaram que não pensou em como ele se sentia.

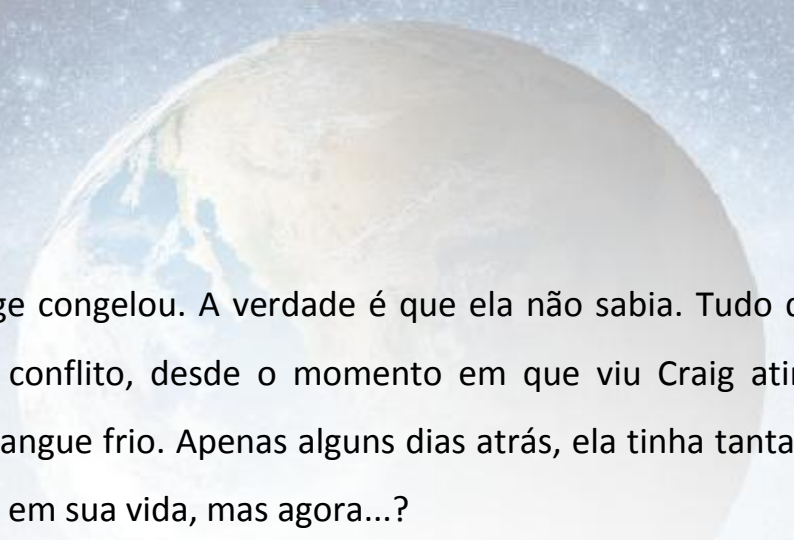
Agora que ela o fez, cada palavra e ação adquiriram um novo significado, desde a maneira como ele saltou da caminhonete para se masturbar na beira da estrada até à maneira como estava cortando lenha de costas para ela agora. Em um piscar de olhos, tudo fez sentido. Ele não era cruel ou indiferente.

Ele era muito parecido com ela.

— Você também não queria isso. — Sua voz estava ofegante, quase um sussurro. Não teve coragem de dizer as palavras mais alto. Não que ela precisasse. Sabia que ele as ouviu claramente quando parou de repente.

— Aprendi há muito tempo, não importa o que eu queira, — disse ele com uma voz tão tensa quanto os músculos longos que se estendiam ao longo de seus ombros. — Tudo o que importa é o que é.

A resignação em sua voz quebrou seu coração. Ela se viu empurrando para longe da cabana e dando um passo à frente, em direção a ele. — Você tem certeza que deseja fazer isso? — ele avisou.



Paige congelou. A verdade é que ela não sabia. Tudo dentro dela estava em conflito, desde o momento em que viu Craig atirar em um homem a sangue frio. Apenas alguns dias atrás, ela tinha tanta certeza de quase tudo em sua vida, mas agora...?

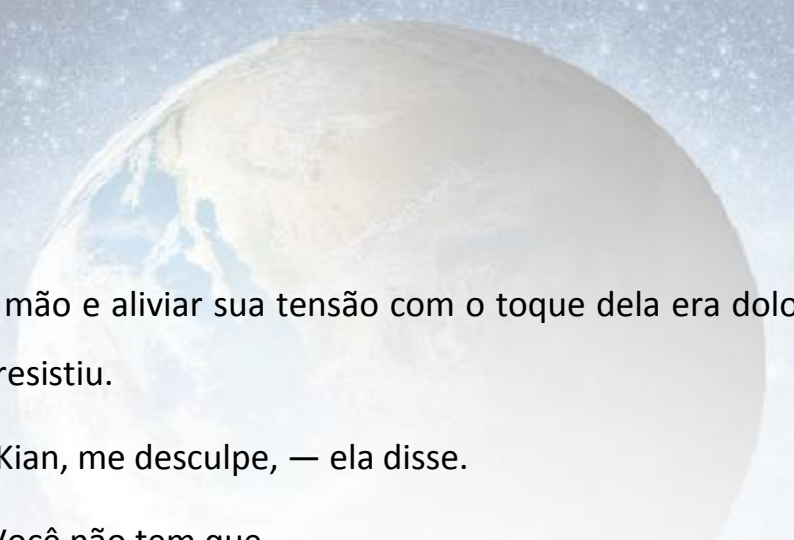
Agora ela estava começando a acreditar que nunca teria certeza de nada novamente.

Fechou os olhos e respirou fundo. Procurou em sua mente o que ela sabia *com certeza*.

No fundo, ela sabia que Kian era um homem decente. Ele não a machucou. Ele a manteve segura. Agora ela também sabia que ele estava sofrendo. Da mesma forma que estava sofrendo. Tudo dentro dela queria ajudar. Não por causa de alguma onda hormonal, mas porque isso era quem ela era. Não apenas uma Ômega, ou uma Beta, ou mesmo uma mulher, mas um ser humano empático. Alguém que não suportava se afastar de uma pessoa com dor.

— Sim, tenho certeza, — disse ela.

Seus passos foram deliberados enquanto caminhava ao longo da varanda elevada em direção à escada. Seus joelhos tremeram enquanto descia, mas continuou, parando um pouco antes da pilha de madeira ao lado dele. Paige não precisava de quaisquer sentidos aguçados para notar quão duro os músculos de suas costas estavam tensos. O desejo de



estender a mão e aliviar sua tensão com o toque dela era dolorosamente forte, mas resistiu.

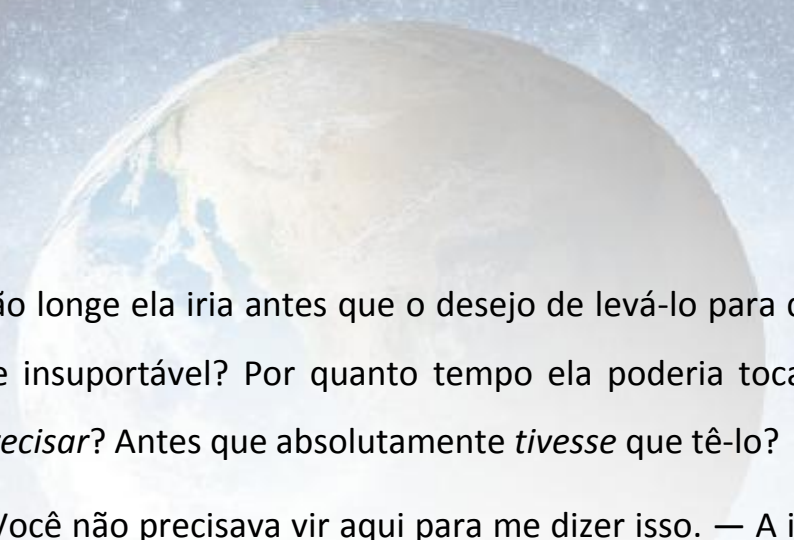
— Kian, me desculpe, — ela disse.

— Você não tem que...

— Sim, preciso. — ela se atreveu a interrompê-lo. — Tenho sido incrivelmente egocêntrica desde o momento em que nos conhecemos. Estive tão focada em como tudo isso me afeta que não pensei sobre o que você pode estar sentindo. Isso foi errado da minha parte, e peço desculpas.

Por um momento, um silêncio pesado encheu o ar entre eles. O suficiente para que uma rajada de vento dançasse entre as agulhas dos pinheiros e que o pássaro acima de sua cabeça terminasse de cantar. Kian ficou tão imóvel durante todo o tempo que Paige finalmente levantou a mão para agarrar seu ombro.

Ele girou antes que ela pudesse, e de repente ela estava grata por não ter tocado nele. Tinha pensado que era opressor olhar para suas costas nuas, mas essa visão não era nada comparada com seu peito nu. Era tão grande, tão poderoso, tão perfeito, que Paige achou difícil respirar com a visão. Uma fina névoa de suor agarrou-se a seus músculos. Pó de madeira e terra marcavam os contornos de seus ombros e pescoço. Sua barriga apertou com o pensamento de estender a mão e limpar um pouco da sujeira. De acariciar seu corpo com um pano quente e úmido e lavá-lo.



Quão longe ela iria antes que o desejo de levá-lo para dentro dela se tornasse insuportável? Por quanto tempo ela poderia tocar sua pele antes de *precisar*? Antes que absolutamente *tivesse* que tê-lo?

— Você não precisava vir aqui para me dizer isso. — A intensidade em sua voz tirou Paige de sua névoa carnal. Ela olhou para o rosto dele e encontrou o mesmo fervor queimando em seus olhos.

— Não, — ela admitiu... mas ela queria. Ela queria estar mais perto dele. Para o conforto de sua força e vitalidade. — Eu precisava que você olhasse nos meus olhos e soubesse que estou dizendo a verdade.

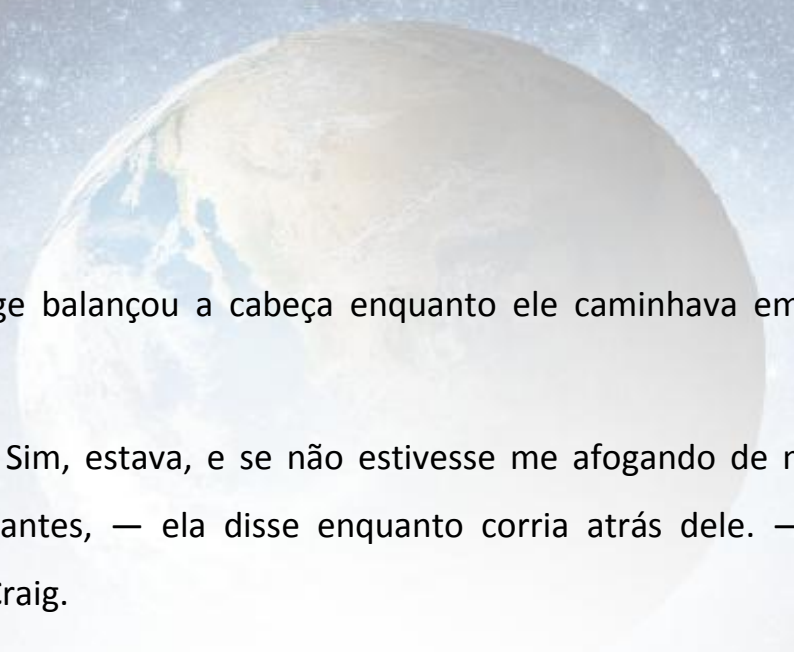
Seu olhar se estreitou ligeiramente. — Isso importa?

— Claro, — disse Paige. — Eu sei que não temos muito controle sobre o que está acontecendo conosco fisiologicamente, mas ainda temos nossas almas. E não há nenhuma maneira de minha consciência me deixar adormecer à noite sabendo que eu te machucaria.

— Nós temos nossas almas? — Ele ergueu uma única sobrancelha. — Eu pensei que era apenas uma fera que vivia somente para a violência e a autossatisfação.

Uma vergonha ardente iluminou seu rosto. — Sinto muito por ter dito isso, Kian.

— Não sinta. — Ele se abaixou e encheu os braços com lenha pesada. — Você não estava errada.



Paige balançou a cabeça enquanto ele caminhava em direção à casa.

— Sim, estava, e se não estivesse me afogando de medo, teria percebido antes, — ela disse enquanto corria atrás dele. — Você me salvou de Craig.

— Eu teria arrancado o coração batendo de seu peito se eu tivesse a chance. — Ele não se incomodou em se virar. Apenas continuou caminhando em direção à porta.

— Você me alimentou e me protegeu, — ela tentou.

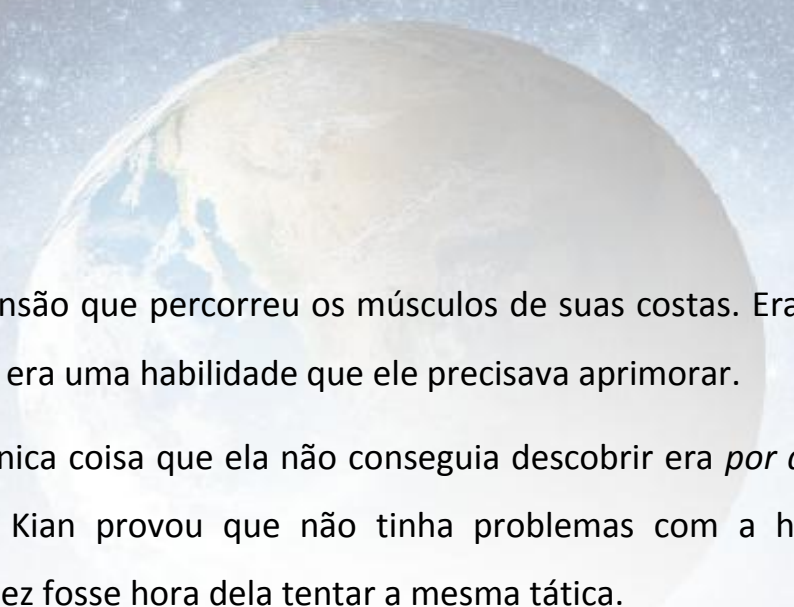
Ele deu um grunhido não convencido. — Não posso *procriar* com você se estiver morta, posso?

Paige estremeceu com a lembrança de suas palavras duras. Ela teve o cuidado de ficar uns bons três passos atrás quando ele abriu a porta da frente e empilhou com cuidado as toras cortadas perto da lareira de pedra.

Ela suavizou a voz. — Você não me tocou.

— Isso é porque você está certa, — disse ele após uma longa pausa. — Eu também não quero nada disso.

Paige não precisava de nenhum dos sentidos aguçados de Kian para saber que ele estava mentindo. Ela podia ouvir em sua voz, ver na



onda de tensão que percorreu os músculos de suas costas. Era óbvio que mentir não era uma habilidade que ele precisava aprimorar.

A única coisa que ela não conseguia descobrir era *por quê*. Uma e outra vez, Kian provou que não tinha problemas com a honestidade brutal. Talvez fosse hora dela tentar a mesma tática.

— Não, — disse ela com a maior firmeza que conseguiu. Ele esticou a cabeça por cima do ombro. O calor mal contido em seu olhar quase a derreteu ali no local. — Você pode estar chateado com o destino e a biologia, mas você ainda quer isso.

Para provar seu ponto, ela deslizou a mão pelo lado do corpo - passando por sua bochecha, ao redor da curva de seu seio, sobre a curva de seus quadris. Kian observou com uma febre em seus olhos que fez seus joelhos fraquejarem.

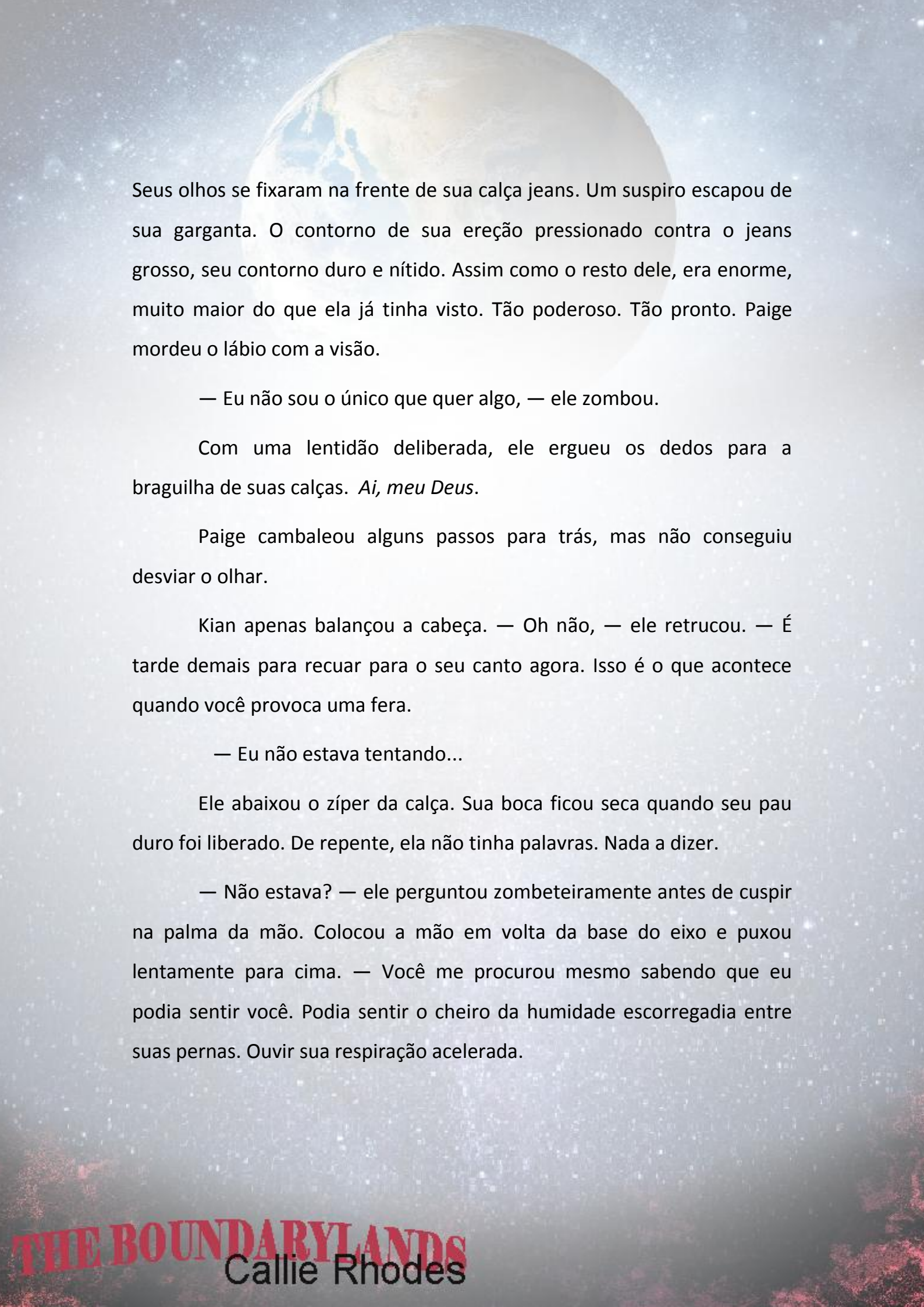
Craig nunca a olhou assim. Nenhum dos homens com quem ela namorou tinha. Não era um olhar que um Beta pudesse dar, ela percebeu.

Era um olhar feroz.

Um olhar Alfa.

Ele a capturou e segurou. Calor - rápido e úmido - surgiu entre suas pernas. O estrondo baixo que ecoou em seu peito só piorou a situação.

Ele limpou a palma da mão na calça jeans enquanto se levantava para encará-la. O olhar de Paige desviou-se do dele e seguiu o movimento.



Seus olhos se fixaram na frente de sua calça jeans. Um suspiro escapou de sua garganta. O contorno de sua ereção pressionado contra o jeans grosso, seu contorno duro e nítido. Assim como o resto dele, era enorme, muito maior do que ela já tinha visto. Tão poderoso. Tão pronto. Paige mordeu o lábio com a visão.

— Eu não sou o único que quer algo, — ele zombou.

Com uma lentidão deliberada, ele ergueu os dedos para a braguilha de suas calças. *Ai, meu Deus.*

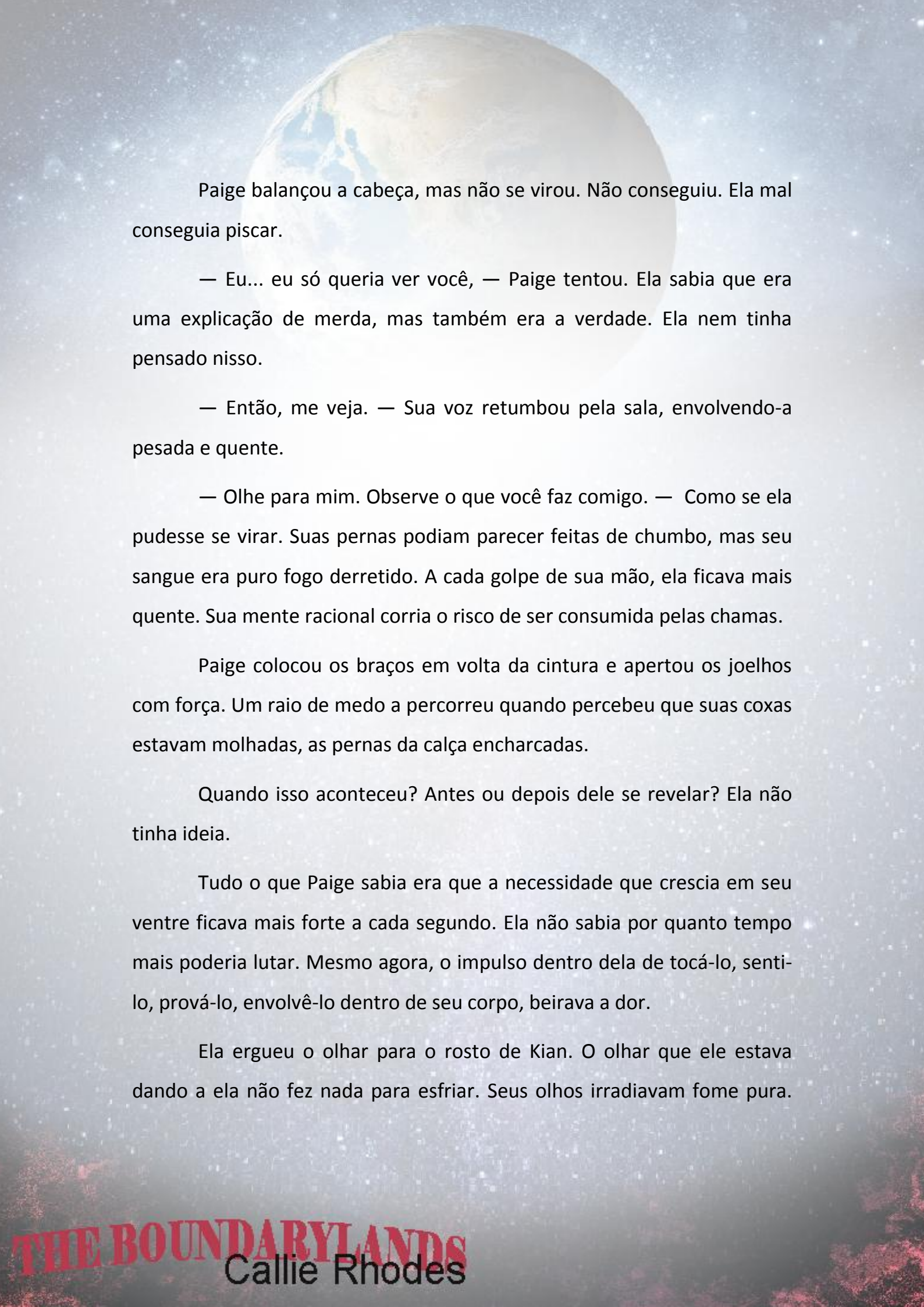
Paige cambaleou alguns passos para trás, mas não conseguiu desviar o olhar.

Kian apenas balançou a cabeça. — Oh não, — ele retrucou. — É tarde demais para recuar para o seu canto agora. Isso é o que acontece quando você provoca uma fera.

— Eu não estava tentando...

Ele abaixou o zíper da calça. Sua boca ficou seca quando seu pau duro foi liberado. De repente, ela não tinha palavras. Nada a dizer.

— Não estava? — ele perguntou zombeteiramente antes de cuspir na palma da mão. Colocou a mão em volta da base do eixo e puxou lentamente para cima. — Você me procurou mesmo sabendo que eu podia sentir você. Podia sentir o cheiro da humidade escorregadia entre suas pernas. Ouvir sua respiração acelerada.



Paige balançou a cabeça, mas não se virou. Não conseguiu. Ela mal conseguia piscar.

— Eu... eu só queria ver você, — Paige tentou. Ela sabia que era uma explicação de merda, mas também era a verdade. Ela nem tinha pensado nisso.

— Então, me veja. — Sua voz retumbou pela sala, envolvendo-a pesada e quente.

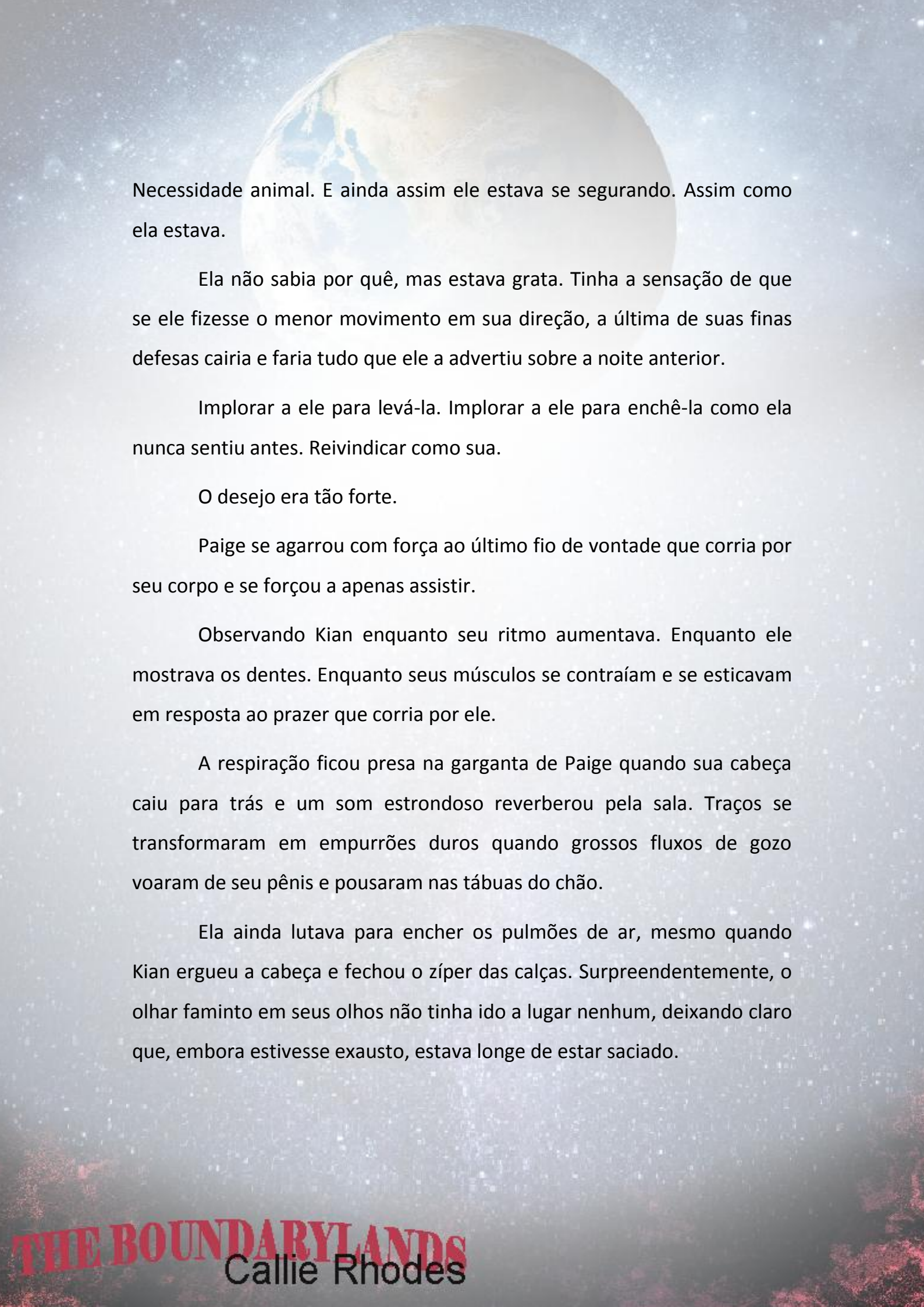
— Olhe para mim. Observe o que você faz comigo. — Como se ela pudesse se virar. Suas pernas podiam parecer feitas de chumbo, mas seu sangue era puro fogo derretido. A cada golpe de sua mão, ela ficava mais quente. Sua mente racional corria o risco de ser consumida pelas chamas.

Paige colocou os braços em volta da cintura e apertou os joelhos com força. Um raio de medo a percorreu quando percebeu que suas coxas estavam molhadas, as pernas da calça encharcadas.

Quando isso aconteceu? Antes ou depois dele se revelar? Ela não tinha ideia.

Tudo o que Paige sabia era que a necessidade que crescia em seu ventre ficava mais forte a cada segundo. Ela não sabia por quanto tempo mais poderia lutar. Mesmo agora, o impulso dentro dela de tocá-lo, senti-lo, prová-lo, envolvê-lo dentro de seu corpo, beirava a dor.

Ela ergueu o olhar para o rosto de Kian. O olhar que ele estava dando a ela não fez nada para esfriar. Seus olhos irradiavam fome pura.



Necessidade animal. E ainda assim ele estava se segurando. Assim como ela estava.

Ela não sabia por quê, mas estava grata. Tinha a sensação de que se ele fizesse o menor movimento em sua direção, a última de suas finas defesas cairia e faria tudo que ele a advertiu sobre a noite anterior.

Implorar a ele para levá-la. Implorar a ele para enchê-la como ela nunca sentiu antes. Reivindicar como sua.

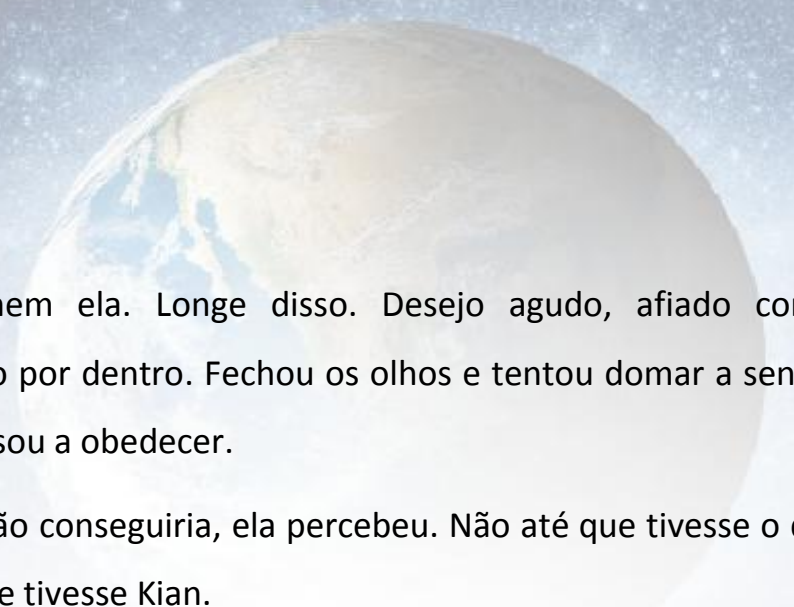
O desejo era tão forte.

Paige se agarrou com força ao último fio de vontade que corria por seu corpo e se forçou a apenas assistir.

Observando Kian enquanto seu ritmo aumentava. Enquanto ele mostrava os dentes. Enquanto seus músculos se contraíam e se esticavam em resposta ao prazer que corria por ele.

A respiração ficou presa na garganta de Paige quando sua cabeça caiu para trás e um som estrondoso reverberou pela sala. Traços se transformaram em empurrões duros quando grossos fluxos de gozo voaram de seu pênis e pousaram nas tábuas do chão.

Ela ainda lutava para encher os pulmões de ar, mesmo quando Kian ergueu a cabeça e fechou o zíper das calças. Surpreendentemente, o olhar faminto em seus olhos não tinha ido a lugar nenhum, deixando claro que, embora estivesse exausto, estava longe de estar saciado.



E nem ela. Longe disso. Desejo agudo, afiado como unhas, arranhando por dentro. Fechou os olhos e tentou domar a sensação, mas ela se recusou a obedecer.

E não conseguiria, ela percebeu. Não até que tivesse o que queria. Não até que tivesse Kian.

Ele deve ter sentido sua luxúria insatisfeita, porque soltou um xingamento baixo. Paige abriu os olhos para vê-lo caminhando em direção à porta. Longe dela.

Um pequeno som de desejo escapou de sua garganta ao perceber.

— Vai ser uma noite fria, — disse ele, parando logo após a porta aberta. Sua voz estava tão tensa quanto o resto dele. — Se você quer um fogo para mantê-la aquecida, eu preciso terminar minhas tarefas. Faça um favor a nós dois desta vez e fique dentro de casa desta vez.



CAPÍTULO 7

Kian

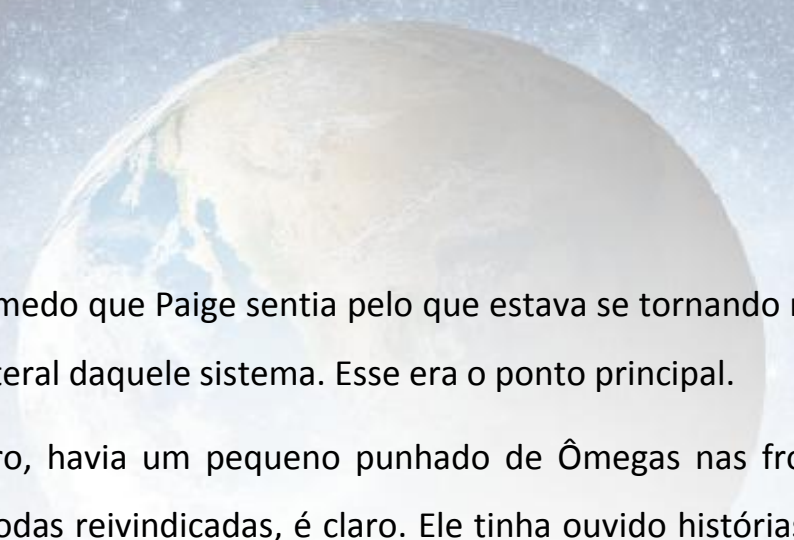
Kian bateu para baixo a lâmina do machado no tronco equilibrado em frente com muito mais força do que o necessário. Fragmentos de casca de árvore e polpa de madeira se espalharam quando a lenha se dividiu em duas. O corte era irregular e impreciso, não correspondia aos padrões habituais.

Merda, ele teve sorte de ser capaz de balançar a lâmina com qualquer tipo de precisão. Sua mente estava longe de estar focada... não em cortar lenha de qualquer maneira.

Ele estava aqui há muito tempo. *Se escondendo...* assim como a acusou de fazer. Ele tinha plena consciência de sua hipocrisia, mas não via alternativa.

A única outra opção era voltar para sua casa e se submeter ao inevitável e, assim como ela, ele ainda não estava pronto para isso. Paige estava apenas parcialmente certa. Não que *não* quisesse reclamá-la como sua Ômega; apenas nunca imaginou que estaria em posição de fazer isso.

Ôegas eram poucas e distantes entre si. A sociedade Beta cuidou disso. Eles criaram uma cultura de mentiras em torno da dinâmica Alfa e



Ômega. O medo que Paige sentia pelo que estava se tornando não era um efeito colateral daquele sistema. Esse era o ponto principal.

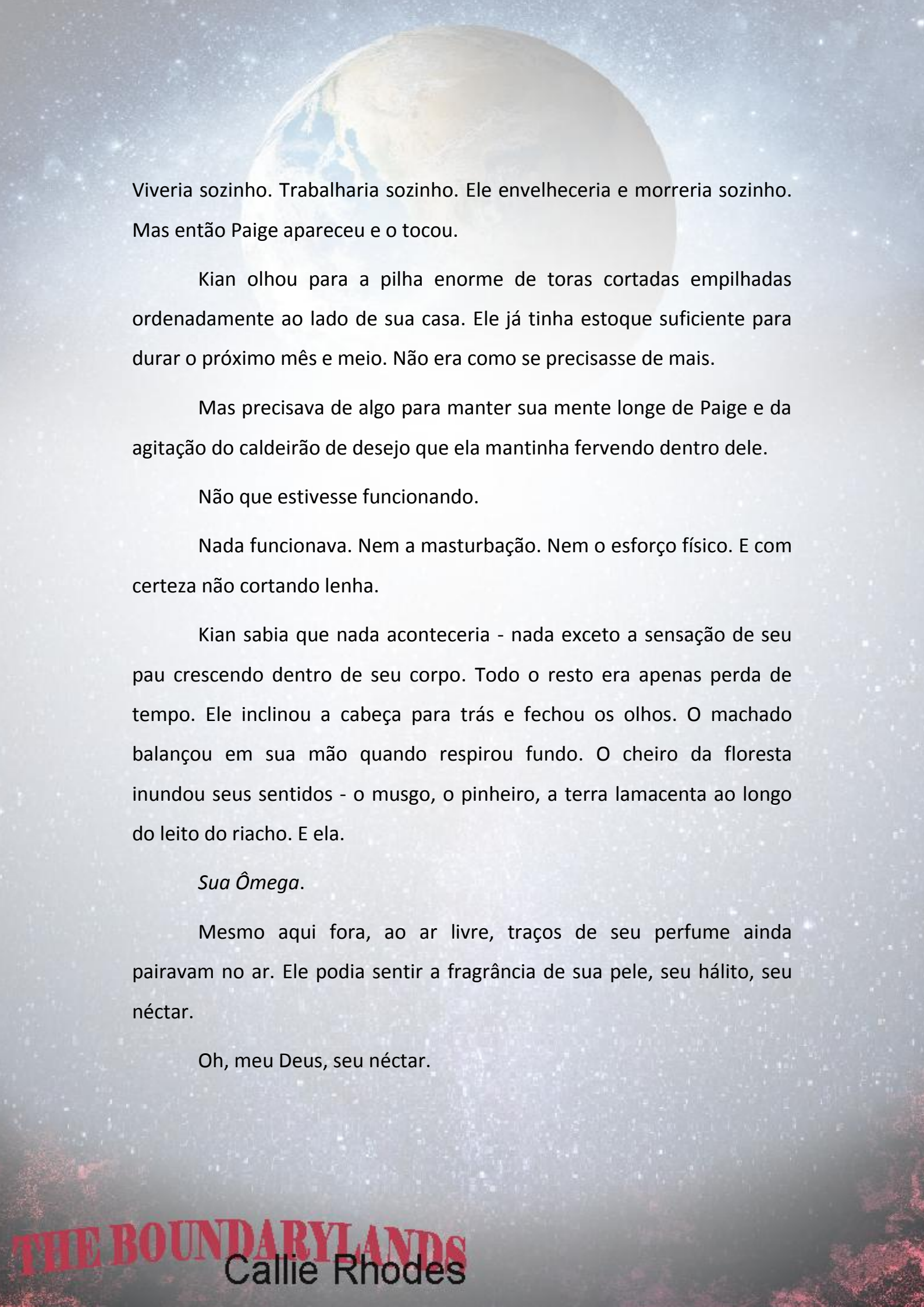
Claro, havia um pequeno punhado de Ômegas nas fronteiras do pacífico - todas reivindicadas, é claro. Ele tinha ouvido histórias de outros pares reivindicados em lugares distantes também. Mas eram raros.

Tão raro que Kian nunca sonhou que ficaria cara a cara com uma não reclamada. Que ela iria tocá-lo e sentir a atração. Que seu toque o mudasse e começasse seu cio.

Claro, algumas mulheres vieram para Boundarylands. Mas até agora todas as que ele conhecia mantiveram sua natureza Beta. Elas vieram por motivos diferentes. Algumas estavam desesperadas para saber se eram especiais. A maioria apenas procurando a emoção de levar a besta para a cama. Algumas ganhavam a vida trocando seu serviço por dinheiro.

Kian entendia todas essas motivações, e não julgava nenhuma, mas sexo com elas nunca foi totalmente satisfatório, e o alívio que ofereciam era apenas temporário. Não havia conexão. Seu pau nunca inchou. Seus corpos nunca se uniram. Elas não tinham chance de uma mordida reivindicativa.

Lidar com essa frustração pode levar um Alfa à loucura. Então, ele fez a única coisa que podia e aceitou o fato de que sempre estaria sozinho.



Viveria sozinho. Trabalharia sozinho. Ele envelheceria e morreria sozinho. Mas então Paige apareceu e o tocou.

Kian olhou para a pilha enorme de toras cortadas empilhadas ordenadamente ao lado de sua casa. Ele já tinha estoque suficiente para durar o próximo mês e meio. Não era como se precisasse de mais.

Mas precisava de algo para manter sua mente longe de Paige e da agitação do caldeirão de desejo que ela mantinha fervendo dentro dele.

Não que estivesse funcionando.

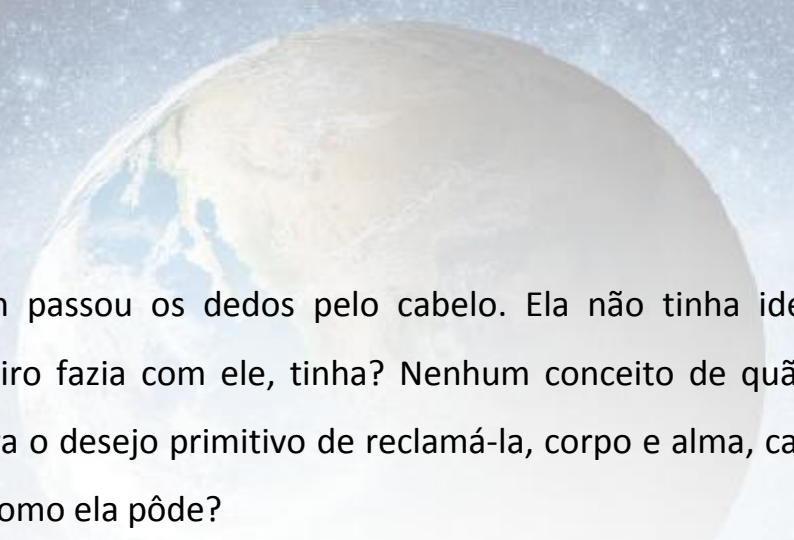
Nada funcionava. Nem a masturbação. Nem o esforço físico. E com certeza não cortando lenha.

Kian sabia que nada aconteceria - nada exceto a sensação de seu pau crescendo dentro de seu corpo. Todo o resto era apenas perda de tempo. Ele inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos. O machado balançou em sua mão quando respirou fundo. O cheiro da floresta inundou seus sentidos - o musgo, o pinheiro, a terra lamacenta ao longo do leito do riacho. E ela.

Sua Ômega.

Mesmo aqui fora, ao ar livre, traços de seu perfume ainda pairavam no ar. Ele podia sentir a fragrância de sua pele, seu hálito, seu néctar.

Oh, meu Deus, seu néctar.



Kian passou os dedos pelo cabelo. Ela não tinha ideia do que aquele cheiro fazia com ele, tinha? Nenhum conceito de quão duro ele lutou contra o desejo primitivo de reclamá-la, corpo e alma, cada vez que cheirava. Como ela pôde?

Estava claro que a criaturinha ingênua não entendia completamente as forças que os empurravam juntos. Ela não percebeu por que se sentiu puxada para encontrá-lo. Para assistir seu corpo trabalhar. De alguma forma, ela ainda acreditava que poderia controlar seus desejos.

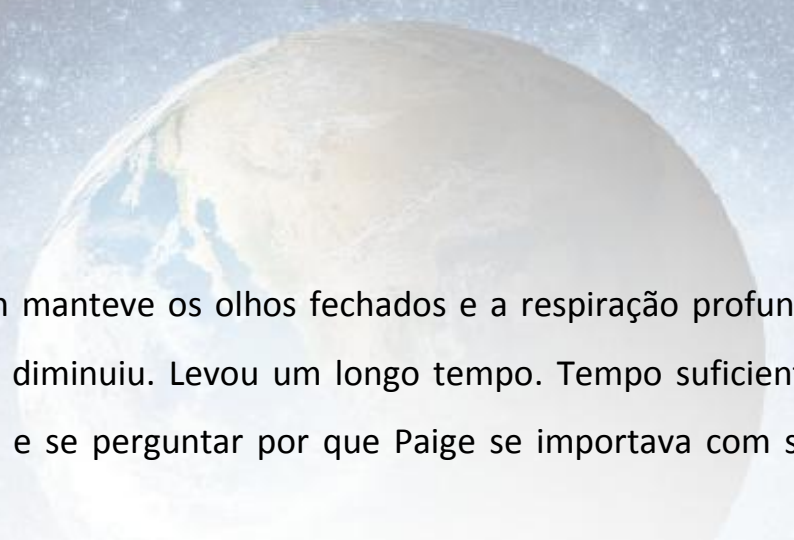
Ela não conseguiria.

Logo nenhum deles poderia.

Mas ele estaria mentindo se dissesse que a biologia simples era a única força que a impulsionava. A luxúria não a fez perceber que ele estava lutando. Isso não a fez se desculpar ou sentir empatia por sua contenção dolorosa.

Inferno, ela ainda estava tentando acalmar seu tormento, mesmo quando a humidade começou a escorrer por suas pernas. Ela estava tão envolvida na ideia de preencher a lacuna emocional entre eles que nem percebeu como seu corpo estava preparado e pronto. Não até que fosse tarde demais. Não até que estivesse acariciando suas curvas na frente dele, praticamente implorando por seu toque.

Até a memória o deixava duro.



Kian manteve os olhos fechados e a respiração profunda até que sua ereção diminuiu. Levou um longo tempo. Tempo suficiente para ele ficar de pé e se perguntar por que Paige se importava com sua opinião favorável.

Ninguém nunca fez isso antes. Bem, ninguém além de sua família de sangue e seus irmãos Alfa.

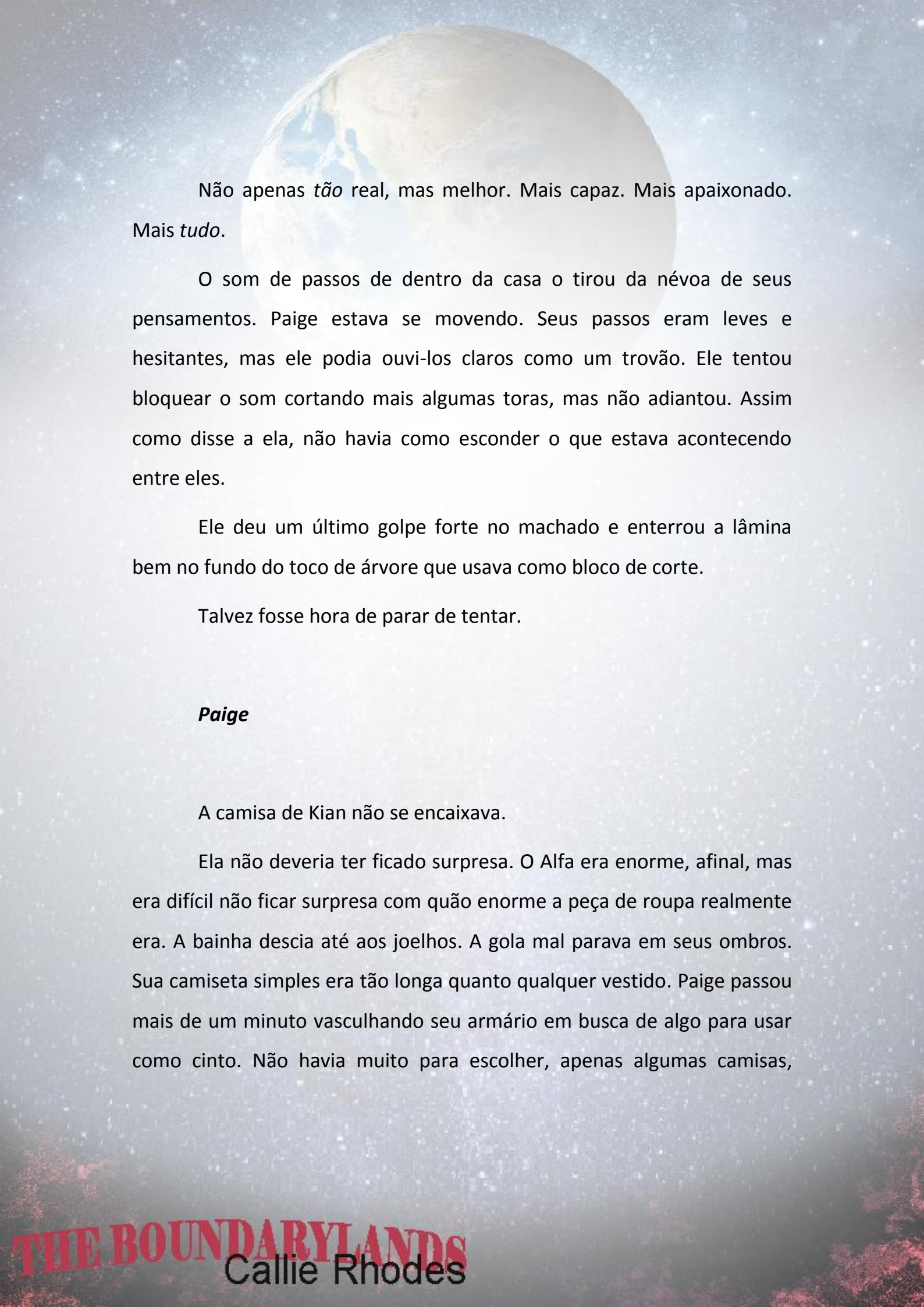
Para todos os outros ele era apenas um animal impulsivo, sanguinário e movido pela luxúria.

Não há nenhuma maneira de minha consciência me deixar adormecer à noite sabendo que eu te machucaria.

As palavras de Paige soaram em sua cabeça. Não apenas porque não estava acostumado com alguém que se preocupava com o que ele sentia, mas porque ela estava certa. Suas palavras eram mais profundas do que queria admitir.

A paixão que estava crescendo entre eles era puramente física. Era biologia. Química. Não tinha nada a ver com ele ou Paige. No que dizia respeito à natureza, eles não eram nada mais do que um par de máquinas hormonais compatíveis.

E pela primeira vez Kian teve que admitir que não era o suficiente. Não queria apenas que Paige precisasse dele, desejasse seu pau e o prazer que isso traria. Ele queria que ela o visse como um homem. Tão real quanto qualquer um que ela conheceu antes.



Não apenas *tão* real, mas melhor. Mais capaz. Mais apaixonado. Mais *tudo*.

O som de passos de dentro da casa o tirou da névoa de seus pensamentos. Paige estava se movendo. Seus passos eram leves e hesitantes, mas ele podia ouvi-los claros como um trovão. Ele tentou bloquear o som cortando mais algumas toras, mas não adiantou. Assim como disse a ela, não havia como esconder o que estava acontecendo entre eles.

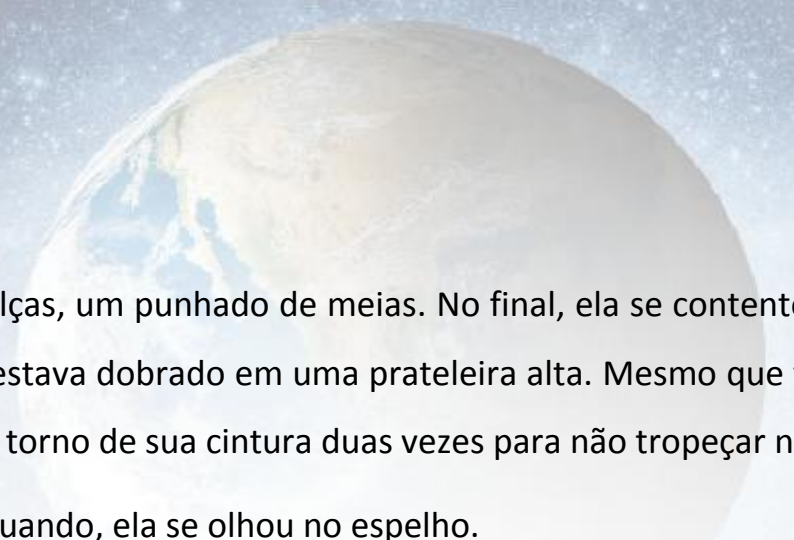
Ele deu um último golpe forte no machado e enterrou a lâmina bem no fundo do toco de árvore que usava como bloco de corte.

Talvez fosse hora de parar de tentar.

Paige

A camisa de Kian não se encaixava.

Ela não deveria ter ficado surpresa. O Alfa era enorme, afinal, mas era difícil não ficar surpresa com quão enorme a peça de roupa realmente era. A bainha descia até aos joelhos. A gola mal parava em seus ombros. Sua camiseta simples era tão longa quanto qualquer vestido. Paige passou mais de um minuto vasculhando seu armário em busca de algo para usar como cinto. Não havia muito para escolher, apenas algumas camisas,



algumas calças, um punhado de meias. No final, ela se contentou com um lenço que estava dobrado em uma prateleira alta. Mesmo que tivesse que enrolar em torno de sua cintura duas vezes para não tropeçar nele.

Recuando, ela se olhou no espelho.

Bem, ela não estaria andando em nenhuma passarela parisiense com essa roupa - honestamente, era mais um saco do que um vestido - mas pelo menos cobria todas as partes importantes.

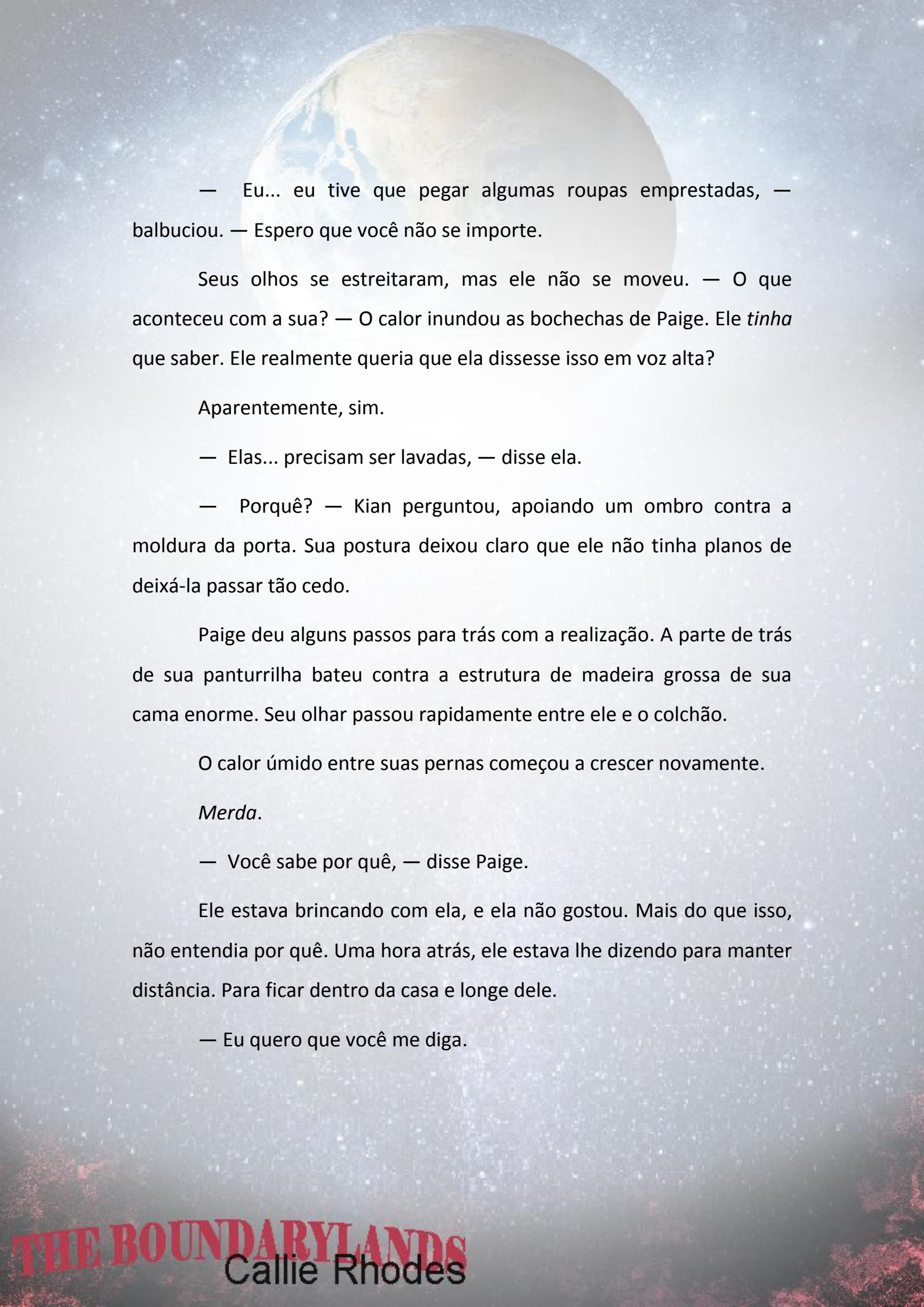
E não estava encharcado.

Essa última foi a parte realmente importante. Depois que Paige se acalmou o suficiente para se levantar do chão, ela percebeu que tinha estragado seu jeans. O jeans estava todo encharcado.

Envergonhada e enojada com o que seu corpo tinha feito, ela os tirou o mais rápido que pôde. Só então ela se lembrou de que não tinha mais nada para vestir.

— O que você está fazendo?

Paige estremeceu ao som da voz estrondosa de Kian. Apertando o punho contra o peito, ela se virou. Ele preenchia a porta atrás dela, bloqueando completamente a saída. Estava suando, mais forte do que antes, e o calor se acumulou nela quando o perfume masculino fez seu caminho até ela.



— Eu... eu tive que pegar algumas roupas emprestadas, — balbuciou. — Espero que você não se importe.

Seus olhos se estreitaram, mas ele não se moveu. — O que aconteceu com a sua? — O calor inundou as bochechas de Paige. Ele *tinha* que saber. Ele realmente queria que ela dissesse isso em voz alta?

Aparentemente, sim.

— Elas... precisam ser lavadas, — disse ela.

— Porquê? — Kian perguntou, apoiando um ombro contra a moldura da porta. Sua postura deixou claro que ele não tinha planos de deixá-la passar tão cedo.

Paige deu alguns passos para trás com a realização. A parte de trás de sua panturrilha bateu contra a estrutura de madeira grossa de sua cama enorme. Seu olhar passou rapidamente entre ele e o colchão.

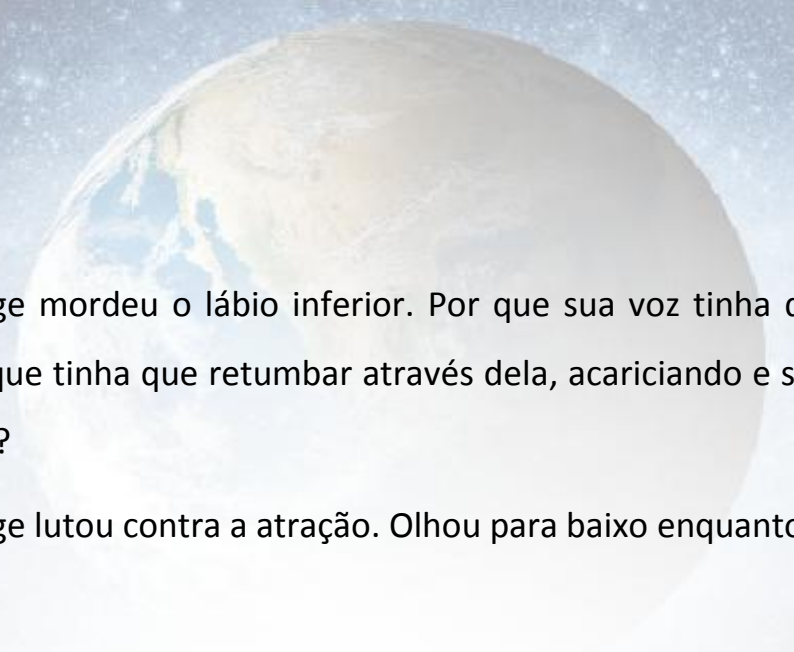
O calor úmido entre suas pernas começou a crescer novamente.

Merda.

— Você sabe porquê, — disse Paige.

Ele estava brincando com ela, e ela não gostou. Mais do que isso, não entendia porquê. Uma hora atrás, ele estava lhe dizendo para manter distância. Para ficar dentro da casa e longe dele.

— Eu quero que você me diga.



Paige mordeu o lábio inferior. Por que sua voz tinha que ser tão sexy? Por que tinha que retumbar através dela, acariciando e seduzindo-a por dentro?

Paige lutou contra a atração. Olhou para baixo enquanto balançava a cabeça.

— Diga-me — Kian repetiu da porta. Ele não parecia chateado. Nem por isso. Na verdade, parecia que ele estava jogando um jogo com ela. Um onde ele conhecia todas as regras e ela não. Um jogo em que era o jogador e o árbitro. Um que tinha certeza de ganhar. O terrível era que Paige estava começando a acreditar também. — Porque minhas pernas estavam molhadas, — ela respondeu.

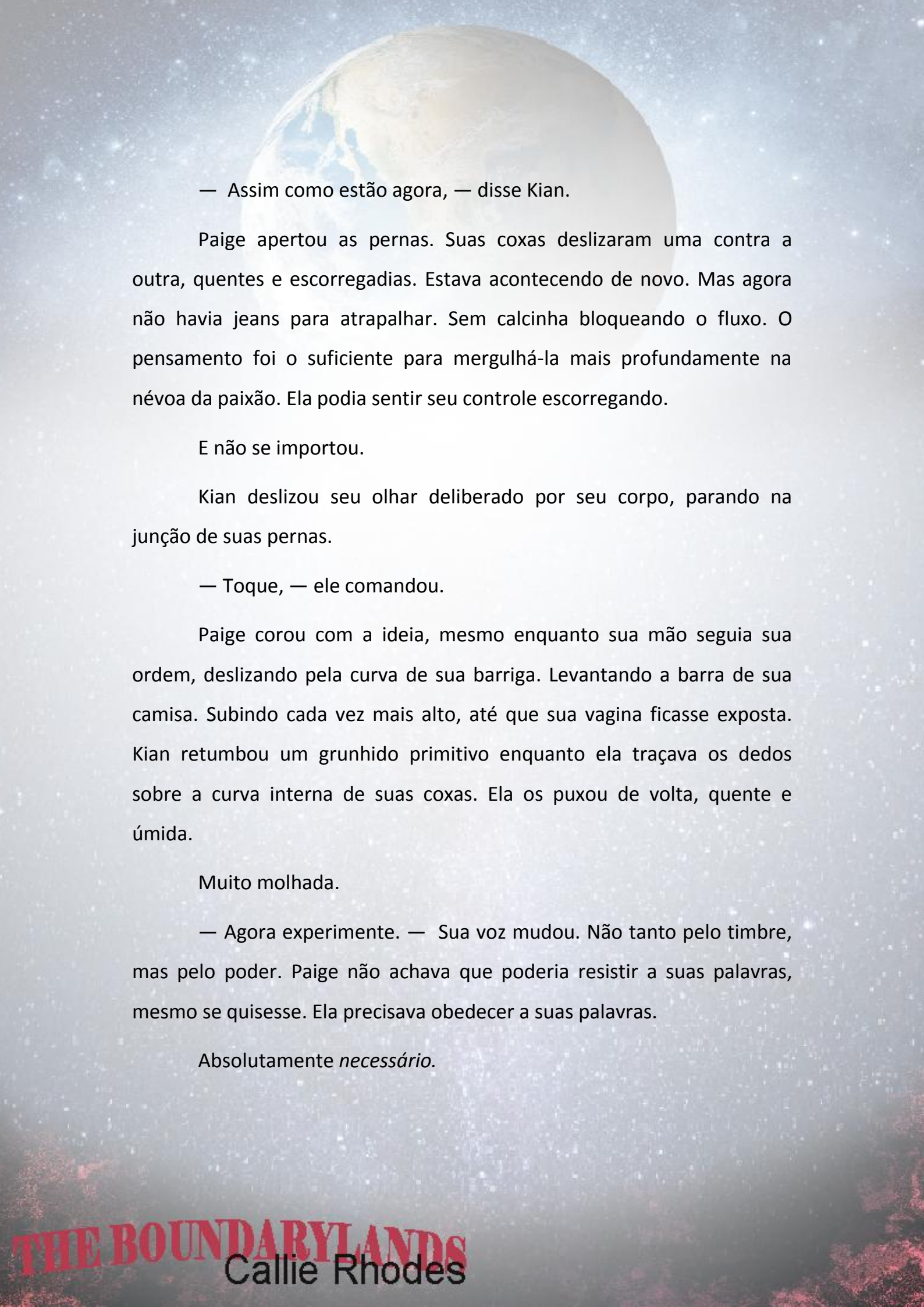
— Molhadas com o quê?

Deus, ele realmente iria obrigá-la a dizer isso? Dizer *tudo*? Paige ergueu a cabeça e o olhou nos olhos. A fome estava de volta, mais forte e mais voraz do que antes. O desejo puro retorceu-se com força dentro de seu ventre. Seu lábio inferior tremia enquanto ela tentava engolir o gemido que ameaçava escapar.

— Molhadas com a minha humidade.

As palavras tiveram tanto efeito sobre ela quanto sobre ele. A aguda pontada de vergonha se retraiu e uma emoção muito mais urgente tomou seu lugar.

Necessidade.



— Assim como estão agora, — disse Kian.

Paige apertou as pernas. Suas coxas deslizaram uma contra a outra, quentes e escorregadias. Estava acontecendo de novo. Mas agora não havia jeans para atrapalhar. Sem calcinha bloqueando o fluxo. O pensamento foi o suficiente para mergulhá-la mais profundamente na névoa da paixão. Ela podia sentir seu controle escorregando.

E não se importou.

Kian deslizou seu olhar deliberado por seu corpo, parando na junção de suas pernas.

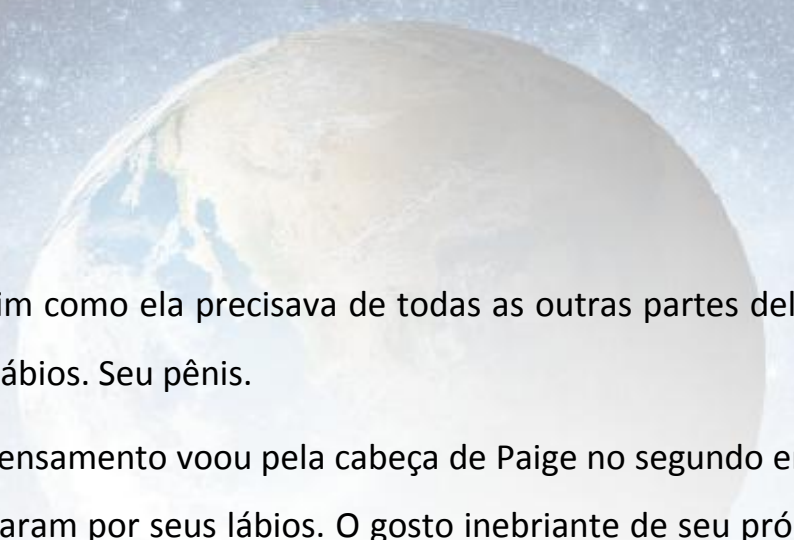
— Toque, — ele comandou.

Paige corou com a ideia, mesmo enquanto sua mão seguia sua ordem, deslizando pela curva de sua barriga. Levantando a barra de sua camisa. Subindo cada vez mais alto, até que sua vagina ficasse exposta. Kian retumbou um grunhido primitivo enquanto ela traçava os dedos sobre a curva interna de suas coxas. Ela os puxou de volta, quente e úmida.

Muito molhada.

— Agora experimente. — Sua voz mudou. Não tanto pelo timbre, mas pelo poder. Paige não achava que poderia resistir a suas palavras, mesmo se quisesse. Ela precisava obedecer a suas palavras.

Absolutamente *necessário*.



Assim como ela precisava de todas as outras partes dele. As mãos dele. Seus lábios. Seu pênis.

O pensamento voou pela cabeça de Paige no segundo em que seus dedos passaram por seus lábios. O gosto inebriante de seu próprio desejo varreu sua língua. Oh Deus, seu pau. Tão grande e largo. Tão comprido. Tão duro.

Essa foi a resposta. A única coisa que apagaria o poço de fogo da paixão que ardia dentro dela. A única coisa que ela precisava.

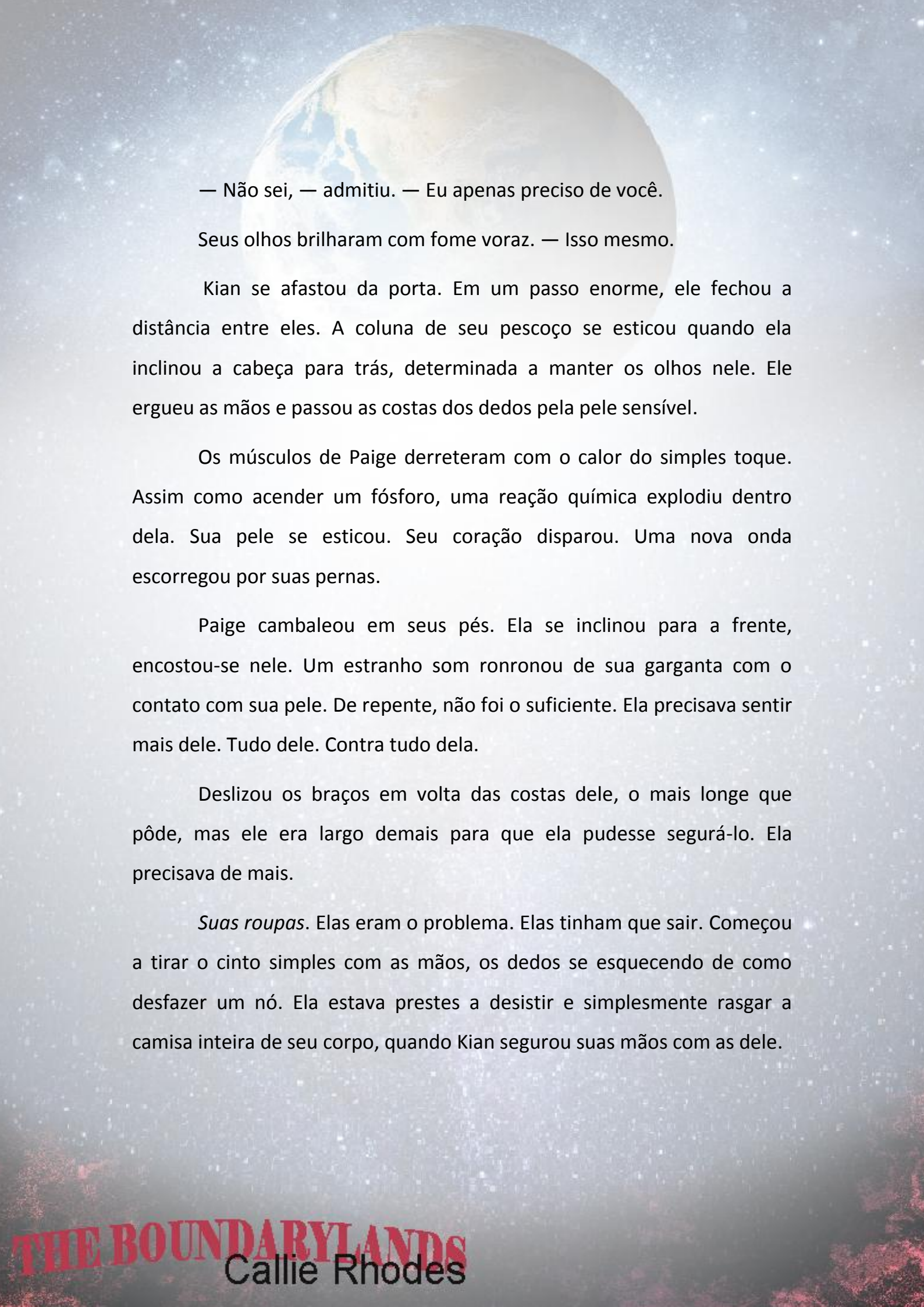
— Por favor, Kian.

Paige não percebeu que estava falando até que as palavras saíram de sua boca.

Seu rosnado encheu a sala, sacudindo o vidro da janela. Suas mãos envolveram o batente da porta, seus dedos entortando a madeira.

— Por favor, o quê? — Sua voz era tão tensa quanto a dela. A emocionou saber que tinha esse efeito sobre ele. Que ela poderia fazê-lo tremer. Fazendo se esforçar. O único problema era que não sabia onde ir a partir daqui.

Ela o queria, com certeza, mas no fundo sabia que o simples contato físico não era suficiente. Ela não queria apenas foder. Queria mais. Precisava ser preenchida completamente. Totalmente. De maneiras que não tinha linguagem para expressar.



— Não sei, — admitiu. — Eu apenas preciso de você.

Seus olhos brilharam com fome voraz. — Isso mesmo.

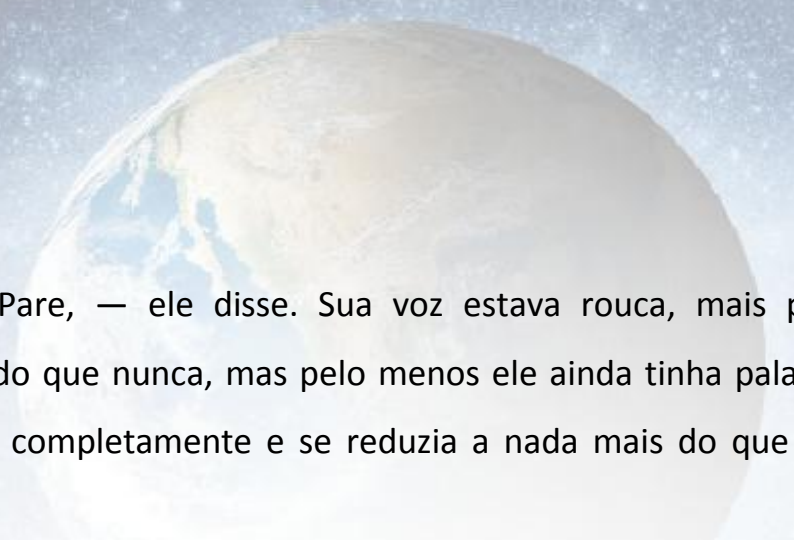
Kian se afastou da porta. Em um passo enorme, ele fechou a distância entre eles. A coluna de seu pescoço se esticou quando ela inclinou a cabeça para trás, determinada a manter os olhos nele. Ele ergueu as mãos e passou as costas dos dedos pela pele sensível.

Os músculos de Paige derreteram com o calor do simples toque. Assim como acender um fósforo, uma reação química explodiu dentro dela. Sua pele se esticou. Seu coração disparou. Uma nova onda escorregou por suas pernas.

Paige cambaleou em seus pés. Ela se inclinou para a frente, encostou-se nele. Um estranho som ronronou de sua garganta com o contato com sua pele. De repente, não foi o suficiente. Ela precisava sentir mais dele. Tudo dele. Contra tudo dela.

Deslizou os braços em volta das costas dele, o mais longe que pôde, mas ele era largo demais para que ela pudesse segurá-lo. Ela precisava de mais.

Suas roupas. Elas eram o problema. Elas tinham que sair. Começou a tirar o cinto simples com as mãos, os dedos se esquecendo de como desfazer um nó. Ela estava prestes a desistir e simplesmente rasgar a camisa inteira de seu corpo, quando Kian segurou suas mãos com as dele.



— Pare, — ele disse. Sua voz estava rouca, mais profunda e respirável do que nunca, mas pelo menos ele ainda tinha palavras. Paige as perdera completamente e se reduzia a nada mais do que gemidos e suspiros.

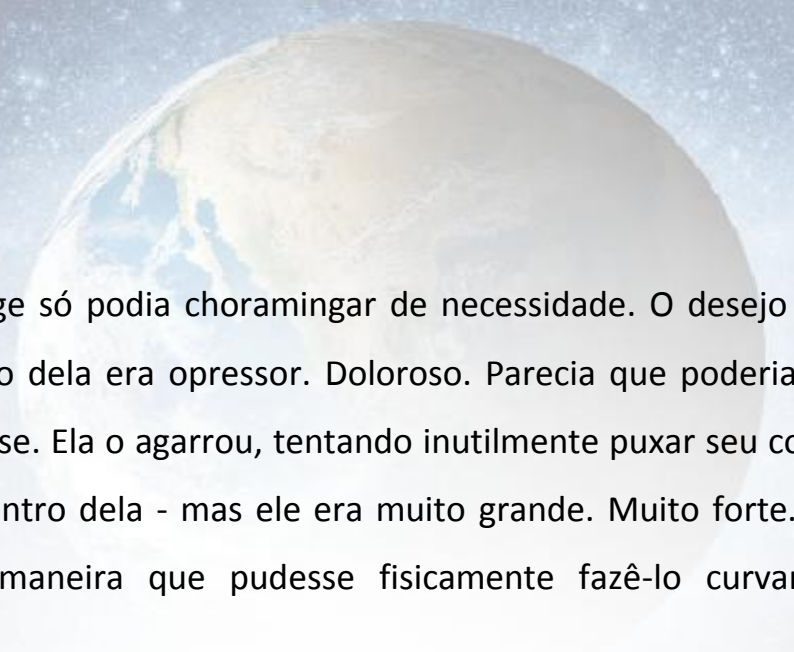
Com um puxão, ele puxou o cinto improvisado, em seguida, puxou a camisa sobre sua cabeça.

Paige respirou fundo quando o ar frio lavou seu corpo nu. Kian mostrou os dentes enquanto seu olhar varria cada centímetro de sua pele exposta. Seu grunhido primitivo encheu a sala.

Ele se inclinou sobre a cama, cerrando os punhos nas cobertas. Em um único movimento, as arrancou e jogou a seus pés. Aparentemente, o que estavam prestes a fazer não era civilizado o suficiente para uma cama. Exigia algo muito mais bruto.

Kian a puxou para o chão. A mão enorme dele deslizando entre as pernas dela e ficando instantaneamente encharcada. Seu grunhido de aprovação fez uma nova onda fluir.

— Você tem ideia de quanto tempo eu esperei para sentir o néctar de uma Ômega? Para provar você? — Ele lentamente levou um dedo à boca e passou-o contra a língua. Seus olhos se fecham. Seu peito pressionou contra o dela enquanto ele respirava profundamente de satisfação. — Como mel.



Paige só podia choramingar de necessidade. O desejo de puxá-lo para dentro dela era opressor. Doloroso. Parecia que poderia morrer se não o tivesse. Ela o agarrou, tentando inutilmente puxar seu corpo contra o dela - dentro dela - mas ele era muito grande. Muito forte. Não havia nenhuma maneira que pudesse fisicamente fazê-lo curvar-se à sua vontade.

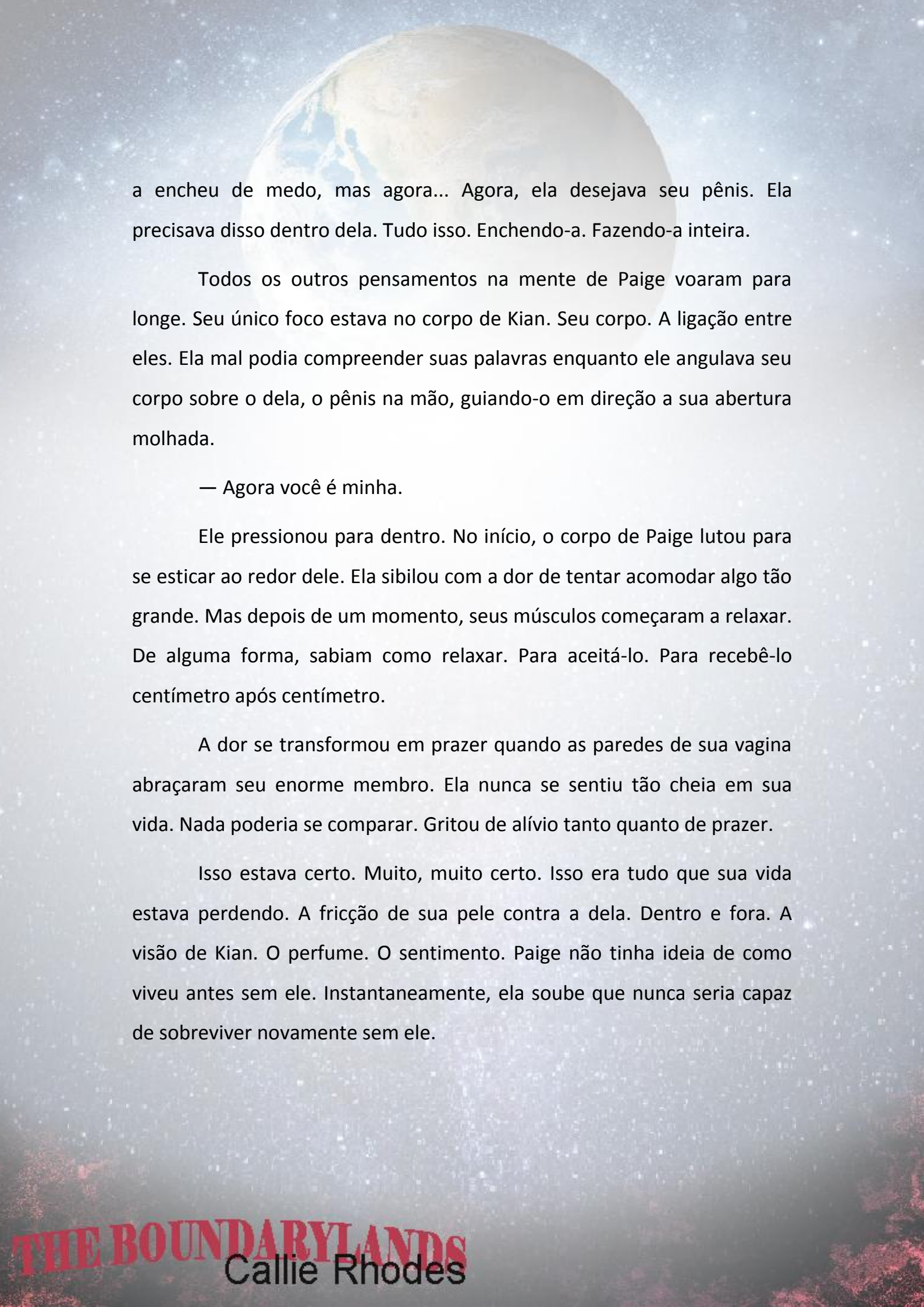
Ela gritou ao perceber que estava sob seu controle, não o contrário.

— Tão impaciente, — ele a provocou. — É isso que você quer?

Ele baixou a mão. A ponta de seu polegar pressionou contra a protuberância de seu clitóris. As costas de Paige se arquearam com a sensação de disparada por seu núcleo. Os dedos dela cravaram em seus ombros, incitando-o. O prazer foi agudo e intenso... mas não era o suficiente. Ela precisava de mais.

Ela não podia pedir, então tentou pegar o que queria, agarrando o zíper da calça jeans dele.

— Tão gananciosa, — sua voz retumbou baixo. Ele afastou as mãos dela e fez o que ela não conseguiu, liberando a parte de cima e chutando-as para baixo. Paige respirou fundo ao ver seu pênis, duro e forte, pressionando contra o plano musculoso de sua barriga. Era tão grande. Tão impossivelmente enorme. Poucas horas antes, o pensamento



a encheu de medo, mas agora... Agora, ela desejava seu pênis. Ela precisava disso dentro dela. Tudo isso. Enchendo-a. Fazendo-a inteira.

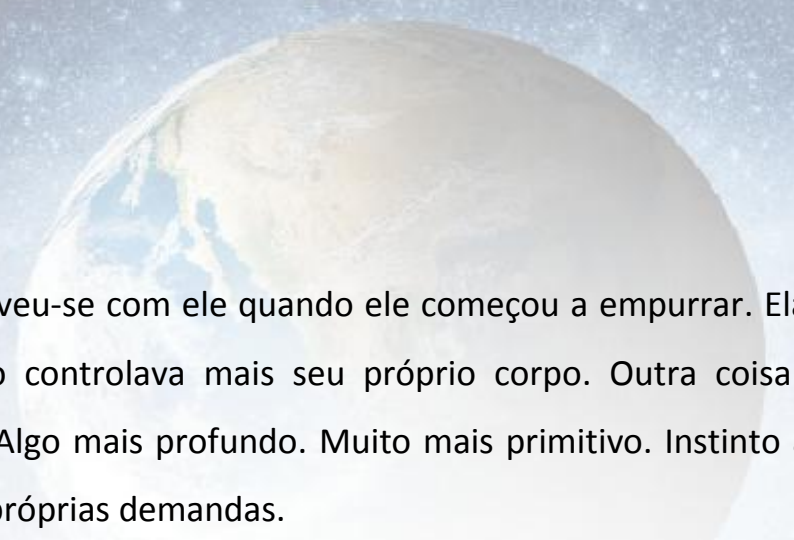
Todos os outros pensamentos na mente de Paige voaram para longe. Seu único foco estava no corpo de Kian. Seu corpo. A ligação entre eles. Ela mal podia compreender suas palavras enquanto ele angulava seu corpo sobre o dela, o pênis na mão, guiando-o em direção a sua abertura molhada.

— Agora você é minha.

Ele pressionou para dentro. No início, o corpo de Paige lutou para se esticar ao redor dele. Ela sibilou com a dor de tentar acomodar algo tão grande. Mas depois de um momento, seus músculos começaram a relaxar. De alguma forma, sabiam como relaxar. Para aceitá-lo. Para recebê-lo centímetro após centímetro.

A dor se transformou em prazer quando as paredes de sua vagina abraçaram seu enorme membro. Ela nunca se sentiu tão cheia em sua vida. Nada poderia se comparar. Gritou de alívio tanto quanto de prazer.

Isso estava certo. Muito, muito certo. Isso era tudo que sua vida estava perdendo. A fricção de sua pele contra a dela. Dentro e fora. A visão de Kian. O perfume. O sentimento. Paige não tinha ideia de como viveu antes sem ele. Instantaneamente, ela soube que nunca seria capaz de sobreviver novamente sem ele.



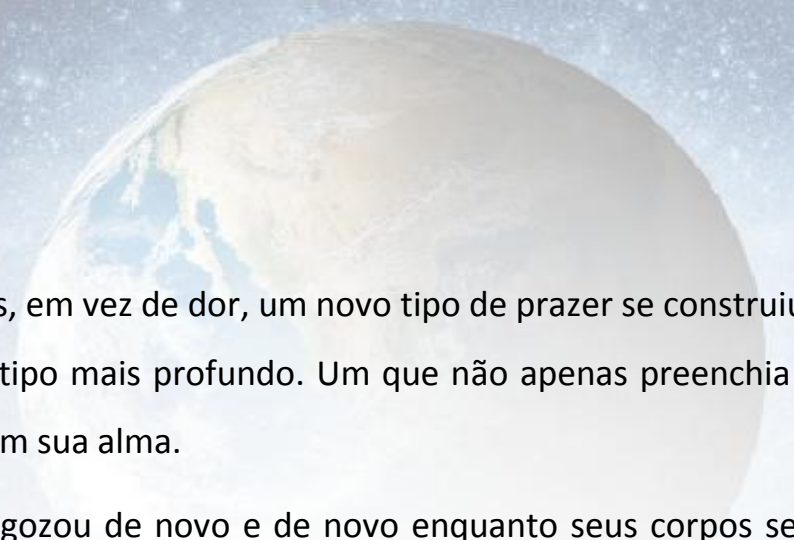
Moveu-se com ele quando ele começou a empurrar. Ela não pôde evitar. Não controlava mais seu próprio corpo. Outra coisa estava no comando. Algo mais profundo. Muito mais primitivo. Instinto animal que fazia suas próprias demandas.

Paige não tinha ideia de quanto tempo ela continuou lutando contra Kian. O tempo perdia o sentido quando ele estava nela. Tudo o que importava era a marca ardente de desejo. As vibrações de seus grunhidos contra seu peito. O cheiro de seu corpo envolvendo-a como um cobertor.

Ela ultrapassou os limites do prazer, levando cada vez mais para a necessidade, até que o cordão da paixão dentro dela era esticado de forma inimaginavelmente apertada. Gritou, incapaz de aguentar mais.

Só então, Kian empurrou todo o peso de seus quadris para baixo, enterrando seu pênis incrivelmente profundo. Todas as sensações se estilhaçaram, explodindo e levando o que restava da mente racional de Paige com elas. Seu corpo tremia incontrolavelmente contra o de Kian, sua boceta vibrando contra a pele sedosa de seu pênis.

Ele endureceu acima dela, os dentes à mostra e os músculos tensos. Paige sentiu uma onda de gozo jorrando dentro dela. Pulsando. Batendo contra seu útero. Então a pressão realmente começou. Seu pênis inchou dentro dela. O que antes era enorme tornou-se monstruoso.



Mas, em vez de dor, um novo tipo de prazer se construiu dentro de Paige. Um tipo mais profundo. Um que não apenas preenchia seu corpo, mas também sua alma.

Ela gozou de novo e de novo enquanto seus corpos se uniam. As sombras se moviam pela sala tirando o dia, mas Paige não se importou. O tempo não significava nada.

Não quando Kian estava nela.

Nem um único pensamento fluiu por sua cabeça enquanto ela permanecia deitada no chão com ele. Simplesmente se apertou contra o peito dele, respirando e ronronando, até que a doce felicidade do sono veio e a levou embora.



CAPÍTULO 8

Paige

Paige acordou no chão sem ideia de quanto tempo estava lá. Horas? Dias? Inferno, poderia ter sido uma semana, e ela não teria ficado surpresa.

Tudo o que sabia era que já fazia *um tempo*. Porque embora o conceito de tempo estivesse confuso em sua mente, a memória de cada coisa que ela e Kian fizeram era cristalina.

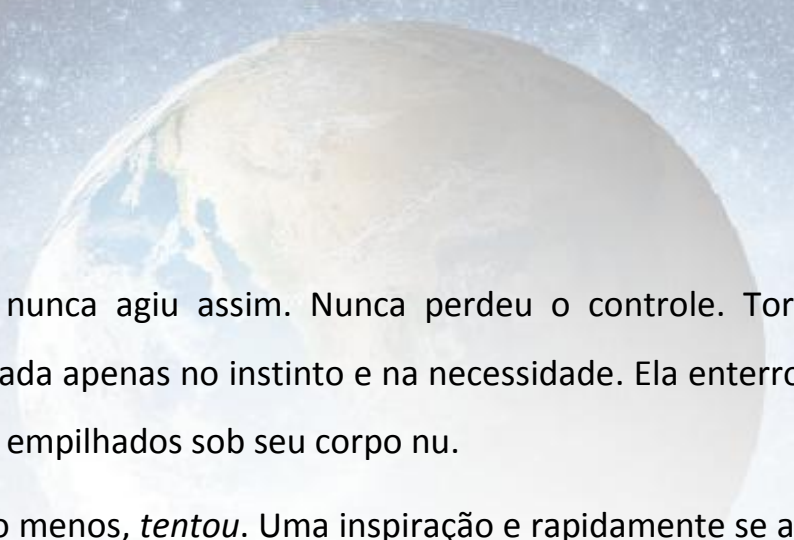
Eles não tinham trepado apenas uma vez. Oh Deus, não. Eles fizeram *muito isso*. Muita coisa.

De novo e de novo.

Uma e outra vez.

Cada vez terminava com seu corpo exausto, mas seu sangue ainda estava quente e desesperado por mais.

Paige estremeceu com a memória. Ela fez tudo o que ele disse que faria. Ela implorou, suplicou, agarrou até que a enchesse novamente. As imagens passando por sua cabeça eram inegáveis, mas de alguma forma ela mal se reconhecia.



Ela nunca agiu assim. Nunca perdeu o controle. Tornou-se um animal, focada apenas no instinto e na necessidade. Ela enterrou a cabeça nos lençóis empilhados sob seu corpo nu.

Pelo menos, *tentou*. Uma inspiração e rapidamente se afastou com nojo. Sim, ela precisaria lavá-los. Talvez queimá-los fosse uma ideia melhor. Provavelmente havia um limite para a quantidade de detergente para a roupa que poderia fazer, e nunca tinha visto um que anunciasse que poderia sair de vários dias de Alfa e Ômega fodendo.

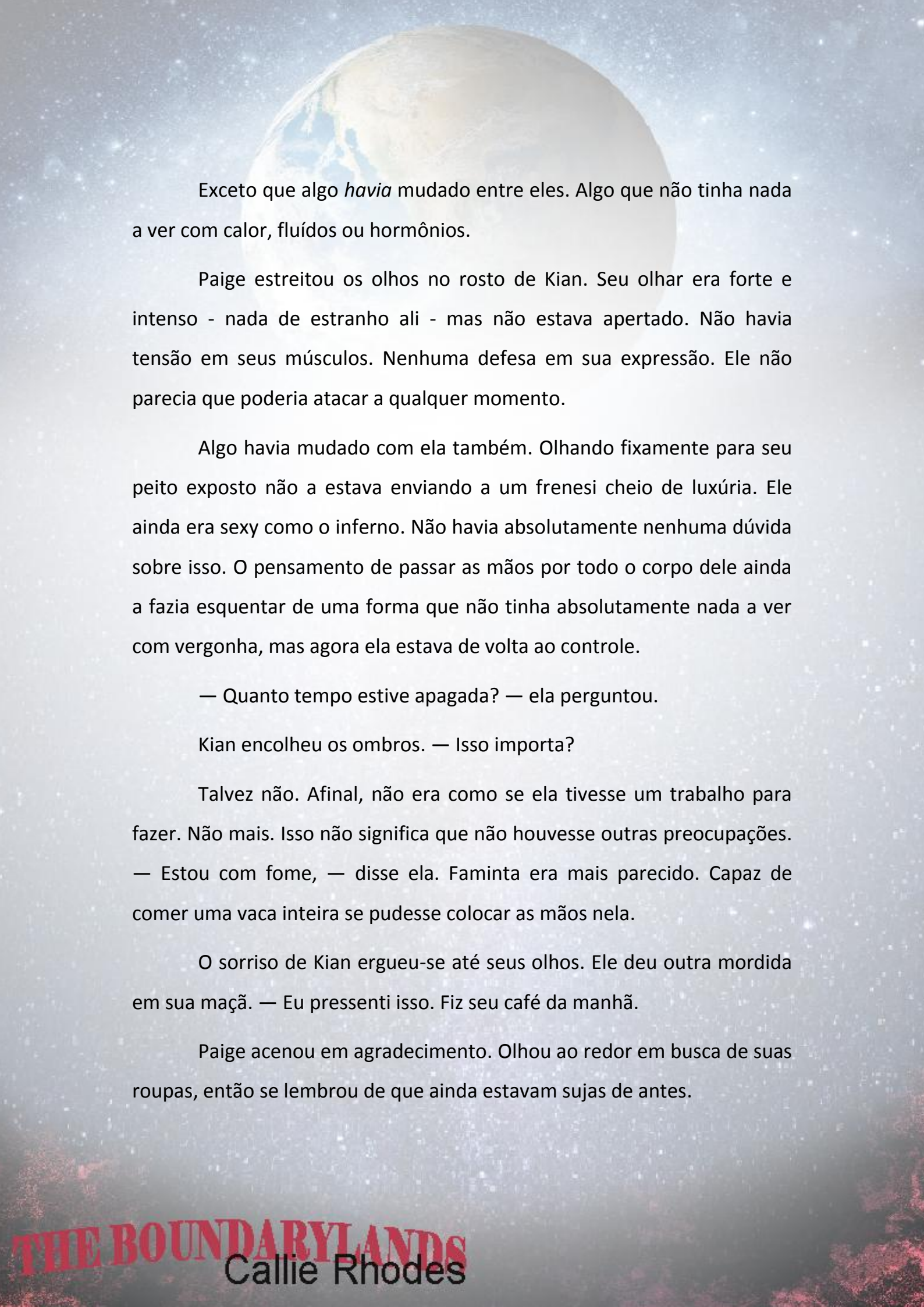
— Você está acordada.

Paige saltou ao som da voz crescendo atrás dela. Sem pensar, ela agarrou um punhado de roupa de cama suja e envolvendo sobre o peito.

Ela se virou para ver Kian enchendo a porta. Ele não estava vestindo uma camisa, mas parecia que tinha conseguido tirar seu jeans do emaranhado de lençóis. Segurando uma maçã meio comida na mão, ele deu a ela um sorriso digno da serpente do Éden.

— Você sabe que eu já te vi nua, certo? — ele disse antes de dar outra mordida.

Paige corou. Isso foi um inferno de um eufemismo. Ela tinha certeza de que algumas das coisas que eles fizeram um ao outro beiravam o ilegal. Então, como no mundo ele era capaz de ficar lá como se nada tivesse acontecido?



Exceto que algo *havia* mudado entre eles. Algo que não tinha nada a ver com calor, fluídos ou hormônios.

Paige estreitou os olhos no rosto de Kian. Seu olhar era forte e intenso - nada de estranho ali - mas não estava apertado. Não havia tensão em seus músculos. Nenhuma defesa em sua expressão. Ele não parecia que poderia atacar a qualquer momento.

Algo havia mudado com ela também. Olhando fixamente para seu peito exposto não a estava enviando a um frenesi cheio de luxúria. Ele ainda era sexy como o inferno. Não havia absolutamente nenhuma dúvida sobre isso. O pensamento de passar as mãos por todo o corpo dele ainda a fazia esquentar de uma forma que não tinha absolutamente nada a ver com vergonha, mas agora ela estava de volta ao controle.

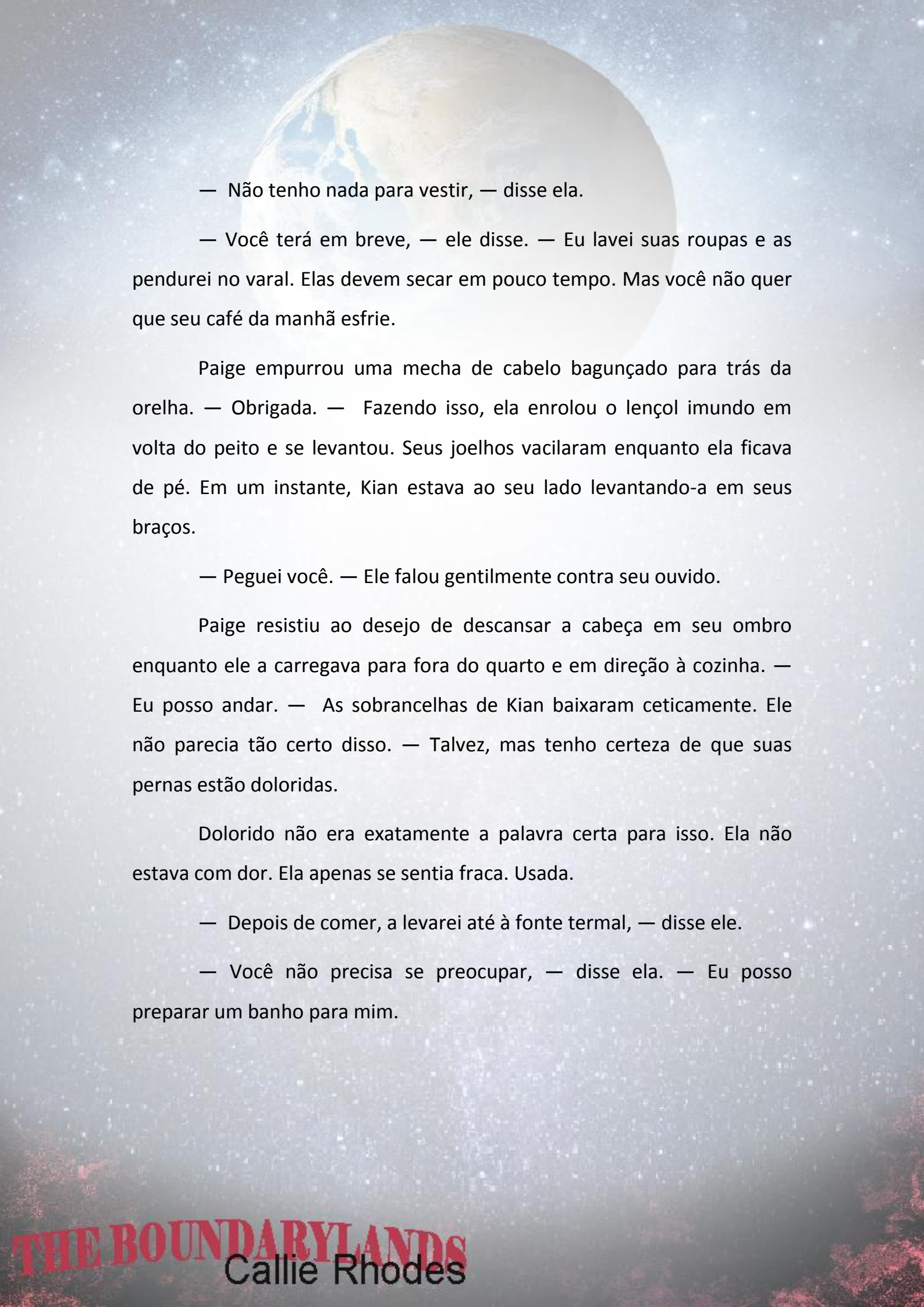
— Quanto tempo estive apagada? — ela perguntou.

Kian encolheu os ombros. — Isso importa?

Talvez não. Afinal, não era como se ela tivesse um trabalho para fazer. Não mais. Isso não significa que não houvesse outras preocupações. — Estou com fome, — disse ela. Faminta era mais parecido. Capaz de comer uma vaca inteira se pudesse colocar as mãos nela.

O sorriso de Kian ergueu-se até seus olhos. Ele deu outra mordida em sua maçã. — Eu pressenti isso. Fiz seu café da manhã.

Paige acenou em agradecimento. Olhou ao redor em busca de suas roupas, então se lembrou de que ainda estavam sujas de antes.



— Não tenho nada para vestir, — disse ela.

— Você terá em breve, — ele disse. — Eu lavei suas roupas e as pendurei no varal. Elas devem secar em pouco tempo. Mas você não quer que seu café da manhã esfrie.

Paige empurrou uma mecha de cabelo bagunçado para trás da orelha. — Obrigada. — Fazendo isso, ela enrolou o lençol imundo em volta do peito e se levantou. Seus joelhos vacilaram enquanto ela ficava de pé. Em um instante, Kian estava ao seu lado levantando-a em seus braços.

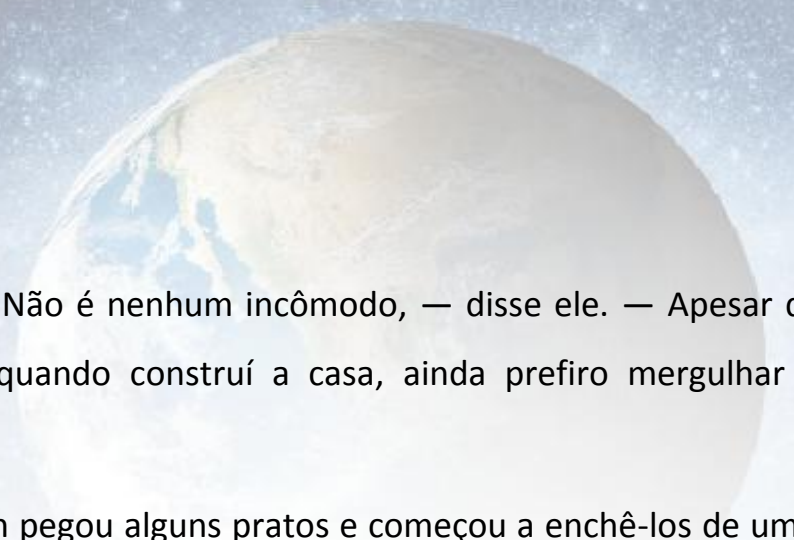
— Peguei você. — Ele falou gentilmente contra seu ouvido.

Paige resistiu ao desejo de descansar a cabeça em seu ombro enquanto ele a carregava para fora do quarto e em direção à cozinha. — Eu posso andar. — As sobrancelhas de Kian baixaram ceticamente. Ele não parecia tão certo disso. — Talvez, mas tenho certeza de que suas pernas estão doloridas.

Dolorido não era exatamente a palavra certa para isso. Ela não estava com dor. Ela apenas se sentia fraca. Usada.

— Depois de comer, a levarei até à fonte termal, — disse ele.

— Você não precisa se preocupar, — disse ela. — Eu posso preparar um banho para mim.



— Não é nenhum incômodo, — disse ele. — Apesar de ter água encanada quando construí a casa, ainda prefiro mergulhar na piscina natural.

Kian pegou alguns pratos e começou a enchê-los de uma frigideira no fogão a lenha. Paige envolveu as mãos em torno do copo de água fria à sua frente e o girou para a frente e para trás entre as palmas, observando a luz do sol refratar e se espalhar na mesa à sua frente.

— É impressionante que você tenha construído este lugar sozinho, — disse ela. — Nunca conheci ninguém que tivesse feito isso.

Ele encolheu os ombros enormes novamente. — Não era como se qualquer outra pessoa fosse fazer.

Paige olhou para o prato que ele colocou na frente dela. Ovos mexidos com legumes, torradas e manteiga à parte. Parecia e tinha um cheiro delicioso. Ela estava começando a se perguntar se havia algo que o homem não pudesse fazer.

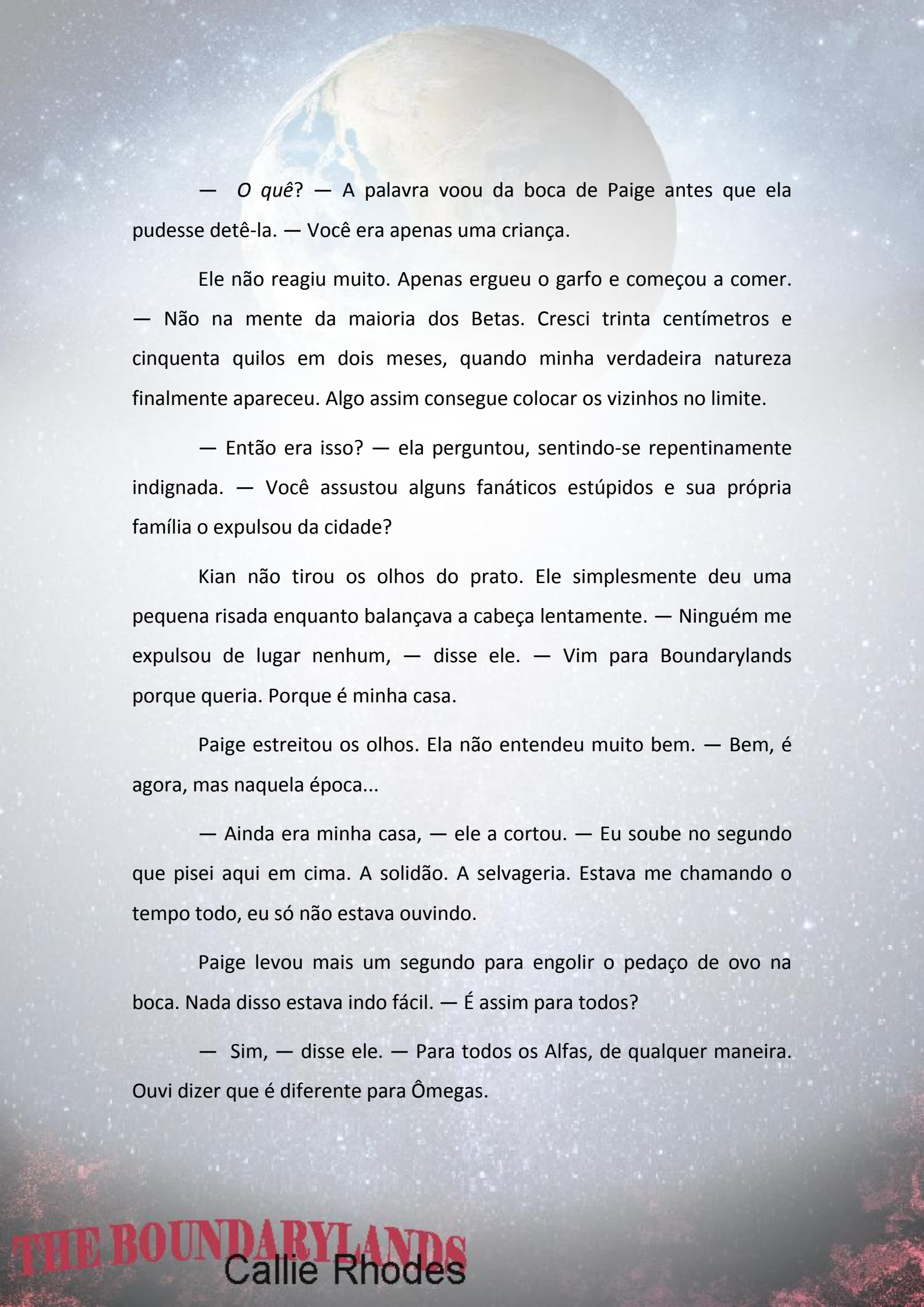
— Há quanto tempo você se mudou para cá? — ela perguntou.

— Quinze anos atrás.

A sobrancelha de Paige baixou com força. *Quinze anos atrás*. Não pode ter sido há muito tempo. A matemática não funcionou.

— Quantos anos você tinha? — ela perguntou.

— Dezesseis.



— *O quê?* — A palavra voou da boca de Paige antes que ela pudesse detê-la. — Você era apenas uma criança.

Ele não reagiu muito. Apenas ergueu o garfo e começou a comer. — Não na mente da maioria dos Betas. Cresci trinta centímetros e cinquenta quilos em dois meses, quando minha verdadeira natureza finalmente apareceu. Algo assim consegue colocar os vizinhos no limite.

— Então era isso? — ela perguntou, sentindo-se repentinamente indignada. — Você assustou alguns fanáticos estúpidos e sua própria família o expulsou da cidade?

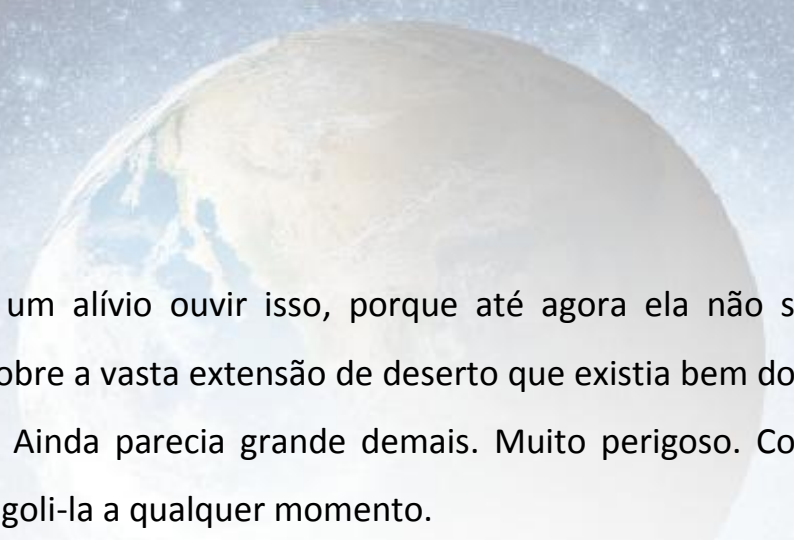
Kian não tirou os olhos do prato. Ele simplesmente deu uma pequena risada enquanto balançava a cabeça lentamente. — Ninguém me expulsou de lugar nenhum, — disse ele. — Vim para Boundarylands porque queria. Porque é minha casa.

Paige estreitou os olhos. Ela não entendeu muito bem. — Bem, é agora, mas naquela época...

— Ainda era minha casa, — ele a cortou. — Eu soube no segundo que pisei aqui em cima. A solidão. A selvageria. Estava me chamando o tempo todo, eu só não estava ouvindo.

Paige levou mais um segundo para engolir o pedaço de ovo na boca. Nada disso estava indo fácil. — É assim para todos?

— Sim, — disse ele. — Para todos os Alfas, de qualquer maneira. Ouvi dizer que é diferente para Ômegas.



Foi um alívio ouvir isso, porque até agora ela não sentia nada diferente sobre a vasta extensão de deserto que existia bem do outro lado da parede. Ainda parecia grande demais. Muito perigoso. Como se isso pudesse engoli-la a qualquer momento.

A última coisa no mundo que parecia era estar em casa.

— Diferente como? — ela bisbilhotou.

Kian balançou a cabeça. — Não tenho certeza, — disse ele. — Nunca prestei atenção.

Os ombros de Paige caíram. Claro que não. Ela se lembrou das palavras que ele lançou algumas horas antes de ambos sucumbirem a uma névoa de luxúria e hormônios.

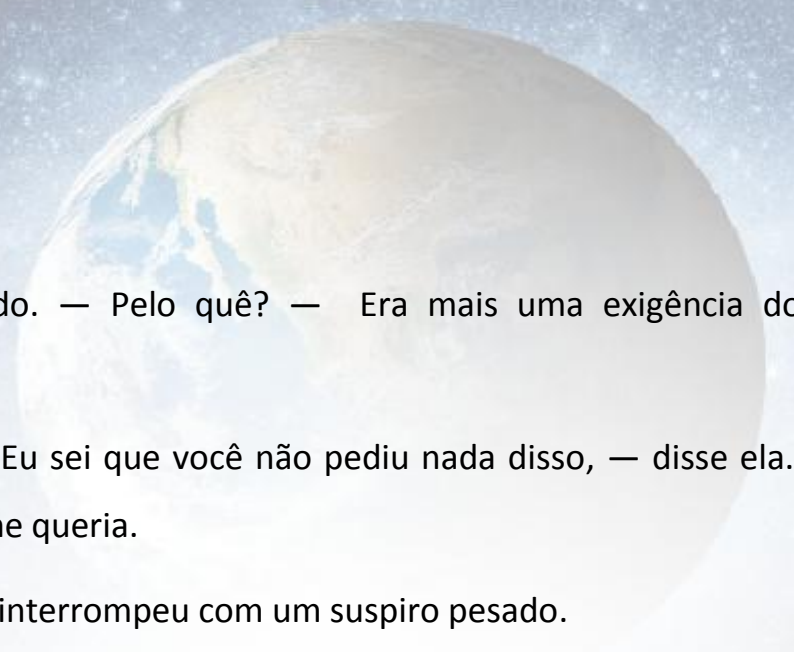
Você tem razão. Eu não quero nada disso.

Ele não tinha prestado atenção ao que aconteceu com as Ômegas porque nunca quis uma para si.

Seus olhos caíram para o prato. Para a comida que ele preparou cedo para ela. Os ovos devem ter sido coletados manualmente. O pão que ele próprio amassou e assou. Muito trabalho. Tudo para alguém que realmente não queria ter por perto.

— Sinto muito. — Sua voz era um sussurro.

O garfo de Kian parou imediatamente de tilintar em seu prato. Ela podia sentir o ar na sala mudar conforme ele se acalmava, tornando-se



mais pesado. — Pelo quê? — Era mais uma exigência do que uma pergunta.

— Eu sei que você não pediu nada disso, — disse ela. — Sei que você não me queria.

Ele interrompeu com um suspiro pesado.

— Então, agora estamos de volta ao que você *sabe*.

Paige pressionou de qualquer maneira, passando a picada de lágrimas que brotavam de seus olhos.

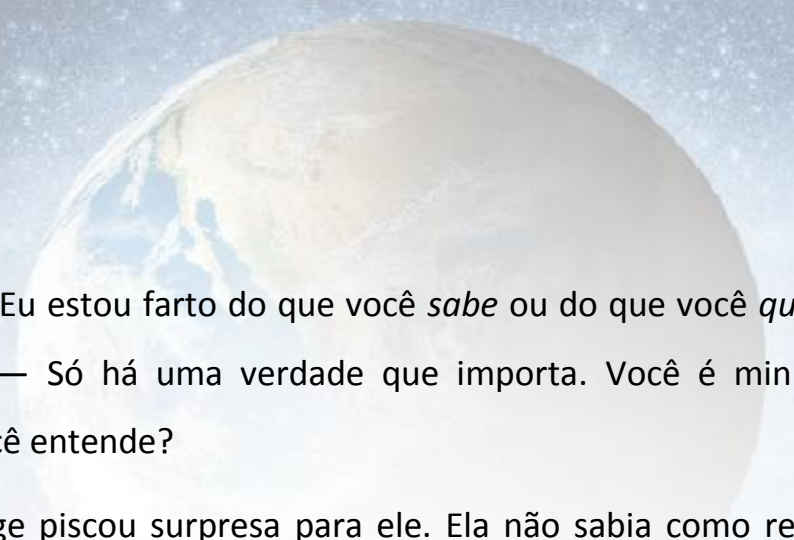
— Mas eu prometo que farei a minha parte durante o tempo que ficar aqui.

— *Quanto tempo?* — A raiva explodiu em suas palavras. Ele se afastou da mesa, ficando de pé e pairando sobre ela.

Paige fez o possível para não se encolher, mas não conseguiu evitar abaixar a cabeça ainda mais.

— Só quis dizer que não serei um fardo, — disse ela. — Eu posso cozinhar para mim. Lavar minhas próprias roupas.

Kian estava virando a esquina em um piscar de olhos, levantando-a. Curvando um dedo sob seu queixo, ele inclinou a cabeça para trás, forçando-a a olhar em seus olhos.



— Eu estou farto do que você *sabe* ou do que você *quer dizer*, — disse ele. — Só há uma verdade que importa. Você é minha Ômega. *Minha*. Você entende?

Paige piscou surpresa para ele. Ela não sabia como reagir a uma reação tão apaixonada. Quando ela não respondeu, Kian a sacudiu uma vez pelos braços.

— Você entende? — Perguntou de novo, acertando cada palavra com força.

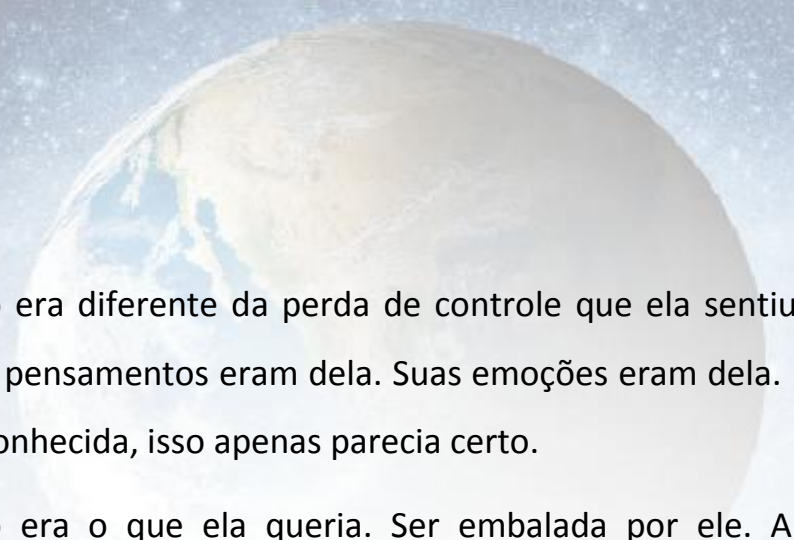
Paige deu um aceno trêmulo.

Ele parecia longe de estar convencido. Em um movimento suave, ele a ergueu em seus braços.

— O que está fazendo? — ela perguntou enquanto ele a carregava pela porta da frente da cabana e entrando na floresta.

— Provando isso para você.

As palavras retumbaram em seu peito e em seu corpo, trazendo com elas uma estranha sensação de calma. Mesmo que a energia que emanava dele fosse agressiva e intensa, ela se encontrou lutando contra o desejo de se enrolar em seus braços. Ainda mais totalmente contra o peito dele. Para acalmar a raiva dele com seus ronronados.



Isso era diferente da perda de controle que ela sentiu caindo no calor. Seus pensamentos eram dela. Suas emoções eram dela. Por alguma razão desconhecida, isso apenas parecia certo.

Isso era o que ela queria. Ser embalada por ele. Amparada e segura. Sentir sua intensidade e força. Tudo o que ela sabia era que este era o lugar onde deveria estar.

Paige ouviu a água antes de vê-la, o leve balbucio da água contra as rochas alguns metros à frente. Ela ergueu a cabeça e avistou uma fonte alimentando-se de uma piscina de bom tamanho, grande o suficiente para acomodar ela e Kian.

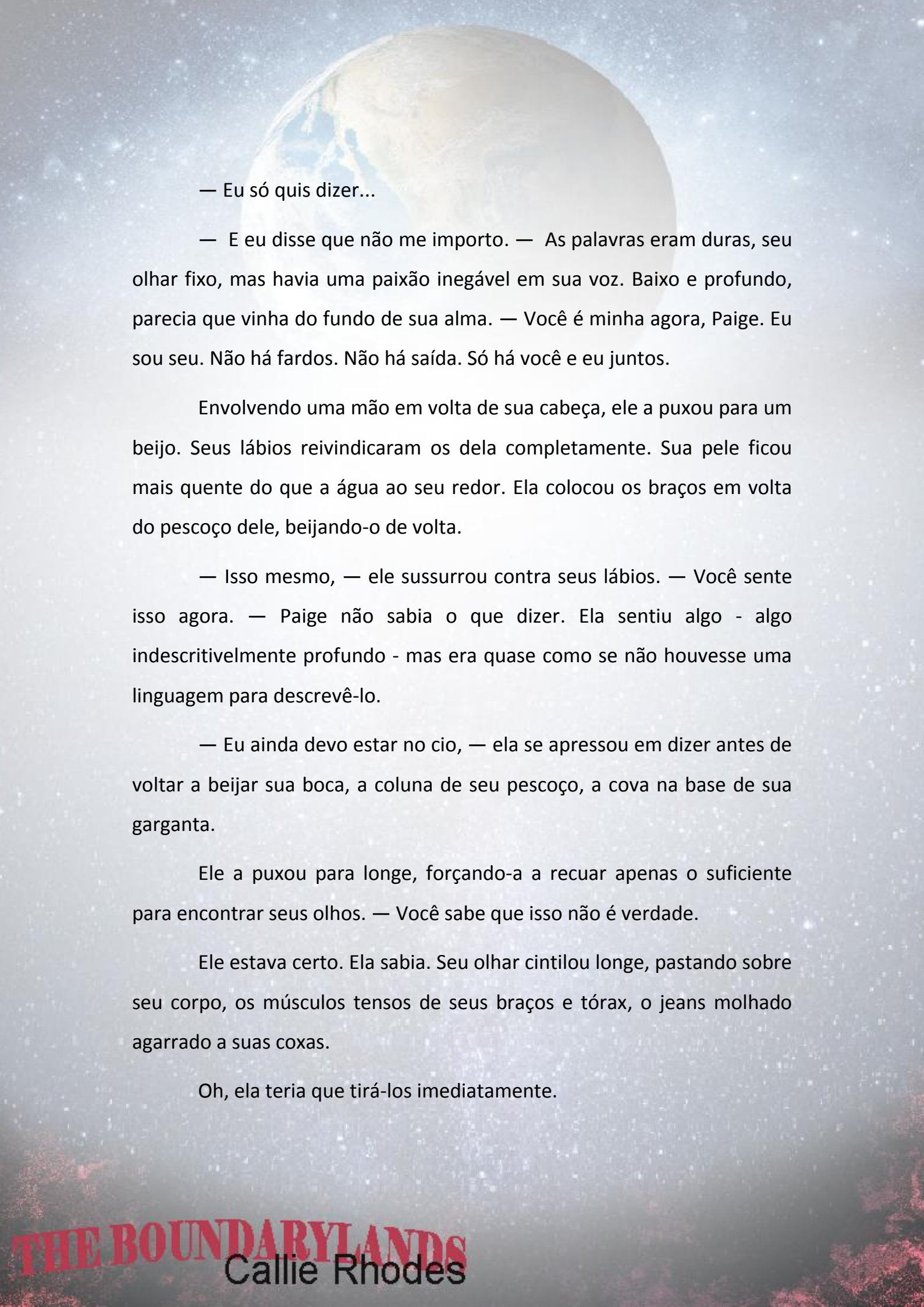
Sem dizer uma palavra, ele tirou o lençol manchado e esfarrapado do peito e deixou-o cair no chão coberto de musgo. Então, descendo para a piscina, ele a abaixou lentamente em seu colo enquanto se sentava.

Paige não percebeu quão dolorida estava até que a água quente envolveu seus membros. O calor suave escoou sob sua pele, aliviando seus músculos. A cada segundo mais e mais o desconforto desaparecia, sua tensão indo com ele.

— Eu deveria ter deixado você descansar mais, — disse ele. — Você ainda está oprimida pelo esforço dos últimos dias.

Paige balançou a cabeça. — Estou bem.

— Se você estivesse bem, não estaria me dando essa besteira sobre ser um fardo e querer ir embora.



— Eu só quis dizer...

— E eu disse que não me importo. — As palavras eram duras, seu olhar fixo, mas havia uma paixão inegável em sua voz. Baixo e profundo, parecia que vinha do fundo de sua alma. — Você é minha agora, Paige. Eu sou seu. Não há fardos. Não há saída. Só há você e eu juntos.

Envolvendo uma mão em volta de sua cabeça, ele a puxou para um beijo. Seus lábios reivindicaram os dela completamente. Sua pele ficou mais quente do que a água ao seu redor. Ela colocou os braços em volta do pescoço dele, beijando-o de volta.

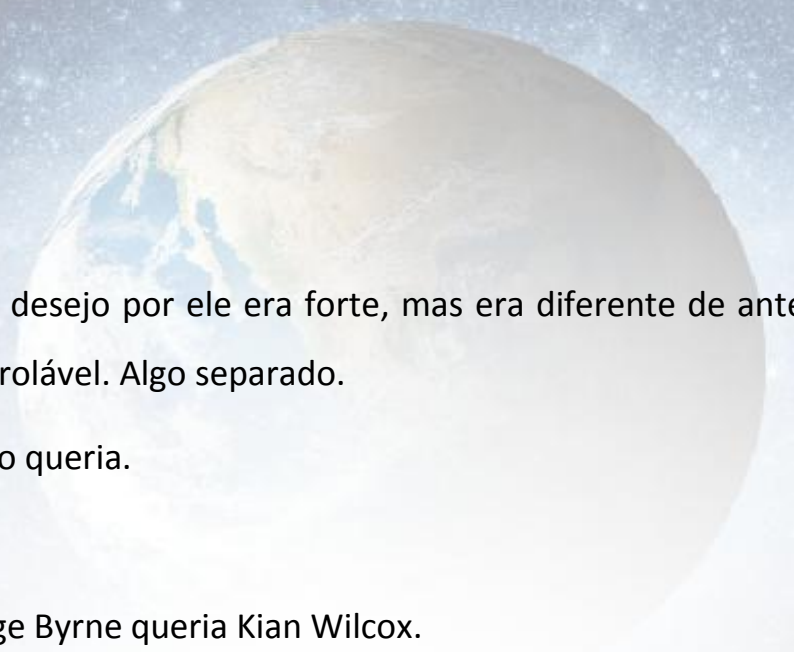
— Isso mesmo, — ele sussurrou contra seus lábios. — Você sente isso agora. — Paige não sabia o que dizer. Ela sentiu algo - algo indescritivelmente profundo - mas era quase como se não houvesse uma linguagem para descrevê-lo.

— Eu ainda devo estar no cio, — ela se apressou em dizer antes de voltar a beijar sua boca, a coluna de seu pescoço, a cova na base de sua garganta.

Ele a puxou para longe, forçando-a a recuar apenas o suficiente para encontrar seus olhos. — Você sabe que isso não é verdade.

Ele estava certo. Ela sabia. Seu olhar cintilou longe, pastando sobre seu corpo, os músculos tensos de seus braços e tórax, o jeans molhado agarrado a suas coxas.

Oh, ela teria que tirá-los imediatamente.



Seu desejo por ele era forte, mas era diferente de antes. Não era algo incontrolável. Algo separado.

Ela o queria.

Ela.

Paige Byrne queria Kian Wilcox.

Desejo, não necessidade.

Ele não estava ali apenas para cumprir algum papel biológico. Ela não estava se perdendo para o instinto animal. Sua mente estava calma e clara... e queria sentir o calor do beijo de Kian enquanto ele pressionava dentro dela.

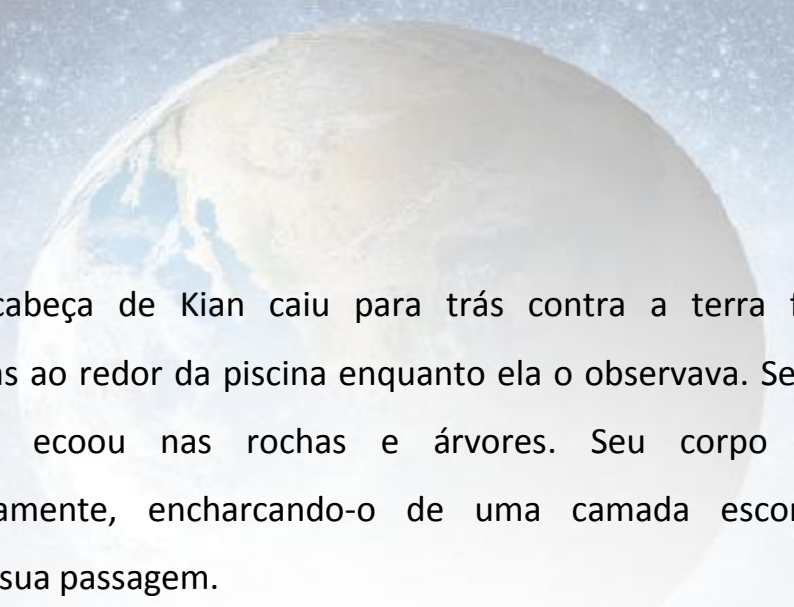
— Eu não entendo, — ela murmurou enquanto deslizava as mãos para o zíper da calça dele.

— Você não precisa, — disse ele, ajudando-a a guiá-los para baixo em seus quadris. — Tudo o que você precisa é deixar-se levar.

Então, ela deixou.

Paige se ergueu de joelhos até que sentiu a coroa de seu pênis pressionar contra sua abertura. Então ela lentamente, centímetro a centímetro, abaixou-se.

Não importava que ainda estivesse dolorida dos dias de sexo contundente antes. Ela ainda queria isso. Ainda queria saber a sensação de Kian enchendo-a, completando-a. Ela queria isso mais do que tudo.



A cabeça de Kian caiu para trás contra a terra forrada de samambaias ao redor da piscina enquanto ela o observava. Seu grunhido de prazer ecoou nas rochas e árvores. Seu corpo respondeu instantaneamente, encharcando-o de uma camada escorregadia e facilitando sua passagem.

Não houve neblina intermediária desta vez. Apenas pura sensação. Ela sentiu cada parte de Kian - sua pele, sua respiração, seus batimentos cardíacos martelando em seu peito enquanto ela se inclinava contra ele.

O aperto dele na nuca dela aumentou enquanto ela acelerava seus movimentos, levando-o mais rápido e mais fundo. Ele ergueu a cabeça, perfurando-a com seu olhar verde azulado.

— *Minha.*

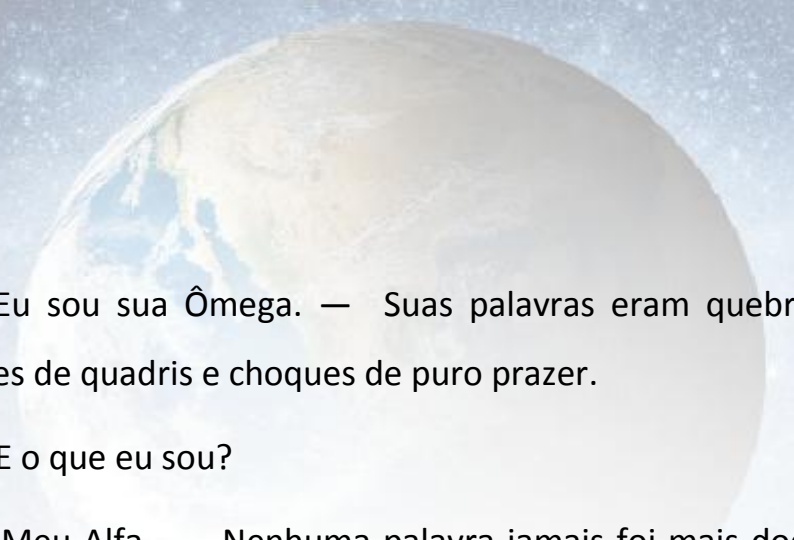
De repente, Paige entendeu. Ela era sua. Totalmente. Completamente. Agora e sempre.

— Diga, — ele exigiu.

Paige abriu a boca, mas tudo o que saiu foram grandes baforadas enquanto seu corpo tentava acompanhar o ritmo de seu desejo.

Kian não estava disposto a deixá-la escapar tão facilmente, no entanto. Seus dedos se apertaram em seu cabelo, puxando sua cabeça para trás para que sua atenção estivesse totalmente em seu rosto.

— *Diga.* — Era uma ordem que ela não podia ignorar.



— Eu sou sua Ômega. — Suas palavras eram quebradas, ditas entre toques de quadris e choques de puro prazer.

— E o que eu sou?

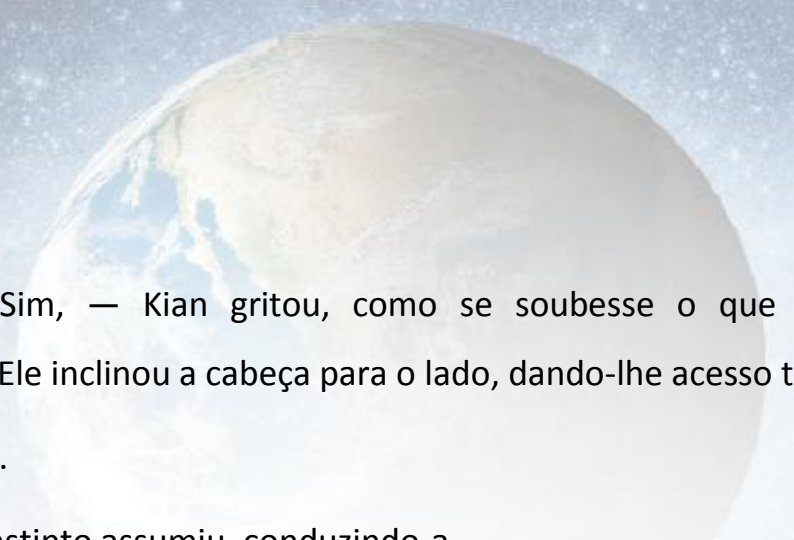
— Meu Alfa. — Nenhuma palavra jamais foi mais doce em seus lábios. Kian deve ter gostado deles também, porque de repente não estava mais contente em sentar lá e simplesmente ser montado. Ele levou as mãos aos quadris dela e assumiu o controle. Segurando-a com força, ele moveu seu corpo para cima e para baixo sobre ele, moendo-a contra seu pênis.

— Isso mesmo, — disse ele. — Leve-me. Sinta-me dentro de você. Não importa o que queríamos antes. Tudo o que importa é isso. Aqui e agora.

E assim, Paige entendeu. Quaisquer planos que eles fizeram em suas vidas antes não tinham sentido. Planos ingênuos dos quais Deus estava rindo agora. Era assim que eles deveriam ser. Esta era a vida que sempre esteve esperando por eles. Este era o seu destino.

Ela se tornou mais e mais certa conforme o prazer alimentado pelo pênis de Kian crescia dentro dela. Mais forte e mais profundo. Até que um estranho desejo primitivo tomou conta dela.

Não era o suficiente apenas *saber* que ela era de Kian e ele era dela. Ela queria provar isso para o mundo. Para marcar o homem enorme na frente dela com um sinal de que ele foi reivindicado.



— Sim, — Kian gritou, como se soubesse o que ela estava pensando. Ele inclinou a cabeça para o lado, dando-lhe acesso total.

Sim.

O instinto assumiu, conduzindo-a.

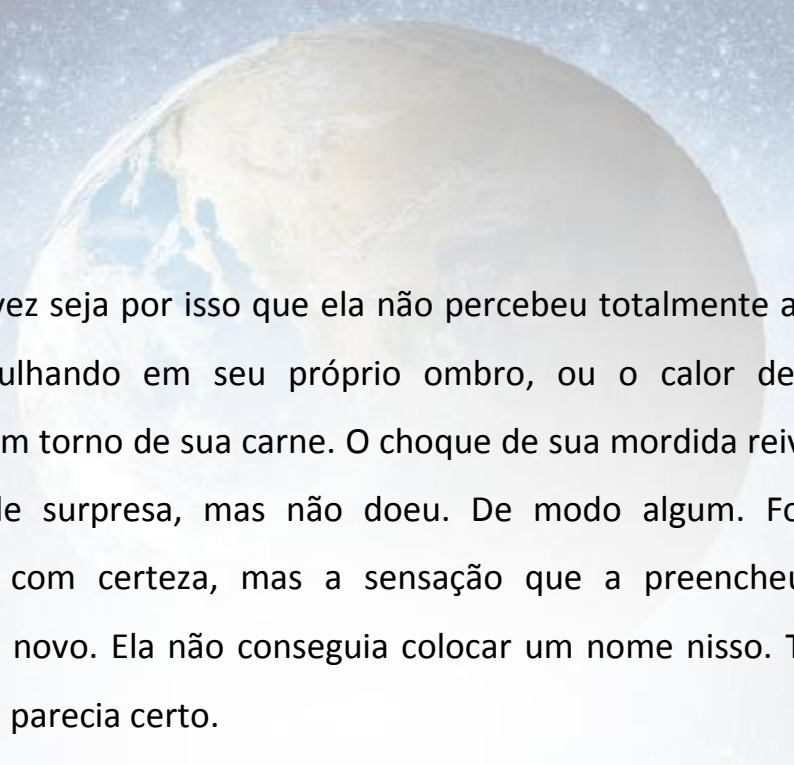
Paige se pressionou contra seu peito enquanto Kian aumentava o ritmo de suas estocadas. Ela firmou as mãos contra a parede de terra rochosa atrás dele e levou os lábios aos músculos tensos que revestiam seu ombro.

— Sim, — ele a incitou novamente, pistoneando ainda mais forte.

Era difícil pensar através da névoa de prazer que enchia seu corpo inteiro. Mas ela não precisava pensar. Ela simplesmente precisava sentir. Agir. Para fazer o que sua alma lhe dizia para fazer.

E agora, isso era reivindicar Kian como seu.

Ela mordeu com força seu ombro, seus dentes rompendo a pele, mas Kian não a empurrou ou lutou contra ela. Em vez disso, ele uivou na liberação. Seus quadris resistiram, seu pênis subiu, levando Paige ao longo da borda com ele. Ela tremeu em êxtase quando seu gozo encheu sua vagina. A pressão requintada de seu pau crescendo profundamente dentro dela prolongou o clímax, estendendo-se por mais tempo do que Paige jamais acreditou ser possível.



Talvez seja por isso que ela não percebeu totalmente a cabeça de Kian mergulhando em seu próprio ombro, ou o calor de sua boca fechando em torno de sua carne. O choque de sua mordida reivindicadora a pegou de surpresa, mas não doeu. De modo algum. Foi agudo e repentino, com certeza, mas a sensação que a preencheu era algo totalmente novo. Ela não conseguia colocar um nome nisso. Tudo o que sabia é que parecia certo.

O pau de Kian ainda estava dentro dela quando os dois se afastaram. Quando ela olhou nos olhos de seu Alfa, nada da intensidade os havia deixado, mas de alguma forma a maneira como ela os via mudou. Ela não via mais a profundidade de sua emoção como uma ameaça ou algo de que se esquivar. Toda a sua força, todo o seu poder, eles estavam lá para ela se apoiar. Para se perder.

Ele estava aqui para protegê-la. Para cuidar dela. Para ver cada uma de suas necessidades.

Assim como ela estava aqui para fazer o mesmo por ele.

Kian passou a palma da mão sobre o cabelo dela, alisando-o. — Chega de falar sobre fardos ou saídas, — disse ele.

Mesmo que não fosse uma pergunta, Paige assentiu.

Afinal, não havia outro lugar para ir.

Esta era sua casa.



CAPÍTULO 9

Kian

Ficaram na água por um pouco mais de uma hora. Kian passando o tempo traçando seus dedos sobre seu corpo - seus braços e pernas, a linha delicada de sua coluna e as curvas, aliviando as dores de seus músculos exaustos. Ele lavou cuidadosamente a ferida recente em seu ombro.

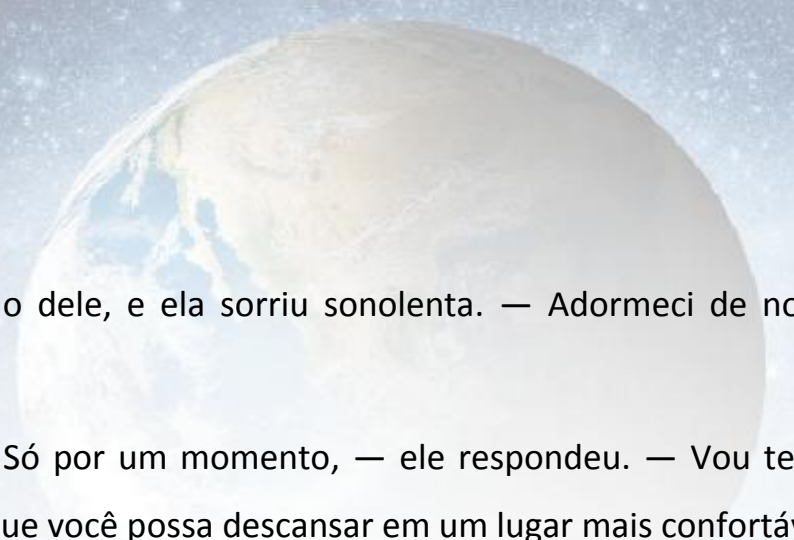
Sua marca de reivindicada.

Seus olhos continuavam voltando para ele novamente enquanto se sentavam aninhados um contra o outro em um silêncio confortável. Ela era sua agora. Não havia nenhuma questão. Sem dúvida.

E ele era dela.

Ele ficou um pouco surpreso com a sensação da mordida em seu próprio ombro. A dor não era nada em comparação com o orgulho que ele sentia. Deixem os Betas manter seus anéis de ouro; este era o verdadeiro sinal de duas almas se fundindo em uma.

Kian escovou seu cabelo castanho espesso para trás uma última vez, certificando-se de que estava limpo e reto antes de levar os dedos por sua bochecha. Os olhos de Paige se abriram. Seu olhar castanho claro



encontrou o dele, e ela sorriu sonolenta. — Adormeci de novo? — ela perguntou.

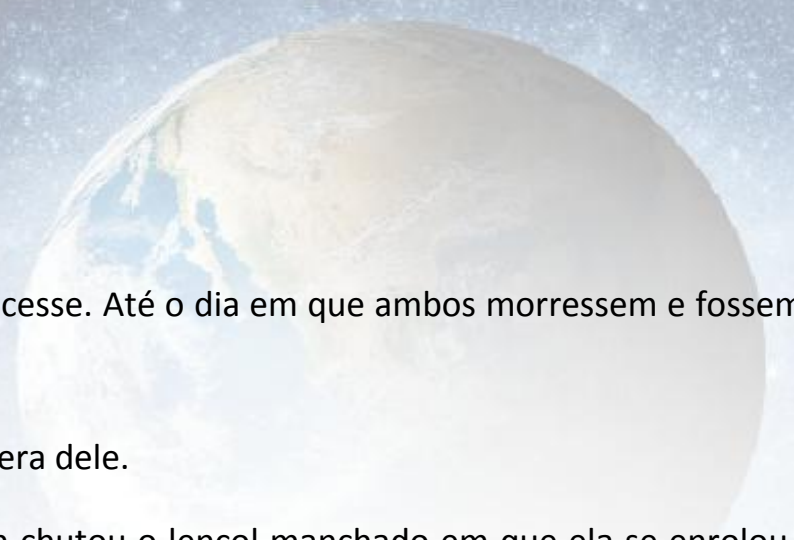
— Só por um momento, — ele respondeu. — Vou te levar para casa para que você possa descansar em um lugar mais confortável.

Ela balançou a cabeça, esfregando o lado de seu rosto contra os músculos de seu peito. — O que você está falando? Não há lugar mais confortável do que aqui.

Uma onda de satisfação percorreu o sangue de Kian. Ele nunca tinha ouvido palavras como essas. Nunca sonhou que ouviria. Pois alguém que tinha passado a maior parte de sua vida sendo considerado um monstro, a ideia de ter alguém tão pequeno, tão frágil, confiando sua segurança a ele, estava além de qualquer coisa que pudesse ter imaginado.

Enganchando os braços sob os joelhos, ele a ergueu e a tirou da água quente. O peso dela não era nada em seus braços. Ele carregava pilhas de lenha que eram muito mais pesadas. Mas nunca carregou nada tão precioso.

Ela era sua Ômega. Sua companheira. Sua outra metade. Ela aqueceria seu corpo nas longas e amargas noites de inverno. Era aquela que entraria em frenesi por seu pau durante ciclos de calor. Ela teria seus filhos. Criá-los e enviá-los ao mundo. Ela ficaria ao seu lado, não importa o



que acontecesse. Até o dia em que ambos morressem e fossem colocados na terra.

Ela era dele.

Kian chutou o lençol manchado em que ela se enrolou antes. Não era digno dela. Não havia nada de vergonhoso em sua pele que precisava ser coberta. Ela era perfeita.

Paige já estava cochilando novamente em seu ombro enquanto ele a carregava pela porta da casa. Ele a deitou no sofá apenas o tempo suficiente para arrumar a cama com lençóis limpos e depois voltou para buscá-la.

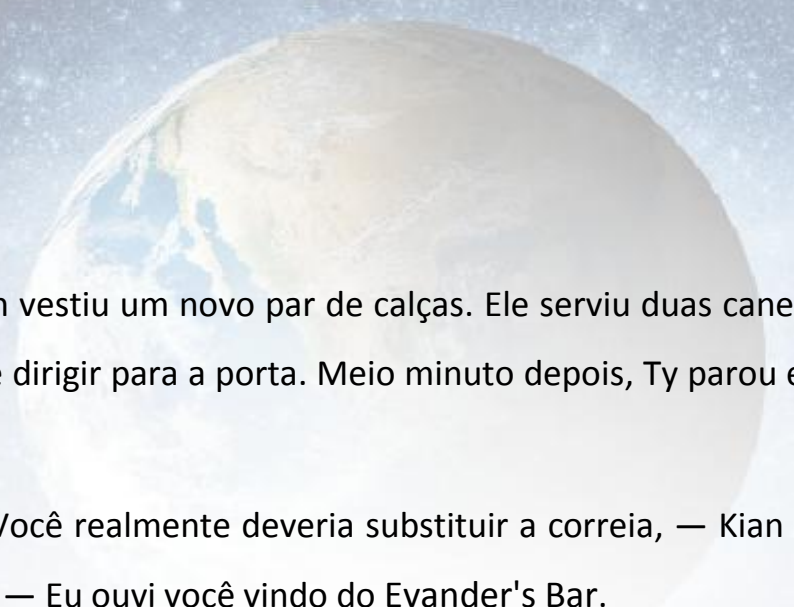
Teve que lutar contra o desejo de se deitar ao lado dela enquanto finalmente a colocava na cama. Gostaria de nada mais do que deslizar ao lado dela e gastar o dia explorando mais seu corpo.

Um outro dia.

Parecia que hoje ele tinha outros planos.

Fazia cerca de cinco minutos desde que Kian ouviu pela primeira vez o zumbido fraco de um motor de caminhonete saindo da estrada central e entrando em uma trilha de terra de cinco quilômetros que levava à sua cabana. Um tique distinto na correia dentada disse a ele quem era imediatamente.

Ty.



Kian vestiu um novo par de calças. Ele serviu duas canecas de café antes de se dirigir para a porta. Meio minuto depois, Ty parou em frente à varanda.

— Você realmente deveria substituir a correia, — Kian gritou para seu amigo. — Eu ouvi você vindo do Evander's Bar.

— O inferno que ouviu. — Ty sorriu para ele enquanto contornava a carroceria de sua caminhonete. Durou até que seus olhos se fixaram na marca de mordida no ombro de Kian.

— Eu vim perguntar como você estava, mas parece que já tenho minha resposta.

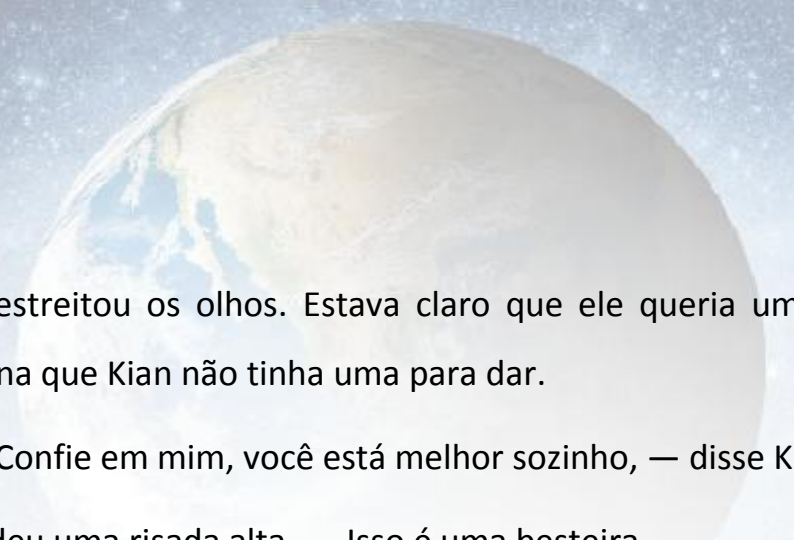
Kian apoiou o quadril contra a grade da varanda enquanto Ty subia as escadas. — Você estava esperando honestamente algo diferente?

Ty balançou a cabeça. — Se estivesse, não teria esperado quatro dias antes de sair.

— Isso foi o que eu pensei. — Kian entregou-lhe uma caneca.

Ty aceitou com um aceno de cabeça e sentou-se em uma das cadeiras de madeira que davam para o cume de árvores diante deles. — Então, como está, seu bastardo sortudo?

— Estranho, — Kian respondeu honestamente. — Maravilhoso. Terrível, — acrescentou.



Ty estreitou os olhos. Estava claro que ele queria uma resposta melhor. Pena que Kian não tinha uma para dar.

— Confie em mim, você está melhor sozinho, — disse Kian.

Ty deu uma risada alta. — Isso é uma besteira.

— O sexo é bom, — disse Kian com um encolher de ombros. — Melhor do que bom. Surpreendente. Assim como todas as histórias que já ouvimos. Dane-se isso. É melhor do que você pode imaginar.

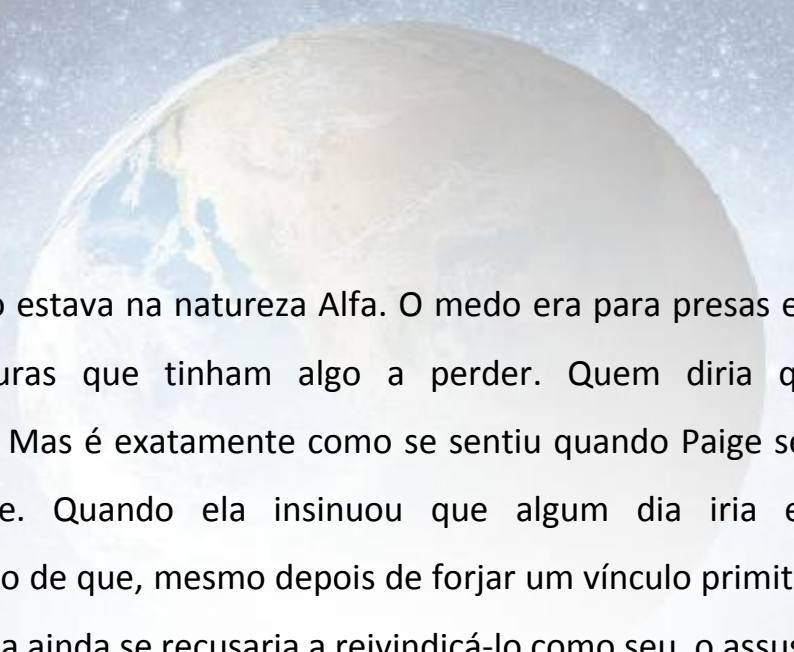
— Sim. — Ty balançou a cabeça e ergueu a caneca. — Parece um maldito pesadelo.

— Você não entende. — Kian gesticulou para as marcas de dentes vermelhos e irregulares em seu ombro. — Houve um momento esta manhã que eu temi que ela não fosse me dar isso. Eu estava com *medo*.

A expressão de Ty ficou sóbria. O sorriso caiu de seu rosto. Ele respirou fundo e soltou o ar lentamente. — Merda.

Merda estava certa.

Kian sabia que se alguém iria entender, era Ty. Claro, ele considerava todos os Alfas seus irmãos, mas Ty era como sangue de verdade. Eles tinham vindo para os Boundarylands na mesma época, e quase na mesma idade, e em nenhum momento nenhum dos dois sentiu sequer uma pontinha de medo.



Não estava na natureza Alfa. O medo era para presas e Betas. Era para criaturas que tinham algo a perder. Quem diria que seriam superados. Mas é exatamente como se sentiu quando Paige se cobriu na frente dele. Quando ela insinuou que algum dia iria embora. O pensamento de que, mesmo depois de forjar um vínculo primitivo que era inegável, ela ainda se recusaria a reivindicá-lo como seu, o assustou.

— Mas ela deu. — disse Ty.

— Esse não é o ponto, — Kian retrucou em frustração. — É que não sei o que teria feito se ela não o fizesse. Eu não tinha certeza de como eu iria continuar. Se poderia continuar.

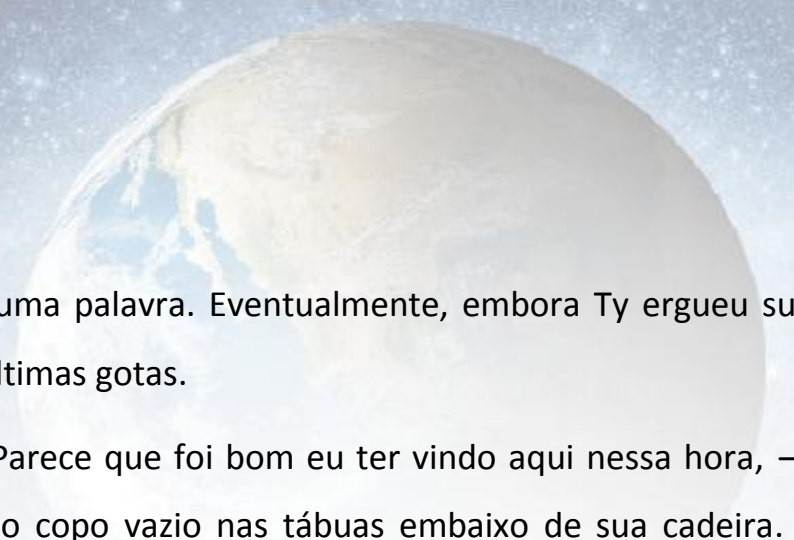
Ty olhou para ele. — Sério?

— Eu sei. Não faz sentido, — admitiu Kian. — Nunca senti nada parecido. Tudo o que sei é que rasgaria o mundo inteiro pela Ômega na minha cama agora. Não me importaria se isso me matasse. Não me importaria se isso me rasgasse pedaço por pedaço. Eu faria qualquer coisa para mantê-la perto de mim.

Ty balançou a cabeça lentamente. — Você tem razão. Estou feliz por não ter que lidar com nada disso. Vou me limitar a prostitutas. Mais fácil assim.

— É claro que sim.

Ty olhou para as árvores por um longo momento. Minutos silenciosos como esses não eram novidade. Eles passaram horas juntos



sem dizer uma palavra. Eventualmente, embora Ty ergueu sua caneca e bebeu as últimas gotas.

— Parece que foi bom eu ter vindo aqui nessa hora, — disse ele, colocando o copo vazio nas tábuas embaixo de sua cadeira. — Corre o boato de que você arrastou uma Ômega para fora do bar na outra noite.

Kian revirou os olhos para o céu. — Achei que isso acontecesse.

— Bem, Randall apareceu ontem à noite perguntando sobre você. — Kian ergueu o queixo. Isso era interessante. Randall era um dos poucos Alfas nas fronteiras que encontrou e reivindicou sua Ômega. Eles estavam acasalados por mais de duas décadas agora.

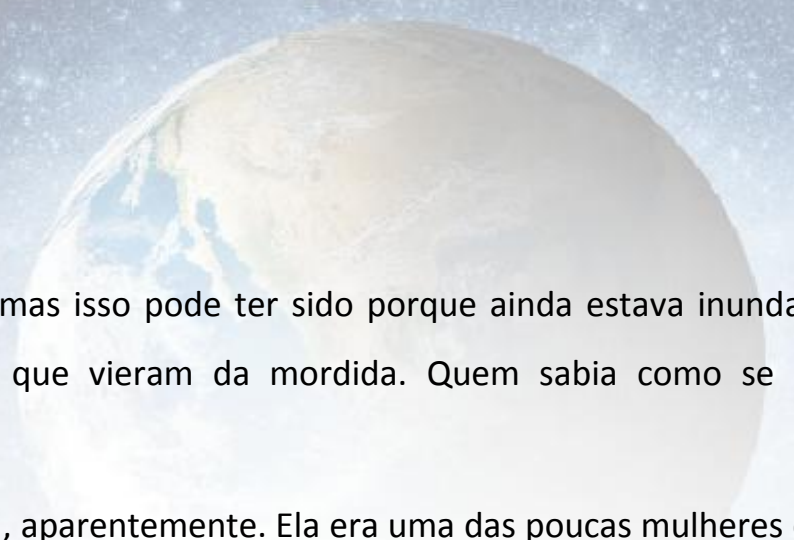
— O que ele queria?

— Para eu repassar um convite para visitar sua propriedade, — disse Ty. — Bem, o convite é realmente para a sua Ômega.

Kian cruzou os braços na frente do peito, instantaneamente na defensiva. — Que diabos isso significa?

— Acalme-se, — disse Ty com um sorriso irônico. — O convite é de Gail. Randall e eu somos apenas os mensageiros. Parece que ela está preocupada que Paige possa estar tendo dificuldade em se adaptar à sua nova natureza.

Kian apertou os lábios com força. A Ômega de Randall estava certa. Paige tinha ficado contente em seus braços quando ele a deitou em



sua cama, mas isso pode ter sido porque ainda estava inundada com as endorfinas que vieram da mordida. Quem sabia como se sentiria ao acordar?

Gail, aparentemente. Ela era uma das poucas mulheres em três mil quilômetros que sabiam o que Paige estava passando.

— Diga a Randall 'obrigado', — disse Kian. — Vou levá-la daqui a alguns dias. Assim que ela estiver totalmente recuperada de seu cio.

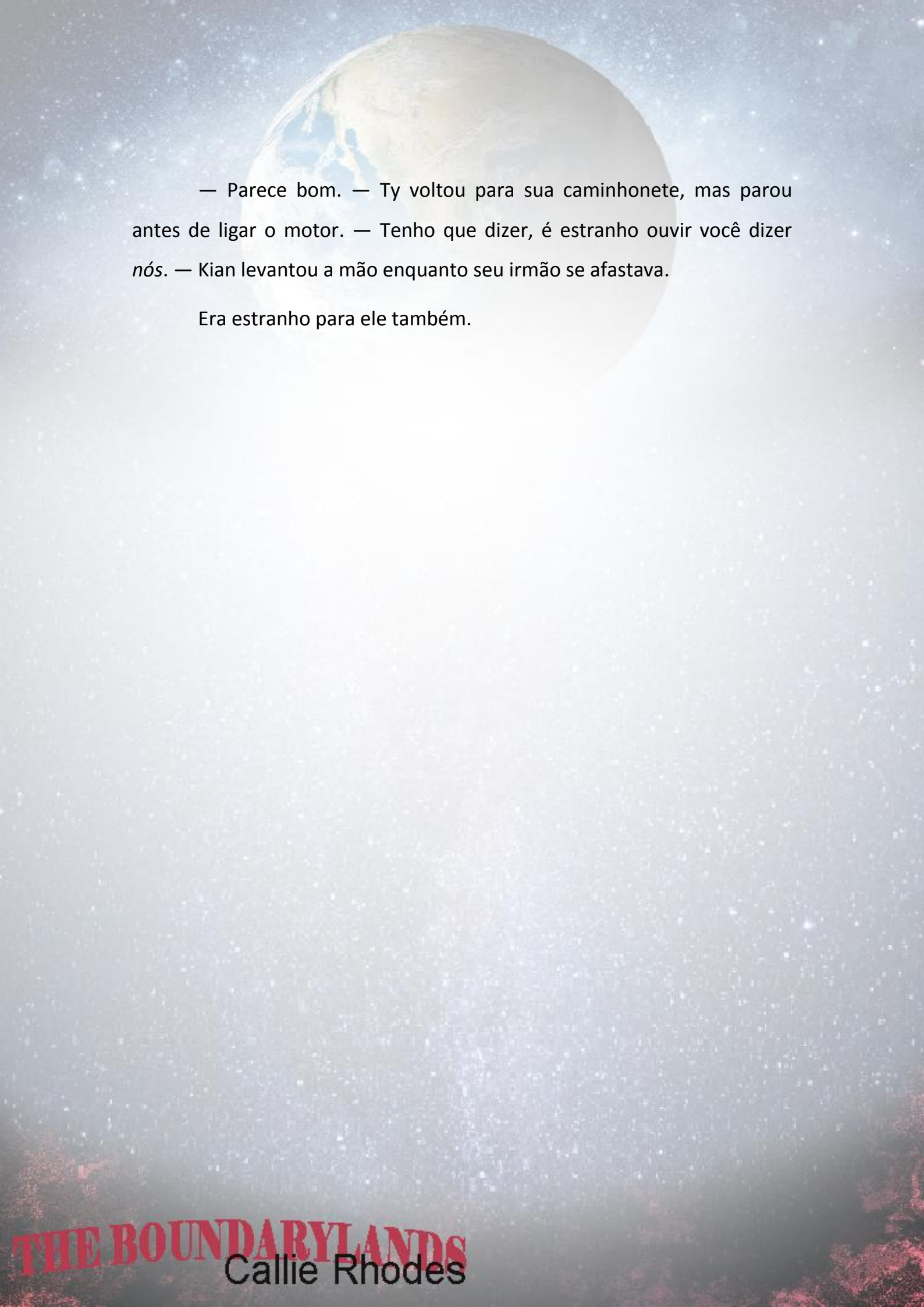
— Isto me lembra. — Ty se levantou e desceu até sua caminhonete. Um momento depois, ele voltou com uma braçada de roupas femininas. — Estas são emprestados de Gail. Ela ouviu sobre como Paige encontrou seu caminho até aqui, e pensou que poderia precisar de algumas emprestadas. Randall disse que quando você for, Gail pode mostrar a ela alguns lugares que podem fazer entregas em Boundarylands.

Kian acenou em agradecimento enquanto pegava a pilha de vestidos cuidadosamente dobrados. — Eu não tinha pensado em roupas.

A verdade é que ele não se importaria se Paige andasse nua o dia todo, mas isso não seria prático.

— Você precisa de mais alguma coisa? — Ty perguntou enquanto recuava escada abaixo.

— Não, — disse Kian. — Vou passar no bar alguns dias depois de irmos a Randall. Posso pegar o que precisamos então.



— Parece bom. — Ty voltou para sua caminhonete, mas parou antes de ligar o motor. — Tenho que dizer, é estranho ouvir você dizer *nós*. — Kian levantou a mão enquanto seu irmão se afastava.

Era estranho para ele também.



CAPÍTULO 10

Paige

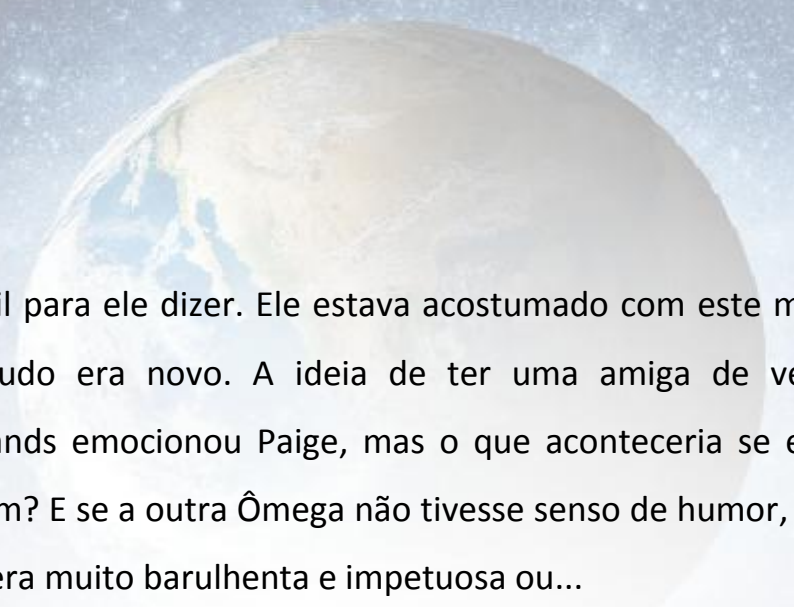
Paige tentou não se mover muito em seu assento enquanto Kian fazia a curva para fora da estrada pavimentada e para as trilhas de terras rasas que conduziam por entre as árvores. Se ela vivesse aqui em Boundarylands por mais cinquenta anos, ainda não entenderia como os Alfas pareciam saber instintivamente como navegar por esta densa selva.

Para ela, todas as árvores e colinas pareciam iguais, apenas um mar de verde infinito, mas não para Kian. Mesmo que nenhuma dessas estradas escondidas estivesse marcada, ele sabia que caminho levava ao território de qual Alfa. Ele sabia onde as fronteiras não traçadas foram traçadas. Ele se lembrava de cada arbusto, cada pedra, cada crista.

A caminhonete sacudiu quando as rodas bateram em um buraco, e Paige agarrou a barra acima de sua cabeça. Instantaneamente, a mão de Kian segurou seu joelho, acalmando-a. — Você está nervosa, — disse ele.

— Você pode me culpar? — ela perguntou. — Eu não conheço essas pessoas. E nunca conheci outra Ômega em minha vida. Estou preocupada que isso não corra bem.

— Vai ficar tudo bem. — ele a assegurou.



Fácil para ele dizer. Ele estava acostumado com este mundo, mas para ela tudo era novo. A ideia de ter uma amiga de verdade em Boundarylands emocionou Paige, mas o que aconteceria se elas não se dessem bem? E se a outra Ômega não tivesse senso de humor, ou achasse que Paige era muito barulhenta e impetuosa ou...

— Você se preocupa demais. — Kian levantou o braço e envolveu-o ao redor do ombro, puxando-a para seu lado. Uma sensação de profundo contentamento a invadiu quando ela soltou um suspiro. Passou o resto do passeio simplesmente apreciando a sensação de seu corpo duro apoiando o dela.

— Você já esteve aqui antes?

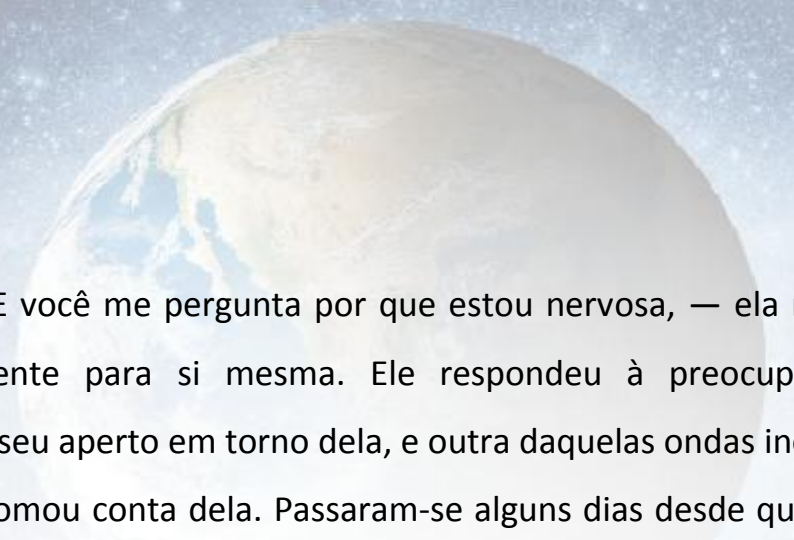
— Na casa de Randall? — Ele balançou sua cabeça. — Nunca.

— Porque não?

— Nunca fui convidado antes.

Paige inclinou a cabeça para trás e lançou-lhe um olhar questionador. — Acho que vocês nunca aparecem na porta um do outro sem avisar?

— Não, se você quiser manter a cabeça presa ao corpo, — disse ele. — Merda, não teríamos sido capazes de virar na estrada que leva a Randall se ele não tivesse nos convidado expressamente para sua propriedade.



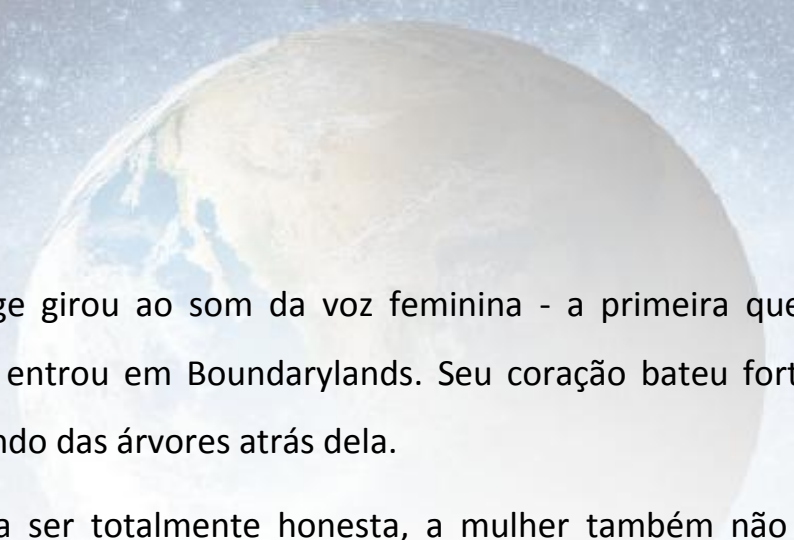
— E você me pergunta por que estou nervosa, — ela murmurou, principalmente para si mesma. Ele respondeu à preocupação dela, apertando seu aperto em torno dela, e outra daquelas ondas inexplicáveis de calma tomou conta dela. Passaram-se alguns dias desde que trocaram mordidas na fonte termal atrás da cabana, e ela ainda estava se acostumando com a profundidade repentina da conexão entre eles. Ela esperava que esta visita a outra Ômega a ajudasse a endireitar algumas coisas em sua mente.

Ela se endireitou quando ele parou a caminhonete ao lado de uma clareira gramada. Algumas dezenas de metros da estrada havia uma casa de madeira bem mantida que não poderia ser mais diferente do que a de Kian. Onde sua cabana era sólida e rústica, esta casa de dois andares era quase elegante em comparação. A madeira foi aplainada e lixada. Um caminho sinuoso de pedra levava à porta e mantinha um jardim de flores silvestres que corria ao longo da borda do pátio. Parecia totalmente civilizado.

Paige piscou espantada enquanto olhava para dentro.

— Uau — disse ela saindo da caminhonete. — Não era o que eu esperava.

— Vou tomar isso como um elogio.



Paige girou ao som da voz feminina - a primeira que ela ouviu desde que entrou em Boundarylands. Seu coração bateu forte ao ver a mulher saindo das árvores atrás dela.

Para ser totalmente honesta, a mulher também não era o que esperava. Ela parecia ter quarenta e poucos anos, altura média e tinha um sorriso amigável. Estava tudo bem, mas havia franqueza em seu olhar azul pálido que se chocava com a ideia de Paige do que significava ser uma Ômega. Exteriormente, não havia nada diminuto ou submisso nela.

Com um passo leve, a mulher se aproximou e estendeu a mão. — Sou Gail, — disse ela.

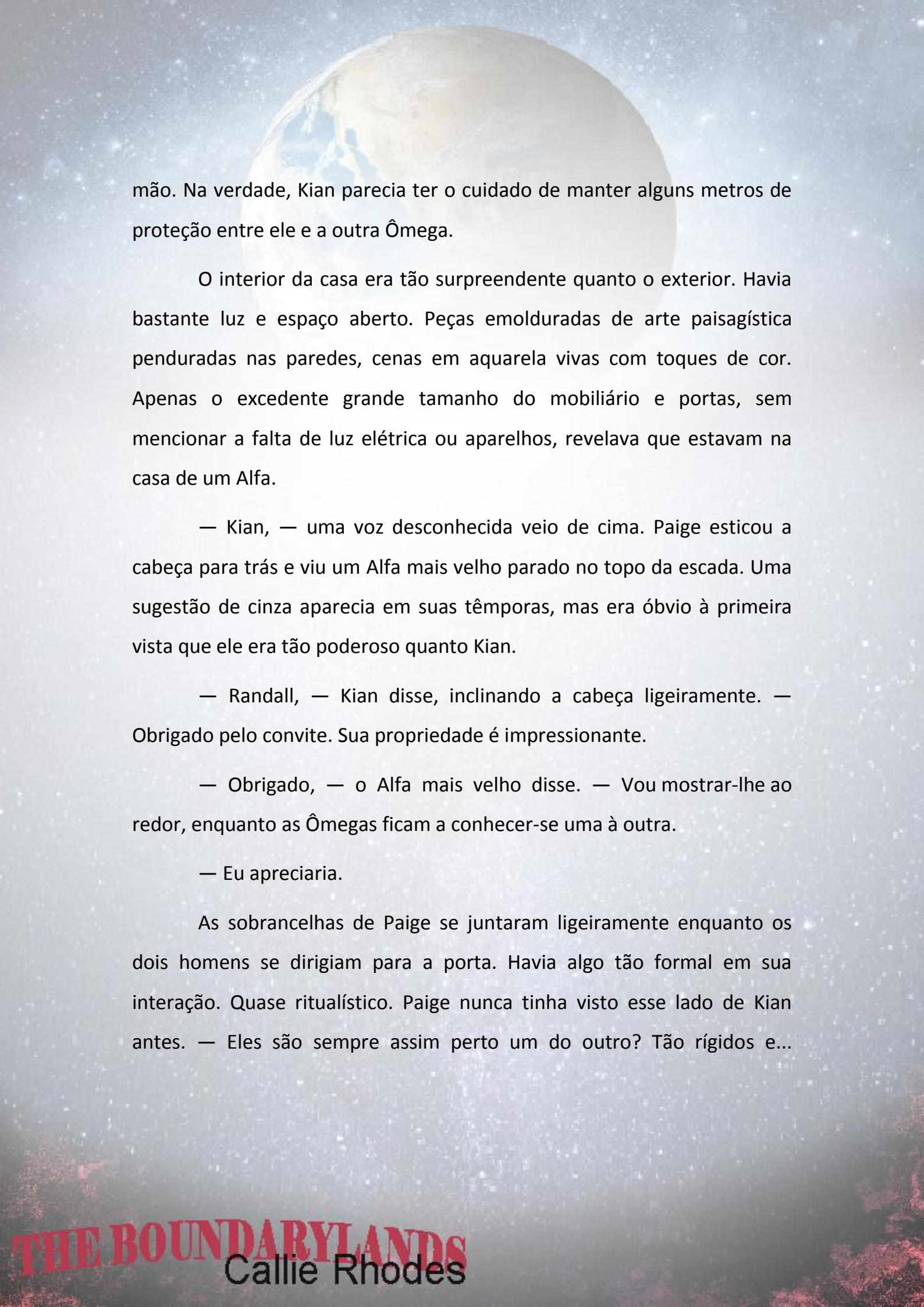
— Sou Paige. É tão bom conhecê-la.

— Oh, querida, você não tem ideia de como estou feliz por finalmente conhecê-la cara a cara. — Ela certamente parecia estar. A outra Ômega estava praticamente radiante. Dispensando apertos de mão educados, ela puxou Paige para um abraço.

Estranhamente, Paige não mentiu. O calor instantâneo entre elas pareceu certo.

— Onde estão minhas maneiras? — Gail disse depois de finalmente puxando para trás. — Venha para dentro para que eu possa recebê-la adequadamente.

Gail e Kian se cumprimentaram cordialmente pelo caminho acima até à casa, mas Paige foi rápida em perceber que não havia aperto de



mão. Na verdade, Kian parecia ter o cuidado de manter alguns metros de proteção entre ele e a outra Ômega.

O interior da casa era tão surpreendente quanto o exterior. Havia bastante luz e espaço aberto. Peças emolduradas de arte paisagística penduradas nas paredes, cenas em aquarela vivas com toques de cor. Apenas o excedente grande tamanho do mobiliário e portas, sem mencionar a falta de luz elétrica ou aparelhos, revelava que estavam na casa de um Alfa.

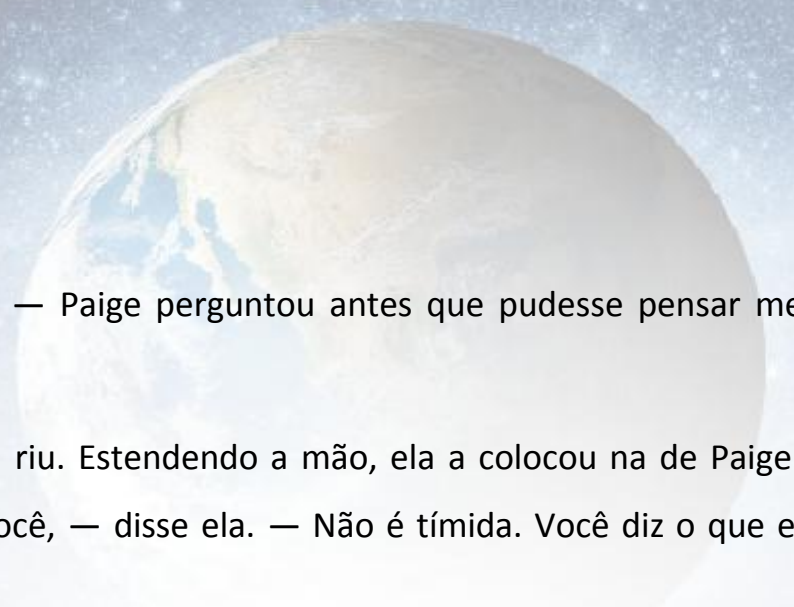
— Kian, — uma voz desconhecida veio de cima. Paige esticou a cabeça para trás e viu um Alfa mais velho parado no topo da escada. Uma sugestão de cinza aparecia em suas têmporas, mas era óbvio à primeira vista que ele era tão poderoso quanto Kian.

— Randall, — Kian disse, inclinando a cabeça ligeiramente. — Obrigado pelo convite. Sua propriedade é impressionante.

— Obrigado, — o Alfa mais velho disse. — Vou mostrar-lhe ao redor, enquanto as Ômegas ficam a conhecer-se uma à outra.

— Eu apreciaria.

As sobrancelhas de Paige se juntaram ligeiramente enquanto os dois homens se dirigiam para a porta. Havia algo tão formal em sua interação. Quase ritualístico. Paige nunca tinha visto esse lado de Kian antes. — Eles são sempre assim perto um do outro? Tão rígidos e...



estranhos? — Paige perguntou antes que pudesse pensar melhor sobre isso.

Gail riu. Estendendo a mão, ela a colocou na de Paige. — Oh, eu gosto de você, — disse ela. — Não é tímida. Você diz o que está em sua mente.

Paige congelou imediatamente. — Eu disse algo errado? — perguntou.

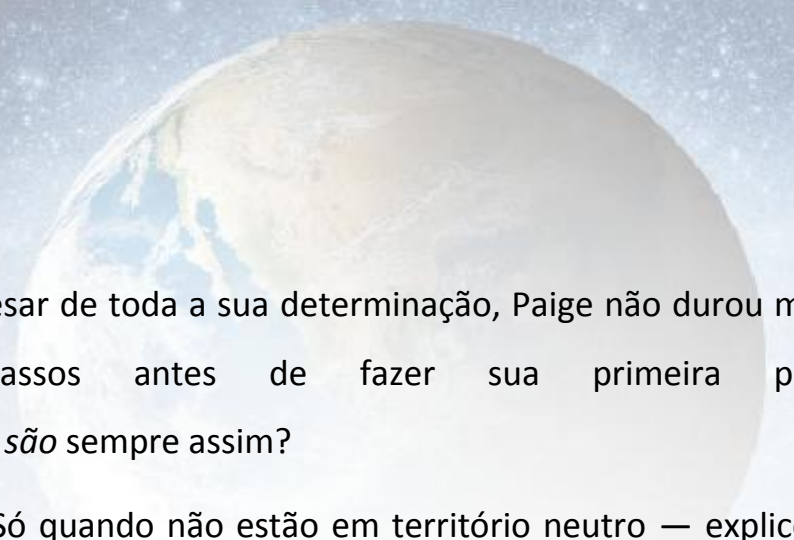
Gail balançou a cabeça. — De jeito nenhum. Nada que todos não pensemos de qualquer maneira.

— Desculpe. Isso ainda é tão novo para mim.

— É por isso que eu queria que você viesse aqui assim que pudesse — disse Gail. — Achei que você teria algumas perguntas.

Algumas? Paige tinha todas elas. Ela não passava de um emaranhado de perguntas. Mas decidiu não despejá-las na pobre mulher de uma só vez. — Obrigada — disse ela. — Eu realmente gostei disso. Eu estava começando a pensar que teria que descobrir tudo sozinha.

— Oh querida, isso é o que há de melhor nessa sua nova vida. Você nunca mais terá que passar por nada sozinha. — Gail apertou levemente a mão dela. — Venha para a cozinha comigo. Vou fazer um bule de chá para nós e podemos conversar.



Apesar de toda a sua determinação, Paige não durou mais do que alguns passos antes de fazer sua primeira pergunta. — Então, eles *são* sempre assim?

— Só quando não estão em território neutro — explicou Gail. Ela gesticulou para que Paige se sentasse em uma mesa de madeira habilmente entalhada no canto da cozinha, antes de vasculhar alguns armários. — Locais como Central Road ou Evander's Bar. Mas, uma vez que um Alfa pisa na propriedade de outro, há todo um conjunto de regras que deve ser seguido para mostrar respeito.

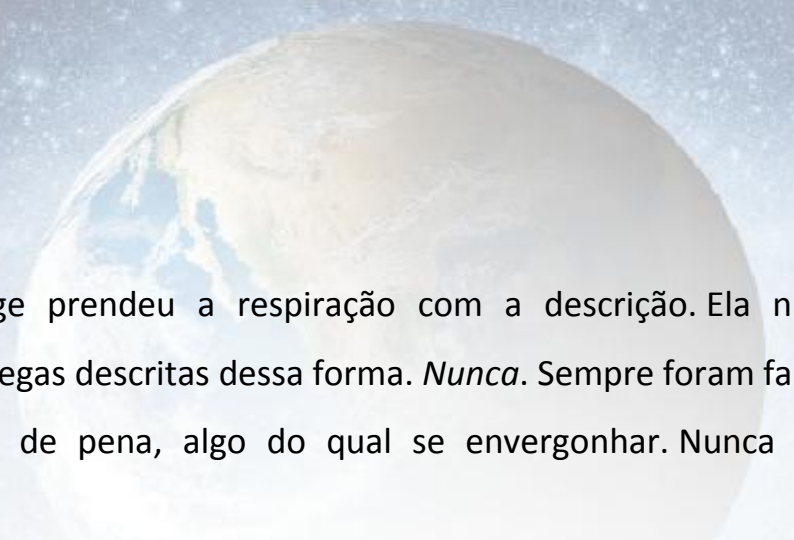
— E se eles não mostrarem respeito? — Paige perguntou.

Gail se virou com uma caixa de chá e um bule de porcelana na mão. — As coisas ficariam sangrentas... rápido.

Então Kian não estava exagerando. Território e propriedade eram sagrados para os Alfas.

— E nós somos propriedade? — disse Paige.

Gail deu outra risada. — Foi isso que Kian te disse? Parece que vou ter de dar uma palavrinha com aquele filhote. — Ela balançou a cabeça enquanto ia até ao fogão e pegava uma chaleira fumegante do fogão. — Somos propriedade deles como uma relíquia sagrada ou um pedaço da escritura é propriedade. Nós somos deles, mas somos sagradas. Nós somos suas para adorar e proteger.



Paige prendeu a respiração com a descrição. Ela nunca tinha ouvido Ômegas descritas dessa forma. *Nunca*. Sempre foram faladas como algo digno de pena, algo do qual se envergonhar. Nunca como algo poderoso.

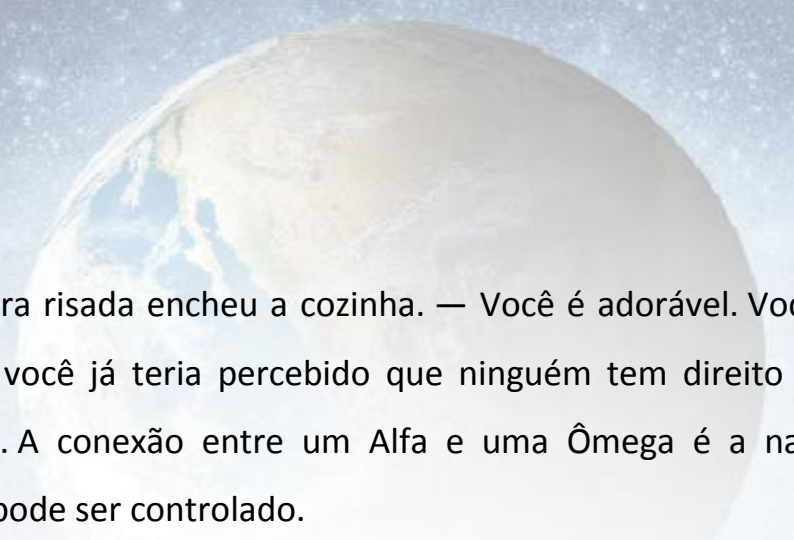
Mas é exatamente assim que Gail as fazia soar.

A Ômega mais velha colocou o bule sobre a mesa e se sentou em frente a Paige. — Eu sei que o que você está passando é grande e assustador, você também deve saber que não é nada menos que um milagre. Sua vida vai mudar de maneiras gratificantes que você nem poderia imaginar.

Um flash de calor correu para as bochechas de Paige. — Você está falando sobre sexo?

Gail encolheu os ombros. — Isso é uma grande parte, com certeza. É difícil não se sentir mal por todos aqueles Betas presos na cidade que não sabem o que estão perdendo. Mas é mais do que isso. A conexão entre vocês dois está apenas começando. Ela fica mais forte com o tempo.

Paige balançou a cabeça. Isso não poderia ser verdade. Ela estava oprimida pela proximidade que sentia de Kian agora. Ela não tinha certeza se poderia lidar com o pensamento de se tornar mais intenso. — Acho que estamos bem do jeito que estamos.



Outra risada encheu a cozinha. — Você é adorável. Você pensaria que agora você já teria percebido que ninguém tem direito a voto em nada disso. A conexão entre um Alfa e uma Ômega é a natureza em ação. Não pode ser controlado.

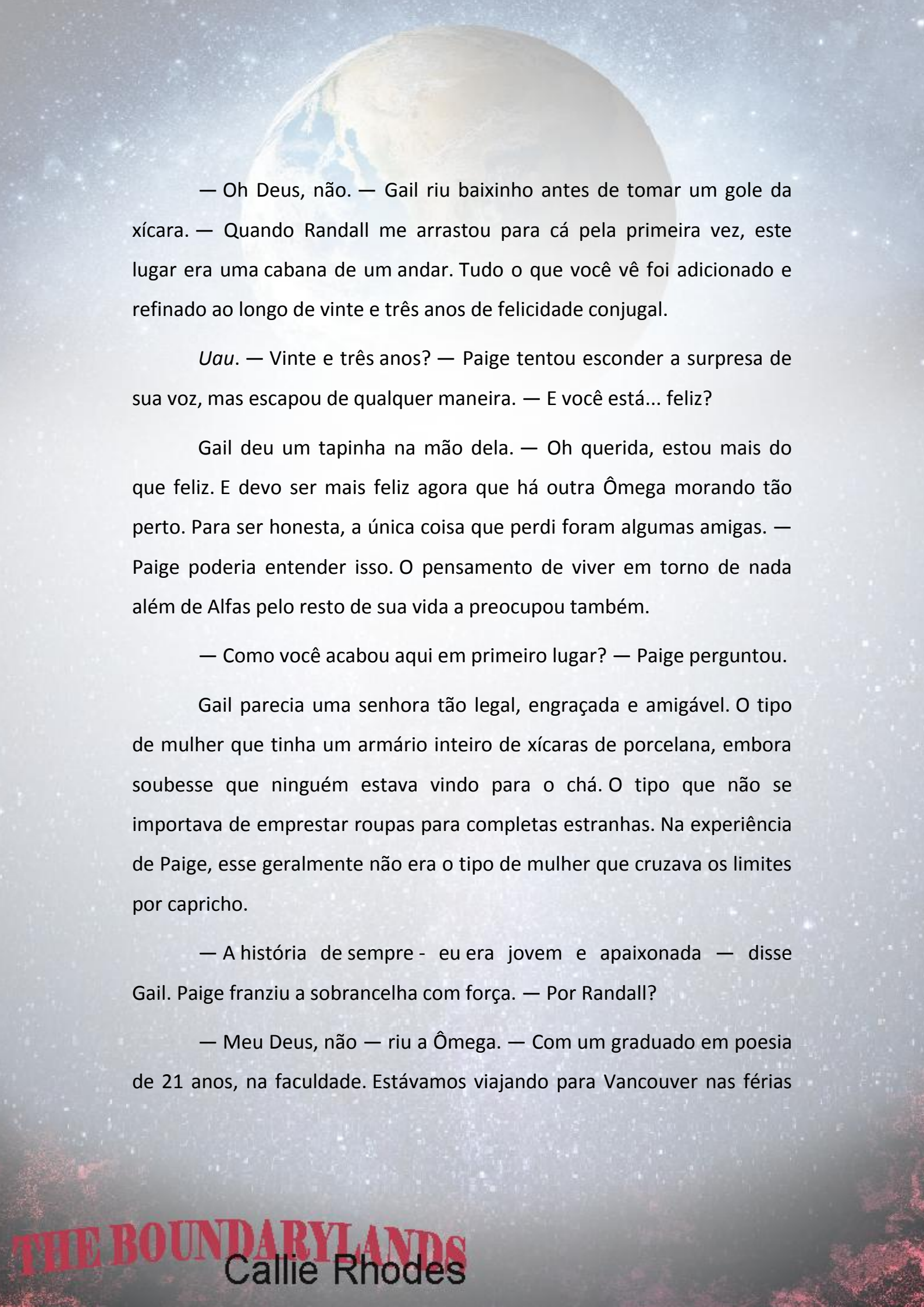
Gail se inclinou para a frente e serviu o chá. Paige tentou sorrir ao pegar sua xícara. Deve ter saído tão falso quanto ela se sentia, porque as sobrancelhas da outro Ômega se juntaram em preocupação. — Sei que é difícil de acreditar agora, mas tudo ficará bem — disse ela. — Você está onde deveria estar. — Paige soltou um suspiro. Era um bom pensamento. Ela até queria acreditar, mas como poderia quando mal conseguia acompanhar as mudanças que aconteciam dentro dela todos os dias? Em um momento ela se sentia tranquila e calma na presença de Kian; no seguinte, ela era dominada por profundos sentimentos de fome e luxúria.

Apenas uma semana atrás, sua vida havia sido planejada e segura. Agora estava caótico, e cada balanço emocional parecia uma chicotada. Era difícil acreditar que tudo isso *deveria* acontecer.

— Isso é fácil para você dizer — disse Paige. — Quero dizer, olhe para este lugar. Já estive em pousadas que eram mais pobres.

— Nem sempre foi assim. Acredite em mim.

— Mesmo?



— Oh Deus, não. — Gail riu baixinho antes de tomar um gole da xícara. — Quando Randall me arrastou para cá pela primeira vez, este lugar era uma cabana de um andar. Tudo o que você vê foi adicionado e refinado ao longo de vinte e três anos de felicidade conjugal.

Uau. — Vinte e três anos? — Paige tentou esconder a surpresa de sua voz, mas escapou de qualquer maneira. — E você está... feliz?

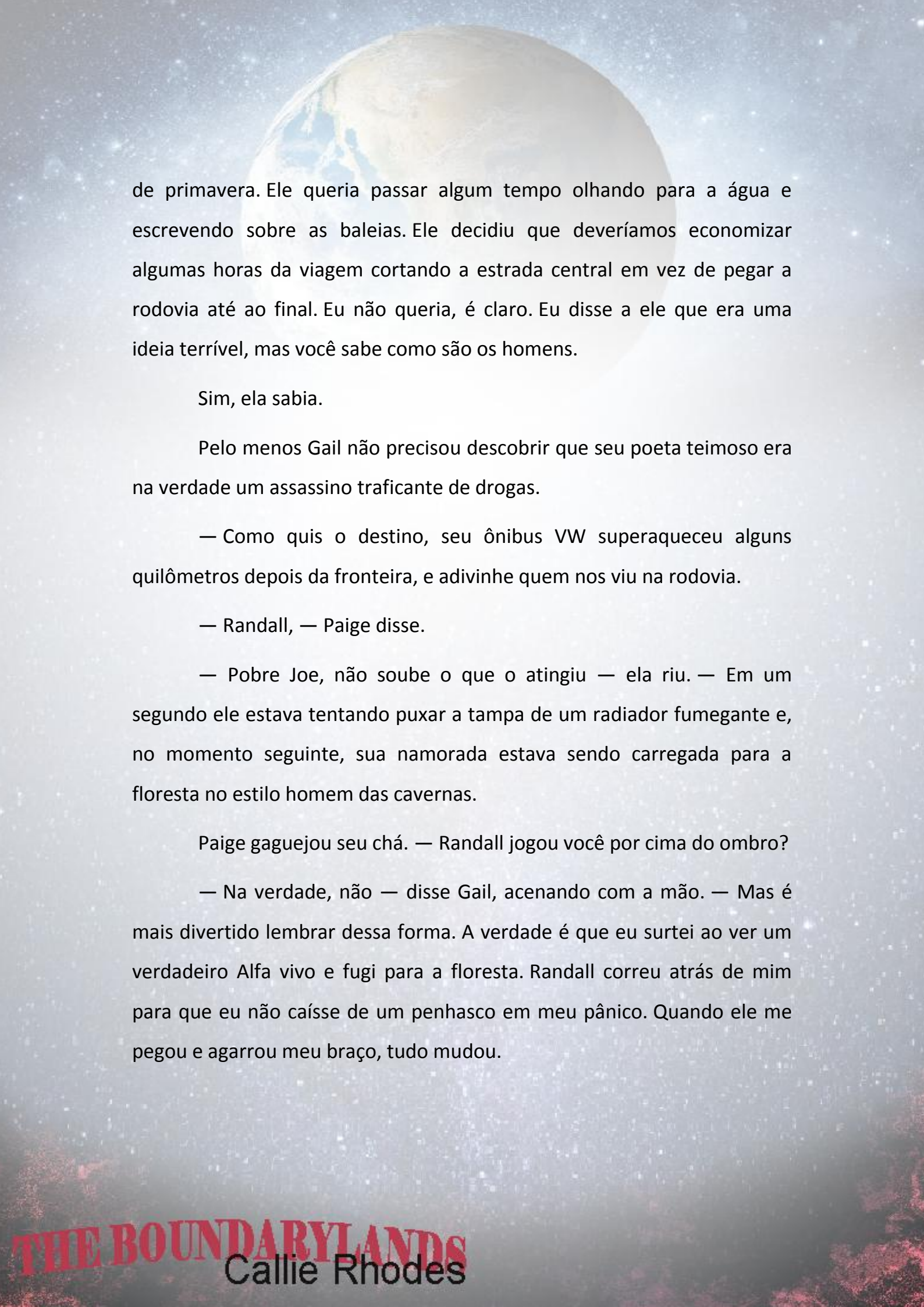
Gail deu um tapinha na mão dela. — Oh querida, estou mais do que feliz. E devo ser mais feliz agora que há outra Ômega morando tão perto. Para ser honesta, a única coisa que perdi foram algumas amigas. — Paige poderia entender isso. O pensamento de viver em torno de nada além de Alfas pelo resto de sua vida a preocupou também.

— Como você acabou aqui em primeiro lugar? — Paige perguntou.

Gail parecia uma senhora tão legal, engraçada e amigável. O tipo de mulher que tinha um armário inteiro de xícaras de porcelana, embora soubesse que ninguém estava vindo para o chá. O tipo que não se importava de emprestar roupas para completas estranhas. Na experiência de Paige, esse geralmente não era o tipo de mulher que cruzava os limites por capricho.

— A história de sempre - eu era jovem e apaixonada — disse Gail. Paige franziu a sobrancelha com força. — Por Randall?

— Meu Deus, não — riu a Ômega. — Com um graduado em poesia de 21 anos, na faculdade. Estávamos viajando para Vancouver nas férias



de primavera. Ele queria passar algum tempo olhando para a água e escrevendo sobre as baleias. Ele decidiu que deveríamos economizar algumas horas da viagem cortando a estrada central em vez de pegar a rodovia até ao final. Eu não queria, é claro. Eu disse a ele que era uma ideia terrível, mas você sabe como são os homens.

Sim, ela sabia.

Pelo menos Gail não precisou descobrir que seu poeta teimoso era na verdade um assassino traficante de drogas.

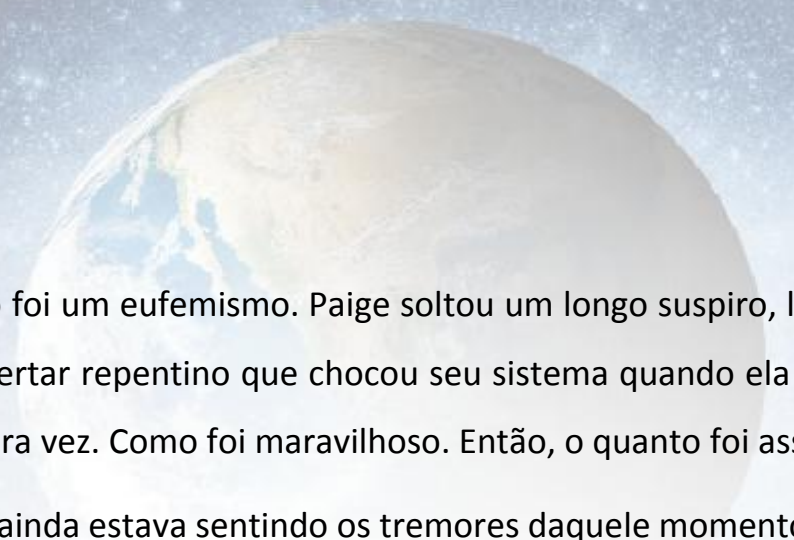
— Como quis o destino, seu ônibus VW superaqueceu alguns quilômetros depois da fronteira, e adivinhe quem nos viu na rodovia.

— Randall, — Paige disse.

— Pobre Joe, não soube o que o atingiu — ela riu. — Em um segundo ele estava tentando puxar a tampa de um radiador fumegante e, no momento seguinte, sua namorada estava sendo carregada para a floresta no estilo homem das cavernas.

Paige gaguejou seu chá. — Randall jogou você por cima do ombro?

— Na verdade, não — disse Gail, acenando com a mão. — Mas é mais divertido lembrar dessa forma. A verdade é que eu surtei ao ver um verdadeiro Alfa vivo e fugi para a floresta. Randall correu atrás de mim para que eu não caísse de um penhasco em meu pânico. Quando ele me pegou e agarrou meu braço, tudo mudou.



Isso foi um eufemismo. Paige soltou um longo suspiro, lembrando-se do despertar repentino que chocou seu sistema quando ela tocou Kian pela primeira vez. Como foi maravilhoso. Então, o quanto foi assustador.

Ela ainda estava sentindo os tremores daquele momento.

— Acalmou alguma vez? — A esperança na voz de Paige soou alta e clara. — Como você se sente quando...

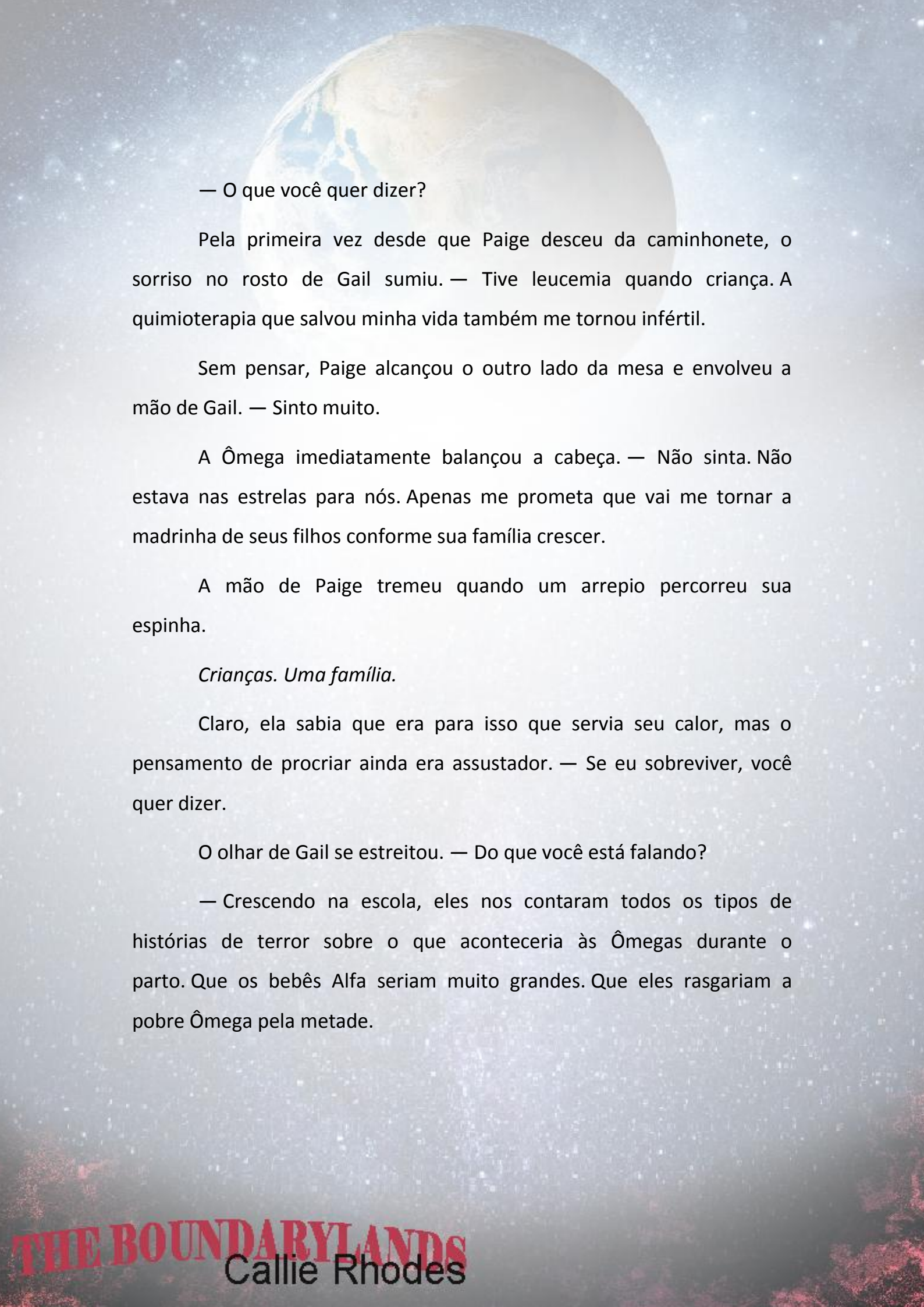
A voz dela sumiu. Aparentemente, nem todos os seus modos do mundo Beta foram eliminados. Ainda havia algumas coisas que ela não podia dizer a estranhos.

— Quando nos tocamos? — Gail terminou por ela. Paige timidamente acenou com a cabeça.

— Não — disse o outro Ômega. — Nem um pouco. No que me diz respeito, Randall pode me jogar por cima do ombro a qualquer momento. — Paige levantou seu chá e demorou a tomar o próximo gole. Isso era muito em que pensar. Vinte e três anos e eles ainda estão fortes. Ela fez o possível para cobrir as bochechas vermelhas com a xícara enquanto fazia a próxima pergunta - aquela para a qual ela realmente queria saber a resposta.

— E quanto ao seu calor?

— Sim. Ainda acontece — Gail respondeu sem um pinga de constrangimento. — Toda lua cheia, como um relógio. Embora pense agora que a natureza já devia ter percebido que não vai funcionar.



— O que você quer dizer?

Pela primeira vez desde que Paige desceu da caminhonete, o sorriso no rosto de Gail sumiu. — Tive leucemia quando criança. A quimioterapia que salvou minha vida também me tornou infértil.

Sem pensar, Paige alcançou o outro lado da mesa e envolveu a mão de Gail. — Sinto muito.

A Ômega imediatamente balançou a cabeça. — Não sinta. Não estava nas estrelas para nós. Apenas me prometa que vai me tornar a madrinha de seus filhos conforme sua família crescer.

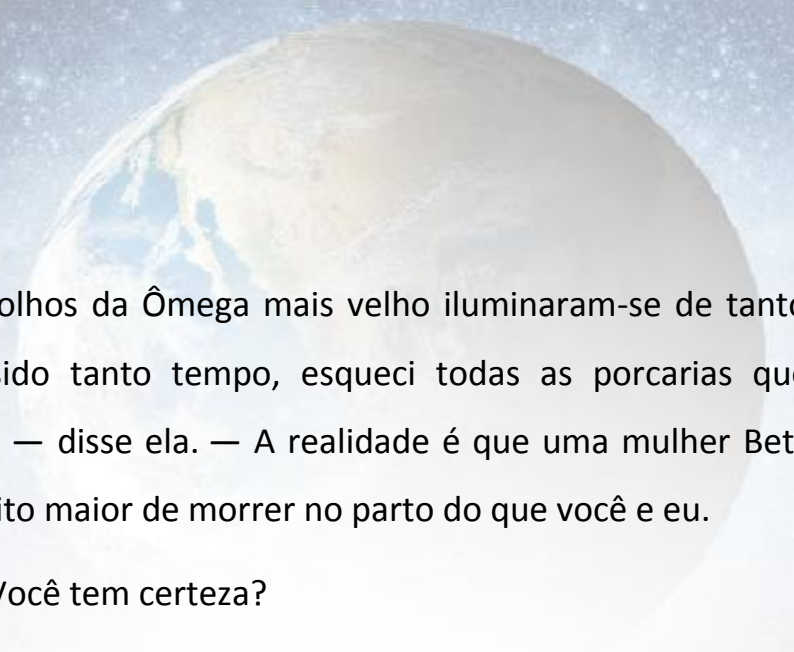
A mão de Paige tremeu quando um arrepio percorreu sua espinha.

Crianças. Uma família.

Claro, ela sabia que era para isso que servia seu calor, mas o pensamento de procriar ainda era assustador. — Se eu sobreviver, você quer dizer.

O olhar de Gail se estreitou. — Do que você está falando?

— Crescendo na escola, eles nos contaram todos os tipos de histórias de terror sobre o que aconteceria às Ôegas durante o parto. Que os bebês Alfa seriam muito grandes. Que eles rasgariam a pobre Ômega pela metade.



Os olhos da Ômega mais velho iluminaram-se de tanto rir. — Oh sim. Tem sido tanto tempo, esqueci todas as porcarias que eles nos ensinaram, — disse ela. — A realidade é que uma mulher Beta tem uma chance muito maior de morrer no parto do que você e eu.

— Você tem certeza?

— Pense nas batidas que nossos corpos recebem todos os meses durante nosso calor — disse Gail. — Como podemos enfrentar isso, curtir isso e ser florzinhas delicadas que se desfazem ao menor esforço? Simplesmente não faz sentido.

Ela estava certa.

— Então, foi tudo mentira? — Paige perguntou.

— Quase tudo — respondeu Gail. — Algumas coisas eram verdadeiras. Como se seus filhos provavelmente fossem como você e Kian. Betas são tão raros para pais Alfa e Ômega quanto no mundo comum.

— O que significa que eles não teriam que deixar sua família quando sua verdadeira natureza aparecer, — disse ela.

— Isso mesmo. — Gail a agraciou com um largo sorriso. — Acho que você será uma adição maravilhosa aos Boundarylands, Paige. E eu acho que você será uma mãe magnífica.



CAPÍTULO 10

Kian

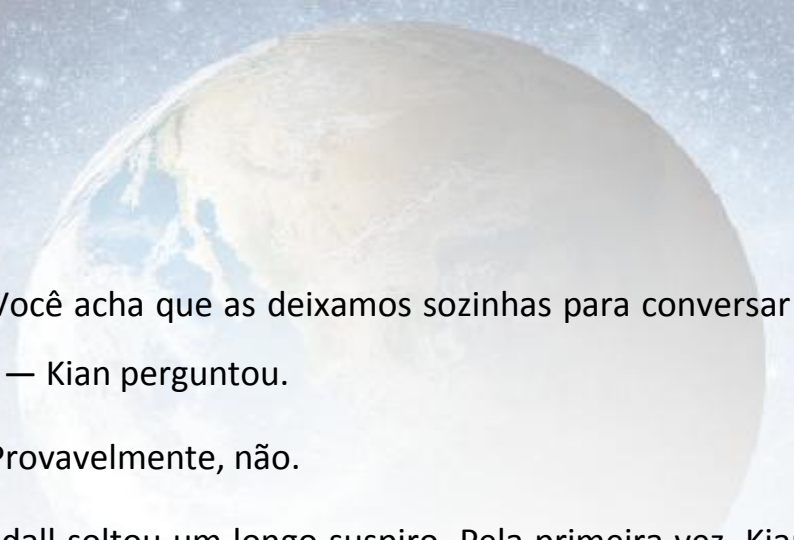
Kian havia caminhado pela propriedade de Randall por duas horas inteiras. O Alfa mais velho mostrou a ele alguns projetos acabados recentemente: a nova alvenaria ao redor do poço, um galinheiro maior, a horta de outono de Gail. Tudo era impressionante, construído com o mesmo cuidado e habilidade que havia em sua casa.

Isso não significa que prendeu a atenção de Kian. Na verdade.

Não importava o quanto tentasse, ele não conseguia parar de pensar em Paige. Ele não tinha estado longe dela tanto tempo desde seu primeiro cio, e quanto mais ele ficava longe, pior a sensação de incerteza em seu estômago se tornava.

Sua mente racional sabia que ela estava bem na casa de Randall com Gail, mas seu cérebro animal era uma história diferente. Exigia que ele voltasse para ela. Ver se estava bem com seus próprios olhos. Sentir com as mãos. Puxar para perto e...

Ele provavelmente deveria esperar até que a levasse de volta para sua própria casa antes de agir naquele último impulso. Uma coisa era querer voltar para a Ômega. Outra era fodê-la na mesa da cozinha de outro Alfa.



— Você acha que as deixamos sozinhas para conversar por tempo suficiente? — Kian perguntou.

— Provavelmente, não.

Randall soltou um longo suspiro. Pela primeira vez, Kian percebeu que ele não era o único ansioso para voltar para sua mulher. Estava escrito na expressão de Randall. Mesmo depois de todos esses anos, ele ainda ansiava por ela.

— Acha que devemos voltar de qualquer maneira? — Kian tentou.

— Com certeza. — Kian sorriu para si mesmo. Era bom saber que ele não era o único sofrendo.

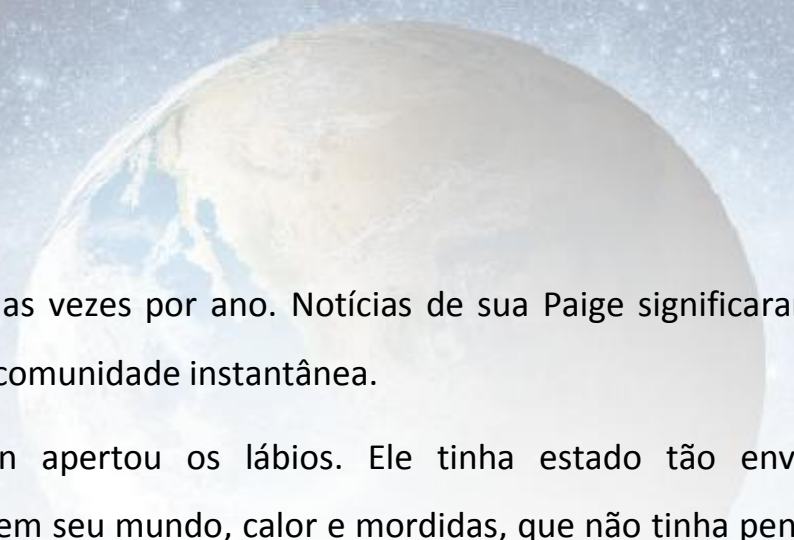
— Sobre o que você acha que elas estão falando há tanto tempo?

— Nós, provavelmente, — Randall disse com um encolher de ombros. — Você deveria ter visto como o rosto de Gail se iluminou quando soube que havia uma nova Ômega na área. Ela estava sentindo falta de companhia feminina.

Caminhando um passo atrás do Alfa mais velho, Kian inclinou o queixo para o lado.

— Ela não vê as outras Ômegas com frequência?

— Não há muitas aqui para ver. — Randall disse claramente. — Duas ao norte e uma ao leste, mas a mais próxima ainda está a mais de cinquenta quilômetros de distância. Não vemos nenhuma delas mais de



uma ou duas vezes por ano. Notícias de sua Paige significaram que Gail tinha uma comunidade instantânea.

Kian apertou os lábios. Ele tinha estado tão envolvido nas mudanças em seu mundo, calor e mordidas, que não tinha pensado sobre o impacto social em Paige. De alguma forma, era mais fácil acreditar que ela não precisaria de ninguém além dele, que ficaria bem sozinha. Merda, até mesmo ele tinha Ty e a irmandade no Evander's Bar.

— Estou grato por Paige ter Gail para ajudá-la a se acostumar com sua nova vida, — disse ele.

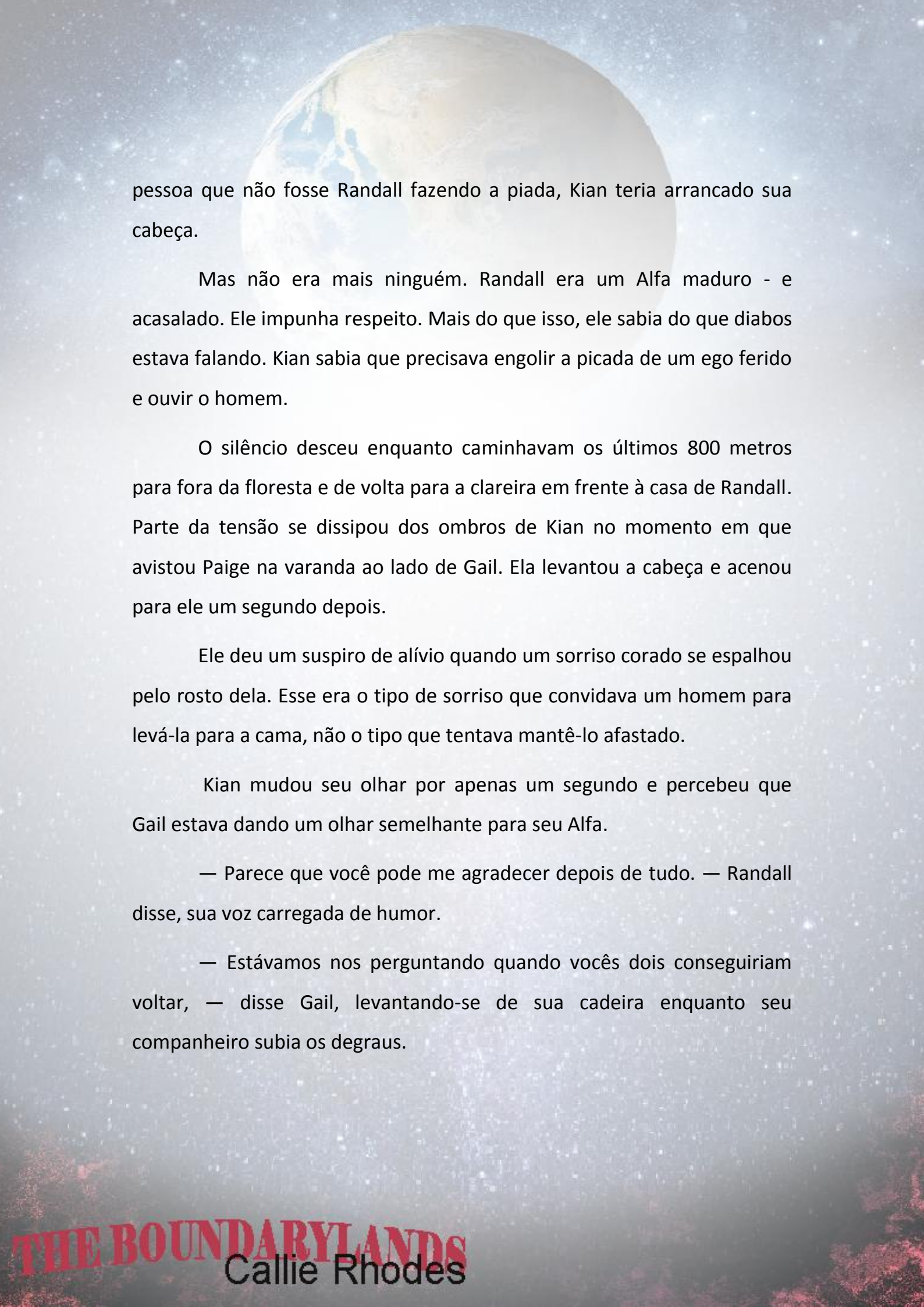
Randall deu uma risada suave. Dois passos à frente de Kian, ele balançou a cabeça lentamente.

— Eu guardaria essa gratidão para depois de você ouvir o que elas estão dizendo sobre nós, — disse ele. — Pelo que sei, estão trocando dicas sobre como evitar brincadeiras na cama.

Os olhos de Kian se arregalaram. — Você realmente acha...

— É uma piada— Randall o interrompeu. — Eu esqueci quão sério vocês, filhotes, podem ser. Faça um favor a si mesmo e aprenda a rir, ou então aquela sua Ômega vai ter você enrolado no dedo dela em um piscar de olhos.

Kian se irritou. Fazia anos que ninguém o chamava de filhote. Ainda mais desde que ousaram rir às custas dele. Se fosse qualquer outra



peessoa que não fosse Randall fazendo a piada, Kian teria arrancado sua cabeça.

Mas não era mais ninguém. Randall era um Alfa maduro - e acasalado. Ele impunha respeito. Mais do que isso, ele sabia do que diabos estava falando. Kian sabia que precisava engolir a picada de um ego ferido e ouvir o homem.

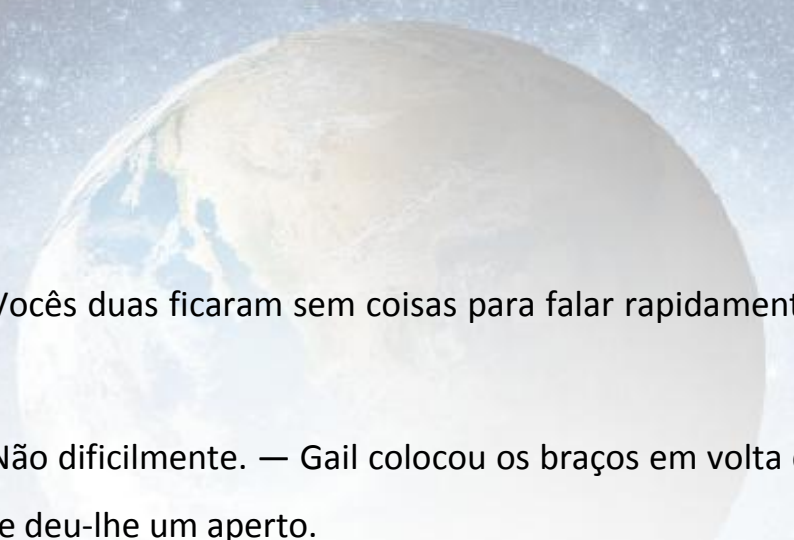
O silêncio desceu enquanto caminhavam os últimos 800 metros para fora da floresta e de volta para a clareira em frente à casa de Randall. Parte da tensão se dissipou dos ombros de Kian no momento em que avistou Paige na varanda ao lado de Gail. Ela levantou a cabeça e acenou para ele um segundo depois.

Ele deu um suspiro de alívio quando um sorriso corado se espalhou pelo rosto dela. Esse era o tipo de sorriso que convidava um homem para levá-la para a cama, não o tipo que tentava mantê-lo afastado.

Kian mudou seu olhar por apenas um segundo e percebeu que Gail estava dando um olhar semelhante para seu Alfa.

— Parece que você pode me agradecer depois de tudo. — Randall disse, sua voz carregada de humor.

— Estávamos nos perguntando quando vocês dois conseguiriam voltar, — disse Gail, levantando-se de sua cadeira enquanto seu companheiro subia os degraus.



— Vocês duas ficaram sem coisas para falar rapidamente? — ele a provocou.

— Não dificilmente. — Gail colocou os braços em volta do pescoço de Randall e deu-lhe um aperto.

Uma luz amorosa brilhou em seus olhos enquanto ela olhava para o rosto de seu Alfa.

— Acontece que temos muito em comum - onde estudamos, os livros que gostamos de ler, coisas assim.

— Então, estou feliz que ficamos longe por tanto tempo e demos a vocês duas o tempo de que precisavam para se conhecerem.

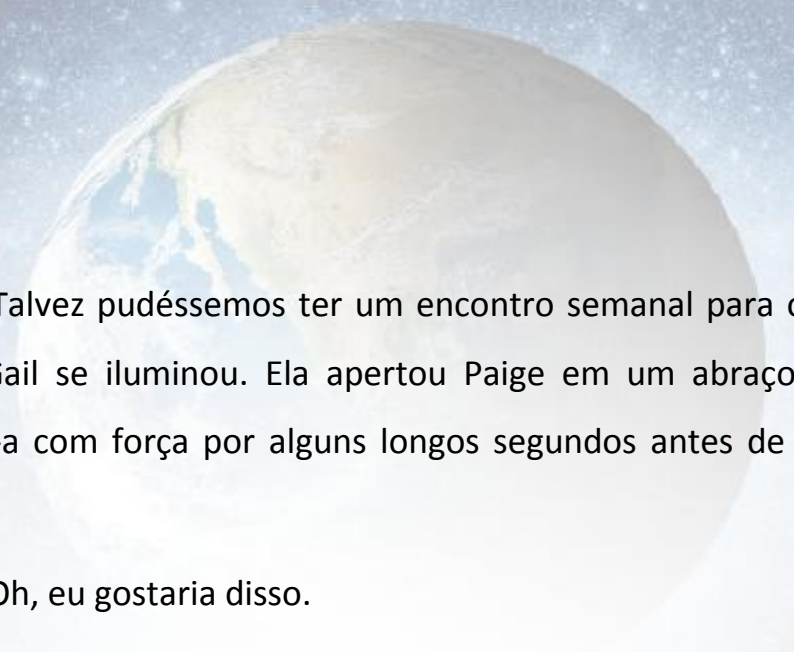
Randall se virou para Paige. Baixando a cabeça ligeiramente, ele disse: — Você tem um convite aberto para visitar esta casa sempre que quiser.

Paige sorriu e agradeceu. Era óbvio que ela não entendia a honra que ele estava dando a eles. Mas Kian sim.

Abaixando o queixo, ele disse: — Vocês dois são bem-vindos na nossa também.

— Só não espere muito para me ver de novo. — Gail disse enquanto Paige se levantava.

— Claro que não— ela disse.



— Talvez pudéssemos ter um encontro semanal para o chá. — O rosto de Gail se iluminou. Ela apertou Paige em um abraço profundo, segurando-a com força por alguns longos segundos antes de finalmente soltá-la.

— Oh, eu gostaria disso.

As Ômegas disseram adeus uma à outra no que pareceu mais uma dúzia de vezes antes de Kian conseguir puxar Paige de volta para a caminhonete.

— Isso foi bom, — disse ela enquanto dirigiam em direção à estrada central. — Gail não era nada do que eu esperava.

Kian levantou uma sobrancelha.

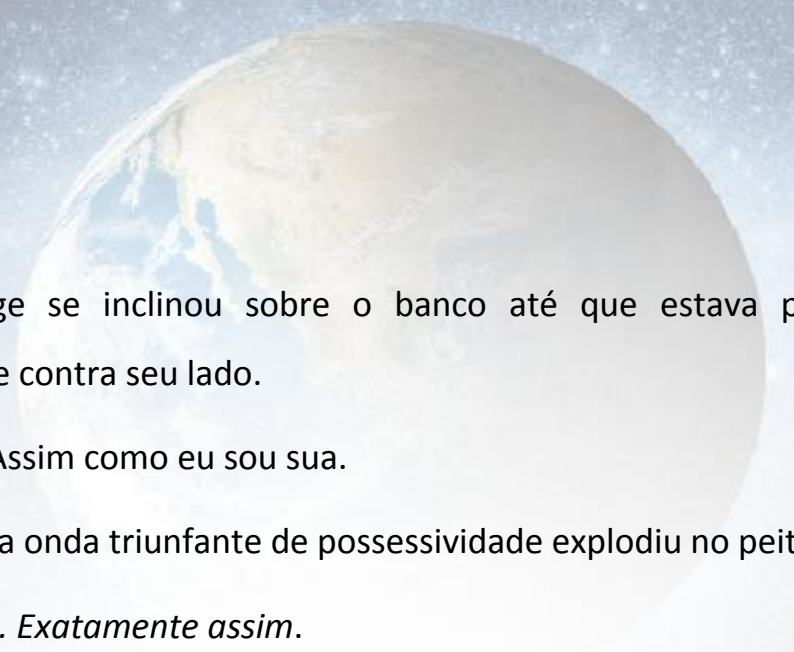
— O que você achou que ela seria?

— Pequena. Tímida. Quieta.

— Gail certamente não é nenhuma dessas coisas, — disse ele com um aceno de cabeça.

— Eu fui ensinada que isso era o que Ômegas eram.

— Às vezes são. — Ele olhou para ela com o canto do olho. — Mas o que você precisa entender é que Gail não é apenas uma Ômega. Ela é a Ômega de Randall. Todas essas emoções e ações subservientes são para ele e apenas para ele. Ela não as deve a ninguém.



Paige se inclinou sobre o banco até que estava pressionada firmemente contra seu lado.

— Assim como eu sou sua.

Uma onda triunfante de possessividade explodiu no peito de Kian.

Sim. Exatamente assim.

Ela ficou envolta em cima dele, as vibrações baixas de seus ronronados satisfeitos massageando seu corpo, até que chegaram na sua propriedade.

Lentamente, ela ergueu a cabeça.

— Onde estamos indo? — ela perguntou.

— Evander's Bar, — disse ele.

— Eu prometi a Ty que passaria por aqui.

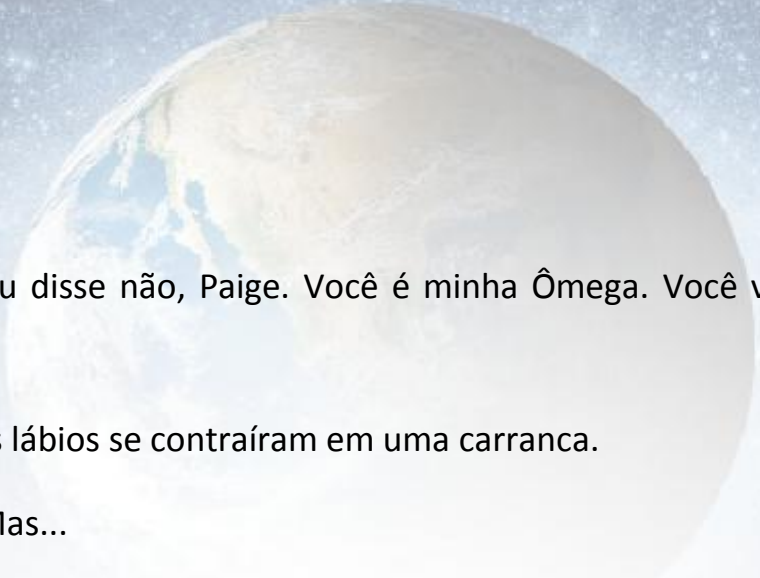
Imediatamente, seu ronronar parou. Seu corpo se acalmou.

— Você não quer me deixar em casa primeiro?

— Não. — Por que diabos ele quereria fazer isso? — Acabei de desistir de duas horas do seu tempo. Não vou desistir mais.

Ela se ergueu e se sentou, com a coluna reta.

— Talvez eu pudesse apenas esperar na caminhonete enquanto você entra.



— Eu disse não, Paige. Você é minha Ômega. Você vai aonde eu vou.

Seus lábios se contraíram em uma carranca.

— Mas...

— Mas o quê? — ele perguntou quando a voz dela sumiu. Ele não queria estragar o que foi o primeiro bom humor de verdade em que a viu, mas precisava saber o que estava acontecendo.

— Do que se trata realmente?

Paige

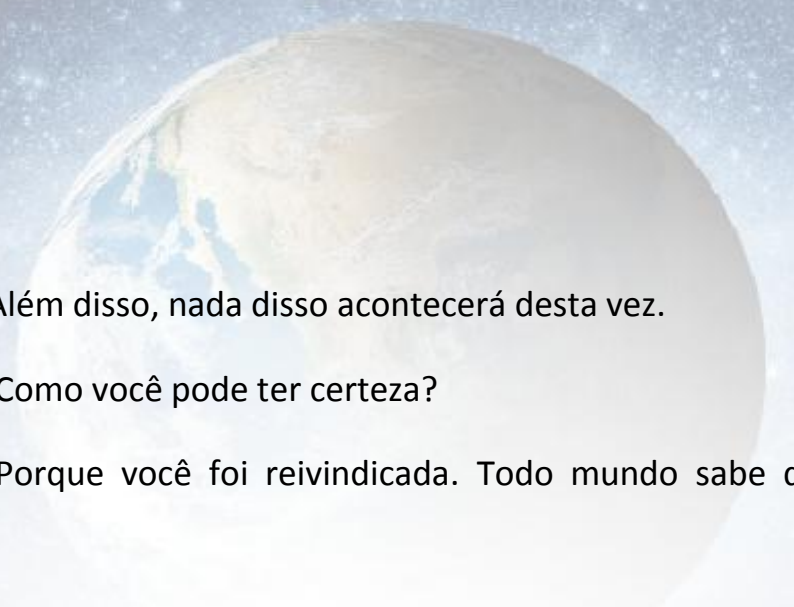
Paige respirou fundo e prendeu-o por um segundo antes de soltar o ar.

Ela não queria ter essa conversa. Então, novamente, não queria ir ao Evander's Bar também. Ela procurou em sua mente a maneira mais diplomática de expressar seu medo.

— A última vez que estive perto de seu povo não terminou tão bem.

— Eles também são seu povo agora, — ele a lembrou.

Eles eram? Ela não tinha tanta certeza.



— Além disso, nada disso acontecerá desta vez.

— Como você pode ter certeza?

— Porque você foi reivindicada. Todo mundo sabe que você é minha.

Sua voz era tão certa. Não havia dúvidas em sua mente.

— Talvez alguns Alfas tenham ouvido falar, mas nem todos, — ela rebateu. — Devo mostrar a cicatriz em meu ombro para cada um por quem passarmos, só para garantir?

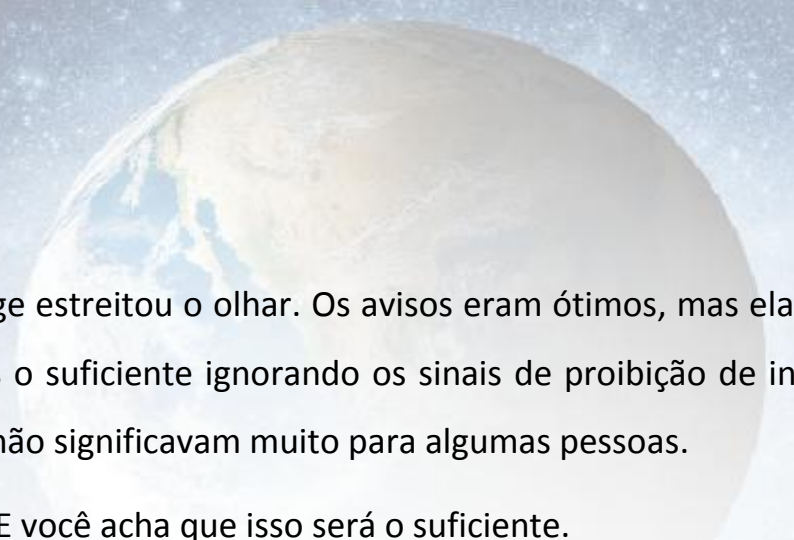
Ele a surpreendeu dando uma risada - não uma risada zangada, ou mesmo zombeteira, mas uma com humor verdadeiro. O som desconhecido afastou um pouco de sua inquietação.

— Eles saberão pelo seu cheiro, — ele explicou. — Mudou. — Bem, esse era um pensamento estranho. Que uma simples mordida poderia mudar a química de seu corpo. Então, novamente, depois da semana que ela teve, como poderia pensar que algo estava estranho?

— Para melhor ou pior? — ela perguntou.

O sorriso de Kian se aprofundou. — Para mim, você cheira como a fruta mais madura em um dia de verão. Você me dá água na boca.

Paige corou enquanto ele continuava. — Mas para todos os outros Alfa, você vai cheirar como um aviso para manter distância.



Paige estreitou o olhar. Os avisos eram ótimos, mas ela tinha visto arruaceiros o suficiente ignorando os sinais de proibição de invasão para saber que não significavam muito para algumas pessoas.

— E você acha que isso será o suficiente.

— Eu sei isso. — Mais uma vez, ele parecia absolutamente certo.
— Você tem que entender que os Alfas são uma raça diferente dos Betas com os quais você cresceu. Somos territoriais. Ferozmente possessivos. O que é nosso, é nosso. E todo mundo respeita isso.

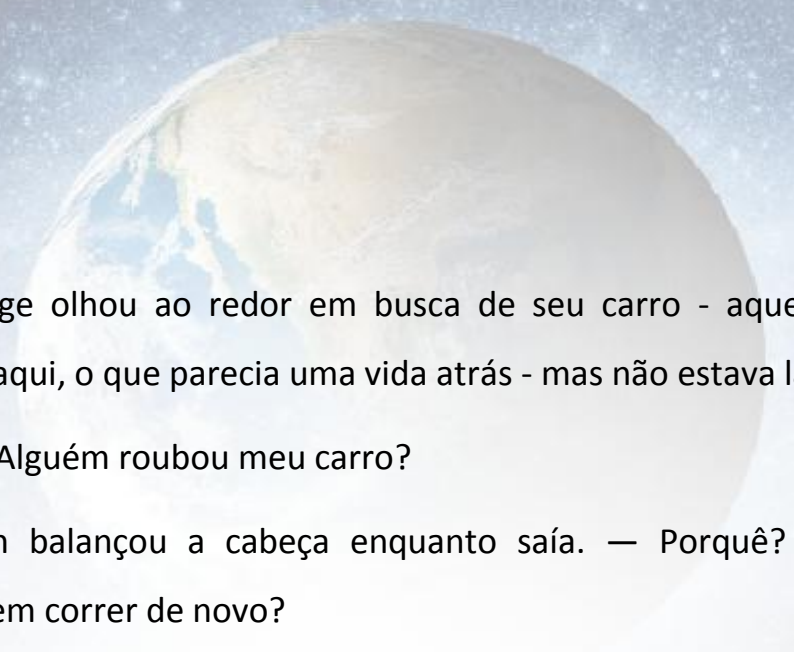
— E eu sou sua — disse ela. Não foi uma pergunta. Era mais como um mantra agora. Um que a fez sentir uma profunda sensação de segurança.

— Total e completamente. E com isso vem minha proteção completa. Todos que você encontrar de agora em diante saberão que, se a prejudicarem de alguma forma, a pena é a morte.

Os olhos de Paige se arregalaram. — Isso parece um pouco duro.

— Então é melhor eles tomarem muito cuidado. — Uma semana atrás, uma declaração como essa a teria assustado muito. Com razão. Mas ela não era mais a Paige Beta. Ela era uma Ômega. A alegada companheira Ômega de um Alfa poderoso e viril.

E suas palavras só a fizeram se sentir querida e segura. Poucos minutos depois, Kian parou a caminhonete no estacionamento sujo em frente ao Evander's Bar.



Paige olhou ao redor em busca de seu carro - aquele que ela dirigiu até aqui, o que parecia uma vida atrás - mas não estava lá.

— Alguém roubou meu carro?

Kian balançou a cabeça enquanto saía. — Porquê? Você está pensando em correr de novo?

— Claro que não, — ela respondeu. — É que é meu carro.

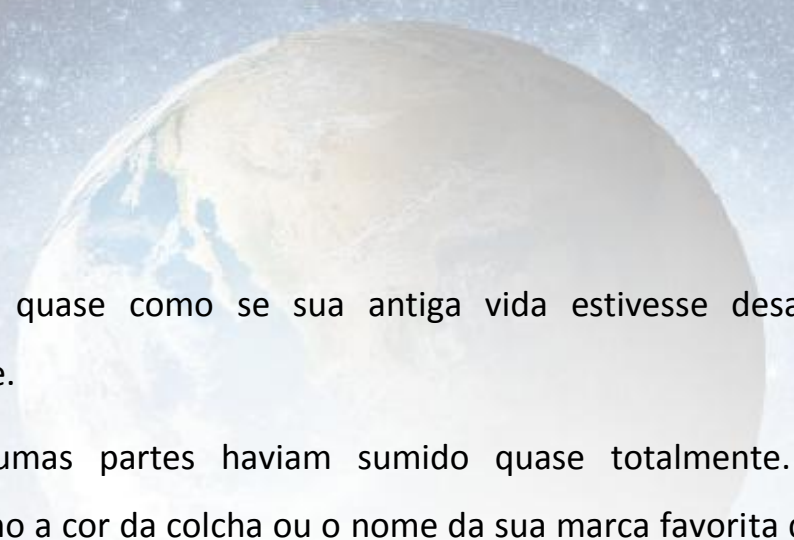
— Veja, — disse ele com um brilho provocante nos olhos. — Você também pode ser possessiva.

— Eu acho que posso, — ela admitiu. Engraçado, ela nunca tinha pensado em si mesma dessa forma. — Mas, falando sério, onde está?

— Tenho certeza de que Ty apenas guardou, onde não seria tão óbvio, — disse Kian. — O carro de uma mulher desaparecida pode atrair muita atenção indesejada. Você pode dirigir de volta para casa se quiser.

— Eu vou, — disse ela, seguindo Kian escada acima para a porta pesada. — Mas Ty poderia ter economizado sua energia. A única pessoa que estaria procurando por mim seria Craig, e ele já sabe onde estou.

Craig. Estranho, ela não pensava nele há dias. Claro, de vez em quando a horrível memória dele puxando o gatilho no armazém surgia em sua cabeça, mas seus pensamentos sempre foram para o pobre homem que tinha sido assassinado, não para seu ex-noivo.



Era quase como se sua antiga vida estivesse desaparecendo lentamente.

Algumas partes haviam sumido quase totalmente. Pequenas coisas, como a cor da colcha ou o nome da sua marca favorita de biscoito. Aparentemente, seu novo cérebro Ômega não se importava com coisas mundanas como essa. Talvez fosse empurrar as velhas memórias para abrir caminho para as novas. Ela gostou da ideia disso.

Kian abriu a porta e eles entraram no bar juntos.

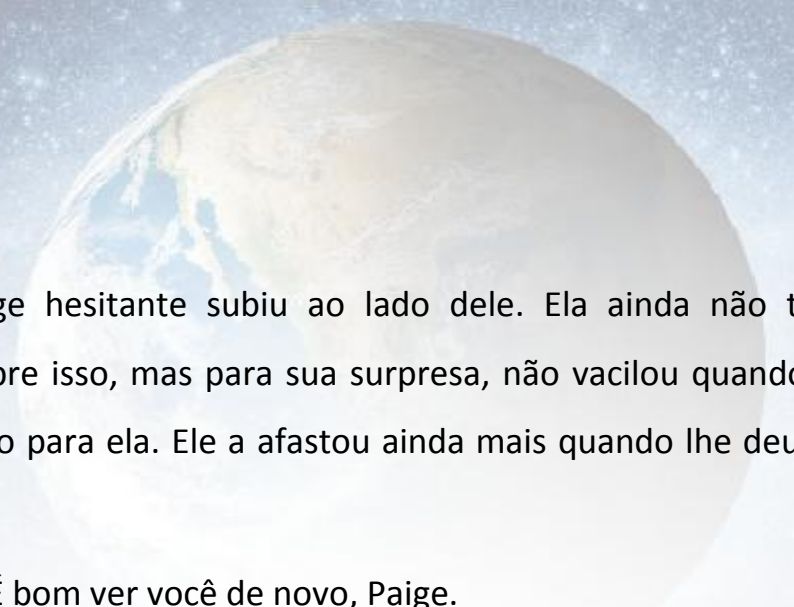
Não havia tantos Alfas como naquela primeira noite. Não era muito surpreendente. Não havia muitos bares ocupados em uma tarde de segunda-feira.

Ty ergueu os olhos de seu trabalho atrás do bar. Ele era tão escuro e maciço quanto se lembrava. Essa parte de sua memória ainda estava boa, parecia. Pelo menos desta vez ele não estava olhando carrancudo para ela.

— Kian, — disse ele. — Eu estava começando a pensar que você não iria entrar.

Kian balançou a cabeça enquanto caminhava até ao bar e se sentava. — Ficamos um pouco mais do que o esperado no Randall.

Ele olhou para ela e deu um tapinha no banquinho almofadado ao seu lado.



Paige hesitante subiu ao lado dele. Ela ainda não tinha tanta certeza sobre isso, mas para sua surpresa, não vacilou quando Ty voltou sua atenção para ela. Ele a afastou ainda mais quando lhe deu um aceno respeitoso.

— É bom ver você de novo, Paige.

Era? A última vez que ele falou com ela, teve a sensação de que a única coisa que queria era nunca mais ver seu rosto.

Mas isso foi antes. Antes de sua verdadeira natureza aparecer.

Antes de Kian a reivindicar. E ela o reivindicar.

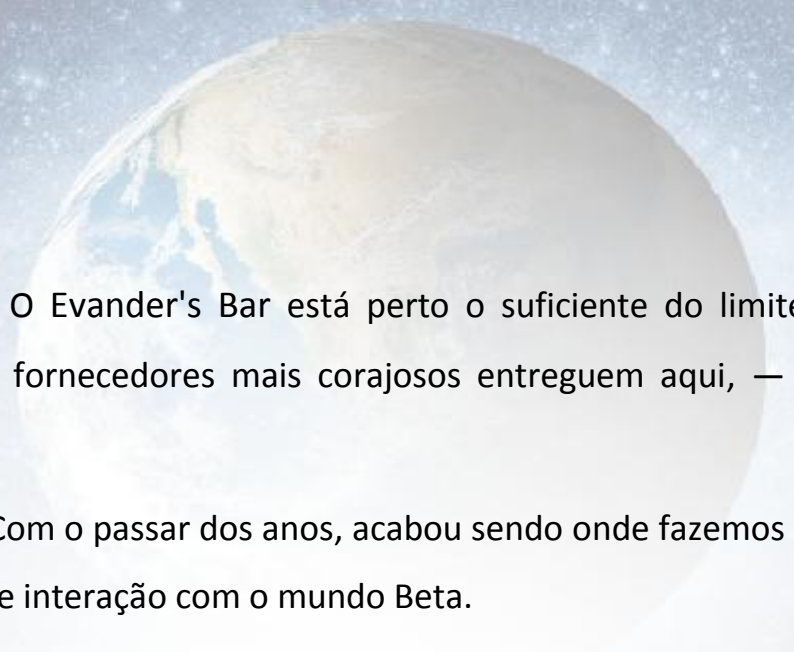
Aparentemente, Kian estava certo. Ser sua Ômega fazia toda a diferença do mundo.

— Você trouxe uma lista para mim? — Ty perguntou a Kian. Seu Alfa acenou com a cabeça e puxou um pequeno pedaço de papel do bolso.

Paige pegou algumas palavras rabiscadas a lápis: farinha, açúcar, manteiga. Ty deu uma olhada e acenou com a cabeça.

— Isso vai levar apenas um minuto, — disse ele, enxugando as mãos com uma toalha de bar. — Volto logo.

Paige olhou para Kian, confusa. — É aqui que você faz suas compras?



— O Evander's Bar está perto o suficiente do limite para que alguns dos fornecedores mais corajosos entreguem aqui, — respondeu ele.

— Com o passar dos anos, acabou sendo onde fazemos quase tudo que envolve interação com o mundo Beta.

— Incluindo proteger donzelas em perigo?

— Eu comeria apenas o que pudesse apanhar se fosse assim que ganhasse a vida, — disse ele. — Você foi minha primeira cliente. E minha última.

— Como você ganha seu dinheiro, então? — ela perguntou.

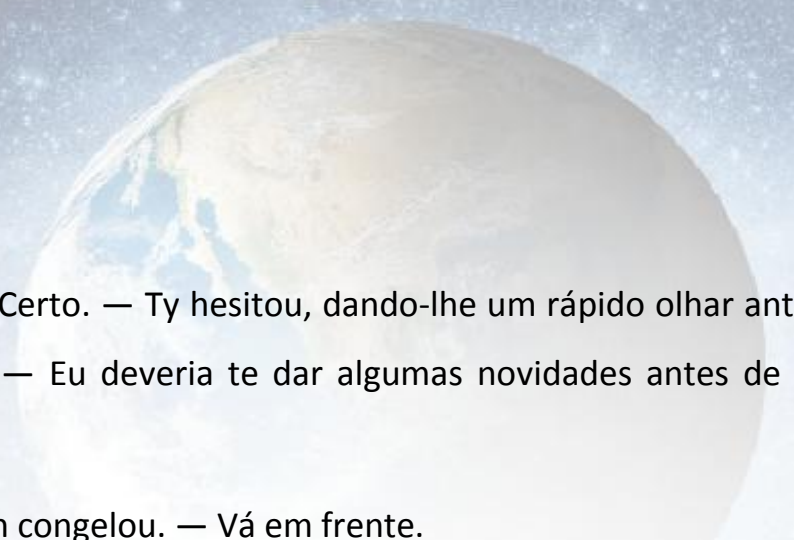
— Da mesma forma que todo mundo em Boundarylands ganha, — disse ele. — Conseguimos tudo o que precisamos negociando com os poucos Betas que chegam. Coisas pequenas como madeira, peles, bebidas destiladas. Felizmente, não é preciso muito dinheiro para viver da maneira que vivemos.

Só então Ty saiu de trás com um saco de papel cheio de itens essenciais.

— Aqui está, — disse ele, colocando-o em cima do balcão.

— Obrigado. — Kian disse, começando a se levantar de seu banquinho.

— Basta deduzir da minha conta.



— Certo. — Ty hesitou, dando-lhe um rápido olhar antes de olhar para Kian. — Eu deveria te dar algumas novidades antes de você ir, no entanto.

Kian congelou. — Vá em frente.

Outro olhar rápido de Ty. — Isso seria melhor em privado.

— Não. — A voz de Kian era firme. — Minha Ômega fica ao meu lado, não importa o que aconteça. Entendido?

Depois de um segundo, Ty assentiu. — Tem havido rumores de estranhos se afastando da estrada.

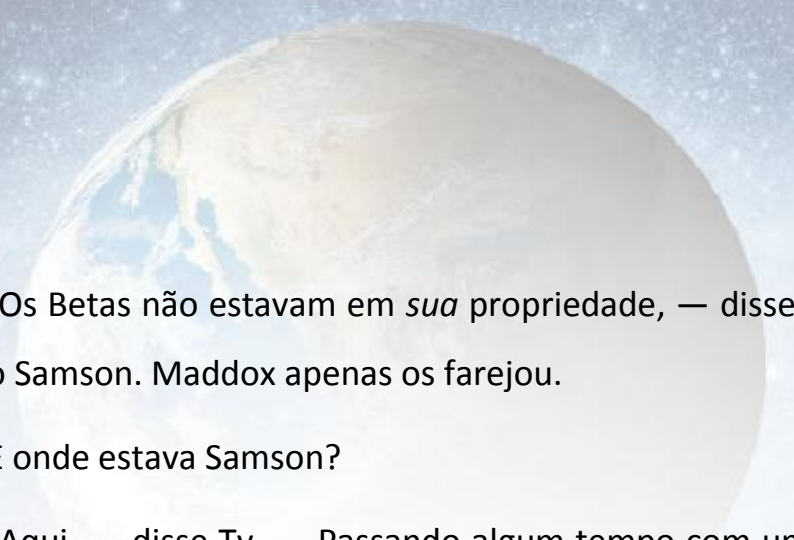
Kian congelou ao lado dela. Um segundo depois, ele se sentou novamente.

— Fale quem.

— Samson, — disse Ty. — E Maddox.

Os nomes não significavam nada para Paige, mas era óbvio que Kian sabia quem eles eram.

— Você está me dizendo que Maddox percebeu que um Beta estava se esgueirando em sua propriedade e o deixou andar. — Kian balançou a cabeça com desdém. — Eu não acredito nisso por um segundo. Aquele bastardo louco tem um fio de gatilho no melhor dos dias. Ele não deixaria um estranho escapar impune com um insulto como esse.



— Os Betas não estavam em *sua* propriedade, — disse Ty. — Eles estavam no Samson. Maddox apenas os farejou.

— E onde estava Samson?

— Aqui, — disse Ty. — Passando algum tempo com uma das... — Ele lançou-lhe um olhar de desculpas. — ... garotas na sexta à noite.

Paige resistiu à vontade de rir. Ty realmente achava que ela estava escandalizada com a existência de prostitutas?

— Você sabe que temos essas mulheres na cidade também, — disse ela. — Muito mais delas do que vocês têm aqui.

— Só estou tentando ser educado, — disse Ty.

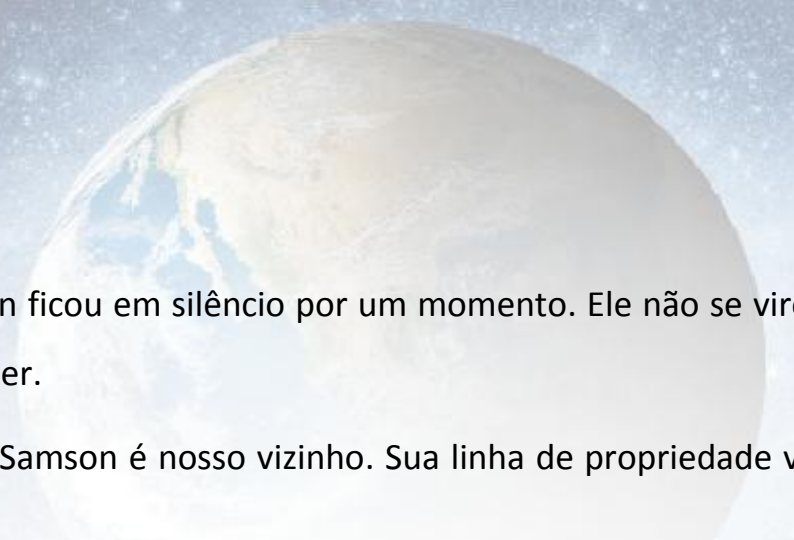
Bem, merda. Kian estava certo. Ser uma alegada Ômega fazia toda a diferença do mundo. Até este momento, ela não sabia que a palavra 'educado' estava no vocabulário de um Alfa.

— E Samson confirmou isso? — Kian perguntou. Ty acenou com a cabeça. — Dois dias depois, eles estavam de volta aos arredores de sua propriedade. Quando ele conseguiu chegar lá, eles já tinham ido embora.

— Quantos?

— Quatro, — disse Ty. — Ambas as vezes.

— Sinto muito, — Paige interrompeu. — Por que isso é importante?



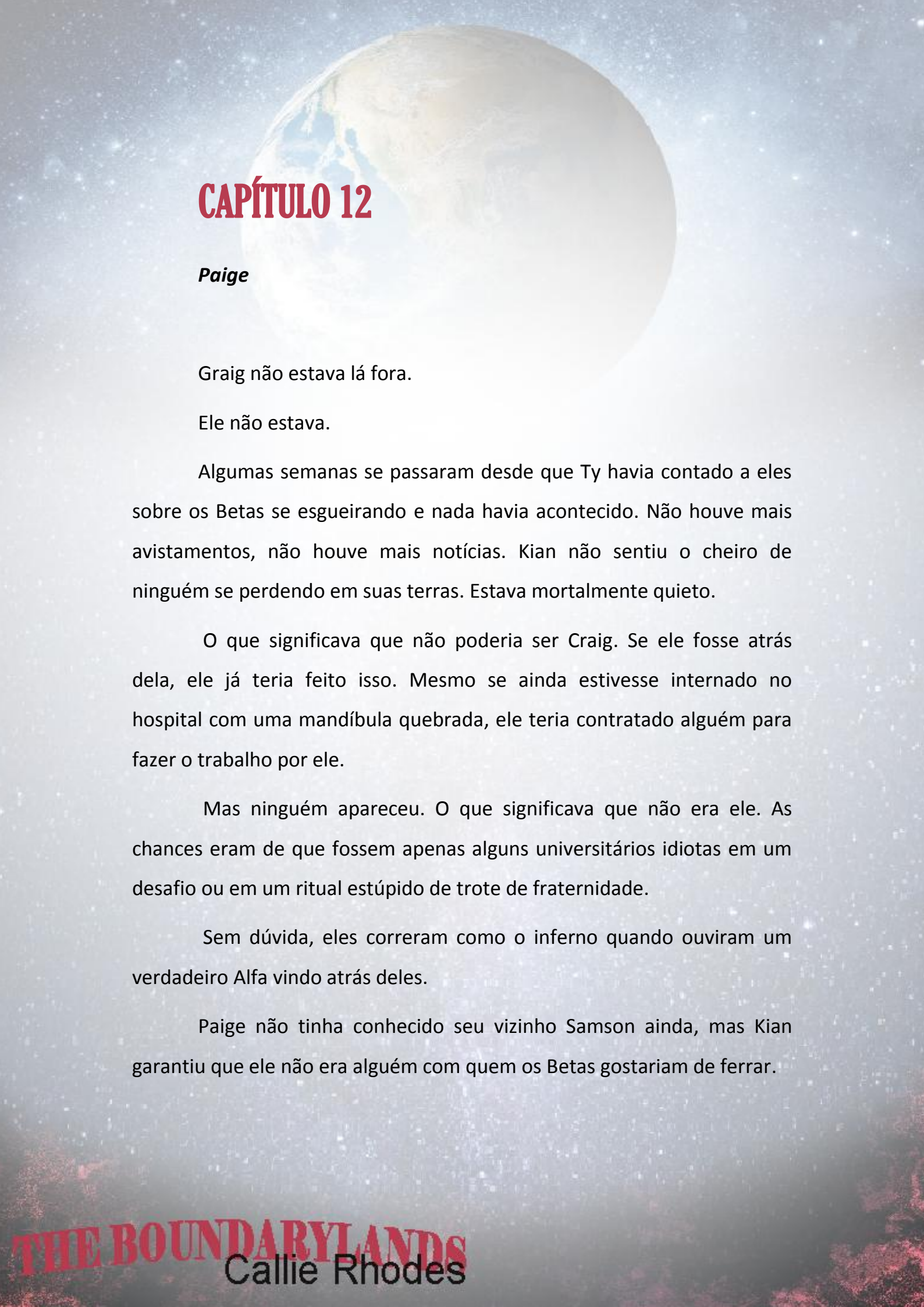
Kian ficou em silêncio por um momento. Ele não se virou para ela ao responder.

— Samson é nosso vizinho. Sua linha de propriedade vai contra a nossa.

Instantaneamente, ela entendeu. Seu sangue gelou em suas veias. Um arrepio gelado subiu por suas costas.

— Você acha que é Craig.

— Não importa quem seja, — Kian respondeu. — No segundo que eles colocam os pés em minhas terras, estão mortos. Cada um deles.



CAPÍTULO 12

Paige

Graig não estava lá fora.

Ele não estava.

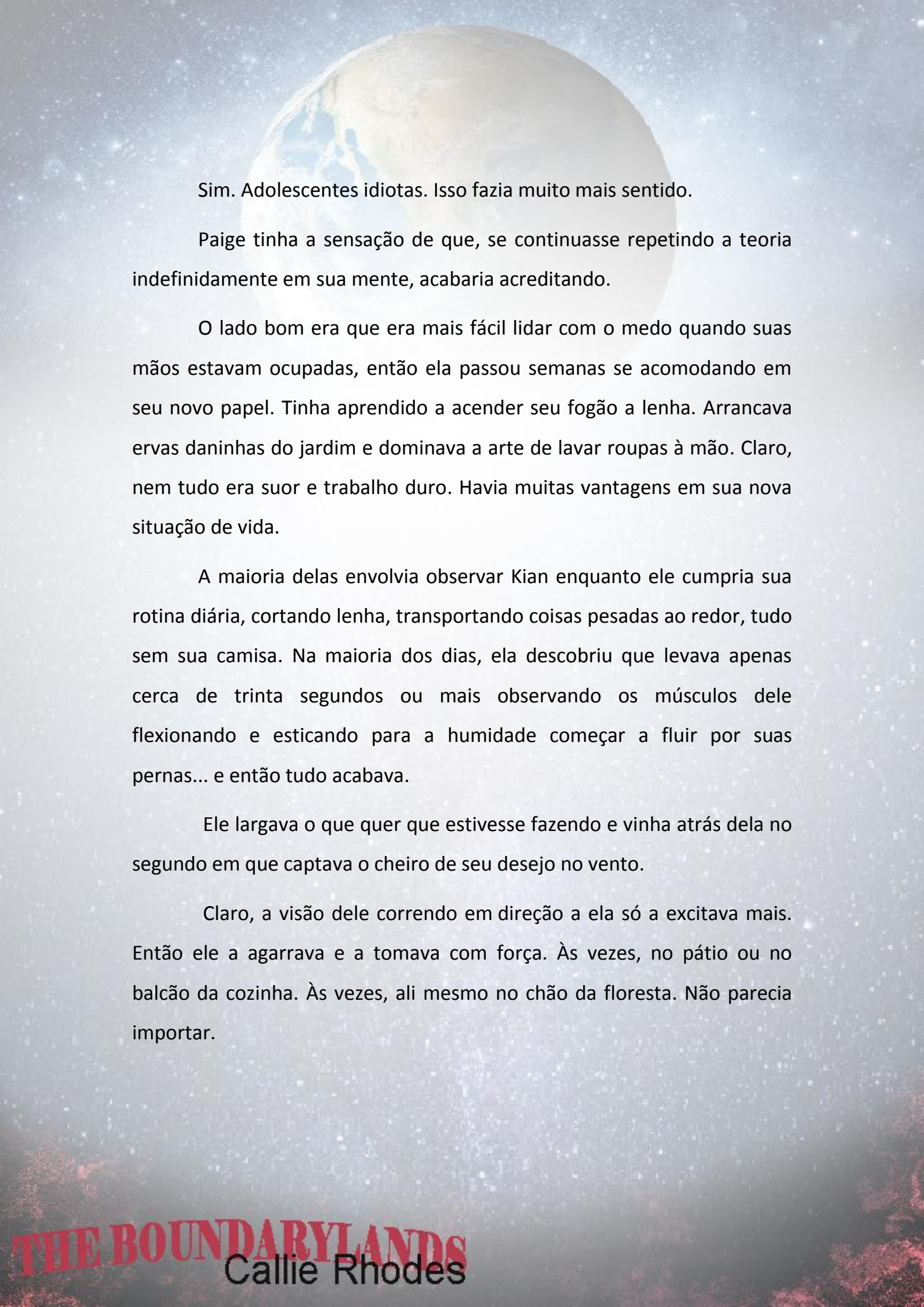
Algumas semanas se passaram desde que Ty havia contado a eles sobre os Betas se esgueirando e nada havia acontecido. Não houve mais avistamentos, não houve mais notícias. Kian não sentiu o cheiro de ninguém se perdendo em suas terras. Estava mortalmente quieto.

O que significava que não poderia ser Craig. Se ele fosse atrás dela, ele já teria feito isso. Mesmo se ainda estivesse internado no hospital com uma mandíbula quebrada, ele teria contratado alguém para fazer o trabalho por ele.

Mas ninguém apareceu. O que significava que não era ele. As chances eram de que fossem apenas alguns universitários idiotas em um desafio ou em um ritual estúpido de trote de fraternidade.

Sem dúvida, eles correram como o inferno quando ouviram um verdadeiro Alfa vindo atrás deles.

Paige não tinha conhecido seu vizinho Samson ainda, mas Kian garantiu que ele não era alguém com quem os Betas gostariam de ferrar.



Sim. Adolescentes idiotas. Isso fazia muito mais sentido.

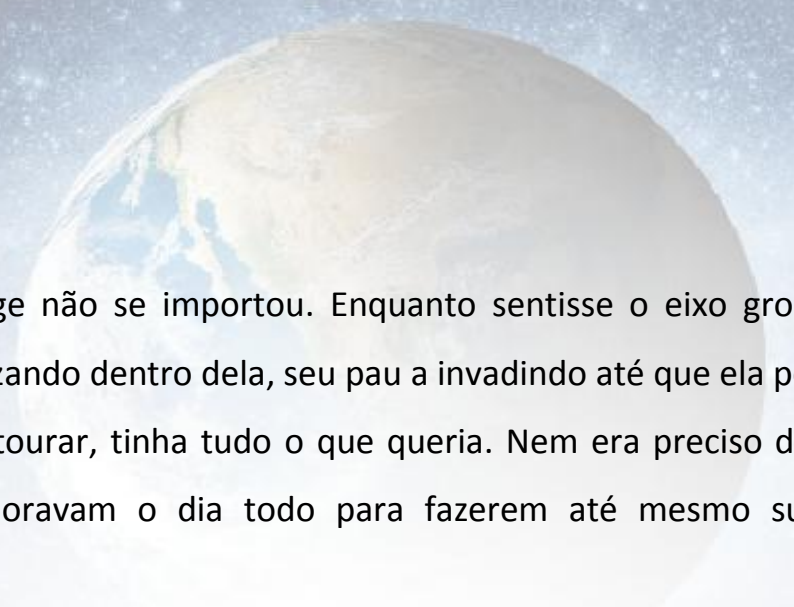
Paige tinha a sensação de que, se continuasse repetindo a teoria indefinidamente em sua mente, acabaria acreditando.

O lado bom era que era mais fácil lidar com o medo quando suas mãos estavam ocupadas, então ela passou semanas se acomodando em seu novo papel. Tinha aprendido a acender seu fogão a lenha. Arrancava ervas daninhas do jardim e dominava a arte de lavar roupas à mão. Claro, nem tudo era suor e trabalho duro. Havia muitas vantagens em sua nova situação de vida.

A maioria delas envolvia observar Kian enquanto ele cumpria sua rotina diária, cortando lenha, transportando coisas pesadas ao redor, tudo sem sua camisa. Na maioria dos dias, ela descobriu que levava apenas cerca de trinta segundos ou mais observando os músculos dele flexionando e esticando para a humidade começar a fluir por suas pernas... e então tudo acabava.

Ele largava o que quer que estivesse fazendo e vinha atrás dela no segundo em que captava o cheiro de seu desejo no vento.

Claro, a visão dele correndo em direção a ela só a excitava mais. Então ele a agarrava e a tomava com força. Às vezes, no pátio ou no balcão da cozinha. Às vezes, ali mesmo no chão da floresta. Não parecia importar.



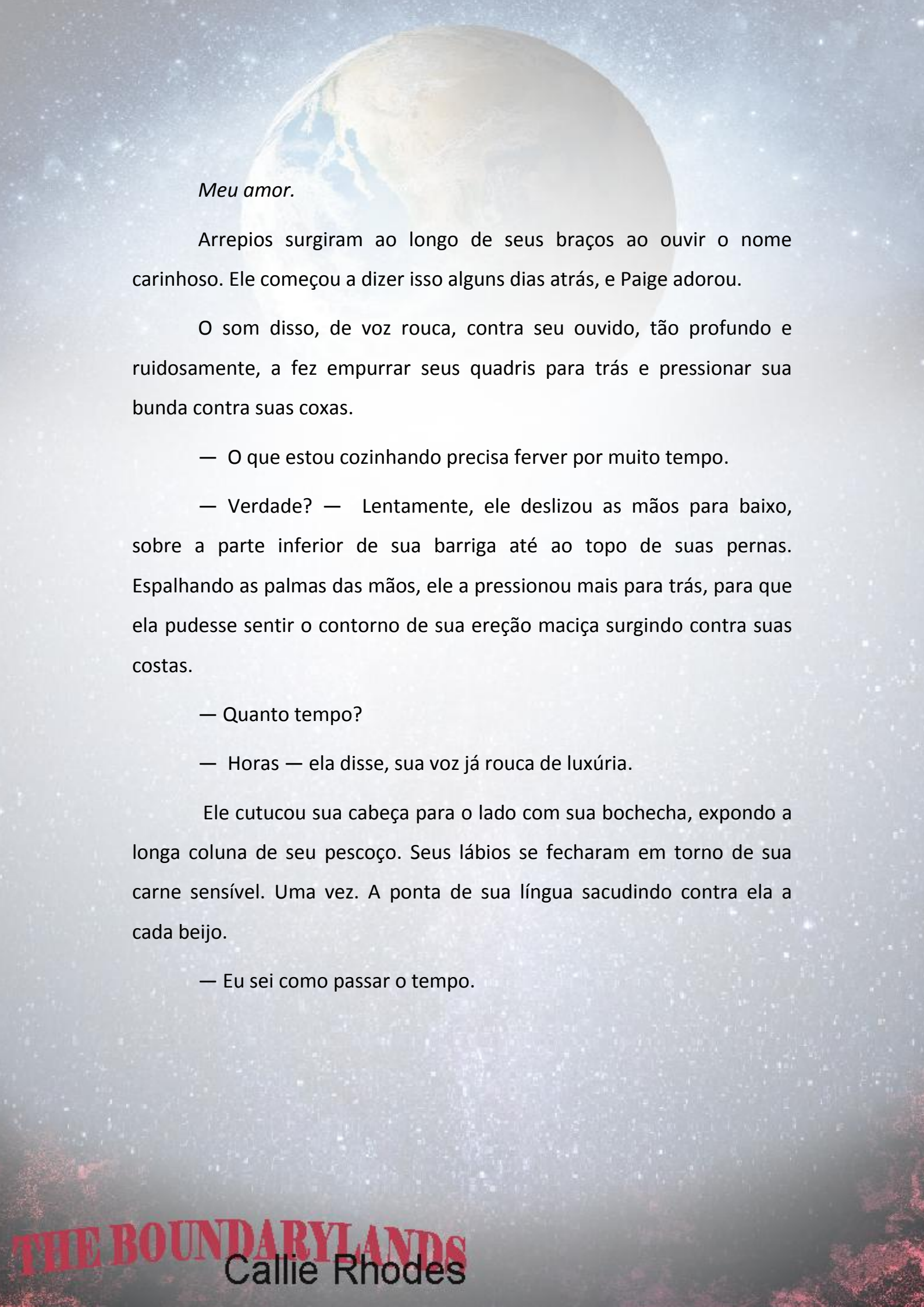
Paige não se importou. Enquanto sentisse o eixo grosso de seu pênis deslizando dentro dela, seu pau a invadindo até que ela pensava que poderia estourar, tinha tudo o que queria. Nem era preciso dizer que às vezes demoravam o dia todo para fazerem até mesmo suas tarefas básicas.

Pelo menos Gail não se importou quando ela apareceu parecendo desgrenhada. Paige percebeu que se alguém entendia, era ela. Quem mais poderia apreciar aquele impulso irresistível em direção a um Alfa, a necessidade absoluta de tê-lo e tê-lo agora?

E Gail fez parecer que esse sentimento não estava indo a lugar nenhum. Ela e Randall eram da mesma forma, mesmo depois de vinte e três anos. O vínculo que existia entre um Alfa e sua Ômega não era um fogo que se apagava.

Falando nisso... Paige ergueu os olhos do tabuleiro onde estava cortando cenouras e cebolas quando a porta da frente se abriu. Uma onda familiar de calor entrou em suas bochechas quando Kian entrou. Sem camisa - é claro - e coberto por um brilho fino de suor, ele colocou sua carga de lenha perto da lareira. O cheiro de pinho e terra fresca encheu seus sentidos enquanto ele caminhava atrás dela.

Uma nova explosão de desejo disparou por suas veias enquanto suas mãos enormes envolveram seus quadris. — É um pouco cedo para começar o jantar, não é, meu amor?



Meu amor.

Arrepios surgiram ao longo de seus braços ao ouvir o nome carinhoso. Ele começou a dizer isso alguns dias atrás, e Paige adorou.

O som disso, de voz rouca, contra seu ouvido, tão profundo e ruidosamente, a fez empurrar seus quadris para trás e pressionar sua bunda contra suas coxas.

— O que estou cozinhando precisa ferver por muito tempo.

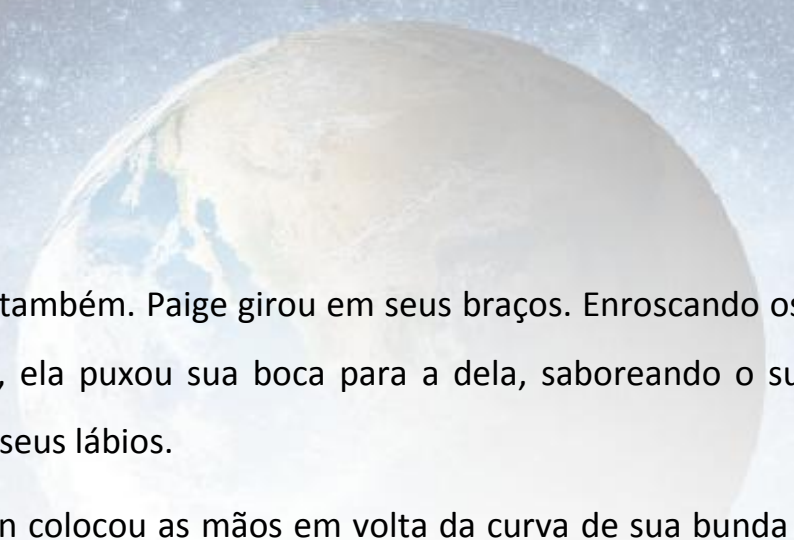
— Verdade? — Lentamente, ele deslizou as mãos para baixo, sobre a parte inferior de sua barriga até ao topo de suas pernas. Espalhando as palmas das mãos, ele a pressionou mais para trás, para que ela pudesse sentir o contorno de sua ereção maciça surgindo contra suas costas.

— Quanto tempo?

— Horas — ela disse, sua voz já rouca de luxúria.

Ele cutucou sua cabeça para o lado com sua bochecha, expondo a longa coluna de seu pescoço. Seus lábios se fecharam em torno de sua carne sensível. Uma vez. A ponta de sua língua sacudindo contra ela a cada beijo.

— Eu sei como passar o tempo.



Ela também. Paige girou em seus braços. Enroscando os dedos em seu cabelo, ela puxou sua boca para a dela, saboreando o suor salgado que cobria seus lábios.

Kian colocou as mãos em volta da curva de sua bunda e a ergueu sobre o balcão. Abrindo seus joelhos, ele pressionou perto.

Paige sentiu uma poça quente e escorregadia já se formando no balcão embaixo dela. Sim, isso é o que ela queria. Foi isso que ela esperou o dia todo. Isso é o que ela desejava pelo resto de sua vida.

De repente, Kian quebrou o beijo. Paige deixou escapar um pequeno grito de frustração quando ele se endireitou. Os músculos ao longo de seus braços e pescoço estavam tensos como a corda de uma besta.

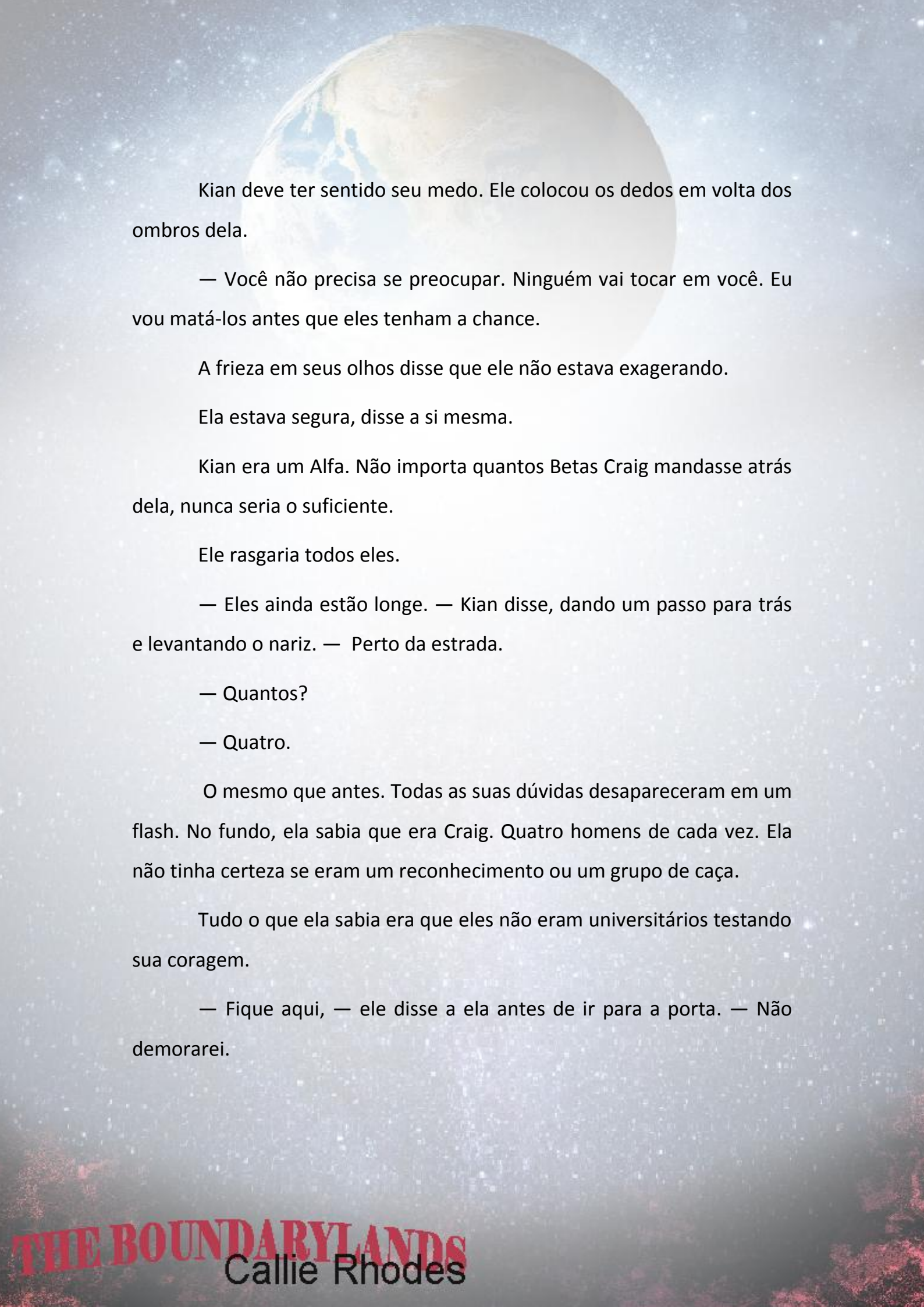
— Kian.

Ela tentou puxá-lo de volta para ela, mas era impossível. Ele era forte demais para ela o mover. Ele colocou a mão entre eles, parando-a. Ergueu ligeiramente o queixo.

— Alguém está aqui, — ele disse, sua voz quase um sussurro. O fogo no sangue de Paige foi apagado instantaneamente.

Craig.

Não, não pode ser. Ela não queria acreditar.



Kian deve ter sentido seu medo. Ele colocou os dedos em volta dos ombros dela.

— Você não precisa se preocupar. Ninguém vai tocar em você. Eu vou matá-los antes que eles tenham a chance.

A frieza em seus olhos disse que ele não estava exagerando.

Ela estava segura, disse a si mesma.

Kian era um Alfa. Não importa quantos Betas Craig mandasse atrás dela, nunca seria o suficiente.

Ele rasgaria todos eles.

— Eles ainda estão longe. — Kian disse, dando um passo para trás e levantando o nariz. — Perto da estrada.

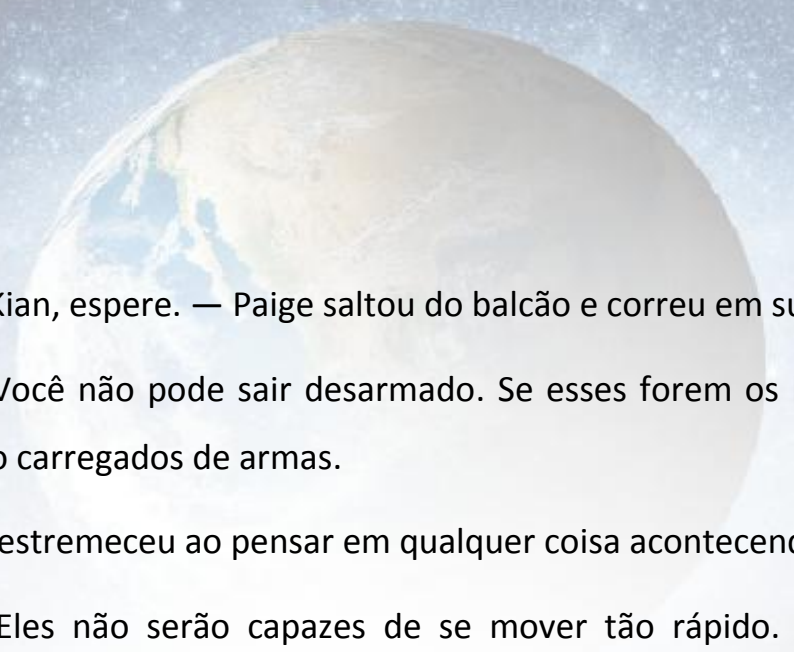
— Quantos?

— Quatro.

O mesmo que antes. Todas as suas dúvidas desapareceram em um flash. No fundo, ela sabia que era Craig. Quatro homens de cada vez. Ela não tinha certeza se eram um reconhecimento ou um grupo de caça.

Tudo o que ela sabia era que eles não eram universitários testando sua coragem.

— Fique aqui, — ele disse a ela antes de ir para a porta. — Não demorarei.



— Kian, espere. — Paige saltou do balcão e correu em sua direção.

— Você não pode sair desarmado. Se esses forem os homens de Craig, estão carregados de armas.

Ela estremeceu ao pensar em qualquer coisa acontecendo com ele.

— Eles não serão capazes de se mover tão rápido. — Kian se inclinou e deu um beijo em sua testa. Afastando-se, ele a olhou diretamente nos olhos.

— Não saia de casa por nenhum motivo. Volto em breve.

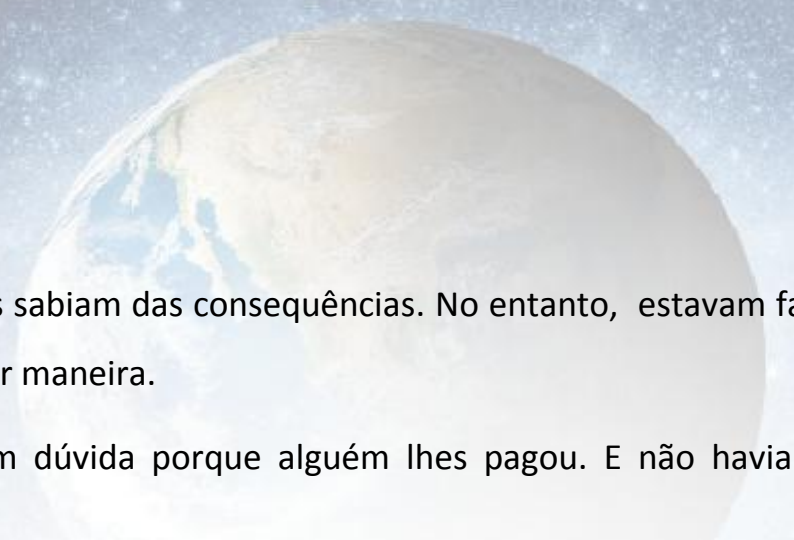
Paige passou as mãos nos braços de repente gelados quando a porta se fechou atrás dele.

Kian

Os pés de Kian voaram sobre o chão da floresta enquanto seguia o cheiro dos Betas no ar. O vento soprava de oeste, tingido com o sal do mar, mas ele conseguia distinguir facilmente cada um dos quatro homens.

E seu medo.

Eles sabiam exatamente qual era o crime que estavam cometendo ao pisar em suas terras.



Eles sabiam das consequências. No entanto, estavam fazendo isso de qualquer maneira.

Sem dúvida porque alguém lhes pagou. E não havia dúvida de quem.

Aquele filho da puta que ousou tocar em Paige antes que ela fosse dele.

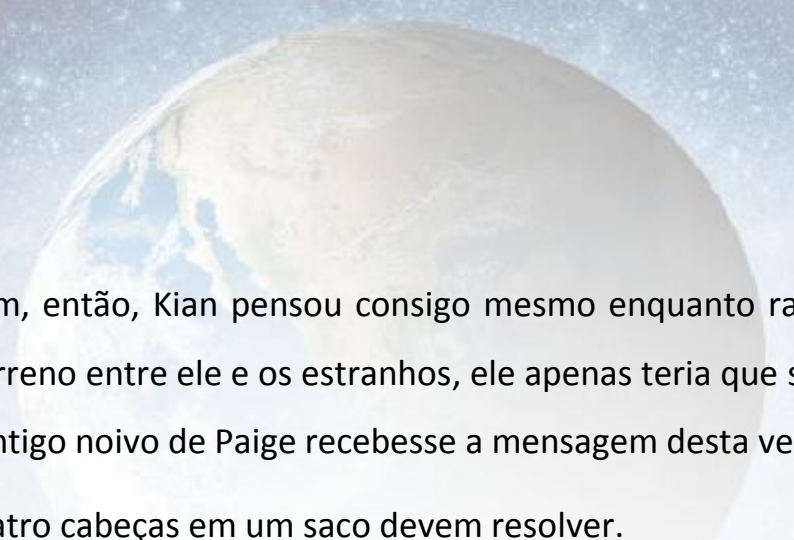
Então, o bastardo não tinha aprendido a lição, afinal.

Ele ainda queria machucar Paige. Ainda achava que poderia controlá-la.

O Beta estava prestes a aprender uma lição difícil e dolorosa. Levantando o rosto para o vento, Kian respirou fundo. Pena que Craig não era um dos quatro homens que estavam caminhando em sua direção. Kian se lembrava bem de seu cheiro oleoso de seu encontro no Evander's Bar.

Ele teria sido capaz de identificá-lo em um instante, mas não estava lá. Então, o covarde mandou homens contratados para fazer o trabalho sujo para ele.

Kian não ficou surpreso. Conheceu Betas que morreram com um único soco de um Alfa. Aqueles que sobreviviam geralmente não tinham pressa em reviver a experiência.



Bem, então, Kian pensou consigo mesmo enquanto rapidamente cobria o terreno entre ele e os estranhos, ele apenas teria que se certificar de que o antigo noivo de Paige recebesse a mensagem desta vez.

Quatro cabeças em um saco devem resolver.

— *Alguma coisa está vindo.* — A voz sussurrada veio de um aglomerado de árvores na base da colina. Mesmo que ele ainda estivesse longe, Kian ouviu alto e claro como o canto de um galo pela manhã.

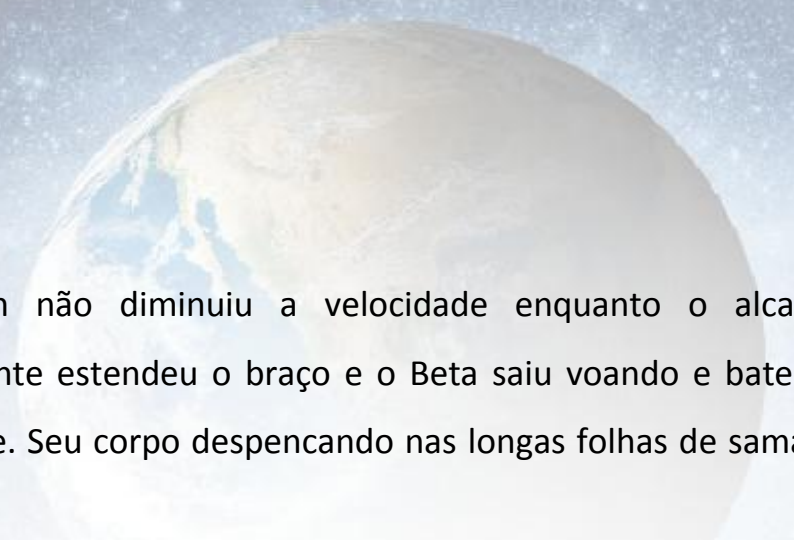
— *Tem certeza?* — disse outra voz. — *Eu não vejo nada.*

— *Peguei na câmera térmica, a cerca de 400 metros de distância, grande e chegando rápido.*

— *Merda. Vamos sair. Agora.* — O som de seu farfalhar em pânico revelou sua posição exata. Agora Kian não tinha apenas seus cheiros para seguir. Havia também o bater desajeitado de seus pés contra a terra como um tambor. Em vez de se espalhar, os idiotas mantiveram-se em uma linha relativamente reta que voltava para a estrada.

Eles eram rápidos... para Betas, mas não podiam chegar perto do ritmo de Kian.

Ele fechou a distância entre eles em menos de um minuto. Contornando um aterro, ele avistou o mais lento dos pistoleiros contratados.



Kian não diminuiu a velocidade enquanto o alcançava. Ele simplesmente estendeu o braço e o Beta saiu voando e batendo contra uma árvore. Seu corpo despencando nas longas folhas de samambaias na base.

Kian fez o mesmo com o segundo e o terceiro homem, tirando-os com um golpe e deixando-os quebrados em seu rastro. Ele não estava interessado em soldados de infantaria.

Ele queria o líder.

Kian o alcançou a poucos metros da estrada. Mergulhando, Kian o derrubou pelos joelhos. Pedras e galhos cravaram em sua pele enquanto rolavam pelo chão, parando apenas quando se chocaram contra uma rocha de granito, mas Kian mal percebeu a dor.

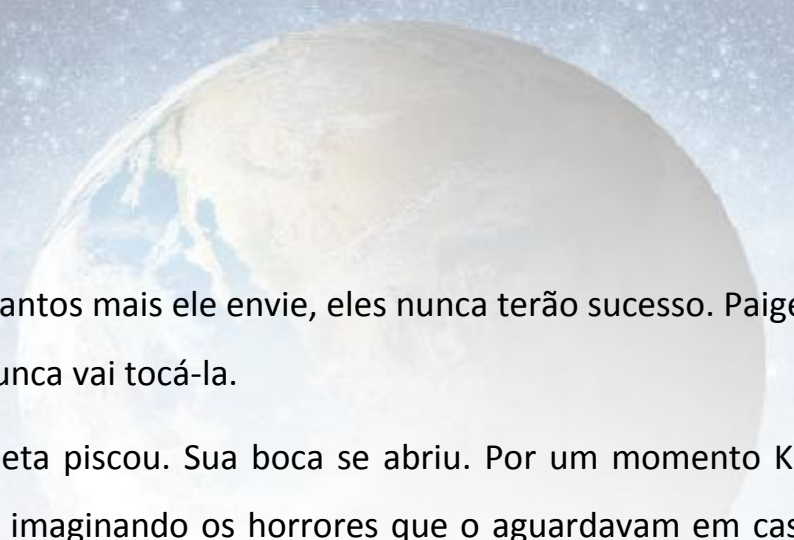
Ele tinha o que queria.

Olhou para o rosto machucado e ensanguentado do Beta e vociferou. — Você nunca deveria ter vindo aqui. — O Beta olhou para ele, seus olhos inchados nadando de medo.

— Eu tinha que vir, — disse ele, com a voz trêmula. — O Sr. Mathieson teria me matado.

Os lábios de Kian se torceram em vitória.

— Ele provavelmente ainda vai matá-lo quando eu mandar você de volta para ele com três homens mortos e uma mensagem de que não



importa quantos mais ele envie, eles nunca terão sucesso. Paige é minha e ninguém nunca vai tocá-la.

O Beta piscou. Sua boca se abriu. Por um momento Kian pensou que estava imaginando os horrores que o aguardavam em casa, mas um formigamento gelado percorreu sua espinha quando percebeu que a expressão do Beta significava algo totalmente diferente.

Orgulho.

— Mas não recebemos ordens de capturar Paige, — disse o homem. — Esse é o trabalho da outra equipe. Fomos enviados para atrair você.

Uma raiva pura e quente surgiu através do sangue de Kian.

Ele balançou para trás e abaixou o punho com força. O osso e o tendão se partiram enquanto ele dirigia o punho limpo através do crânio do Beta.

Paige.

Ele ficou de pé em um salto e disparou em direção à casa. A casa em que disse a ela para ficar, não importava o que acontecesse. A casa onde Craig e seus homens sabiam que ela estaria sozinha.



CAPÍTULO 13

Paige

Paige não conseguia parar de andar.

Da janela da frente, para a cozinha, para o quarto e vice-versa.

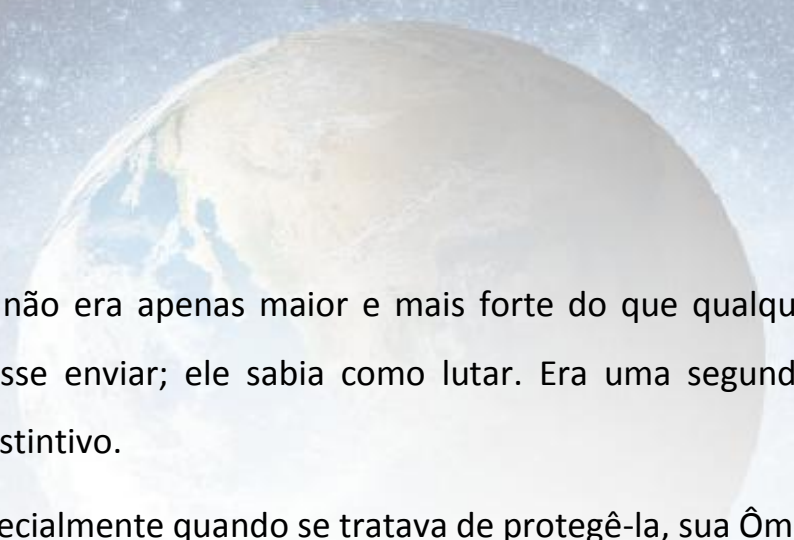
Começou a percorrer o circuito no segundo em que Kian deixou a cabana, e agora, pelo menos vinte minutos depois, ela ainda estava ansiosa.

Não podia evitar. Ela tinha que continuar se movendo. Do contrário, temia que toda a ansiedade e o medo dentro dela a engolisse por inteiro.

Além disso, o que mais faria? Ela entendeu porque Kian ordenou que ficasse dentro de casa. Estava mais segura aqui do que perdida na floresta, e não era como se pudesse ajudá-lo a lutar contra os homens de Craig.

Sem uma arma, ela era mais uma desvantagem do que uma vantagem.

Kian, por outro lado, era um Alfa.



Ele não era apenas maior e mais forte do que qualquer um que Craig pudesse enviar; ele sabia como lutar. Era uma segunda natureza para ele. Instintivo.

Especialmente quando se tratava de protegê-la, sua Ômega.

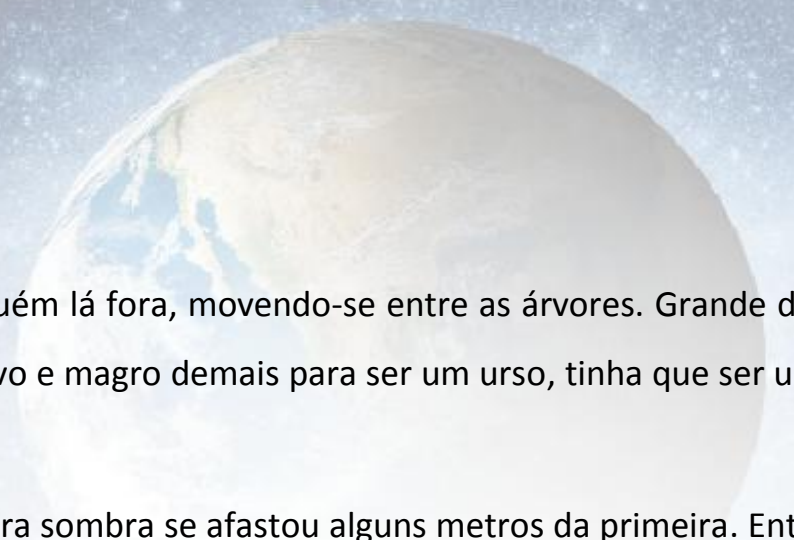
Paige acreditava nisso até às profundezas de sua alma. Kian morreria antes de deixar alguém tocá-la. Ela apenas rezou para que não chegasse a esse ponto.

E o que ela faria se isso acontecesse? Como ela continuaria sem ele? *Ela não conseguiria.* A compreensão veio em um flash.

Não era uma questão de não querer continuar. Não havia dúvida em sua mente de que ela iria definhar. Ela desapareceria. De alguma forma, ela sabia que eles estavam tão unidos que seu coração preferia desistir do que continuar batendo sem ele.

Caminhou de volta para a janela e puxou a cortina pelo que deve ter sido a centésima vez. Ainda nenhum sinal dele. Ou estava lá? Ela estreitou os olhos e se concentrou na borda da linha das árvores ao lado da caminhonete.

Por um segundo, nada aconteceu. Tudo parecia normal. Mas quando estava prestes a se afastar e começar o circuito novamente, ela viu a sombra que chamou sua atenção antes.



Alguém lá fora, movendo-se entre as árvores. Grande demais para ser um cervo e magro demais para ser um urso, tinha que ser uma pessoa. Kian?

Outra sombra se afastou alguns metros da primeira. Então outra. E outra. Ah merda. A mão de Paige voou para sua boca. Ela não se atreveu a gritar. Inferno, ela estava quase com medo de respirar.

Havia quatro homens em frente à cabana. Quatro dos homens de Craig. Isso significava que eles dominaram Kian? Eles atiraram nele? Matado ele e deixado sua carcaça no chão?

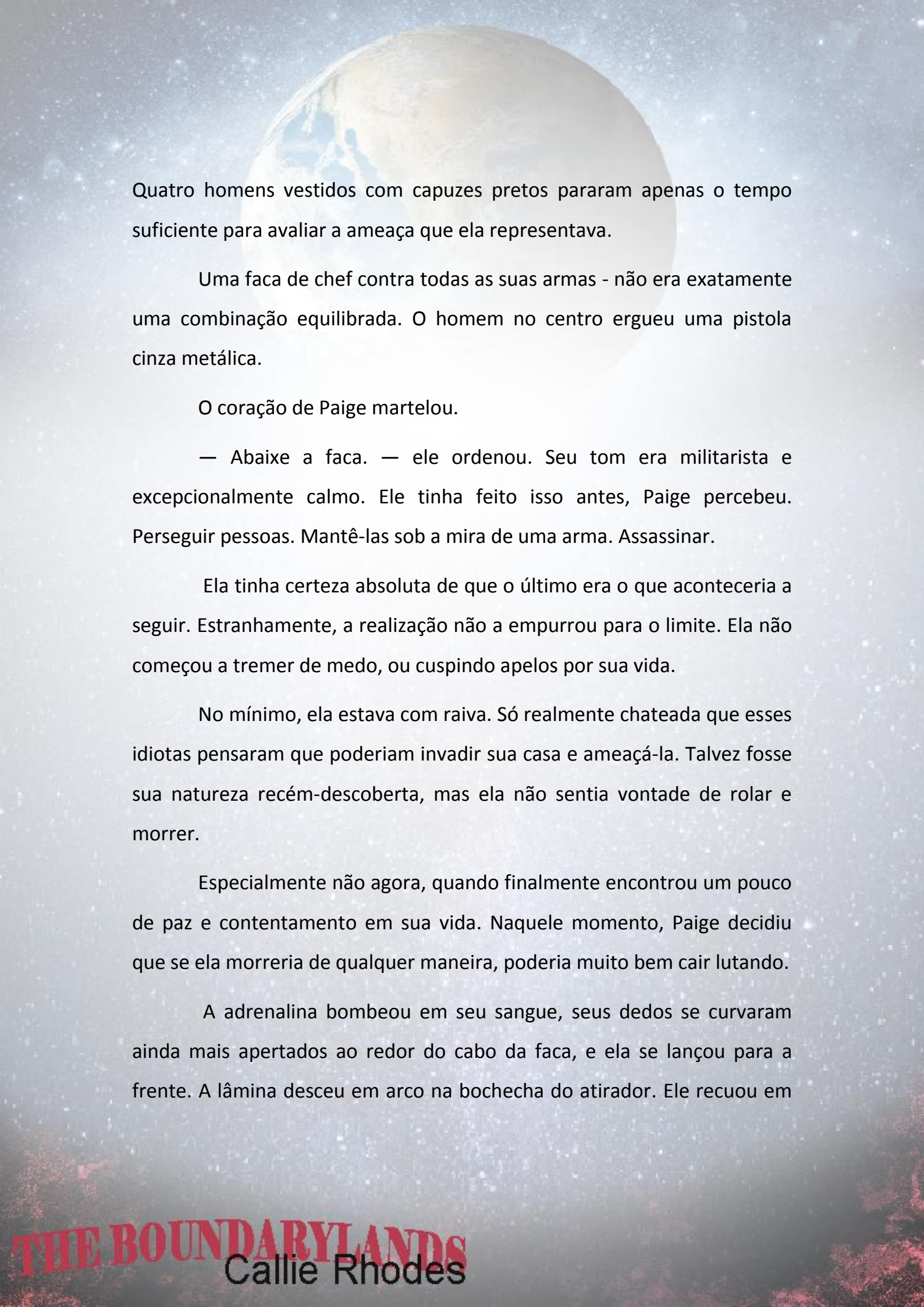
Não.

A resposta soou clara em seu coração. Ela saberia. Não havia nenhuma maneira que o laço entre eles pudesse ser cortado sem que ela sentisse. Kian ainda estava lá fora e vivo... e vindo para salvá-la.

Tudo o que ela precisava fazer era aguentar o tempo suficiente para que chegasse aqui.

Girando, ela correu para a cozinha para encontrar uma arma. Chegou ao balcão assim que a porta da frente se abriu. Paige envolveu os dedos em torno da longa faca com que estava cortando vegetais menos de meia hora antes e se virou.

— Não chegue mais perto. — ela gritou, seu braço surpreendentemente firme enquanto segurava a lâmina na frente dela.



Quatro homens vestidos com capuzes pretos pararam apenas o tempo suficiente para avaliar a ameaça que ela representava.

Uma faca de chef contra todas as suas armas - não era exatamente uma combinação equilibrada. O homem no centro ergueu uma pistola cinza metálica.

O coração de Paige martelou.

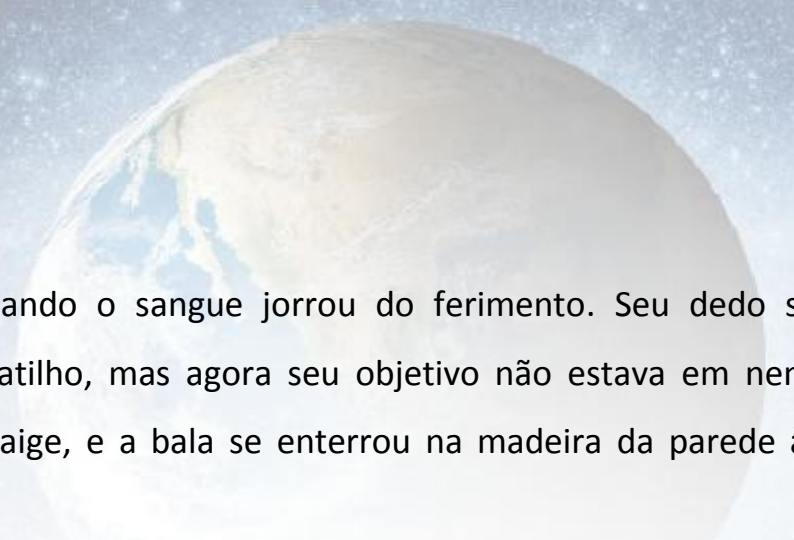
— Abaixе a faca. — ele ordenou. Seu tom era militarista e excepcionalmente calmo. Ele tinha feito isso antes, Paige percebeu. Perseguir pessoas. Mantê-las sob a mira de uma arma. Assassinar.

Ela tinha certeza absoluta de que o último era o que aconteceria a seguir. Estranhamente, a realização não a empurrou para o limite. Ela não começou a tremer de medo, ou cuspindo apelos por sua vida.

No mínimo, ela estava com raiva. Só realmente chateada que esses idiotas pensaram que poderiam invadir sua casa e ameaçá-la. Talvez fosse sua natureza recém-descoberta, mas ela não sentia vontade de rolar e morrer.

Especialmente não agora, quando finalmente encontrou um pouco de paz e contentamento em sua vida. Naquele momento, Paige decidiu que se ela morreria de qualquer maneira, poderia muito bem cair lutando.

A adrenalina bombeou em seu sangue, seus dedos se curvaram ainda mais apertados ao redor do cabo da faca, e ela se lançou para a frente. A lâmina desceu em arco na bochecha do atirador. Ele recuou em



choque quando o sangue jorrou do ferimento. Seu dedo se contraiu contra o gatilho, mas agora seu objetivo não estava em nenhum lugar perto de Paige, e a bala se enterrou na madeira da parede à esquerda dela.

— *Sua vadia.* — o atirador cuspiu nela. — Você vai pagar por isso. — Paige trouxe a faca de volta à sua frente bem a tempo dos outros três homens atacá-la de uma vez.

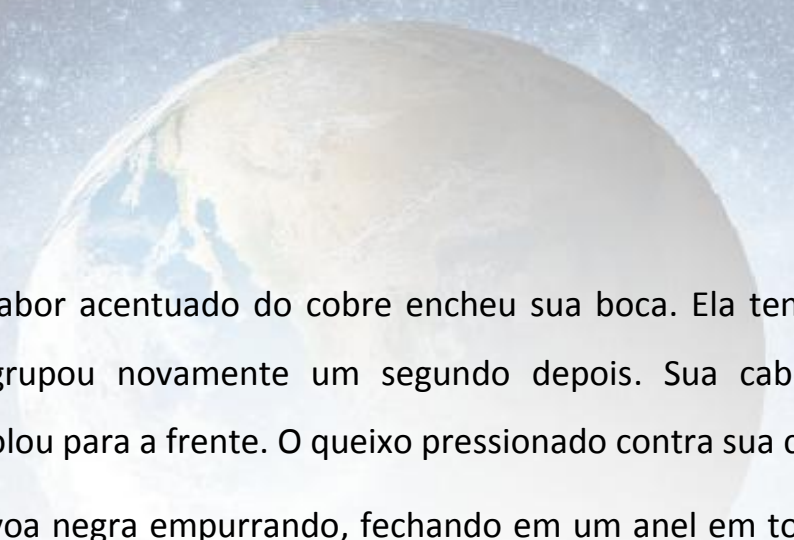
Ela tentou como o inferno lutar contra eles, cortando violentamente, mas não adiantou.

Eles eram muitos. Levaram apenas alguns segundos para dominá-la e torceram a faca de sua mão.

O homem com a cara cortada esperou até que os dois braços estavam presos com segurança atrás das costas antes de chegar perto.

— Você está com sorte que foi dito para levá-la ao Sr. Mathieson viva, — ele vociferou. Um segundo depois um sorriso ameaçador torceu os lábios.

— Claro, ele não disse nada sobre ilesa. — Paige olhou desafiadoramente nos olhos do bandido quando ele fechou a mão em um punho, inclinando de volta por trás do ombro, e trazendo com força contra seu rosto. Dor incandescente irrompeu no rosto de Paige.



O sabor acentuado do cobre encheu sua boca. Ela tentou cuspir, mas só agrupou novamente um segundo depois. Sua cabeça estava pesada e rolou para a frente. O queixo pressionado contra sua clavícula.

Névoa negra empurrando, fechando em um anel em torno de sua visão. Ela tentou piscar, mas foi inútil. Ela estava desaparecendo rapidamente. A última visão que teve antes das luzes se apagarem completamente foi o lento rio de vermelho espesso que fluia para o chão.

Kian

Kian nunca tinha corrido tão rápido em sua vida. Seus pulmões doíam com a força de sua respiração. Seus músculos queimando com exaustão. Mas ele continuou.

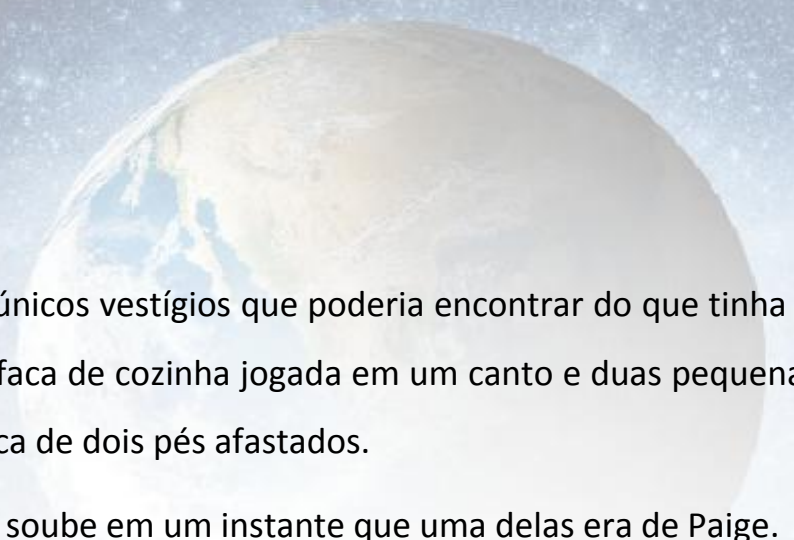
Ele tinha que chegar em casa.

Tinha que chegar a Paige.

Kian cobriu os cinco quilômetros em menos de quinze minutos, mas o momento em que viu a porta da frente entreaberta, ele sabia que era tarde demais.

Ainda assim, ele correu para dentro, desesperado para ver se Paige estava lá.

Ela não estava.



Os únicos vestígios que poderia encontrar do que tinha acontecido eram uma faca de cozinha jogada em um canto e duas pequenas poças de sangue cerca de dois pés afastados.

Ele soube em um instante que uma delas era de Paige.

Raiva fundida fluía como lava dentro dele. Betas estiveram em sua casa. Eles tinham tocado sua Ômega. A fizeram sangrar.

E por isso pagariam. Profundamente. Com uma dor inimaginável. A última parte racional do cérebro de Kian assumiu o comando.

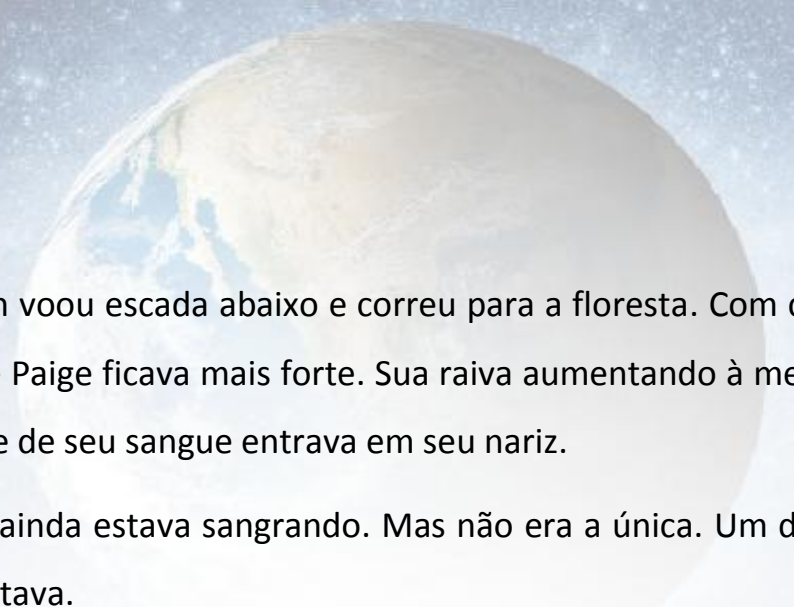
Os bastardos a tinham machucado, mas não a tinham matado. Se ela estivesse morta, eles teriam deixado seu corpo aqui.

Arrastando uma mulher morta pela floresta só iria atrasá-los. E estes homens tinham que saber que estaria atrás deles.

Kian explodiu a porta e levantou a cabeça, desesperado para pegar o cheiro de Paige.

Concentrando duro, ele finalmente encontrou, fraco e já longe. Um ligeiro estrondo mecânico através das árvores lhe disse que tinham ido de mover-se a pé para um veículo de algum tipo, um quadriciclo provavelmente.

Eles devem tê-lo escondido, pelo menos, a mais de um quilômetro de distância na floresta, para evitar detecção.



Kian voou escada abaixo e correu para a floresta. Com cada passo, o cheiro de Paige ficava mais forte. Sua raiva aumentando à medida que o cheiro forte de seu sangue entrava em seu nariz.

Ela ainda estava sangrando. Mas não era a única. Um dos homens também estava.

Um sentimento de orgulho inchou dentro dele ao perceber que Paige deve ter lutado contra seus agressores, e lutou duro.

Quatro contra um, e ela ainda tinha conseguido fazer algum dano.

Ela não era uma presa fácil, sua Ômega.

Suas pernas bombeando enquanto voava passando das árvores, arbustos, pedras e samambaias. Com cada passo ele se esforçava um pouco mais.

Ele precisava chegar até ela.

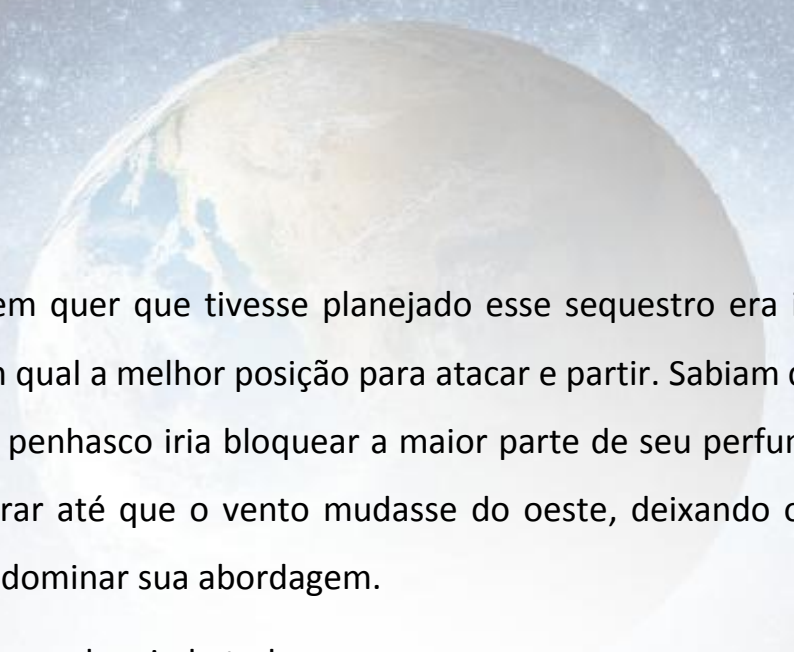
Era o único pensamento em sua mente.

Não se importou quando atirou passando a fronteira invisível entre sua terra e Samson. Não deu uma única merda quando continuou em Maddox.

Ele estava muito perto.

Nada e ninguém estava indo para detê-lo.

Eles estavam já depois da próxima elevação. Subindo o morro ele avistou uma rampa íngreme que levava até à estrada.



Quem quer que tivesse planejado esse sequestro era inteligente. Eles sabiam qual a melhor posição para atacar e partir. Sabiam que o muro alto de um penhasco iria bloquear a maior parte de seu perfume. Sabiam como esperar até que o vento mudasse do oeste, deixando o cheiro do outro time dominar sua abordagem.

Tinham planejado tudo.

Exceto ele. Eles tinham subestimado o que um Alfa cheio de raiva era capaz. Mas Kian mal podia esperar para mostrar.

Uma força saída do nada o atingiu na lateral, derrubando-o. Kian soltou um rugido que ecoou por entre as árvores quando suas costas bateram contra um tronco oco. *Que...*

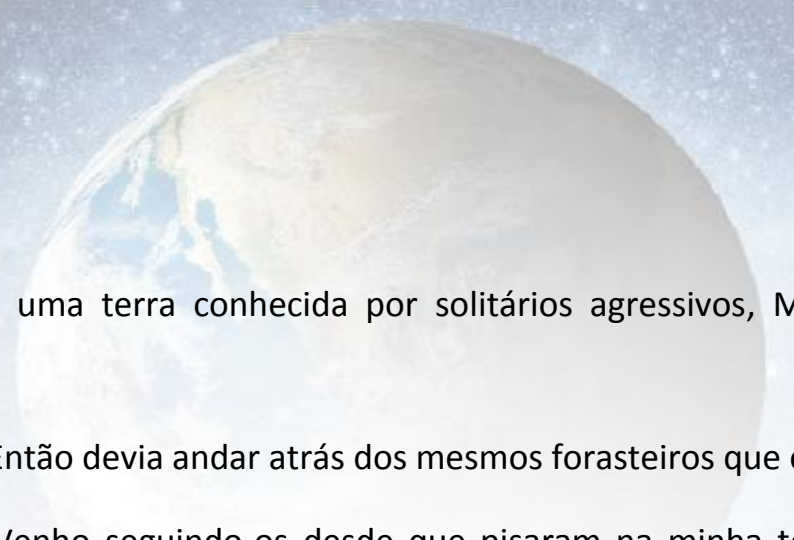
Ficando de pé de novo, ele xingou para o Alfa de cabelos negros a poucos metros de distância.

Maddox.

— Você está na minha terra. — O outro Alfa não tentou esconder seu desgosto. Ele escorria de seus lábios. — Você sabe o que isso significa.

Kian balançou a cabeça. — Eu não tenho tempo para isso, Maddox.

O Alfa inclinou o queixo para o lado. Seus olhos escuros arregalados, mostrando toda a loucura que dentro dele. — E eu não tenho paciência para invasores.



Em uma terra conhecida por solitários agressivos, Maddox era extremo.

— Então devia andar atrás dos mesmos forasteiros que eu.

— Venho seguindo-os desde que pisaram na minha terra. — Os olhos de Maddox se estreitaram. — Você não está com eles?

— Claro que não, — Kian retrucou, acrescentando paranóico para a lista de palavras para descrever seu irmão recluso.

— Eles têm a minha Ômega. — Os ombros de Maddox se endireitaram. Ele jogou a cabeça para trás e para a frente como se estivesse pesando a situação em sua mente. — Você ainda está invadindo.

Kian queria rugir de frustração.

Ele estava perdendo preciosos segundos com este argumento.

— *Eles vão matá-la.*

— E é por isso que eu te perdoo desta vez, — disse Maddox. — Faça novamente e você é um homem morto.

Kian assentiu. Soou justo com ele. — Você vai me ajudar a detê-los?

Um sorriso escuro levantou os lábios de Maddox. — Eu insisto nisso.



CAPÍTULO 14

Paige

Água fria espirrou contra o rosto de Paige, a trazendo de volta à consciência. Suas pálpebras tremiam enquanto suas pernas tentavam encontrar equilíbrio em terra firme... mas não havia chão.

Recuperando um pouco a sua lucidez, ela percebeu porquê.

Dois homens um em cada lado tinham enganchado seus braços ao redor e estavam segurando-a algumas polegadas fora de uma estrada pavimentada.

A estrada central.

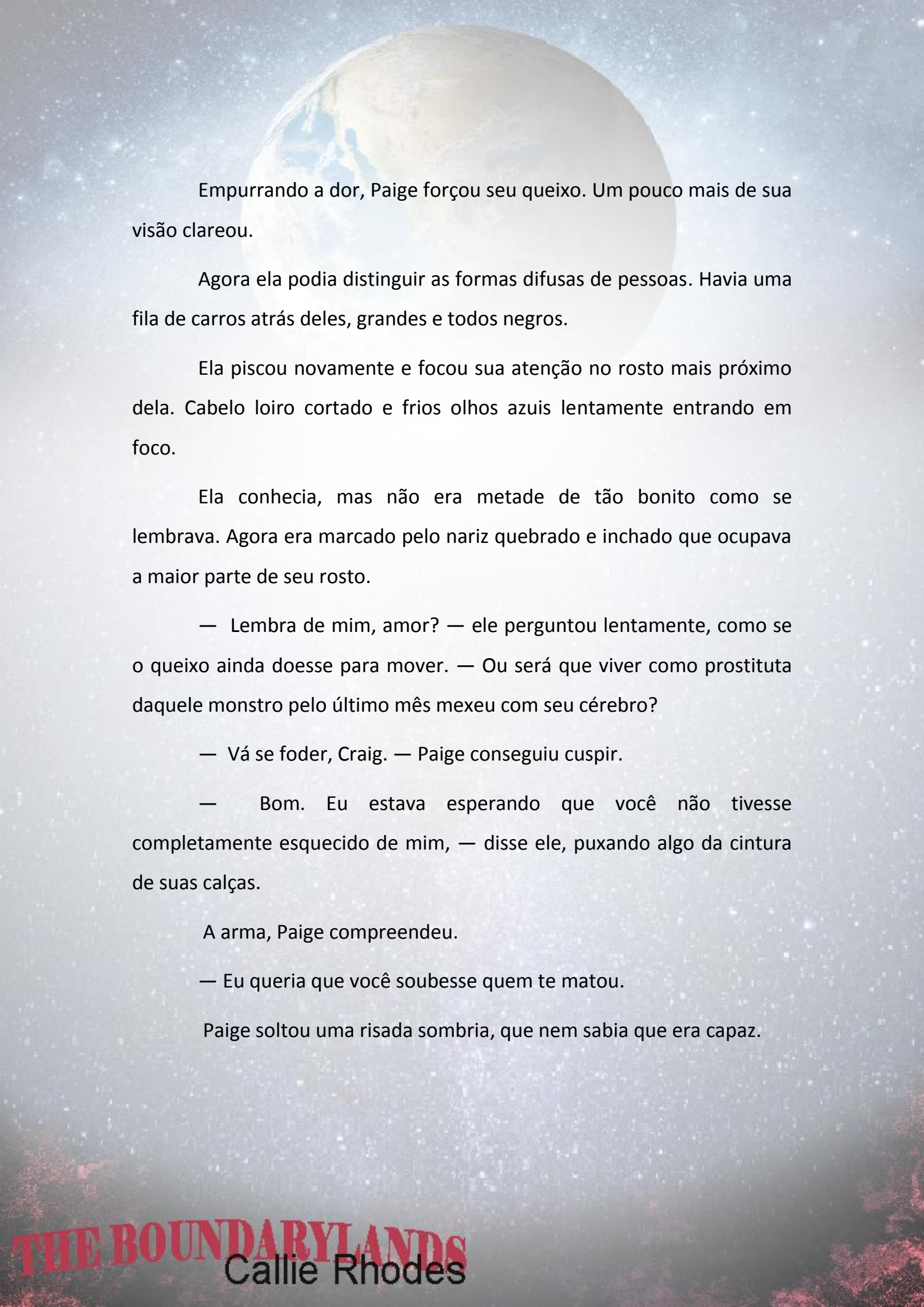
Ela piscou os olhos, desesperada para se concentrar nas bolhas em frente a ela, mas seus olhos resistiram. Talvez tivesse algo a ver com a dor latejante que estava perfurando em seu crânio.

— Acorde, querida.

Paige parou. Ela conhecia aquela voz. A voz de Craig.

De repente, tudo voltou para ela em um flash: Kian perseguindo depois que os homens invadiram sua propriedade, as sombras que ela tinha visto na floresta, o soco que tinha tomado no rosto.

Tudo isso.



Empurrando a dor, Paige forçou seu queixo. Um pouco mais de sua visão clareou.

Agora ela podia distinguir as formas difusas de pessoas. Havia uma fila de carros atrás deles, grandes e todos negros.

Ela piscou novamente e focou sua atenção no rosto mais próximo dela. Cabelo loiro cortado e frios olhos azuis lentamente entrando em foco.

Ela conhecia, mas não era metade de tão bonito como se lembrava. Agora era marcado pelo nariz quebrado e inchado que ocupava a maior parte de seu rosto.

— Lembra de mim, amor? — ele perguntou lentamente, como se o queixo ainda doesse para mover. — Ou será que viver como prostituta daquele monstro pelo último mês mexeu com seu cérebro?

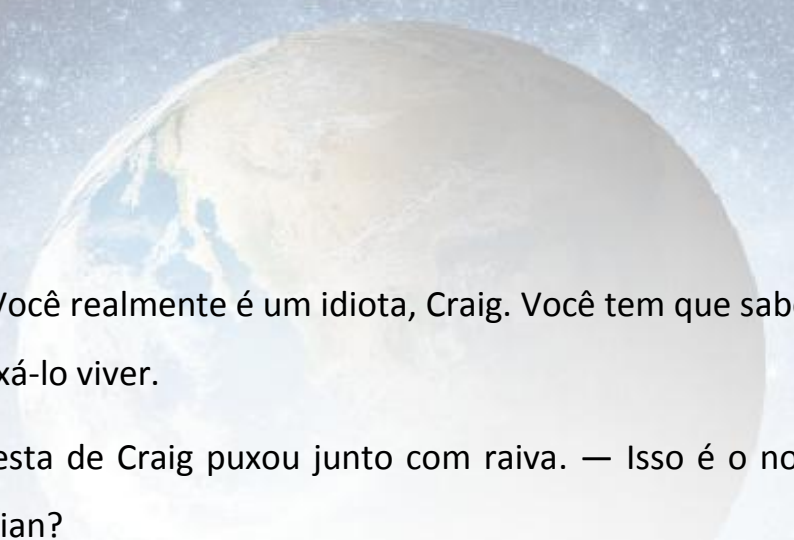
— Vá se foder, Craig. — Paige conseguiu cuspir.

— Bom. Eu estava esperando que você não tivesse completamente esquecido de mim, — disse ele, puxando algo da cintura de suas calças.

A arma, Paige compreendeu.

— Eu queria que você soubesse quem te matou.

Paige soltou uma risada sombria, que nem sabia que era capaz.



— Você realmente é um idiota, Craig. Você tem que saber que Kian não vai deixá-lo viver.

A testa de Craig puxou junto com raiva. — Isso é o nome do seu vira-lata? Kian?

Ele balançou a cabeça com toda a confiança no mundo.

— Desculpe desapontá-la, mas ele nunca vai me tocar. Eu estarei a cem quilômetros de distância antes que ele encontre o seu corpo.

— Talvez, — ela admitiu. — Mas ele não vai parar. Ele vai te caçar.

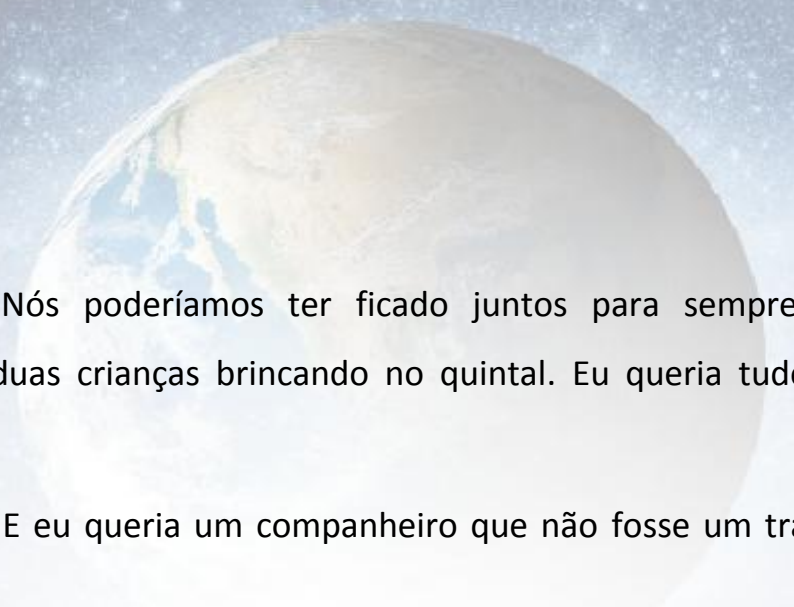
— Todo o caminho para Sacramento? — Ele riu. — Acho que não. Estas criaturas que você gosta tanto podem ser fortes, mas eles não gostam de rastejar para fora de seus buracos e para a luz.

— Você não sabe nada sobre ele. — Craig se aproximou, estreitando seu olhar.

— Você se apaixonou por ele, não é? Aqui estava eu pensando que você estivesse sendo usada como um pedaço de carne, mas você realmente se apaixonou por um Alfa como uma puta patética.

— A única coisa patética que já fiz foi acreditar em suas mentiras, — ela atirou de volta.

— Nós poderíamos ter tido uma vida perfeita, Paige, — Craig disse, balançando a cabeça tristemente.



— Nós poderíamos ter ficado juntos para sempre. Casa no subúrbio, duas crianças brincando no quintal. Eu queria tudo isso com você.

— E eu queria um companheiro que não fosse um traficante ou assassino.

Craig fez uma careta, as linhas quebrando em sua boca puxando com força.

Era óbvio que ele não gostava de ser chamado pelo que era.

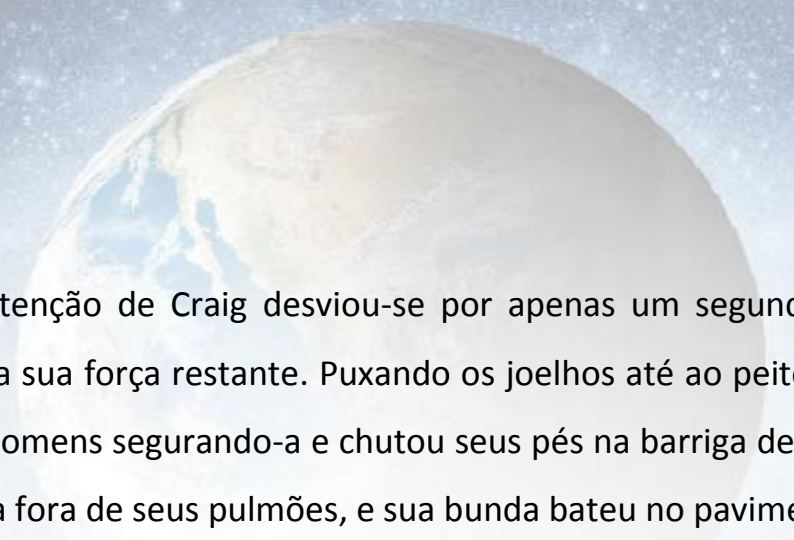
— Você nunca deveria ter vindo para o armazém naquele dia. Eu disse que estava ocupado. Eu lhe disse para ficar em casa. — disse ele, endireitando o braço e pressionando o cano da arma contra a têmpora. — Mas você não quis ouvir, e agora tem que morrer.

Paige apertou os lábios com força. Mesmo que estivesse tremendo de medo, ela se recusou a lhe dar a satisfação de ouvi-la implorar por sua vida. Ergueu o queixo e encontrou o olhar sem alma.

— Queime no inferno, Craig. — Sua mandíbula apertada.

— Você primeiro, Paige.

Cada músculo em seu corpo apertado, esperando a explosão lancinante de dor que tiraria sua vida... mas isso não aconteceu. Em vez disso, um estrondo encheu o ar.



A atenção de Craig desviou-se por apenas um segundo, e Paige usou toda a sua força restante. Puxando os joelhos até ao peito, ela girou contra os homens segurando-a e chutou seus pés na barriga de Craig. O ar correu para fora de seus pulmões, e sua bunda bateu no pavimento duro.

Os homens que a seguravam deixaram-na cair um segundo depois.

No início, ela pensou que eles podiam ir em direção ao barulho, tentando proteger Craig do perigo, mas, aparentemente, o dinheiro pago dava apenas para alguma coragem. Ambos os covardes foram correndo para a segurança dos carros. Não fizeram muito bem, no entanto.

Paige assistiu em uma espécie de admiração perversa do chão como dois Alfas, Kian e outro, negro e carrancudo, estouraram para fora da floresta e sobre a estrada.

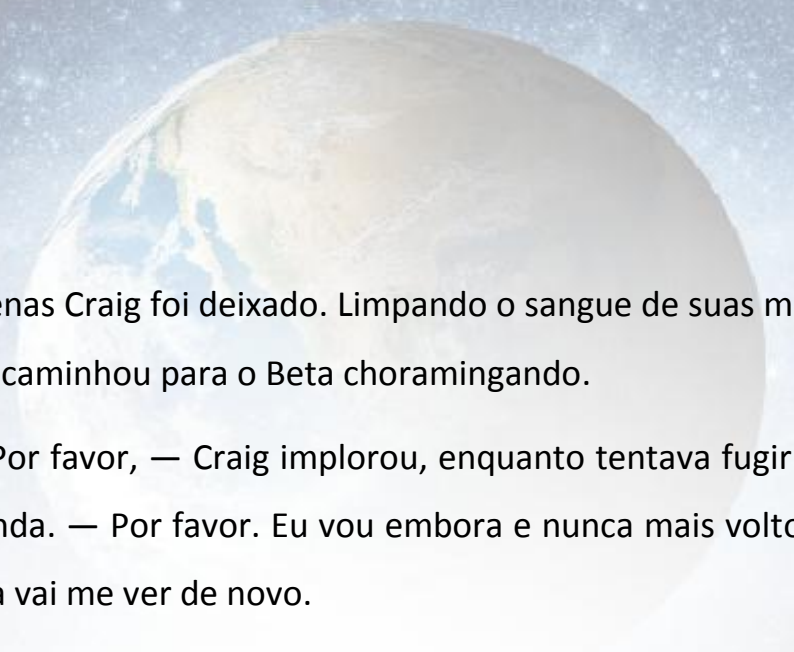
Juntos, eles rasgaram os homens, quebrando ossos e crânios.

Paige enfiou a cabeça para baixo enquanto as balas voavam pelo ar, mas nenhuma chegou perto de bater Kian ou seu amigo.

Os Alfas estavam se movendo muito rápido, e era óbvio que os atiradores estavam muito assustados para tomar o tempo para apontar.

Tudo acabou em questão de segundos.

Com algumas pancadas violentas e rachaduras, os quatro homens que a tinham espancado e levado de sua casa jaziam sem vida no chão.



Apenas Craig foi deixado. Limpando o sangue de suas mãos em seu jeans, Kian caminhou para o Beta choramingando.

— Por favor, — Craig implorou, enquanto tentava fugir para longe em sua bunda. — Por favor. Eu vou embora e nunca mais volto. Prometo. Você nunca vai me ver de novo.

— Vocês se rebelaram na minha terra, — Kian disse, com a voz mais baixa e mais ameaçadora do que Paige já tinha ouvido antes.

— E na minha, — disse o outro Alfa.

— Você invadiu a minha casa. Você tocou minha Ômega. A machucou. Se atreveu a ameaçar sua vida, — Kian continuou. — E agora você quer misericórdia.

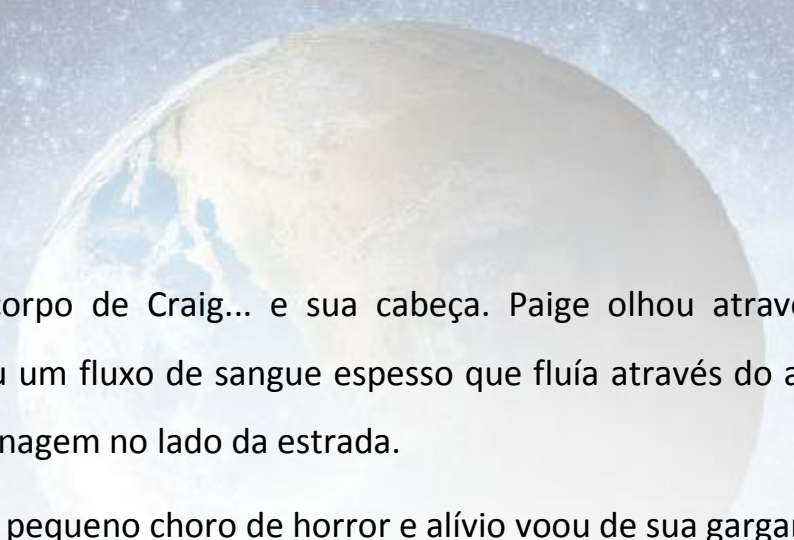
— Por favor, — Craig chorou. — Eu nunca vou tocar Paige novamente.

— Você está certo, não vai. — Descendo, Kian envolveu uma mão ao redor de seu pescoço e uma outra em torno de sua perna.

— Desvie o olhar, — disse a Paige, içando Craig no ar como se fosse um galho.

Não tendo que pedir duas vezes e protegendo os olhos com as mãos, ela virou a distância. Um terrível grito rasgou toda a estrada.

O som de rasgar carne, molhado e horrível, seguido do ruído surdo de duas massas pesadas baterem no chão duro.



O corpo de Craig... e sua cabeça. Paige olhou através de seus dedos e viu um fluxo de sangue espesso que fluía através do asfalto e na vala de drenagem no lado da estrada.

Um pequeno choro de horror e alívio voou de sua garganta.

Querido Deus. Meio segundo depois, Kian estava lá, levantando-a em seus braços.

— Seu rosto, — disse ele, o olhar de preocupação em seus olhos quase insuportável. — Será que eles te machucaram em qualquer outro lugar? — Paige balançou a cabeça.

— Não. Eles não se atreveram. Eles precisavam me trazer para Craig. Ele queria ser aquele que iria me matar.

Kian passou a mão sobre a cabeça, alisando o cabelo para trás.

Ela não se importava que ele ainda estivesse coberto de sangue.

— Ele se foi agora. Nunca mais vai tocar em você.

— Eu sei, — disse ela. E ela sabia. Ele teve seu momento. Estavam juntos. Ninguém se atreveria a ir atrás dela.

Paige não teve que perguntar onde Kian a levaria enquanto a levava de volta para as árvores.

Ele a estava levando para casa.

De volta para onde ela pertencia.



CAPÍTULO 15

Paige

— Você está tão grande. — Paige apertou os lábios em aborrecimento quando passou pela porta de Gail em sua casa. Apoiou as mãos em suas costas para suporte quando balançou a cabeça lentamente.

— Você sabe que isso não é um elogio, certo?

Gail acenou fora suas preocupações.

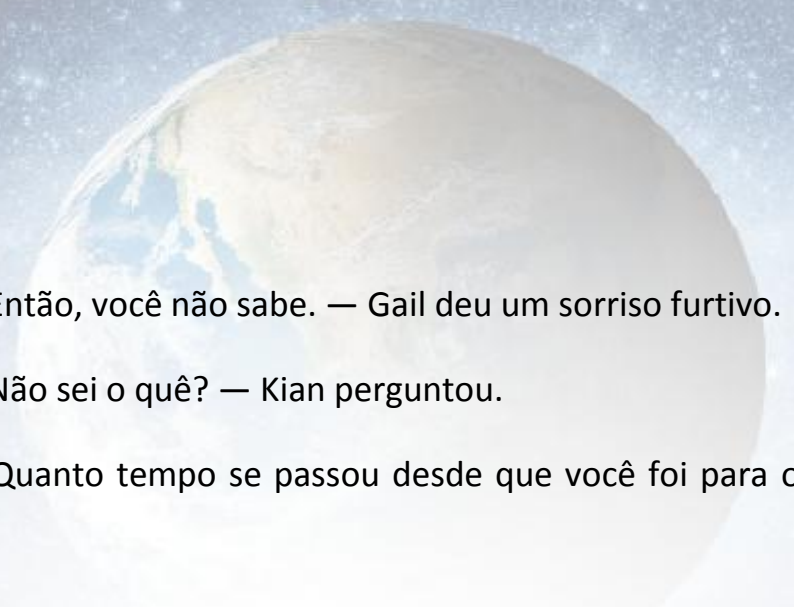
— Talvez não para um Beta, mas o que eles sabem? Uma grande Ômega grávida é a coisa mais linda do mundo. Não é verdade, Kian?

— Claro que é, — Kian disse, vindo por trás dela.

— Bem, não fique aí parada. — Gail acenou em direção à mesa da cozinha. — Venha se instalar. Eu estava morrendo para você chegar aqui.

Paige levantou uma sobrancelha. Ela nunca tinha visto Gail estar animada antes. Bem, talvez uma vez antes. Sete meses atrás, quando disse à amiga a notícia de que teria um bebê. Gail estava sobre a lua, e não tinha parado de falar sobre isso desde então. Ela ia fazer uma grande madrinha.

— O que está acontecendo? — Paige perguntou enquanto cuidadosamente baixou a barriga grande na cadeira.



— Então, você não sabe. — Gail deu um sorriso furtivo.

— Não sei o quê? — Kian perguntou.

— Quanto tempo se passou desde que você foi para o Evander's Bar?

Um tempo. Não era como se ela acompanhasse nestes dias. Quando mais perto se aproximava da data do parto, menos ela queria sair de casa. Kian chamou de prevenida. Ela chamou de desfrutar da paz e tranquilidade, enquanto ainda durava.

Paige olhou para Kian com um olhar interrogador. — Você se lembra?

— Uma semana, pelo menos, — respondeu Kian.

— Bem, isso explicaria, — disse Gail.

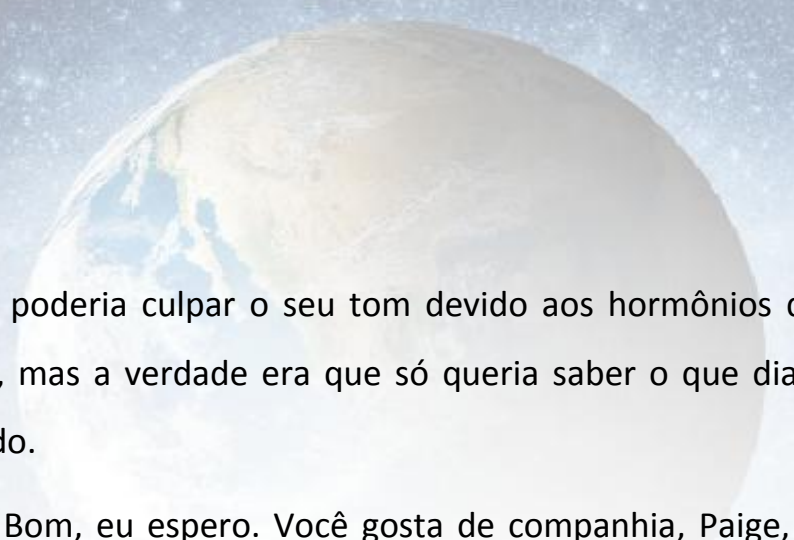
— Bom dia— uma voz profunda cumprimentou-os.

Paige sorriu para Randall quando ele entrou na cozinha com uma caneca de café vazia.

O sorriso de Gail cresceu. — Eles ainda não sabem. — Randall encolheu os ombros enquanto se servia de outra taça do coador.

— Então diga a eles.

— Dizer o quê? — Paige exigiu.



Ela poderia culpar o seu tom devido aos hormônios da gravidez mais tarde, mas a verdade era que só queria saber o que diabos estava acontecendo.

— Bom, eu espero. Você gosta de companhia, Paige, porque eu acho que nós daremos boas-vindas a uma terceira na nossa hora do chá em breve. — As sobrancelhas de Paige puxaram juntas.

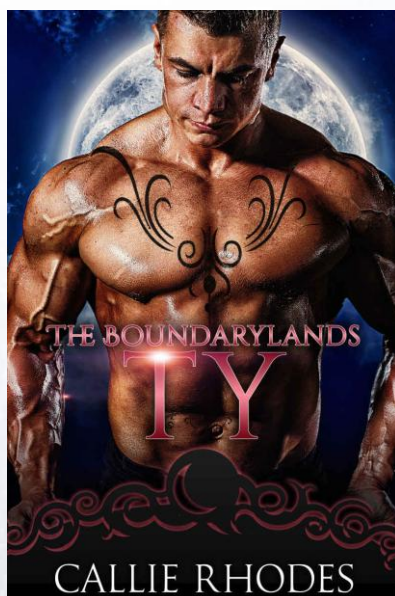
— O que você está em falando?

— Aconteceu quatro noites atrás, — disse Gail, recostando-se na cadeira. — Ty encontrou sua Ômega.

FIM

Próximo Livro

A história de Ty e Mia



THE BOUNDARYLANDS
Callie Rhodes